

Oussama Naouar
Adriano Dias de Andrade
[Organizadores]



ENFRENTAMENTO À **COVID-19**

AÇÕES DA PRÓ-REITORIA DE
EXTENSÃO E CULTURA DA UFPE

volume 3

**Qualidade de Vida
e Assistência Social**



PROEXC
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO E CULTURA

ENFRENTAMENTO À
COVID-19
AÇÕES DA PRÓ-REITORIA DE
EXTENSÃO E CULTURA DA UFPE

volume 3

***Qualidade de Vida
e Assistência Social***

Oussama Naouar
Adriano Dias de Andrade
[Organizadores]

ENFRENTAMENTO À
COVID-19
AÇÕES DA PRÓ-REITORIA DE
EXTENSÃO E CULTURA DA UFPE

volume 3

*Qualidade de Vida
e Assistência Social*



Recife | 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Reitor

Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor

Moacyr Cunha de Araújo Filho

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

Pró-Reitor

Oussama Naouar

Coordenação de Gestão Editorial e Impacto Social

Coordenador

Adriano Dias de Andrade

Assistente

Artur Villaça Franco

Revisores

Andressa Lira Bernardino

João Gabriel Pereira da Silveira

Pedro Henrique Carvalho de Arruda

Widma Sandrelly Maria de Lima

Projeto Gráfico e Diagramação

Gabriel Felipe Santana da Silva

Catálogo na fonte:
Bibliotecária Kalina Ligia França da Silva, CRB4-1408

E56 Enfrentamento à COVID-19 [recurso eletrônico] : ações da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE, volume 3 : qualidade de vida e assistência social / organizadores : Oussama Naouar, Adriano Dias de Andrade. – Recife : Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE ; Ed. UFPE, 2021.

Vários autores.
Inclui referências.
ISBN 978-65-5962-034-0 (online)

1. Universidade Federal de Pernambuco – Serviços de promoção da saúde. 2. COVID-19 (Doença) – Prevenção. 3. Epidemias – Medidas de segurança. 4. Saúde pública. 5. Qualidade de vida. 6. Serviços de saúde preventiva. 7. Extensão universitária. I. Naouar, Oussama (Org.). II. Andrade, Adriano Dias de (Org.). III. Universidade Federal de Pernambuco. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.

613 CDD (23.ed.) UFPE (BC2021-038)



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.



Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária
Recife, Pernambuco, CEP: 50670-901
Fone: +55 (81) 2126.8130 | E-mail: cgei.proexc@ufpe.br

SUMÁRIO

- 8** *[Apresentação]*
Extensão: encontros para a transformação do mundo
Oussama Naouar, Adriano Dias de Andrade
- 14** **Ações de prevenção e educação em saúde contra o coronavírus**
Bruno Severo Gomes, Ana Luiza Lins de Farias,
Edvaldo Jose do Nascimento Filho, Rayane Caetano Barbosa,
Renan Belém da Silva
- 45** **Atividade física em tempos de pandemia de Covid-19: um relato de experiência**
Cleide do Nascimento Monteiro Borges Lima Filha,
Saulo Fernandes Melo de Oliveira, Itamar Rodrigues Leoncio,
João Victor Cavalcanti Nery, Isabeli Lins Pinheiro

69 **Autoproteção de crianças no contexto da pandemia**

Valeria Nepomuceno Teles de Mendonça, Bianca David Souza, Manuelle Joaquina Nunes da Silva, Patrícia Helena Santos do Nascimento, Raquel dos Santos Monteiro

97 **Bem-estar e saúde mental na quarentena: uma programação pedagógico-cultural realizada virtualmente**

Viviane dos Santos Louro, Sabrina Gomes Venâncio, Anieli Gomes do Nascimento, Késsia Alexandre Correia, Lívia Leandro Freire da Silva

118 **Catalogando ideias: experiências para brincar e enfrentar os tempos pandêmicos**

Ana Beatriz Gomes Guerra, Ana Paula Fernandes da Silveira Mota, Caroline Evaristo Paraiso da Silva, Catarina Carneiro Gonçalves, Viviane de Bona

142 **Cena universidade e-dança 2020: redimensionando a prática da dança na pandemia**

Arnaldo José de Siqueira Junior, Adriano André Rosa da Silva, Maria Júlia Gusmão Costa Pereira, Jonas Alves da Silva Júnior

169 **Entre tempos pandêmicos, algumas histórias: notas sobre cuidar, narrar e tecer afetos numa prática extensionista**

Jaileila de Araújo Menezes, Renan Moura de Freitas, Emmanuel Itallo da Silva Santos, Pollyana Perez Santiago, Larissa Paiva da Silva

189 **Espaço de acolhimento do CE/UFPE: cultivando a ética do cuidado no período do isolamento social**
Ana Márcia Luna Monteiro, Ana Paula Fernandes da Silveira Mota
Keyla Cristina Vieira Marques, Sandra Patrícia Ataíde Ferreira,
Maria Alice Almeida Tavares

218 **Extensão universitária: potência em formação e cuidado à saúde**
Delaine Cavalcanti Santana de Melo, Márcia Maria Dantas Cabral de Melo,
Leopoldina Augusta Souza Sequeira de Andrade,
Yasmin Batista dos Santos, Vanessa de Lima Silva

240 **Profissionais, discentes e docentes de terapia ocupacional juntos durante a pandemia de Covid-19**
Marina Araújo Rosas, Aneide Rocha de Marcos Rabelo,
Keise Bastos Gomes da Nóbrega, Ivo de Andrade Lima Filho,
Anderson Gomes Alves da Silva

261 **Universidade e movimentos sociais: a organização popular no enfrentamento à pandemia em Pernambuco**
Ana Wlândia Silva de Lima, Evelyne Medeiros Pereira,
Lívia Milena Barbosa de Deus e Mello, Rosa Karina Souza de Amorim,
Victoria Guilherme Pereira Silveira

[apresentação]

Extensão: encontros para a transformação do mundo

Será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da situação ou da ação política

(Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, 1994, p. 55)

Uma universidade pública e democrática é feita de diversidade. Diversidade de pessoas, de pensamento, de cursos, de pesquisas, de realizações e empreendimentos os mais diversos, que conjugam interesses e necessidades de múltiplos setores sociais. Nesse caleidoscópio, as atividades de extensão e de cultura engendram protagonismo estratégico e corporificam a atuação da universidade de forma direta e responsiva junto à sociedade, no enfrentamento de questões tanto perenes como emergentes. Todo esse conjunto pode bem ser compreendido através da noção de *práxis*, de práticas cujas existências objetivam a transformação social, seguindo a trilha de pensamento do Patrono da Educação Brasileira e fundador do Serviço de Extensão Cultural da

então Universidade do Recife e hoje Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o professor Paulo Freire, cujo centenário de nascimento é comemorado em setembro próximo.

Há mais de um ano, o mundo e, destacadamente, o país têm convivido com os múltiplos impactos que a pandemia de Covid-19 tem imprimido às nossas vidas, em todas as esferas, pessoal, profissional, acadêmica, sanitária, econômica e tantas outras. A pandemia nos ameaça a todas e todos, mas atinge, com maior intensidade, as camadas mais empobrecidas da população, que, já diante de tantas precariedades, precisaram enfrentar uma hecatombe de dimensões imprevisíveis e sem precedentes na nossa história mais recente.

Diante deste momento desafiador, mesmo limitada pelas restrições orçamentárias impostas nos últimos anos, a UFPE, através da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc), por meio de estudantes, professores e servidores técnico-administrativos, em cooperação com voluntários da sociedade, de profissionais de outras universidades e instituições pernambucanas, erigiu respostas rápidas e imediatas à situação de emergência sanitária, empreendendo ações de extensão e cultura que se direcionaram a várias frentes, desde a produção de equipamentos de proteção individual e de substâncias sanitizantes, para prevenção ao contágio e disseminação da doença, atendimentos de tele-saúde em diversas áreas, assessoria técnica a empresas em face da necessidade do *lockdown*, produção de material instrucional e educativo, dentre tantas outras atividades de naturezas diversas. Foram dezenas de ações registradas por meio da Proexc, que alcançaram centenas de milhares de pessoas desde março de 2020.

Essas ações representam o esforço da UFPE em se manter funcionando e “presente” durante a pandemia, mais do que isso, representa a vocação extensionista das universidades públicas brasileiras e a sua relevância para a sociedade. Neste ano em que a UFPE celebra os 75 anos de sua existência, essas atividades são o testemunho da importância desta instituição para as pernambucanas e pernambucanos, e para o Brasil. O atual retrato da pandemia e a atuação da universidade no seu enfrentamen-

to deixam claros os motivos pelos quais todas e todos nós, cidadãs e cidadãos deste país, precisamos defender as universidades públicas e garantir a sua sobrevivência para as gerações futuras.

Nesta obra – uma série de quatro *e-books* – intitulada “Enfrentamento à Covid-19: Ações da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE”, apresentamos os relatos das experiências de 40 atividades extensionistas, no combate aos muitos desafios impostos pelo Sars-CoV-2, realizadas em 2020 e 2021 por “sujeitos que se encontram para a pronúncia do mundo, para a sua transformação”¹. Todos os textos que compõem os volumes foram avaliados por pareceristas *ad hoc* do Brasil e do exterior, o que colaborou para a composição de escritos que não só fossem depoentes deste tempo, mas que se materializam com qualidade técnica e acuidade textual.

O *volume 1 – Assessoria Técnica e Fabricação de Produtos* reúne relatos de experiência de sete ações extensionistas voltadas não somente a práticas de prevenção e combate ao novo coronavírus, mas também a serviços de assistência à população e aos profissionais de saúde (in)diretamente envolvidos no enfrentamento da pandemia. No contexto pandêmico, sistemas de saúde pública e privada do Brasil e do mundo inteiro conviveram com a exaustão física e emocional, sobretudo às vistas da crescente demanda e consequente escassez de insumos essenciais à proteção contra a doença, como antissépticos e equipamentos de proteção individual, o que tornou fundamental a realização de ações que se propunham a tornar possível o trabalho de contenção da contaminação por Covid-19.

Os textos agrupados no *volume 1* descrevem o processo de concepção e desenvolvimento de projetos que, em face dos contratemplos que obstruíram as vias de combate à pandemia emergente, estiveram comprometidos com a manutenção da vida e com a garantia do acesso ao conhecimento, seja através da produção e distribuição voluntária de soluções sanitizantes e escudos faciais, seja através da promoção estratégica de informações sobre a Covid-19. Assim, esse volume põe em relevo a

1 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. p. 103. *E-book*.

importância do esforço e da sensibilização da academia frente às reais demandas da sociedade durante a maior crise sanitária e hospitalar que o Brasil já enfrentou.

O *volume 2 – Telessaúde e Orientação Profissional* apresenta os efeitos da pandemia de Covid-19 como exigência para o redesenho de práticas no âmbito da educação e do atendimento em saúde, promovendo novas formas de “encontro” entre o paciente e o profissional de saúde. Assim, as estratégias apresentadas em cada capítulo visam remanejar as atividades presenciais de projetos de extensão para o meio digital. Destaca-se, nos trabalhos desse volume, o retorno oferecido por graduandos, mestres e doutores às comunidades acadêmica e civil.

Embora as ferramentas de telessaúde e educação a distância já estivessem no horizonte do possível desde o desenvolvimento de novas tecnologias surgidas com a internet, o ineditismo das ações apresentadas no *volume 2* consiste justamente na discussão mais aprofundada desses recursos como principal alternativa para a continuidade das atividades de ensino, extensão e pesquisa no contexto da pandemia. Através dessas ferramentas, os estudantes e professores se dedicaram a diversos aspectos do contexto pandêmico: a capacitação de profissionais de saúde no enfrentamento à Covid-19; o didatismo na abordagem da educação em saúde na pandemia; a construção e apresentação de medidas básicas de biossegurança contra o coronavírus; o atendimento fonoaudiológico a distância para pessoas transgênero e crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA); o acompanhamento fisioterapêutico a distância para a comunidade acadêmica; e, por fim, o acompanhamento odontológico e fisioterapêutico a distância para pessoas portadoras da doença de Parkinson.

O *volume 3 – Qualidade de Vida e Assistência Social* conta com dez relatos de experiência oriundos de diversos campos do saber, que abordam conteúdos referentes à qualidade de vida e à assistência social no atual contexto pandêmico. Os trabalhos são resultados de ações de extensão promovidas por diversos cursos da UFPE e trazem à luz assuntos de suma importância sobre a Covid-19, que vão desde a educação em saúde e a realização de atividades físicas até os cuidados com a saúde mental de

adultos e crianças e o papel dos movimentos sociais no enfrentamento à pandemia.

Como o distanciamento social passou a ser uma medida necessária para conter o avanço do novo coronavírus no Brasil e no mundo, várias pessoas precisaram mudar drasticamente suas rotinas pessoais e passaram por um intenso processo de adaptação, substituindo as atividades laborais presenciais pelo *home office* e as salas de aula pela educação remota emergencial. Em consequência desse processo, surgiu a necessidade de se ter um cuidado redobrado com a saúde física e mental de adultos e, da mesma maneira, com o desenvolvimento infantil. O volume traz relatos de profissionais, professores, estudantes e voluntários que, sabendo da gravidade dos efeitos gerados pela atual crise humanitária, buscaram promover ações extensionistas visando a qualidade de vida da sociedade em geral.

O volume 4 – *Comunicação Pública e Divulgação Científica* aborda a Comunicação como estratégia para enfrentamento à pandemia, como fonte de informação sobre o novo coronavírus, profilaxia, vacina e anti-*fake news*, viabilizando o espraiamento de conhecimento confiável neste período complexo, quando insistir no acesso ao conhecimento pode ser visto como forma de resistência. Os 12 relatos de experiência desse volume descrevem importantes ações extensionistas, como a divulgação de ações socioassistenciais, de orientações profissionais na pandemia e de técnicas e ferramentas de ensino neste momento pandêmico.

Em síntese, os relatos apresentam ações de comunicação pública e divulgação científica de diversas áreas do conhecimento: Comunicação, Educação, Farmácia, Medicina, Odontologia, Química, dentre outras. Essas atividades aconteceram em diversos formatos, do programa de rádio ao *podcast*, do jornal aos *posts* em redes sociais, das radionovelas às *lives*, tendo em comum o compromisso com a veracidade das informações, com a prática extensionista dialógica, com o ensino e a produção de conhecimento sistematizado, por conseguinte, o compromisso assumido pela UFPE através da sua Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, responsável institucional e subsidiadora das atividades relatadas nesta obra.

Com a publicação desta série de *e-books*, a UFPE, por meio da Coordenação de Gestão Editorial e Impacto Social da Proexc, faz um duplo movimento: torna público um valioso compêndio de ações de extensão que corporificam a atuação da universidade neste período pandêmico, demonstrando as suas múltiplas frentes de atuação e as muitas redes de cooperação e solidariedade que foram fortalecidas ou inauguradas desde março de 2020; e, igualmente importante, registra o agradecimento institucional a toda a comunidade acadêmica, representada nestes volumes por mais de duas centenas de estudantes, professores e servidores técnico-administrativos, que, de forma altruísta, se engajaram no enfrentamento à Covid-19.

Recife, junho de 2021.

Oussama Naouar

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

Adriano Dias de Andrade

Coordenador de Gestão Editorial
e Impacto Social da Proexc



AÇÕES DE PREVENÇÃO E EDUCAÇÃO EM SAÚDE CONTRA O CORONAVÍRUS

PREVENTION AND HEALTH EDUCATION
ACTIONS AGAINST CORONAVIRUS

Bruno Severo Gomes

(Doutor em Ciências Biológicas, Professor do
Departamento de Micologia, CB/UFPE)

Ana Luiza Lins de Farias

(Graduanda em Ciências Biológicas, CB/UFPE)

Edvaldo Jose do Nascimento Filho

(Graduado em Ciências Biológicas, CB/UFPE)

Rayane Caetano Barbosa

(Graduanda em Ciências Biológicas, CB/UFPE)

Renan Belém da Silva

(Graduado em Ciências Biológicas, CB/UFPE)

O artigo é resultado do projeto de ações de extensão para o enfrentamento à pandemia de Covid-19 "Ações de prevenção e educação em saúde contra o coronavírus", cadastrado por meio do Edital 2020-03 – de Registro das Ações de Extensão com Movimentação Financeira, desenvolvido em 2020, sob coordenação do Prof. Dr. Bruno Severo Gomes, com a equipe de estudantes de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFPE composta por Neidinha Alves de Miranda, Osias Raimundo da Silva Junior, Rebeka Rayane Araujo de Lima e Vyctor Mateus de Melo Alves da Silva.

Resumo

Diante da nova realidade que o mundo enfrenta por conta da pandemia do novo coronavírus, muitas pessoas tiveram hábitos modificados. O medo e a incerteza, aliados à falta de informação ou ao acesso a informações falsas, agravaram ainda mais os problemas relacionados à saúde emocional de grande parte da população. Este artigo teve como objetivo relatar os resultados do projeto “Ações de prevenção e educação em saúde contra o coronavírus”, apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foram realizadas ações de divulgação científica, produção de ações educativas e atividades lúdicas para o combate aos males emocionais causados pelo coronavírus. Tratou-se de uma pesquisa-ação, desenvolvida de forma colaborativa e baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, assim como o entendimento dessas vivências e de situações por meio das quais essas práticas acontecem. O método foi baseado em ações de prevenção, visando à produção de vídeos educativos, material didático e atividades lúdicas abordando a importância do isolamento e distanciamento social, da correta lavagem das mãos, do uso da máscara e da não divulgação de notícias falsas, que, além de não ajudarem na promoção da saúde, ainda geram problemas na saúde emocional. Como resultado, o projeto disponibilizou materiais didáticos produzidos para professores da educação básica e atividades para idosos, além de informativos e dicas para a saúde emocional em tempos de pandemia. Todo o material construído ficou disponível à população por meio do *site* do projeto e de redes sociais, a fim de estabelecer a educação em saúde como forma de controle da pandemia.

Palavras-chave: Pandemia. Informação. Ensino. Isolamento. Cuidados.

Abstract

Faced with the new reality that the world confronts, due to the new coronavirus pandemic, many people have modified their habits. Fear and uncertainty, coupled with a lack of access to information or access to false information, further aggravated the majority of the population's emotional health. This article

aimed to report results from the project “Ações de prevenção e educação em saúde contra o coronavírus”, supported by the Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - UFPE. Scientific dissemination actions, educational actions and recreational activities production were carried out to combat the emotional damages caused by the coronavirus. It was an Action Research, developed in a collaborative way, based on a collective self-reflection undertaken by the participants of a social group in order to improve the rationality and justice of their own social and educational practices, as well as their understanding of these experiences and situations where these practices happen. The method was based on preventive actions, educational videos production, didactic material and recreational activities addressing the importance of social isolation and distance, the correct washing hands, the use of masks and fake news non-dissemination that do not help in promoting health and generate further problems in emotional health. As a result, it made available teaching materials to elementary’s teachers, activities for the elderly, as well as information and tips for emotional health in pandemic times. All the material built was accessible to the population through the project's website and social media to establish health education as a pandemic control means.

Keywords: Pandemic. Information. Teaching. Isolation. Care.

1. Introdução

A Organização Mundial da Saúde (OMS), no último dia do ano de 2019, relatou a ocorrência de um surto de pneumonia na cidade de Wuhan, na China. Com a rápida ação de cientistas, o agente etiológico foi reconhecido e identificado como sendo um novo coronavírus: o SARS-CoV-2, e começava, nesse momento, um período que marcaria para sempre a humanidade (FU-SHENG; ZHANG, 2020).

Em 30 de janeiro de 2020, o Comitê de Emergência da Organização Mundial da Saúde, após convocação, declarou que o surto se apresentava como Emergência de Saúde Pública de Interesse Internacional (ESPII) e global (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020a).

No mês seguinte, em fevereiro de 2020, a OMS nomeou a nova doença causada pelo novo coronavírus como Covid-19, com base nas práticas para nomear novas doenças infecciosas humanas. A nomenclatura deriva de *Coronavirus Disease - 2019* e faz referência ao tipo de vírus, o coronavírus, e ao ano do início da epidemia, 2019 (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020b).

Como se sabe, os vírus respiratórios se disseminam pelo contato e, por isso, há a relevância de se promover ações frequentes de cuidados com a higiene, a desinfec-

ção de móveis, objetos e outras superfícies que são potencialmente tocadas, tais como celulares, brinquedos, maçanetas, corrimão, botão de elevador etc. Diante da nova realidade, cada pessoa precisou mudar antigos hábitos culturalmente enraizados, como a forma de saudação com o outro, os abraços, apertos de mãos e outras demonstrações de afeto. Evitar o contato e promover o distanciamento social são ações de grande importância e que podem promover a proteção individual e coletiva, evitando o contágio com vários agentes etiológicos de doenças respiratórias, incluindo o novo coronavírus (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014).

No campo da saúde pública, uma grande articulação em tempos de pandemia deve ser priorizada com o intuito de garantir suporte ao sistema de saúde brasileiro e a sua capacidade de diagnosticar com rapidez e precisão os casos suspeitos e as ações profiláticas, de prevenção e controle dos serviços de saúde, como estratégias de contenção do surgimento de novos casos e possíveis mortes.

Assim sendo, fazer a promoção da saúde é permitir um permanente e contínuo processo de reflexão sobre articulação e coerência, entre produção discursiva e a práxis, por meio de uma postura crítica e positiva para viver e mudar posturas e ações. Por outro lado, o termo Ações de Prevenção, o qual, apesar de ser muito utilizado na saúde, pouco tem sido posto em prática, deve estar ligado aos valores, atitudes e crenças dos grupos sociais a quem a ação se dirige, ou seja, aos aspectos culturais (CESTARI; ZAGO, 2005, p. 219).

Dessa forma, a Educação em Saúde é elemento importante para atingir tais objetivos de prevenção e para promover mudanças significativas para indivíduos e comunidades em suas relações com sistemas e profissionais de saúde (VASCONCELOS, 2001; BUSS, 2000).

O ato de lavar as mãos com água e sabão, quando feito de forma correta, é fundamental no combate contra o novo coronavírus, mas bilhões de pessoas não têm acesso imediato à água ou a um lugar para lavar as mãos. No total, apenas três em cada cinco pessoas em todo o mundo têm instalações básicas para lavar as mãos, de acordo com os dados mais recentes (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020b).

Qualquer que seja a prática que possa proporcionar uma mudança positiva na rotina das pessoas, uma vez que elas estão passando pelo monótono período de isolamento social, torna-se bem-vinda. O principal desafio, nesse sentido, é o número limitado de atividades que podem ser praticadas em segurança enquanto se enfrenta, pela primeira vez em décadas, protocolos de uma pandemia.

Isolamento e distanciamento social, uso de máscaras e do álcool em gel e o fechamento de estabelecimentos foram apenas algumas das adaptações necessárias para o novo cenário imposto pela Covid-19. O novo vírus espalhou-se mundialmente de forma rápida, atingindo pessoas de todos os continentes em apenas três meses. Com diferentes manifestações em cada pessoa, apesar de haver casos considerados leves e até mesmo pessoas assintomáticas, grande parte dos casos apresentaram sintomas graves e, até o presente momento, janeiro de 2021, foram registradas mais de 2.221.949 mortes em todo o mundo, sendo 223.945 mil no Brasil (OPAS, 2021).

A pandemia vem mostrando um fator negativo para a saúde mental de pessoas de todas as idades. As inúmeras mudanças de hábitos, de forma rápida e repentina, promoveram uma variedade de sintomas psicopatológicos em um curto período de tempo, tais como: estresse, humor deprimido, irritabilidade, ansiedade, medo, raiva, insônia entre outros; e em longo prazo, o aumento do risco de abuso de álcool, sintomas de transtorno de estresse pós-traumático e depressão (BARROS, 2020).

Com a quarentena, as redes sociais, aplicativos e plataformas digitais se tornaram ferramentas imprescindíveis para diversos ofícios e dinâmicas no período de isolamento social, sendo utilizadas para aulas remotas em escolas e universidades, para reuniões, seja de trabalho ou entre familiares/amigos e até para a exibição de *lives* proporcionadas por artistas da música.

Assim, a presente pesquisa teve como objetivo promover ações de educação em saúde como ferramenta para o controle da pandemia do coronavírus em Pernambuco, como a realização de formação continuada por meio de *webpalestras* com profissionais de escolas, creches, abrigos para idosos e organizações não gover-

namentais envolvendo o engajamento da comunidade acadêmica; a promoção de ações interdisciplinares e transdisciplinares de educação e promoção em saúde; a realização de ações de higiene e de programas de saúde com as comunidades e com pessoas em situação de vulnerabilidade; e a promoção de ações educativas de lavagem das mãos e de ações de arte, educação e de caráter socioambiental.

2. Fundamentação teórica

A doença resultante da infecção pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, e designada Covid-19 pela OMS, foi identificada pela primeira vez em humanos em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China. No dia 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou estado de Emergência em Saúde Pública em âmbito Internacional e, no dia 11 de março, foi declarada a pandemia. Os sintomas e o curso da infecção foram inicialmente considerados semelhantes aos da gripe, embora pudessem evoluir para uma infecção respiratória aguda grave com pneumonia e exigir cuidados intensivos para entre 1 a 5% dos contaminados (RUSSELL, 2020).

A taxa de letalidade é estimada em 3,4%, parecida à da gripe espanhola (2 a 3%) e maior do que a da influenza, a da H1N1 (0,02%) e a da gripe sazonal (0,1%), mas observa-se que 81% dos casos da doença são leves. O percentual de assintomáticos parece ser baixo (cerca de 1%), e a maioria dos sintomas se desenvolve em torno de dois dias (CENTER FOR DISEASE CONTROL, 2020; SILVA, 2020; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020a).

Dentre as estratégias de prevenção, além das medidas de saúde pública, é fundamental a adoção de ações de educação em saúde, caracterizadas como tecnologias leves, para que de fato consiga-se controlar o avanço da pandemia no Brasil.

As medidas, de forma geral, devem ser ligadas a estratégias conhecidas, como o distanciamento social e a suspensão de aulas em escolas e universidades para que a epidemia possa ser suprimida, controlando o fluxo e

deslocamento de pessoas. Essas estratégias, adotadas no início de uma epidemia, promovem uma probabilidade de sucesso, embora, por outro lado, possam levar ao retorno da transmissão tão logo elas sejam relaxadas ou flexibilizadas (FERGUSON *et al.*, 2020).

Além do mais, como desde o início a OMS recomenda, é preciso educar plenamente a população em geral sobre a gravidade da Covid-19 e lembrá-la do seu papel na prevenção da propagação da doença (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020a, 2020b).

A pesquisa-ação, nesse sentido, deve ser compreendida como uma das diferentes formas de investigação-ação, a qual é definida como toda tentativa continuada, sistemática e empiricamente comprovada de potencializar a prática de investigação de problemas sociais, podendo ser aplicada no cenário atual (TRIPP, 2005).

Segundo Thiollent (2005), a pesquisa-ação tem a proposta de compreender e estimular a integração entre quem pesquisa e membros da pesquisa, tendo como um dos seus principais objetivos proporcionar a ambos a capacidade de responder com mais eficiência aos problemas identificados através da proposição de ações transformadoras. O foco da pesquisa-ação está no contexto da base empírica, voltado para situações concretas e ações orientadas dentro de pequenos grupos e coletividades; portanto, não é adequada ao enfoque macrosocial.

As redes sociais, hoje, trazem possibilidades de integração nunca antes observadas, com grande capacidade e velocidade na divulgação de informações, notícias e conhecimento, eliminando barreiras físicas e temporais e proporcionando espaço para novas formas de mobilização social. Trata-se de uma ferramenta que pode promover maior alcance de informações essenciais à sociedade no que diz respeito à sua saúde, como políticas de prevenção, campanhas de vacinação, entre outros. Essa tecnologia é mais que uma tecnologia, é um meio de comunicação, de interação e de organização social (CASTELLS, 2005).

Deve-se também perceber que a simples transmissão de informativos, números epidemiológicos ou notícias institucionais não representa o que podemos entender por educação para a saúde. É preciso ir além da transmis-

são de informação e construir conhecimento, incentivar a participação social, o pensar coletivo e utilizar estes veículos para a formação de multiplicadores que irão repassar o conhecimento adquirido (ALMEIDA, 2012).

No caso da educação para a saúde por meio das mídias digitais, a promoção da saúde integra os níveis individual e coletivo ao perceber que o nível individual está em perfeita ligação com atividades voltadas para a transformação dos comportamentos e estilos de vida no contexto da família e da comunidade (BUSS, 2000).

O sentido da prevenção se liga à ação fundamentada no conhecimento epidemiológico com o objetivo de impedir o progresso posterior da doença, controlando, de forma ampla, a transmissão de doenças infecciosas e reduzindo os riscos de doenças degenerativas ou outros agravos específicos por meio da divulgação de informações científicas que ajudam na mudança de hábitos da população (CZRESNIA, 2009).

3. Métodos

O estudo foi realizado entre os meses de abril e dezembro do ano de 2020, através do projeto de extensão "Ações de prevenção e educação em saúde contra o coronavírus". O projeto teve como objetivo a divulgação científica e a produção de ações educativas e de atividades lúdicas para o combate ao novo coronavírus. Como o momento de vivência do projeto foi justamente o período de isolamento social, as redes sociais significativas foram utilizadas como estratégia de educação em saúde no âmbito individual e coletivo.

Toda equipe participante do projeto faz parte do Núcleo de Ensino e Apoio Psicopedagógico (Neap) do Centro de Biociências, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O projeto teve como base a pesquisa-ação, atuando de forma fundamentada no tripé da ação em saúde, ação em educação e ação social, promovendo ações de saúde voltadas para divulgação e construção de saberes de combate à pandemia; ações de educação, voltadas para o aprendizado permanente e lúdico,

durante o período de isolamento social; e ações sociais, ligadas diretamente ao agravamento das condições econômicas oriundas da falta de emprego e da baixa renda da população, bem como da exposição de problemas pré-existentes que ficaram ainda mais visíveis com a pandemia.

O cuidado em ações como essas têm significado e significância diferentes. É preciso perceber a noção de integralidade, do conceito de saúde total, caracterizado pelo ato de acolher, respeitar, tratar e atender o sujeito em seu sofrimento, em grande medida fruto de sua fragilidade social (PINHEIRO; GUIZARDI, 2004).

A promoção da saúde deve sempre combater a antiga visão biomédica saúde/doença, potencializando ações geradoras do bem viver para a pessoa e o grupo com o qual interage, possibilitando uma transformação das condições de vida e da saúde individual e coletiva (CZRESNIA, 2009).

A noção de uma rede social significativa constitui-se em um instrumental teórico e de intervenção que contribui para o desenvolvimento de ações em promoção de saúde na medida que possibilita compreender como a rede de relações sociais impacta o desenvolvimento social e psicológico do indivíduo, bem como o seu comportamento frente a demandas de atenção em saúde e de vulnerabilidade social (AZEVEDO, 2019).

A motivação e o propósito do projeto foram realizar ações de prevenção em saúde contra o coronavírus com o protagonismo dos estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFPE, visando à produção de vídeos educativos, à pesquisa de material didático e de apoio e a promoção de atividades lúdicas, de modo a abordar a importância do isolamento e do distanciamento social, da correta lavagem das mãos, do uso adequado da máscara, da valorização da vacina e da não divulgação de notícias falsas, as quais, além de não ajudarem na promoção da saúde, ainda geram problemas na saúde emocional.

Inicialmente, após reuniões realizadas de forma remota durante a quarentena, a equipe do projeto, por meio de pesquisas e da análise da atual conjuntura da pandemia, que conta com a suspensão das aulas de escolas e

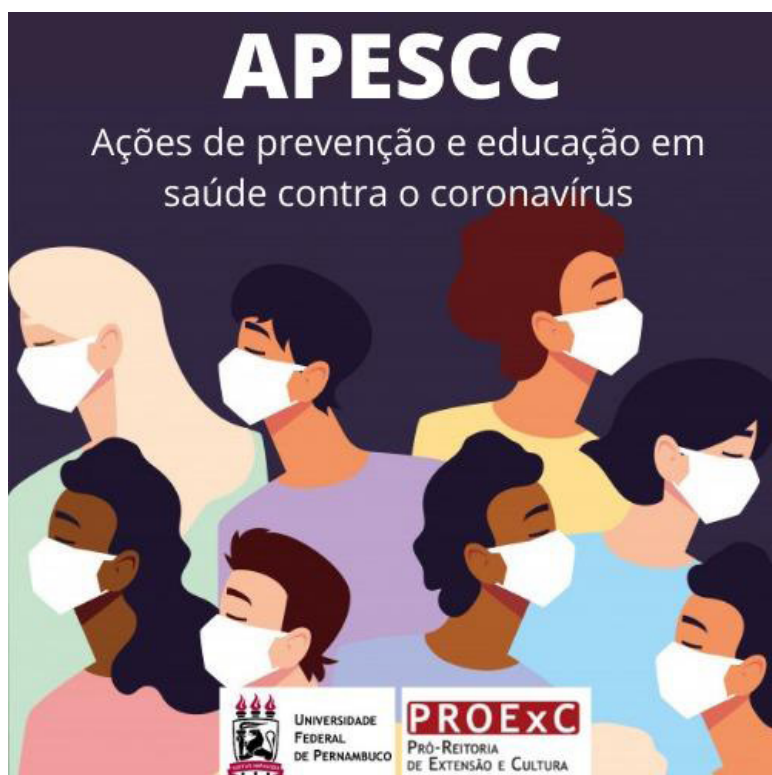
de várias instituições de ensino, teve a ideia de utilizar as redes sociais para divulgação e educação em saúde. Inicialmente, foi construído o *site* do projeto e um perfil nas redes sociais, a fim de estabelecer a educação em saúde como forma de controle da pandemia. Além disso, foram adotadas ações de mídias com contação de histórias, teatro de bonecos e atividades lúdicas com as crianças, além de tutoriais de fabricação caseira de sabonete.

No início da vigência do projeto, em 2020, ainda não estavam totalmente compreendidos os mecanismos de multiplicação e resistência do vírus, bem como o seu grau de letalidade, e a questão da facilidade com que ele se propaga. Diante da inexistência de vacina, para combater a doença, a forma mais prudente para a prevenção do surto no Brasil se sustentou sobre dois pilares: ações voltadas ao impedimento da propagação e o diagnóstico rápido.

4. Resultados e discussão

Após reuniões de planejamento dos eixos norteadores do projeto e da ação, foi criado inicialmente o logotipo do projeto (Figura 1) e o *site*¹ (Figura 2) como forma imediata de divulgação científica, disponibilização de manuais, roteiros, apostilas e documentos informativos sobre a área de virologia, noções de higiene, distanciamento social, combate a notícias falsas e atividades para crianças, idosos e população em geral.

Figura 1 – Logotipo do projeto



Fonte: Projeto “Ações de prevenção em educação em saúde contra o coronavírus”, 2020.

Figura 2 – Site do projeto



Fonte: Projeto “Ações de prevenção em educação em saúde contra o coronavírus”, 2020.

A internet é um instrumento de grande alcance que promove uma grande abertura para a inserção e a busca por diversas fontes e dados sobre assuntos igualmente diversos, a exemplo do conteúdo acerca de informações sobre a saúde. As pesquisas na internet vão desde a simples descrição de doenças a seus tratamentos, prevenção, promoção de bem-estar, alimentação saudável, higiene e serviços (BIRUEL, 2008).

Uma grande facilidade na divulgação de informação via redes sociais vai de encontro aos dados que mostram que, no Brasil, mais de 10 milhões de pessoas acessam *sites* sobre saúde regularmente. Além disso, estudos mostram uma tendência de crescimento quantitativo dos *sites* de saúde muito mais acelerado que o crescimento do uso geral da internet (TERZIAN, 2012).

Além do *site*, o projeto promoveu várias ações, como indicado anteriormente. Atuou no eixo do cuidado com a saúde, no cuidado com a educação e no cuidado social, enfatizando que o cuidado com a saúde indicado e preconizado na ação é o da saúde total e integral. Na tabela 1, podem ser observadas as ações desenvolvidas e seus respectivos impactos.

Tabela 1 – Ações e atividades desenvolvidas no projeto

AÇÃO/ATIVIDADE	IMPACTO
Criação do <i>site</i> do projeto	Divulgação e disponibilização de atividades
Realização de <i>webpalestras</i>	Divulgação e popularização da ciência
Ideias de atividades para idosos	Divulgação e disponibilização de atividades
Ideias de atividades para crianças	Divulgação e disponibilização de atividades
Informativos sobre isolamento social	Divulgação e disponibilização de atividades
Informativos sobre alimentação e imunidade	Disponibilização de manuais e informativos
Informativo sobre saúde emocional	Divulgação de atividades e <i>webpalestras</i>
Ideias de atividades lúdicas	Divulgação e disponibilização de atividades
Informativo sobre atividade física	Divulgação e disponibilização de atividades
Informativo conhecendo a Covid	Divulgação e disponibilização de atividades
Informativo sobre o uso de máscaras	Divulgação e disponibilização de atividades e ações em comunidades

Perguntas e respostas	Divulgação e disponibilização de atividades sobre dúvidas frequentes
Dicas de filmes	Ações de Saúde Emocional
Higiene e lavagem das mãos	Disponibilização de informativos
Noções de Virologia	Divulgação e popularização da ciência
Distribuição de máscaras	Ação em comunidades
Distribuição de cestas básicas	Ação em comunidades
Distribuição de <i>kits</i> de higiene	Ação em comunidades
Distribuição de álcool em gel	Ação em comunidades

Fonte: Projeto “Ações de prevenção e educação em saúde contra o coronavírus”, 2020.

No desenvolvimento do projeto, o Instagram foi utilizado como ferramenta de informação e educação para a população, com publicações em linguagem simples e objetiva para atingir o maior número de pessoas possível. As publicações foram criadas através de investigações por parte da equipe do projeto, em fontes como artigos científicos, sociedades científicas, Organização Mundial de Saúde (OMS), Fiocruz, Ministério da Saúde, Organização Panamericana de Saúde, Hospital das Clínicas da UFPE, entre outras.

A educação em saúde, nesse caso, caracteriza-se como o processo educativo de construção de conhecimentos para a apropriação por parte da população das medidas necessárias ao enfrentamento do coronavírus. Assim, o foco recai sobre as estratégias de promoção de saúde, a prevenção da doença, a identificação dos sinais e sintomas e a orientação quanto à rede de atenção à saúde, centrada na prática do isolamento social.

É fundamental também a produção pedagógica voltada à prática do isolamento social, buscando encontrar, na singularidade de cada sujeito, os caminhos para superar as dificuldades oriundas do confinamento. O fato de não seguir o isolamento social pode estar relacionado à crise econômica para alguns, enquanto que, para outros, pode estar ligado ao tédio e à falta de liberdade, por exemplo. Ambos necessitam de práticas educacionais

distintas, encontrando as linhas de fuga específicas para superar estas barreiras.

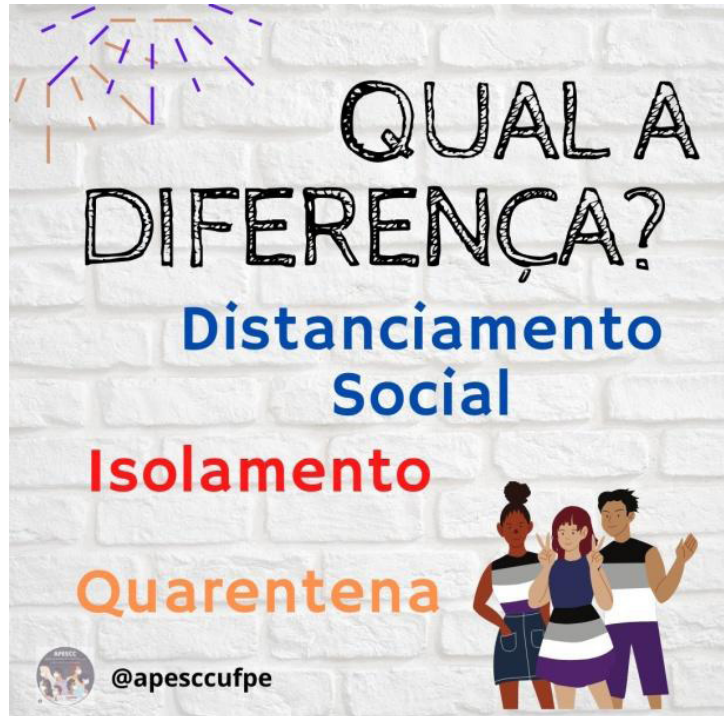
Inicialmente, o trabalho de construção de conhecimento foi voltado ao (re)conhecimento do inimigo comum: o vírus. Dessa forma, foram feitas ações voltadas para o entendimento do que caracteriza um vírus e do modo com que ele age, visto que a desinformação aumenta o risco de contágio. Em seguida, a ação foi direcionada especificamente para o coronavírus e para a Covid-19. Foram realizadas publicações de informativos digitais em linguagem de fácil entendimento sobre a maneira correta de lavar as mãos, de como deve ser usada e descartada a máscara, sobre os cuidados com a saúde emocional durante a pandemia e sobre atividades que poderiam ser realizadas em casa com as crianças durante a quarentena (Figura 3 e 4).

Figura 3 – Informativo produzido e publicado nas redes sociais sobre informações básicas de virologia e epidemiologia



Fonte: Projeto "Ações de prevenção e educação em saúde contra o coronavírus", 2020.

Figura 4 – Informativo produzido e publicado nas redes sociais sobre informações básicas de epidemiologia



Fonte: Projeto “Ações de prevenção e educação em saúde contra o coronavírus”, 2020.

Sabendo como tem sido difícil manter a saúde mental/emocional em tempos de pandemia, foram compartilhadas, nas redes sociais do projeto, informações sobre os serviços do Centro de Valorização à Vida (CVV), que atende pelo número 188 em todo o território nacional e presta apoio emocional, atuando na prevenção do suicídio. A pessoa que está precisando desse apoio é atendida de forma gratuita 24h por dia.

Outro dado comprovado durante a pandemia foi o aumento dos casos de violência doméstica. Devido a isto, foram realizadas, pelo projeto, campanhas de divulgação do 180, o número da central de atendimento à mulher vítima de violência. O serviço também é gratuito e confidencial; após fazer a denúncia, a vítima é acolhida e direcionada a procurar seus direitos de acordo com a legislação vigente. Também foram realizadas ações que buscaram convocar doadores de sangue, pois, por conta do isolamento social e da quarentena, muitos deixaram de

realizar a doação, fazendo os estoques dos hemocentros chegarem a níveis críticos. Com relação à saúde emocional, o distanciamento social, físico e a nova realidade vivida pela população serviram como fator predisponente para o aumento do estresse, ansiedade, medo e tristeza. Visando atuar na área emocional, o projeto desenvolveu ações remotas utilizando as redes sociais, por meio de informativos e *lives*. Alguns dos informativos de cuidados e autocuidados são indicados nas figuras 5, 6, 7 e 8.

Figura 5 – Informativo produzido e publicado nas redes sociais sobre notícias falsas



Fonte: Projeto "Ações de prevenção e educação em saúde contra o coronavírus", 2020.

Figura 6 – Informativo produzido e publicado nas redes sociais sobre autocuidado



Fonte: Projeto "Ações de prevenção e educação em saúde contra o coronavírus", 2020.

Figura 7 – Informativo produzido e publicado nas redes sociais sobre gerenciamento do estresse



Fonte: Projeto "Ações de prevenção e educação em saúde contra o coronavírus", 2020.

Figura 8 – Informativo produzido e publicado nas redes sociais sobre saúde emocional



Fonte: Projeto "Ações de prevenção e educação em saúde contra o coronavírus", 2020.

Além de informação e educação em saúde, o Instagram do projeto também foi utilizado como meio de entretenimento, compartilhando dicas de filmes, atividades, brincadeiras e atividades para crianças, jovens e idosos (Figuras 9 e 10).

Figura 9 – Informativo produzido e publicado nas redes sociais com dicas de atividades lúdicas para crianças



Fonte: Projeto “Ações de prevenção e educação em saúde contra o coronavírus”, 2020.

Figura 10 – Informativo produzido e publicado nas redes sociais com dicas de atividades lúdicas para crianças



Fonte: Projeto “Ações de prevenção e educação em saúde contra o coronavírus”, 2020.

Como as fontes digitais alcançam pessoas de todos os níveis sociais, o projeto recebeu mensagens de colaboradores que fizeram doações de materiais de limpeza, cestas básicas, máscaras e panfletos informativos para pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade. Todas as doações foram entregues a moradores da Comunidade das Palaftas (Figuras 11 e 12), no bairro do Pina, zona sul do Recife-PE, com toda a segurança necessária para diminuir o possível risco de contaminação dos envolvidos, mantendo o distanciamento social, o uso obrigatório de máscaras e álcool em gel tanto para os que recebiam quanto para os que estavam fazendo a entrega (Figuras 13 e 14).

Figura 11 – Visão de parte da Comunidade das Palaftas. Bairro do Pina, Recife-PE



Fonte: Bruno Severo Gomes, 2020.

Figura 12 – Visão de parte da Comunidade das Palaftas. Bairro do Pina, Recife-PE



Fonte: Bruno Severo Gomes, 2020.

Figura 13 – Cobertura da Imprensa em uma das ações na Comunidade das Palafitas no bairro do Pina, Recife-PE



Fonte: Bruno Severo Gomes, 2020.

Figura 14 – Entrega das cestas, kits de higiene e ações de educação em saúde na Comunidade das Palafitas no bairro do Pina, Recife-PE



Fonte: Bruno Severo Gomes, 2020.

Enquanto cientistas de todo o mundo tentavam encontrar soluções para conter a pandemia de Covid-19, provocada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, especialistas das áreas de informação e de comunicação fazem um alerta: a falta de acesso à internet também pode representar um grave impacto para a saúde. O momento atual demonstra de maneira clara como o exercício do direito à comunicação e à informação são centrais para a garantia do direito à saúde (FIOCRUZ, 2020).

Durante o período crítico da pandemia, com os números da curva epidemiológica cada vez mais crescentes, o projeto conseguiu realizar quatro mobilizações de ação social na Comunidade das Palafitas.

Nas palafitas, estruturas de 10 metros quadrados sustentadas por pedaços de madeira fincados no rio, muitas com apenas uma porta e uma janela, as pessoas se veem obrigadas a equilibrar-se sobre tábuas e pedaços de madeira e não contam com nenhum tipo de saneamento básico: os moradores fazem suas necessidades diretamente na maré. Erguidas às margens de rios, moradias dessa natureza constituem um dos cenários mais antigos da cidade do Recife-PE. A sua situação de vulnerabilidade, que já era problemática no período pré-pandêmico, foi intensificada durante a pandemia, sobretudo por conta do desemprego e da crise econômica que atualmente atinge o país. O cenário é extremamente propício para o espalhamento não apenas do novo coronavírus, mas de inúmeras doenças e agravos à saúde.

Na semana seguinte à introdução de medidas de distanciamento social no país, 70% dos moradores sofreram com perda de renda e 86% precisaram abrir mão do consumo de comida (AGÊNCIA BRASIL, 2020).

Tendo esse cenário em mente, a temática do projeto foi distribuída em quatro ações: a distribuição de 650 máscaras de tecido, 2000 cestas básicas, 270 kits de higiene, 250 litros de álcool em gel e 1000 pães, atendendo 140 famílias da Comunidade das Palafitas e ONG que atende os bairros de São José, Joana Bezerra e Coque. Por fim, na cidade de Bezerros, município do estado de Pernambuco, localizado a uma distância de 102 km do Recife, foram entregues 50 kits de higiene, 300 máscaras e 25 litros de álcool em gel.

Para além das doações, a ação social foi construída pela equipe, fomentando o desejo de se comunicar com o outro de forma humanizada e empática. Todo ato social é precedido de uma necessidade forte de estabelecer contato e amenizar, de alguma forma, os problemas na vida de outrem. Durante as ações nas comunidades, ligando o plano de prevenção e promoção da saúde, foram entregues panfletos que informavam sobre a importância do isolamento social, da lavagem das mãos, e do uso correto de máscaras.

Com base na evolução dos casos no Brasil, até o momento estima-se que, sem a adoção das medidas propostas para prevenção, o número de casos da doença dobre a cada três dias. Atitudes adotadas no cotidiano, como lavar as mãos e evitar aglomerações, reduzem o contágio pelo coronavírus. O Ministério da Saúde recomenda a redução do contato social, o que, conseqüentemente, reduzirá as chances de transmissão do vírus, que é alta quando comparada a outros coronavírus do passado (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

O ato de lavar as mãos com água e sabão, quando realizado corretamente, é de grande importância na luta contra a Covid-19, mas, infelizmente, milhões de pessoas não têm água para lavar as mãos. No total, apenas três em cada cinco pessoas em todo o mundo têm instalações básicas para lavar as mãos (UNICEF, 2020).

Mesmo diante da dificuldade, o projeto tentou garantir que as pessoas soubessem quais medidas devem ser tomadas para manter a si e suas famílias seguras, mesmo que continuemos nossos esforços de longa data para disponibilizar higiene e saneamento básico a todos.

Assim, o projeto utilizou mídias digitais, como o Instagram, WhatsApp e um *site*, como informado anteriormente, para compartilhar informações educativas sobre a Covid-19, além de sugerir atividades distrativas para o público em geral.

A pandemia também potencializou um aumento do sofrimento emocional, agravado pelos problemas sociais que envolvem desde a falta de alimentação e de saneamento básico até a falta de informação sobre a situação em questão. Nesse quesito, o projeto também ultrapassou a barreira digital, relatando a situação de centenas de pessoas em situação de vulnerabilidade.

As ações de saúde emocional aconteceram através de *lives* e *webpalestras*. Durante os quatro meses iniciais do projeto, foram vivenciadas 81 *webpalestras*, utilizando redes sociais, Google Meet e Zoom. Entre as instituições ou público sensibilizado, temos igrejas e templos religiosos, escolas e universidades, conselhos de classe, secretarias de educação, secretarias de saúde, organizações não governamentais, empresas, órgãos públicos, museus e espaços não formais de ensino.

Em meio à pandemia, os cuidados com a saúde precisam ser redobrados. Toda a situação pode afetar também a saúde mental das pessoas, aumentando a ansiedade, insegurança, tristeza e outros sentimentos diante do isolamento social e das incertezas.

Como forma de combater a pandemia, várias regras de distanciamento social foram implementadas, entre elas a suspensão da realização de eventos; a suspensão do funcionamento de estabelecimentos não essenciais; a suspensão das atividades escolares; a imposição de controles sobre o trânsito de pessoas e outras medidas (HALE *et al.*, 2020).

Toda mudança na vida das pessoas, por conta da pandemia, promoveu ao menos cinco fatores de estresse para a população. Entre eles, o medo de ser infectado e de que alguém próximo seja infectado ou de que não seja possível receber atendimento médico. Além desses, há também o medo do desemprego, da diminuição da renda, do isolamento social, da distância de parentes e amigos, do excesso de notícias falsas e/ou sem comprovação científica, entre outros fatores (MORAES, 2020).

A quarentena pode provocar ansiedade, medo, irritabilidade, mudanças no apetite, distúrbios no sono e aumento do consumo de álcool, tabaco e drogas ilícitas (CDC, 2020b). Dentre as recomendações para o cuidado com a saúde emocional nesse período, estão: manter contato (*on-line*) com amigos e família, praticar atividades físicas, manter uma alimentação saudável, praticar atividades como leitura, música e pintura e praticar técnicas de respiração consciente e meditação (NHS, 2020).

Para além destas ações, também é recomendado que pessoas compartilhem informações úteis produzidas por

órgãos confiáveis, auxiliando, assim, outras pessoas a reduzirem seus níveis de estresse (CDC, 2020a).

Contudo, o isolamento não foi igual para todas as pessoas, uma vez que muitas vivem em pequenas casas, com um grande número de pessoas e com dificuldade em adotar ações para manter a saúde emocional, tendo, ainda, mais dificuldade de realizar atividades relaxantes ou divertidas, bem como de praticar exercícios físicos. Além disso, indivíduos de classe média e alta conseguem gerir o tempo de suas atividades durante a quarentena com uma facilidade com que pessoas em situação de vulnerabilidade não conseguem. Em situação de quarentena, é provável que tais dificuldades comprometam a saúde mental, reduzindo a motivação para manter o distanciamento social. Assim, ações que promovam o bem estar para que pessoas em situação de vulnerabilidade permaneçam em casa e saiam apenas quando necessário colaboram para diminuição do espalhamento do vírus (MORAES, 2020).

5. Considerações finais

De acordo com os resultados parciais da ação de extensão, constatamos uma efetividade significativa das ações de educação em saúde enquanto ferramenta para o controle da pandemia do novo coronavírus em Pernambuco. A tentativa de sensibilização da população por meio de webpalestras e redes sociais, no decorrer da ação mostrou um *feedback* positivo, uma vez que esse formato possibilitou uma velocidade considerável no retorno e um forte engajamento. Foi possível promover ações interdisciplinares e transdisciplinares de educação em saúde diretamente com comunidades em situação de vulnerabilidade social que não possuíam acesso a saneamento básico, renda e internet. Em síntese, embora a pandemia e as medidas de enfrentamento a ela tenham criado um cenário de estresse para a população, especialmente para os mais pobres e para aqueles em situação de maior risco de serem infectados, foi possível amenizar, através das ações desenvolvidas, a situação social

e econômica daqueles que delas se beneficiaram. Além disso, pudemos também enfatizar, através do projeto, o relevante papel da universidade pública numa participação ativa em momentos de crise sanitária e humanitária, bem como a importância de garantir que o conhecimento e os projetos produzidos na academia, a exemplo dos projetos de extensão, estejam verdadeiramente engajados e comprometidos com as demandas da sociedade.

6. Agradecimentos

Agradecemos à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), por meio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc), ao Movimento Maker, ao Viva Pirlita, ao Mascarados pela vida, ao Novo Jeito, à Comunidade dos Pequenos Profetas, ao Abrigo Padre Venâncio, ao Porto Digital, ao Empresários por Pernambuco, à Abrien e a toda a sociedade pelo apoio e contribuições.

AGÊNCIA BRASIL. *Coronavírus: 70% dos moradores de favelas tiveram redução da renda*. Agência Brasil, 24 mar. 2020.

ALMEIDA, M. A. *A promoção da saúde nas mídias sociais – Uma análise do perfil do Ministério da Saúde no Twitter*. 2012. Monografia (Especialização em Assessoria de Comunicação e Marketing) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2012.

AZEVÊDO, A. V. S.; SILVA, M. A; REIS, T. C. M. Promoção da saúde no contexto das redes sociais significativas. *Nova Perspectiva Sistêmica*, São Paulo, v. 28, n. 63, p. 55-66, abr. 2019.

BARROS, M. B. A. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de Covid-19. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v. 29, n. 4, p. 1-12, set. 2020.

BIRUEL, E. P. *Websites para diabéticos: uso da internet como instrumento de Educação em Saúde*. 2008. 92 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde) – Escola Paulista de Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2008.

BUSS, P. M. Promoção da saúde e qualidade de vida. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 163-177, 2000.

CASTELLS, M. Internet e sociedade em rede. In: DE MORAES, D. (org.). *Por uma outra comunicação – mídias, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CDC. Centers for Disease Control and Prevention. *Stress and Coping*. 2020a. Disponível em: <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/daily-life-coping/stress-coping/>. Acesso em: 30 jul. 2020.

CDC. Centers for Disease Control and Prevention. *Coronavirus*. 2020b. Disponível em: <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/index.html>. Acesso em: 30 jul. 2020.

CESTARI, M. E. W.; ZAGO, M. M. F. A prevenção do câncer e a promoção da saúde: um desafio para o Século XXI. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, n. 58, v. 2, p. 218-221, 2005.

CZERESNIA, D. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (org.). *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências*, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p. 43-57.

FERGUSON, N. M. *et al. Impact of Non-Pharmaceutical Interventions (NPIs) to Reduce COVID-19 Mortality and Healthcare Demand*. Londres: Imperial College COVID-19 Response Team, 2020.

FU-SHENG, W.; ZHANG, C. What to do next to control the 2019-nCoV epidemic? *The Lancet*, v. 395, n. 10222, p. 391-393, 2020. p. 391-393.

HALE, T *et al. Variation in Government Responses to COVID-19, Version 2.0*. Oxford: University of Oxford, 2020.

MACEDO, R. K. *Gestão Ambiental: Os instrumentos básicos para gestão ambiental dos territórios de unidades produtivas*. 1. ed. Rio de Janeiro: ADES, ALPES, 2003.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Plano de Resposta à emergência em saúde pública*. Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador, Brasília, 2014. Disponível em: http://bvs-ms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_resposta_emergencias_saude_publica.pdf Acesso em: 23 mar. 2020.

MORAES, R. F. *Prevenindo conflitos sociais violentos em tempos de pandemia: garantia da renda, manutenção da saúde mental e comunicação efetiva*. Brasília: Diest, 2020.

NHS. National Health Service. *Mental Wellbeing While Staying at Home*. 2020. Disponível em: <https://www.nhs.uk/oneyou/every-mind-matters/coronavirus-covid-19-staying-at-home-tips/>. Acesso em: 25 jul. 2020.

PINHEIRO, R.; GUIZARDI, F. L. Cuidado e integralidade: por uma genealogia de saberes e práticas no cotidiano. In: PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. (ed.). *Cuidado: as fronteiras da integralidade*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 2004. p. 21–36.

RUSSELL, T. W. Estimating the Infection and Case Fatality Ratio for COVID-19 Using Age-Adjusted Data from the Outbreak on the Diamond Princess Cruise Ship. *Eurosurveillance*, v. 25, n. 12, p. 1-5, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1101/2020.03.05.20031773>.

SILVA, A. A. M. Sobre a possibilidade de interrupção da epidemia pelo coronavírus (Covid-19) com base nas melhores evidências científicas disponíveis. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, Rio de Janeiro, v. 23, p. e200021, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-549720200021>.

TERZIAN, F. *Número de internautas no Brasil cresce mais de 50% em dois anos*. 2012. Disponível em: <http://tecnologia.terra.com.br/interna/0,,OI2517185-EI4802,00.html>. Acesso em: 22 mar. 2021.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p.443-466, 2005.

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. *Não lavar as mãos com sabão coloca milhões de pessoas em risco aumentado para a Covid-19 e outras doenças infecciosas*. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/nao-lavar-maos-com-sabao-coloca-milhoes-de-pessoas-em-risco-aumentado-para-covid-19-e-outras-doencas>. Acesso em: 13 mar. 2020.

VASCONCELOS, E. M. Redefinindo as práticas de Saúde a partir de experiências de Educação Popular nos serviços de saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 5, n. 8, p. 121-126, 2001. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832001000100009>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Coronavirus disease (Covid-19) pandemic*. 2020a. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em: 29 jul. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Infection Prevention and Control during Health Care When Novel Coronavirus (NCOV) Infection Is Suspected*. 2020b. Disponível em: [https://www.who.int/publications-detail/infection-prevention-and-control-during-health-care-when-novel-coronavirus-\(ncov\)-infection-is-suspected-20200125](https://www.who.int/publications-detail/infection-prevention-and-control-during-health-care-when-novel-coronavirus-(ncov)-infection-is-suspected-20200125). Acesso em: 29 jul. 2020.



ATIVIDADE FÍSICA EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: um relato de experiência

PHYSICAL ACTIVITY IN COVID-19
PANDEMIC TIMES: an experience report

Cleide do Nascimento Monteiro Borges Lima Filha

(Mestra em Ciências da Educação, Servidora do Núcleo de
Educação Física e Ciências do Esporte, CAV/UFPE)

Saulo Fernandes Melo de Oliveira

(Doutor em Educação Física, Professor do Núcleo de
Educação Física e Ciências do Esporte, CAV/UFPE)

Itamar Rodrigues Leoncio

(Graduando em Educação Física, CAV/UFPE)

João Victor Cavalcanti Nery

(Bacharel em Educação Física, UPE)

Isabeli Lins Pinheiro

(Doutora em Nutrição, Professora do Núcleo de
Educação Física e Ciências do Esporte, CAV/UFPE)

Projeto de extensão “Atividade física em tempos de pandemia”, cadastrado por meio do Edital 2020-01 – de Credenciamento de Programas e Projetos de Extensão. Coordenação: Dra. Isabeli Lins Pinheiro e Ma. Cleide do Nascimento Monteiro Borges Lima Filha. Docentes do Núcleo de Educação Física e Ciências do Esporte (Nefce) do Centro Acadêmico de Vitória (CAV): Dr. Adriano Santos, Dr. Ary Gomes Filho, Dr. Edil Rodrigues Filho, Dr. José Cândido Ferraz Junior, Dra. Karla Teixeira, Dra. Kelli Althoff, Dra. Lara Helegda, Dr. Luciano Oliveira, Dr. Saulo Oliveira, Dra. Solange Porto. Estudante e profissionais: Itamar Leoncio (Graduando em Educação Física, CAV/UFPE), João Victor Nery (Bacharel em Educação Física, UPE; participante do grupo de pesquisa MovER, CAV/UFPE), Elaine da Silva (Graduada em Educação Física, UFPE; Residente em Saúde da Família, CAV/UFPE), Jociéllen de Lima (Graduada em Educação Física, UFPE; Residente em Saúde da Família, CAV/UFPE).

Resumo

Este trabalho é um relato de experiência do projeto de extensão “Atividade física em tempos de pandemia”. A extensão universitária, como um processo educativo, cultural e científico, articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável, viabilizando uma relação transformadora entre a universidade e a sociedade. Neste momento de distanciamento social, requerido pela pandemia de Covid-19, a população se encontra por mais tempo em casa, sendo este um fator problemático para a prática de atividade física. Através de uma ação educativa e científica, o projeto teve como propósito principal a confecção e divulgação *on-line* de folhetos com informações científicas relevantes sobre a pandemia de Covid-19 e a prática de atividade física. O projeto foi realizado no período de maio a dezembro de 2020 e ocorreu de forma remota, com estudantes da graduação e pós-graduação, servidores técnico-administrativos e professores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e outras instituições. O projeto teve um papel importante no alcance da população leiga, dos graduandos e dos profissionais das áreas da saúde, de modo a estimular a compreensão e tomada de decisão mais assertiva para a prática de atividade física com o uso de informações científicas de alta qualidade. Suas ações ocorrem de modo remoto, por meio de reuniões *on-line* com os membros da equipe e uso do Instagram e *site* do projeto para divulgar os folhetos informativos, resultando em 3 materiais didáticos de orientação para o movimento corporal, a criação de um *site* institucional do projeto de extensão e a publicação de um total de 32 folhetos, que serão estruturados em um *e-book*.

Palavras-chave: Atividade física. Exercício físico. Esporte. Covid-19. Folhetos informativos.

Abstract

This article is an experience report from the extension project “Atividade física em tempos de pandemia”. University extension is an educational, cultural and scientific process that articulates teaching and research in an inseparable way, it enables the transforming relationship between university and society. At this social distancing moment, due COVID-19 pandemic, the population is more at home, it is becoming a problematic factor for physical activity practice. Through a scientific and

educational action, the project main purpose was to make and disseminate online folders with scientific content about COVID-19 pandemic and physical activity. The project was carried out from May to December 2020. The project took place remotely, with undergraduate and graduated students, administrative technicians and professors from UFPE and other institutions. The project played an important role to reach the lay population, graders and health care professionals in order to stimulate understanding and assertive decision-making for the physical activity practice with the use of high-quality scientific information. The project actions took place remotely, through online meetings with team members, we also used Instagram and the project's website to disseminate the informative folders. Therefore, we had, as a result, three educational materials guidance for body movement, an institutional website creation and 32 folders publication, that will be organized in an e-book.

Keywords: Physical activity. Physical exercises. Sports. COVID-19. Folders.

1. Introdução

Viver a extensão universitária constitui parte fundamental do processo de atuação docente e formação estudantil, um espaço de aprimoramento pessoal e profissional capaz de possibilitar a integração do ensino, pesquisa e extensão através da interação transformadora entre a universidade e a sociedade. A experiência vivida na ação extensionista no ano de 2020 se fez diferente de qualquer experiência em anos anteriores, em consequência da abrupta mudança da nossa realidade social, econômica, política e de saúde; a extensão também passou por adaptações necessárias, a fim de permitir uma interação entre a instituição superior e a sociedade de modo seguro.

Neste contexto de interação, os participantes do projeto de extensão, dentre eles professores, servidores técnico-administrativos e estudantes da graduação e pós-graduação, puderam contribuir, em parceria e de modo colaborativo, nas diversas atividades do projeto. Desde o desenvolvimento dos folhetos informativos enquanto planejamento da escrita científica e da diagramação do material visual até a divulgação e manutenção do cronograma de atividades. Nossas contribuições serviram para demonstrar a importância da convivência presencial nos

espaços da universidade e o quanto o convívio remoto e *on-line* não nos aproxima em tamanha completude como a presença.

Entre os registros do projeto, os encontros remotos através da plataforma Google Meet aproximou os colegas, que, mesmo distantes, em suas casas e cidades, destinavam parte de seu tempo para debater, planejar e discutir o desenrolar das atividades propostas pelo projeto. Além do produto principal de nossa ação, os trinta e dois folhetos informativos publicados permitiram a difusão de informações científicas de qualidade, de modo a facilitar a compreensão do público-alvo leigo, o estímulo aos graduandos e pós-graduandos no que se refere ao interesse pela ciência e, por fim, a atualização dos profissionais da área da saúde acerca das temáticas relacionadas à Covid-19, ao isolamento social e à prática de atividade física para diversas faixas etárias.

A coordenação e os estudantes da graduação envolvidos diretamente nesta ação, por meio de suas visões acerca das experiências vividas, se propõem a desenvolver este manuscrito com o objetivo de relatar as experiências vividas por parte dos membros da equipe do projeto de extensão “Atividade física em tempos de pandemia”.

O projeto propôs uma ação educativa, cultural e científica através da articulação do ensino, pesquisa e extensão de forma indissociável, viabilizando a interação dialógica, de forma remota, entre a universidade e a sociedade. Visamos aprimorar a formação acadêmica de estudantes dos cursos de saúde através de atividades envolvendo planejamento, construção e divulgação de folhetos informativos digitais com orientações para prática de atividade física baseadas em evidências científicas, objetivando permitir a compreensão e a realização dessa prática pela população.

A fim de caracterizar os eixos centrais da nossa experiência, neste relato iremos sistematizar os processos de planejamento, desenvolvimento e finalização do projeto de extensão em questão, detalhando cada etapa construída de modo crítico. Inicialmente, a realidade a qual estamos inseridos nos motivou na criação do projeto de extensão. A pandemia de Covid-19 se iniciou em março

de 2020, atingindo diversos países ao redor do mundo. Com o início da pandemia, o isolamento social foi introduzido no cotidiano das pessoas como uma estratégia para evitar as interações sociais e restringir a propagação da Covid-19 (BEZERRA *et al.*, 2020) e, dentre as restrições iniciais do isolamento social, constam o fechamento de academias, de clubes esportivos e de áreas públicas de lazer (FARIAS, 2020). No momento atual, com o aumento de casos, especialmente no Brasil, as políticas de enfrentamento à Covid-19 são maneiras eficientes de conter a propagação do vírus. No entanto, os níveis de atividade física podem sofrer impactos negativos em decorrência do isolamento social.

Em associação a outra problemática de saúde, a inatividade física em tempos de pandemia de Covid-19 se faz ainda mais presente. Em 2016, mais de um quarto da população mundial (1,4 bilhão) acima dos 18 anos foi considerado insuficientemente ativo (GUTHOLD *et al.*, 2018). No Brasil, os indicadores apontam que 44,1% dos adultos são insuficientemente ativos e 13,7% inativos fisicamente, sendo esses percentuais maiores para o sexo feminino (VIGITEL, 2018). A prática de atividade física de maneira remota vem sendo uma das estratégias adotadas como oportunidade para o alcance das recomendações e manutenção da saúde. O desenvolvimento de aulas no formato remoto, a prática de atividade física individualizada e o uso de guias de recomendação vêm sendo utilizados como possibilidade de manutenção da prática sem que haja maiores riscos de contágio.

A extensão universitária como processo educativo e científico viabiliza uma relação transformadora entre a universidade e a sociedade (BRASIL, 2007). As ações de extensão estão inseridas em instituições de ensino, pesquisa e extensão que possuem funções sociais associadas ao contexto econômico, social e político, assim como as condições históricas e estruturais nas quais se inserem (CRISTOFOLETTI; SERAFIM, 2020). Nestes tempos atuais, a extensão universitária também passou por diversas adaptações a fim de acompanhar a realidade atual no mundo. A partir desse contexto, se fez necessário adequar o formato das vivências das demais ações extensionistas das universidades para o desenvolvimento do

projeto, sendo a principal adequação a tentativa de estimular a prática de atividades físicas em casa e de modo remoto e assegurar o acesso à informação científica de qualidade com a construção de folhetos informativos *on-line*.

2. Reconstrução do processo vivido

O projeto de extensão “Atividade física em tempos de pandemia” surgiu do interesse dos professores e servidores técnico-administrativos do Núcleo de Educação Física e Ciências do Esporte (Nefce) do Centro Acadêmico de Vitória (CAV) diante da atual conjuntura da pandemia de Covid-19 e da disseminação de *fake news*, bem como da abrupta mudança na rotina de prática de atividade física pela população. Com as restrições sociais, as aulas da graduação e os diversos projetos de extensão desenvolvidos pelo Nefce foram interrompidos, de modo a interferir nos esforços pela criação e manutenção de uma consciência crítica da importância de hábitos saudáveis pela comunidade do entorno do *campus* CAV.

Inicialmente, através de reuniões remotas, os professores e servidores técnico-administrativos discutiram e organizaram as ideias prévias da ação extensionista, como a criação e publicação de folhetos informativos com informações científicas de qualidade e com indicações de exercícios físicos e, em especial, a ideia de promover ações *on-line* com a prescrição de exercícios e com o acompanhamento de professores de educação física. Onze professores e um servidor técnico-administrativo do Nefce iniciaram a corrida em busca da criação dos folhetos informativos, sob a coordenação dos professores Isabeli Lins e Saulo Oliveira e da técnica desportiva Cleide Lima Filha, os quais foram responsáveis por estruturar a organização das etapas do projeto, desde a elaboração dos folhetos até a sua publicação.

Com o crescimento das atividades, a equipe foi dividida em: Comissão Científica, Comissão de *Layout*, Comissão de Divulgação e Comissão de Edição Final. A participação dos docentes, servidores técnico-administrativos

e estudantes da graduação e pós-graduação se faz parte fundamental nos processos de construção dos folhetos e nas equipes de execução. Cada comissão teve sua função específica.

A Comissão Científica ficou responsável por analisar os textos escritos, seguindo normas editoriais elaboradas pela equipe executiva com a padronização das citações de acordo com as normas ABNT, e pela avaliação do conteúdo científico, bem como pelo uso de fontes bibliográficas de alto impacto científico, a exemplo dos artigos publicados em revistas de referência internacional. Essa equipe contou somente com os professores.

A Comissão de *Layout* se responsabilizou pela elaboração do *layout* e pela diagramação dos folhetos, organizando as cores, figuras e formato de publicação para as mídias sociais e para o *site* do projeto (Figura 1). Essa equipe foi formada por docentes, servidores técnico-administrativos e alunos da pós-graduação.

A Comissão de Divulgação ficou encarregada pela publicação do folheto nas mídias sociais, em especial o Instagram do Nefce. Essa equipe foi formada por professores, servidores técnico-administrativos e alunos da graduação.

Na Comissão de Edição Final, foram feitas a revisão editorial e os últimos detalhes do folheto antes da sua publicação, conferindo informações, configurações e diagramação. Desta forma, foi finalizado o folheto e enviado para a publicação. Essa equipe foi formada por docentes e servidores técnico-administrativos.

Por fim, na Comissão de Colaboradores, temos os docentes da UFPE e de outras instituições, além de servidores técnico-administrativos, graduandos e pós-graduandos que contribuíram com a escrita de folhetos informativos para publicação. Eles não necessariamente participaram da equipe de execução.

Como protagonistas da ação, os estudantes de graduação, pós-graduação e residência também participaram da idealização e escrita dos folhetos informativos, com a participação de um(a) professor(a) ou servidor técnico-administrativo(a) para auxiliar na sua elaboração, contribuindo com o desenvolvimento da visão crítica do estudante. A inserção dos discentes nas ações explanou

seu papel na construção e condução do projeto, fazendo com que ele seja o ator principal desse processo. A escrita dos folhetos foi organizada em eixos temáticos: 1. Atividade física e Saúde: temáticas associadas à Covid-19 e prática de atividade física; 2. Biologia da Infecção: informes da doença, dados epidemiológicos, patologias e temas de saúde associados à Covid-19; 3. Educação e Saúde: diálogos sobre ações educativas e práticas de saúde; e 4. Esportes: temas relevantes na realidade esportiva e a realidade na atual pandemia de Covid-19. A escrita sobre temáticas específicas que possuam a prescrição de exercícios físicos tiveram a participação obrigatória de um(a) profissional de educação física.

A etapa de publicação era feita semanalmente, às sextas-feiras; para criar uma organização, se fez necessária a elaboração de um cronograma de ações para cada comissão do projeto, assegurando o cumprimento dos prazos. A cada mês, todos os membros do projeto participavam da organização de quatro ou cinco folhetos informativos, de modo integrativo, sinérgico e colaborativo, a fim de alcançar o resultado da ação: a publicação e divulgação do produto. De modo contínuo, após cada publicação, iniciávamos a organização dos próximos folhetos. Essa rotina teve início no mês de junho, com a primeira publicação, e prosseguiu por 6 meses até dezembro. Ao passo que o cronograma de publicações foi implantado, todas as ações se estruturaram, assegurando que tivéssemos tempo hábil para escrever, avaliar, diagramar e publicar os folhetos com qualidade de informação científica e, em alguns casos, a distribuição de materiais didáticos complementares.

3. Recuperação do processo vivido

Dentre os momentos de destaque do projeto, as reuniões e ações realizadas pela equipe ao longo dos quase oito meses de planejamento e execução se fizeram em constante trabalho, o que foi de fundamental importância para alcançar os objetivos propostos. Em maio de 2020, iniciaram-se as reuniões para definição do tipo

de ação extensionista a ser executada pelo Nefce. Nesse mês, foi possível iniciar as ações estratégicas do projeto e delinear como se daria a estruturação e a publicação dos textos produzidos. Essa fase foi muito importante, pois nela conseguimos traçar a ideia do conteúdo, do possível *layout* dos folhetos (Figura 1) e quais seriam as regras editoriais iniciais, tanto de participação como de publicação. Esse momento direcionou o projeto para um caminho mais específico.

Figura 1 – Partes do folheto informativo



Fonte: Projeto “Atividade física em tempos de pandemia”, 2020.

Em junho, com o início das publicações semanais, foi possível perceber a complexidade da nossa ação e o quanto se fazia necessária uma maior divisão de tarefas. Iniciamos com a publicação de dois folhetos informativos nas duas últimas semanas de junho e identificamos que seria indispensável a organização de equipes específicas para realizar as diversas ações estratégicas do projeto. Tal ação contribuiu bastante para a fluidez do processo.

Em julho, com a adaptação da nova rotina de atividades requeridas pelo projeto, ainda apresentamos um pouco de dificuldade no ajuste de funções específicas e no curto prazo de preparo e entrega dos folhetos. Nesse momento, surgiu a ideia da criação de um cronograma de publicações que facilitasse o processo de organização. Claramente, os meses iniciais da ação extensionista foram os mais difíceis e nebulosos, mas, com o ganho e troca de experiências, as ações estratégicas foram acontecendo, cada membro da equipe foi realizando suas atividades específicas e os folhetos foram se tornando mais organizados, favorecendo, assim, o alcance dos objetivos do projeto. O manejo do Instagram e *site* institucional se tornaram de fácil acesso, o que favoreceu a continuidade da ação extensionista e o aprimoramento das ideias.

A criação das comissões Científica e de *Layout* permitiu que a qualidade dos folhetos fosse assegurada, no sentido de garantir informações científicas de qualidade com um visual que fosse atrativo ao nosso público-alvo. Damos destaque à Comissão Científica, que teve uma gestão compartilhada. A cada mês um novo membro oficial da equipe do projeto era designado como coordenador, sendo responsável por distribuir os textos para os demais integrantes da comissão de acordo com a *expertise* de cada um. Ainda no período de definições, com a chegada de novos colaboradores interessados em escrever folhetos informativos sobre temas relevantes, tivemos a construção de normas editoriais que facilitaríamos a escrita dos pequenos manuscritos que nortearam os revisores científicos em sua conduta de avaliação do material textual.

Nos meses de agosto, setembro, outubro e novembro conseguimos realizar as publicações e outros novos colaboradores se interessaram em publicar seus materiais. Nesse momento do projeto, estávamos com o cronogra-

ma de publicação completamente preenchido, diversos textos já avaliados e iniciando o processo de diagramação. A equipe estava maior e com mais estudantes da graduação participando das comissões, a fim de colaborar com o projeto e aprimorar sua formação acadêmica por meio de uma ação extensionista inovadora. Em novembro, tivemos um ajuste no cronograma de publicações com a finalidade de comportar novos autores interessados em publicar na revista Nefce, nomenclatura que gentilmente designamos ao *site* do projeto de extensão.

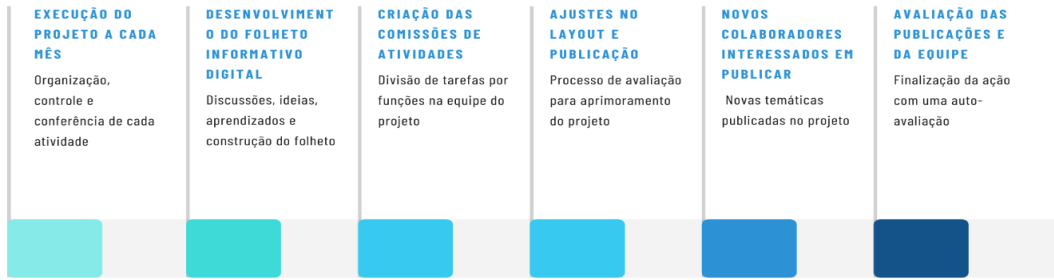
Finalmente, no último mês de nossa ação extensionista, em dezembro, demos um grande salto em nossas atividades e ampliamos o quantitativo de folhetos inicialmente publicados uma vez por semana, passando a publicar dois, nas quartas e sextas-feiras. Ao final do mês, o projeto “Atividade física em tempos de pandemia” teve a publicação de oito folhetos informativos e encerrou suas atividades com um total de trinta e dois folhetos publicados e três materiais complementares associados aos folhetos, que foram muito bem aceitos, contribuindo qualitativamente para engrandecer nosso projeto (Figuras 2 e 3).

Figura 2 – Folhetos publicados por eixos temáticos



Fonte: Projeto “Atividade física em tempos de pandemia”, 2020.

Figura 3 – Roteiro das diferentes etapas da experiência vivida



Fonte: Projeto “Atividade física em tempos de pandemia”, 2020.

4. As reflexões de fundo

Ao longo da vivência do projeto de extensão, foram discutidas diversas ideias e escolhas para o desenrolar da ação. De modo crítico, pudemos observar a complexidade que se faz presente no processo de criação e manutenção de uma ação extensionista, os afazeres, os estudos, os desejos e os ajustes ao longo do processo. Respondendo à pergunta “Porque é que aconteceu da forma que aconteceu?” de modo sucinto, o motivo gira em torno do fato de que o projeto foi aprendido ao passo que ia caminhando; nós, como equipe, fomos caminhando juntos com ele e nos aprimorando, nos questionando sobre as decisões e caminhos tomados. Nos meses vividos, nos avaliamos e avaliamos nossa ação e sempre nos perguntávamos: “Estamos alcançando nossos objetivos?”; “As pessoas estão compreendendo as informações disponíveis nos materiais?”. Ajustamos quando necessário, quando requisitado, quando imprescindível e continuamos a caminhar. Houve momentos em que os questionamentos e avaliações eram coletivos, estavam em todos os membros, e, para termos assertividade, era preciso questionar e avaliar a nós mesmos, individualmente, em cada função executada.

Uma das perguntas mais importantes do processo crítico foi “Quem estamos alcançando com este projeto?”. Esta pergunta nos inquietou porque fez com que nos

questionássemos sobre como poderíamos identificar se os indivíduos que liam os folhetos estavam efetivamente aprendendo as informações científicas, ou utilizando em sua prática profissional, ou ainda realizando os exercícios físicos. Mais do que a ideia de estarmos fazendo algo importante, desejávamos ter a confirmação de que nossa ação estava sendo efetiva e promovendo bem estar, saúde e vivência de hábitos saudáveis, estimulando o conhecimento e esclarecendo as tantas *fake news* disseminadas diariamente. Para interpretar estas dúvidas, nos abrimos ao diálogo, conversando com os participantes e promovendo interações nas mídias sociais que divulgamos nos folhetos.

Como pontos positivos, destacamos a inovação na publicação de informações em meios digitais, a interação entre todas as equipes do projeto e colaboradores (docentes, discentes e servidores técnico-administrativos) e a qualidade do material produzido, que foi resultado de discussões e debates em grupos e encontros muito produtivos, gerando frutos para o futuro e a experiência de poder aprender a coordenar também um projeto com várias pessoas e funções. Como discente, “pude vivenciar a produção, edição e publicação do material produzido, além de contribuir na divulgação e no engajamento social em meio a uma pandemia”.

Conseguimos, ao longo do projeto, ajustar os pontos negativos à medida em que iam surgindo; como o processo inteiro teve duração de aproximadamente oito meses, pudemos perceber quais melhorias poderiam ser realizadas e como elas realmente fizeram diferença no produto final. Ao ser identificado, o problema era imediatamente discutido com o grande grupo, no intuito de encontrar soluções e realizar mudanças ao longo do percurso. O processo de gestão sempre primou pela democracia de informações e debate entre os integrantes para que todos pudessem ter seu espaço de fala e a decisão sempre era definida por meio de votação. Isso contribuiu para que as mudanças fossem acontecendo e, de fato, efetivassem melhorias no projeto. Alguns pontos negativos relevantes foram as dificuldades no alcance das publicações nas redes sociais inicialmente e a alta demanda de atividades para grupos com poucas pessoas, como a

elaboração de textos curtos, porém significativos. A falta de cumprimento de prazos também se apresentou como um aspecto negativo, mas, assim como os outros fatores, isso pôde ser convertido em melhorias no decurso do projeto.

Dentre as mudanças realizadas, destacamos a diminuição da quantidade de demandas sobre poucas pessoas, proposta que surgiu a partir da ideia de dividir a equipe em comissões. Após a divisão de tarefas, pôde-se perceber uma maior produtividade e motivação de todos os membros da equipe. Uma dificuldade observada foi a forma de publicação de um texto sem que o mesmo ficasse muito cansativo e, dessa forma, mais atrativo para o meio que seria divulgado. Por isso, foi de grande importância a capacidade de sintetizar as informações mais relevantes, agrupar com figuras que tivessem associação ao tema e a produção de um folheto envolvente que levasse o leitor a buscar tais informações na fonte. Essa ideia foi melhorada durante o processo de execução do projeto, ao longo do qual, em vista dos resultados alcançados, acreditamos ter obtido sucesso, associando a inovação na divulgação de informações e trazendo um produto de alta qualidade e fácil compreensão.

No início, como não tínhamos um prazo definido, trabalhávamos por demanda, de modo que, assim que chegava um folheto, ele era preparado e, em seguida, publicado. No começo, essa ação gerou muitos problemas porque ficávamos na dependência da chegada destes materiais com o risco de não haver publicação na semana por não possuir o folheto pronto a tempo da data de publicação. Felizmente isso não ocorreu e, com a chegada do cronograma, foi possível estabelecer datas para facilitar o funcionamento de cada comissão. Desta forma, os pontos negativos foram analisados, e conseguimos, ainda, converter esses problemas em melhorias para o projeto, fator que contribuiu muito para a qualidade do produto final.

Como impacto para a equipe, acreditamos que foi um projeto grandioso, que teve a participação de várias pessoas, as quais estiveram ligadas entre si por um objetivo em comum: a transmissão de informações de alta qualidade científica e de fácil compreensão para a população em geral. Outro fator de impacto foi a inovação na forma

de transmissão dessa informação através das mídias sociais. Percebemos que é possível utilizar a tecnologia e a inovação para os processos de ensino, pesquisa e extensão, tendo em vista que são muito mais rápidos em transmissão e receptividade. Além do trabalho coletivo, a partir do qual foi observado que cada um desempenhou sua função eficientemente e que, juntos, pudemos aprender mais uns com os outros.

Com relação ao impacto do público em geral, observamos que os conteúdos propostos pelos folhetos informativos foram bem aceitos, o que é possível ser constatado através do número de *downloads* dos folhetos no nosso *site* e, ainda, pelo número de alcance na rede social Instagram. Para exemplificar, tivemos folhetos com 654 *downloads* e boa parte deles teve, pelo menos, 50 *downloads*; nas mídias sociais, o número de alcance de todos os folhetos foi acima de 140, chegando até a 753 contas alcançadas pelas publicações. Acreditamos que o formato diferenciado das redes sociais favoreceu esse grande interesse sobre a temática "Covid-19 e a importância da prática de atividade física em prol da saúde"; por isso, os números são maiores do que no histórico de *downloads*. Acreditamos que o pontapé inicial era as mídias sociais, uma vez que, caso a pessoa se interessasse pelo material, posteriormente ela poderia visitar o *site* e realizar o *download* do folheto. Isso pode ser visualizado nos dados no apêndice A, contendo uma tabela com todos os valores de *downloads* de cada folheto e das informações numéricas das redes sociais.

Devido à problemática de tempo hábil, ao longo do qual foram executadas as várias ideias para nossas ações, sugeridas pelo grande grupo, tivemos algumas sugestões que, em parte, conseguimos realizar e outras que não conseguimos operacionalizar. Dentre as ideias que conseguimos pôr em prática parcialmente, temos a construção de materiais complementares sobre diferentes temáticas abordadas no folheto. Produzimos, de maneira incompleta, 3 materiais, sendo duas cartilhas de jogos e brincadeiras e um material sobre exercícios para atletas que utilizam cadeira de rodas. A justificativa para a não execução completa desta ação foi a insuficiência de tempo para planejar, elaborar e publicar tais materiais.

Outra ideia muito interessante dentro da temática de inovação nas ações foi a de propor entrevistas com pessoas da área para que pudessem tratar do conteúdo de uma forma diferente em uma *live*. Devido à alta demanda de todos na elaboração e finalização do folheto, não tivemos tempo suficiente para realizar essa ação, mas essa pode ser uma ideia de ação para uso futuro. Dentro dessa perspectiva, como produto da aprendizagem deste processo, temos:

- Uma apresentação em *PowerPoint* realizada pela equipe de coordenação geral, em que foram apresentados os aspectos avaliativos e finais do projeto a toda equipe; e
- O *site* da Revista Nefce¹, local em que estão alojados todos os folhetos informativos divulgados, fruto do trabalho coletivo de todos os participantes – equipe executora e colaboradores (Figura 4).

Figura 4 – Site da Revista Nefce



Fonte: Projeto “Atividade física em tempos de pandemia”, 2020.

- O Instagram do Nefce, página por meio da qual também fazemos as postagens digitais dos folhetos, fruto da construção coletiva dos envolvidos no projeto (Figura 5):

Figura 5 – Instagram do Nefce²



Fonte: Projeto “Atividade física em tempos de pandemia”, 2020.

A sistematização nos fez voltar no tempo e reavaliar a ação de cada sujeito individualmente e as ações coletivas da equipe, nos levando a uma reflexão mais profunda sobre o processo de execução, nos pontos que

² Mais informações em: <https://www.instagram.com/educacaofisica.cav?r=nametag>.

acertamos, nos pontos que ainda precisamos melhorar e observando os diferentes pontos de vista para termos uma experiência de aprendizagem coletiva e significativa (HOLLIDAY, 2006). Portanto, esse instrumento foi de grande valia, pois, após a sistematização e análise crítica das ações, nos veio à luz que novas aprendizagens podem ser feitas a partir de nossa prática enquanto participantes do projeto, aperfeiçoando procedimentos e melhorando as fragilidades para utilizar com mais eficiência todas as ferramentas que temos à disposição.

5. Considerações finais

Ao longo do processo de construção, execução e finalização do projeto, foi observado que é possível inovar na forma de gestão, ensino, elaboração e compartilhamento de informações referentes à saúde e à atividade física. Aprendemos que ações mais atrativas, com uso das mídias sociais, favorecem a divulgação e acesso a projetos e ações por diversas pessoas em todas as esferas, não somente alunos da graduação em saúde, mas também toda a população.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. Extensão Universitária: Organização e Sistematização. *Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras*. Universidade Federal de Minas Gerais: PROEX. COOPMED Editora, 2007.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Painel de casos de doenças pelo coronavírus 2019 (Covid-19)*. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://dados.seplag.pe.gov.br/apps/corona.html>. Acesso em: 29 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças não Transmissíveis. *Vigitel Brasil 2018: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico: estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2018*. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2019/julho/25/vigitel-brasil-2018.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2021.

BEZERRA, A. C. V. *et al.* Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de Covid-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 2411-2421, 2020.

CRISTOFOLETTI, E. C; SERAFIM, M. P. Dimensões Metodológicas e Analíticas da Extensão Universitária. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. e90670, 2020.

FARIAS, H. S. O avanço da Covid-19 e o isolamento social como estratégia para redução da vulnerabilidade, espaço e economia. *Revista brasileira de geografia econômica*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/11357>. Acesso em: 29 jan. 2021.

GUTHOLD, R. *et al.* Worldwide trends in insufficient physical activity from 2001 to 2016: a pooled analysis of 358 population-based surveys with 19 million participants. *The Lancet Glob Health*, [s. l.], v. 6, p.1077-1086, 2018.

HOLLIDAY, O. J. *Para sistematizar experiências*. 2. ed. Brasília: MMA, 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). *Coronavírus Disease (Covid-19) Dashboard: Brasil*. 2021. <https://covid19.who.int/region/amro/country/br>. Acesso em: 29 jan. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Global recommendations on physical activity for health*. Geneva: World Health Organization, 2010. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44399/9789241599979_eng.pdf?sequence=1. Acesso em: 21 maio 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of age*. 2019. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/311664>. Acesso em: 21 maio 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Statement on the Second Meeting of the International Health Regulations. Emergency Committee Regarding the Outbreak of Novel Coronavirus (2019-nCoV)*, 2020. Disponível em: https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019?gclid=EAlalQobChMlcW3qfLS6gIVARCRCh0jhwvrEAAAYASAAEgJeZfD_BwE. Acesso em: 29 jan. 2021.

INFORMAÇÕES SOBRE AS POSTAGENS DOS FOLHETOS DIGITAIS						
Downloads do site		Instagram @educacaoofisica.cav				
FOLHETOS	TOTAL	Total Curtidas	Total compartilhamentos	Total Alcance	Total de visitas ao perfil	Cliques no site
F. 1	261	40	12	181	48	21
F. 2	163	27	5	158	30	10
F. 3	654	25	7	189	42	19
F. 4.1	227	34	10	163	21	12
F. 4.2	99	18	1	145	0	0
F. 4.3	94	33	5	290	14	0
F. 4.4	101					
F. 5	117	29	11	158	2	1
F. 6	125	21	7	147	5	1
F. 6.1	74	19	3	181	7	6
F. 6.3	94	55	31	299	13	3
F. 6.4	61	66	17	258	23	0
F. 7.1	83	48	14	271	18	0
F. 7.2	60	39	4	217	6	1
F. 8.1	78	46	10	263	8	0
F. 8.2	61	40	5	249	13	0
F. ED. ESP.	53	28	4	201	3	0
F. 9	44	71	12	753	17	0
F. 10	107	24	8	184	4	1
Cartilha Brincar V.1	182	23	5	150	8	3
F. 11	50	61	10	292	9	0

Material Suplementar de exercícios	71					
F. 12	63	47	8	280	10	2
F. 13	30	40	6	253	3	0
F. 14	58	29	3	230	8	1
F. 15	49	83	25	330	15	1
F. 16	41	41	9	263	7	1
F. 17	32	48	6	291	4	0
F. 18	39	57	17	302	8	1
Cartilha Brincar V.2	61	22	1	199	1	0
F. 19	25	47	2	278	5	0
F. 20	27	35	7	239	3	0
F. 21	16	66	15	288	10	1
F. 22	24	58	21	310	7	0
F. 23	18	66	6	350	7	0

Fonte: Projeto “Atividade física em tempos de pandemia”, 2020.



AUTOPROTEÇÃO DE CRIANÇAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA

CHILDREN'S SELF-PROTECTION IN
THE PANDEMIC CONTEXT

Valeria Nepomuceno Teles de Mendonça

(Doutora em Serviço Social, Professora do
Departamento de Serviço Social, CCSA/UFPE)

Bianca David Souza

(Graduanda em Serviço Social, CCSA/UFPE)

Manuelle Joaquina Nunes da Silva

(Graduanda em Serviço Social, CCSA/UFPE)

Patricia Helena Santos do Nascimento

(Mestranda em Serviço Social, CCSA/UFPE)

Raquel dos Santos Monteiro

(Graduanda em Serviço Social, CCSA/UFPE)

Projeto de extensão “Autoproteção de crianças no contexto da pandemia”, cadastrado por meio do Edital 2020-01 – de Credenciamento de Programas e Projetos de Extensão. Coordenação: Professora Dra. Valeria Nepomuceno Teles de Mendonça, Departamento de Serviço Social, CCSA/UFPE; Professora Dra. Sandra Maria Batista Silveira, Departamento de Serviço Social, CCSA/UFPE.

Resumo:

Este artigo trata da experiência do projeto de extensão “Autoproteção de crianças no contexto da pandemia”, envolvendo professoras do Centro Municipal de Educação Infantil Professor Paulo Rosas, graduandos/as do curso de Serviço Social e Pedagogia e profissionais que atuam na política pública da criança e do adolescente. O projeto foi concebido e coordenado no âmbito do Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensões no campo da Política da Criança e do Adolescente (Gecria) e do Laboratório de Práticas em Serviço Social Araceli Cabreira Crespo (LAACC), ambos vinculados ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O artigo reflete, com base nos números oficiais das violências cometidas contra as crianças brasileiras, o aumento da vulnerabilidade de meninas e meninos provocado pelo isolamento social de suas famílias e pela paralisação das escolas devido à pandemia. O objetivo principal da ação extensionista foi disseminar a estratégia de autoproteção de crianças na primeira infância (de 0 a 6 anos de idade) enquanto prevenção à violência no contexto da pandemia provocada pela Covid-19. O artigo discute as estratégias metodológicas do projeto de extensão “Sensibilização das famílias para a prevenção às violências contra crianças no contexto da pandemia”; o perfil socioeconômico das famílias do CMEI Professor Paulo Rosas; a formação para disseminar conteúdos sobre autoproteção de crianças no contexto da pandemia e a inserção da prevenção às violências e autoproteção de crianças no Projeto Político-Pedagógico (PPP) do CMEI Professor Paulo Rosas.

Palavras-chave: Violência sexual. Autoproteção de crianças. Pandemia.

Abstract:

This article address the project “Autoproteção de Crianças no Contexto da Pandemia” which involves teachers from “Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Professor Paulo Rosas”, undergraduates from the Social Work and Pedagogy Courses and professionals working in the public policy of children and teenagers. The Project was conceived and coordinated by “Estudos, Pesquisas e Extensões no campo da Política da Criança e do Adolescente” (GECRIA) and “Laboratório de Práticas em Serviço Social Araceli Cabreira Crespo” (LAACC), both linked to

the Department of Social Service at Universidade Federal de Pernambuco. Based on the official figures for violence against Brazilian children. This article reflects the increased children's vulnerability to violence situations, with families in social isolation and the schools' shutdown due to the pandemic. The extension action's main objective was to disseminate the children's self-protection strategy in early childhood (0 to 6 years of age) while preventing violence in the pandemic context caused by COVID-19. The article discusses the methodological strategies of the extension project "Sensibilização das famílias para a prevenção às violências contra crianças no contexto da pandemia" by CMEI Professor Paulo Rosas; training to disseminate content on the children's self-protection in pandemic context and the violence prevention insertion and children's self-protection in the Political Pedagogical Project (PPP) of CMEI Professor Paulo Rosas.

Keywords: Sexual violence. Child self-protection. Pandemic.

1. Introdução

O Centro Municipal de Educação Infantil Professor Paulo Freire é fruto da parceria entre a Prefeitura do Recife e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Sua sede está localizada no *Campus* Recife da UFPE e conta com uma Comissão Gestora, vinculada à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e Qualidade de Vida (Progepe), composta por docentes de diferentes departamentos da UFPE, representantes da Secretaria de Educação do Recife e do próprio CMEI.

Em 2019, o Gecria realizou seu primeiro projeto de extensão em parceria com o CMEI (Autoproteção de Crianças na Primeira Infância), envolvendo as professoras, estudantes da graduação em Serviço Social e de Pedagogia, em parceria com o Centro Dom Helder Camara de Estudos e Ação Social (Cendhec)¹, com o objetivo de disseminar metodologias de autoproteção de crianças na primeira infância (de 0 a 6 anos de idade) enquanto estratégia de prevenção à violência sexual. Concluimos

1 O Centro Dom Helder Camara de Estudos e Ação Social (Cendhec) é uma entidade de defesa de direitos humanos especializada nos direitos humanos de crianças e adolescentes e no direito humano à moradia. Desenvolve projeto social de atendimento às crianças e adolescentes vítimas de violências e atua na formação de crianças com vistas a sua autoproteção.

a ação extensionista discutindo com os/as participantes a continuidade do projeto em 2020 e seus principais eixos, dentre eles o início do trabalho com as famílias das crianças do CMEI.

O ano de 2020 surpreendeu a sociedade com uma pandemia provocada pela Covid-19. A partir de 16 março, as atividades presenciais na UFPE foram suspensas. Várias instituições também deixaram de trabalhar presencialmente, estando entre elas escolas, centros de educação infantil e creches. O Gecria e o LAACC foram desafiados a adaptar a proposta do novo projeto para atuar em relação ao contexto da pandemia e às violências contra as crianças.

A vulnerabilidade das crianças aumenta substancialmente no contexto da doença com as famílias em isolamento social e escolas sem funcionar, considerando que, nesse momento, devemos estar mais atentos às crianças, cujo cuidado está sendo assumido exclusivamente pelas famílias. Tal situação pode parecer tranquila pois as pessoas costumam avaliar que as crianças estão protegidas em suas famílias e não acreditam que elas possam ser alvo de violências, mas os dados da realidade indicam que nem sempre isso acontece.

No ano de 2019, foram feitos 159 mil registros pelo Disque Direitos Humanos. Desse total, 86,8 mil foram violações de direitos de crianças ou adolescentes, cerca de 55% das denúncias, representando um aumento de quase 14% em relação a 2018. O total de registros dos casos de 2019 são dos seguintes tipos de violências: negligência (38%); violência psicológica (23%); violência física (21%); violência sexual (11%); violência institucional (3%); exploração do trabalho (3%) e outros (1%) (BRASIL, 2020).

A violência sexual corresponde a 11% das denúncias, o que diz respeito, em números absolutos, a 17 mil ocorrências. O local onde acontece essa violência, em 73% dos casos, é a casa da própria vítima ou do suspeito. Em 40% das denúncias, a violência é cometida pelo pai ou padrasto da vítima. Sobre as vítimas, 56% são do sexo feminino e 42% são crianças. Os números são altos, mas subnotificados. Por isso, não refletem a dimensão do fenômeno. Entre os principais motivos da subnotificação, estão a dificuldade das pessoas em identificar as situa-

ções como sendo violências, além do desconhecimento do fluxo da denúncia e do medo em realizá-la e ser implicado no processo de apuração do crime e de responsabilização do/a agressor/a.

O Gecria e o LAACC, preocupados com o contexto de isolamento e prevendo o aumento nos índices de violências cometidas contra as crianças, propuseram o projeto de extensão "Autoproteção de crianças no contexto da pandemia" e definiram como objetivo geral disseminar a estratégia de autoproteção de crianças na primeira infância (de 0 a 6 anos de idade) enquanto prevenção à violência no contexto da pandemia provocada pelas implicações sociais do combate à Covid-19. Já os objetivos específicos foram: a) promover momentos formativos sobre autoproteção de crianças com os/as trabalhadores/as do CMEI Professor Paulo Rosas e estudantes da graduação em Serviço Social e Pedagogia da UFPE; b) inserir no Projeto Político-Pedagógico do CMEI a prevenção à violência por meio de metodologias de autoproteção de crianças; c) elaborar um material informativo para as famílias do CMEI sobre prevenção às violências contra crianças no contexto da pandemia; d) produzir um instrumental para elaborar o perfil das famílias das crianças atendidas pelo CMEI; e e) implementar um Sistema de Planejamento, Monitoramento, Avaliação e Sistematização (PMAS) do projeto de extensão. A metodologia privilegiou ações formativas, de produção de documentos, de instrumental técnico e de comunicação.

A sistematização da execução do projeto de extensão foi organizada em quatro eixos principais: a) sensibilizar famílias para a prevenção às violências contra crianças no contexto da pandemia; b) compor o perfil socioeconômico das famílias do CMEI Professor Paulo Rosas; c) formar para disseminar conteúdos sobre autoproteção de crianças no contexto da pandemia; e d) Promover prevenção às violências e autoproteção de crianças no PPP do CMEI Professor Paulo Rosas.



2. Ações de Autoproteção de crianças no contexto da pandemia provocada pela Covid-19

2.1 Sensibilizar famílias para a prevenção às violências contra crianças durante a pandemia

O projeto de extensão, preocupado com a situação de isolamento e prevendo o aumento no número de violências cometidas contra as crianças, desenvolveu atividades com o objetivo de produzir material informativo para as famílias do CMEI sobre prevenção às violências contra crianças no contexto da pandemia.

O processo de produção dos materiais começou com o levantamento de referências e documentos sobre prevenção às violências contra crianças em situações de emergência. Nos diálogos com a equipe do CMEI, fomos convidadas para contribuir com o segundo Caderno do Centro Municipal, um material que havia sido criado para manter o vínculo com as crianças e suas respectivas famílias durante a pandemia e para ajudá-las a construir dinâmicas de rotinas, mantendo vivas as boas lembranças das crianças do CMEI Professor Paulo Rosas.

O segundo Caderno é um material dinâmico, lúdico e interativo, com o tema: Quem são vocês? Paulo Rosas outra vez! Alegria, alegria, hei, hei, Interações e Brincadeiras entre Crianças, Família e Escola. Dessa maneira, o Caderno compartilhado com as famílias foi composto por seis seções que refletem as concepções pedagógicas e ainda um pouco da história dos festejos juninos no CMEI. Essas seções são: Brincando de Arraial na Minha Casa, Músicas, Brincadeiras, Histórias, Receitas e Dicas Importantes.

A equipe da extensão fez suas recomendações, na seção Dicas Importantes, com o tema Proteção de Crianças na Pandemia. Assim, foram apresentadas orientações para garantir a proteção das crianças contra a Covid-19 (vide Apêndice A) e estimulou-se o diálogo das famílias com as crianças sobre a pandemia, de modo a explicar o que está acontecendo no mundo, por que as pessoas estão usando máscaras e por que precisam lavar sempre as mãos, higienizar as embalagens dos alimentos que

chegam da rua, usar álcool em gel, além de tantos outros cuidados. As crianças têm o direito de participar das questões que afetam a família, naturalmente respeitando sua idade e fase de desenvolvimento. Sugerimos também para as crianças a leitura da "Carta aos meninos e meninas em tempos de Covid-19", produzida pelo Fórum Mineiro de Educação Infantil (FMEI).

Na seção Dicas Importantes, aproveitamos para abordar a temática Criança em Casa, apresentando estratégias de prevenção contra acidentes domésticos. Foi sugerida aos pais a leitura de guias de autocuidados que estão no *site* Criança Segura Brasil. Também apresentamos estratégias de prevenção às violências contra crianças, a partir da indicação de acesso ao *link* de um vídeo produzido para o Serviço de Psicologia Aplicada da UFPE, com a Professora Valeria Nepomuceno, sobre a necessidade de garantir proteção às crianças durante a pandemia. A seção apresentou ainda os canais de comunicação das redes de apoio, importantes meios para a realização de denúncias e esclarecimentos, a exemplo dos conselhos tutelares, Departamento de Polícia da Criança e do Adolescente (DPCA) e Disque Direitos Humanos 100, que podem ser acessados por telefones, *sites* e redes sociais.

Além da contribuição no Caderno do CMEI, a equipe do projeto procurou criar um vínculo com as famílias através da produção de um pôster, que foi impresso pela Progepe da UFPE e entregue às famílias, juntamente com cestas básicas distribuídas pela Secretaria de Educação do Recife.

O pôster, voltado para a prevenção de violências, tratou de explicar o quanto esse tipo de abuso deixa marcas não só físicas, mas também psicológicas, fazendo com que a criança se sinta diminuída, confusa e humilhada, e também alertou para o fato de que a vivência das violências tem forte repercussão na vida adulta. O material também apresentou estratégias para evitar a violência física contra crianças, descreveu a forma como os atos violentos se manifestam e ocorrem, e abordou o que está presente na Legislação Brasileira sobre o tema, além de informar os contatos dos conselhos tutelares do Recife para a realização de denúncias. Mesmo se tratando

apenas de uma suspeita, é muito importante fazer a denúncia, que pode ser anônima. A ação foi divulgada nas redes sociais do Gecria, na Assessoria de Comunicação (Ascom) da UFPE e também em forma de matéria no *site* do Diário de Pernambuco. O fôlder ainda foi publicado no Portal da Educação do Recife, da Secretaria Municipal de Educação, além de ter circulado em grupos de WhatsApp.

2.2 Perfil socioeconômico das famílias do CMEI Professor Paulo Rosas

Quando o Estado, instituições ou organizações da sociedade civil desenvolvem suas ações voltadas para a sociedade através de projetos ou programas, é necessário partir da compreensão da realidade social das pessoas que vão ser atendidas e estarão envolvidas nas atividades. É fundamental para o alcance dos resultados esperados o conhecimento dos diferentes aspectos da vida social da população.

Desde as primeiras ações extensionistas no CMEI Professor Paulo Rosas, em 2019, a equipe do projeto de extensão pretendia uma aproximação com as famílias das crianças, a fim de conhecer sua realidade. Em 2019, planejamos elaborar e aplicar um instrumental para conhecer o perfil socioeconômico das famílias, mas, com a pandemia e a necessidade de isolamento social, sabíamos ser difícil o levantamento dessas informações. Apesar dos empecilhos, resolvemos ainda assim elaborar o instrumental para, quando a pandemia for superada, finalmente podermos dialogar presencialmente com as famílias.

O perfil socioeconômico é um instrumento importante no processo de investigação das necessidades da população. Ele nos permite explorar diversos aspectos do público com o qual se pretende trabalhar. Possibilita identificar, por exemplo, classes sociais, gêneros, idades, condições de habitação e de acesso a lazer, de modo a fazer compreender as demandas do público-alvo e a tornar as ações desenvolvidas mais qualificadas e mais próximas de atender as reais necessidades sociais das pessoas. A sistematização desse perfil fundamentará o

planejamento das ações futuras do projeto de extensão e dos/as profissionais envolvidos/as.

Para a construção do instrumental, a equipe do projeto de extensão realizou uma pesquisa bibliográfica sobre o perfil de famílias, preocupada especialmente com suas características econômicas e sociais. Depois de concluído o levantamento, foram definidos alguns artigos e dissertações para leitura e realizados fichamentos e discussões. Em seguida, a equipe foi dividida a partir das partes constitutivas do perfil a ser construído e cada subgrupo ficou responsável por elaborar questões que considerasse pertinentes ao propósito do projeto.

Todas as questões elaboradas foram fruto de leituras e discussões da equipe. O instrumental construído está dividido em nove seções: a) Identificação do Responsável Familiar; b) Qualificação Escolar e Profissional; c) Trabalho e Renda; d) Composição Familiar; e) Condições de Moradia; f) Condições de Infraestrutura Comunitária; g) Acesso aos Serviços e Equipamentos Públicos; h) Condições de Saúde; e i) Relação com o CMEI Professor Paulo Rosas.

As questões propostas no instrumental buscam identificar aspectos como a renda mensal da família, quantidade de pessoas residentes na mesma moradia, dificuldades de acesso à saúde e dificuldades de acesso aos serviços essenciais para o cuidado com as crianças. Essas questões podem nos revelar as demandas e necessidades das famílias na sua relação com o acesso às políticas públicas. O instrumental técnico é utilizado para a coleta de dados qualificada, pois, conhecendo mais da realidade concreta de cada família, também será possível realizar as orientações necessárias sobre as possíveis violações de direitos sofridas e os encaminhamentos para as instituições e equipamentos sociais responsáveis pelas respectivas demandas.

No contexto da pandemia causada pela Covid-19, as desigualdades sociais se tornam crescentes porque são potencializadas justamente em momentos de crise. Portanto, conhecer a realidade social e econômica de cada criança e de sua família é de suma importância tanto para a continuidade do projeto de extensão quanto para o próprio CMEI, que não dispõe de profissionais de Serviço Social para desenvolver essa ação.

2.3 Formar para disseminar conteúdos sobre autoproteção de crianças no contexto da pandemia

O tema da autoproteção de crianças chega ao Brasil tardiamente, se compararmos com o tempo de sua divulgação em outros países da América Latina. Discutir metodologias para crianças que visam à sua autoproteção nos casos de violência, em especial a violência sexual, não é tarefa fácil no atual contexto brasileiro, no qual determinados campos de estudo têm sido confrontados por ideias conservadoras. A autoproteção de crianças passa necessariamente por sua capacidade de reconhecer e denominar as partes do seu corpo, ser ensinada a dizer não aos toques que ela reconhecer como abusivos e também ser orientada e estimulada a procurar ajuda quando acontecer algo que ela considere errado. Porém, especialmente os conteúdos relacionados às partes do corpo de uma criança são temas da educação sexual, campo que tem sido duramente combatido nos últimos anos no Brasil, chegando-se ao despautério de se afirmar que educação sexual é ensinar as crianças a praticarem sexo.

As ideias conservadoras estão presentes em todos os espaços da sociedade, nas famílias, escolas, instituições de execução de políticas públicas e outros. A universidade pública precisa cumprir seu papel de disseminar o conhecimento científico de forma a beneficiar diretamente a população e principalmente as crianças, que são um dos segmentos mais vulneráveis e ao mesmo tempo considerado prioridade absoluta pela Lei 8.069/1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Art. 4º. É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

A universidade deve contribuir para qualificar profissionais (em formação ou já graduados) para saberem

construir, junto às crianças, estratégias de autoproteção. Tal disposição levou o Gecria e o LAACC a inserirem no projeto de extensão a formação para o público dos/as trabalhadores/as do CMEI Professor Paulo Rosas, estudantes da graduação em Serviço Social e Pedagogia da UFPE e profissionais que atuam na política da criança e do adolescente.

A formação foi planejada para o ambiente virtual em decorrência da necessidade de manter o isolamento social durante a pandemia. Inscrevemos 87 pessoas e concluímos a formação com 68 participantes. Em cada dia de aula, a coordenadora do projeto criava, no Google Meet, um *link* de reunião e compartilhava com a turma. Os conteúdos das aulas foram ministrados por 11 professores/as e profissionais especialistas nos temas. Elaboramos uma tabela (vide Apêndice B) com a relação dos temas das aulas e algumas das principais referências trabalhadas durante a formação. Os propósitos de abordar esses temas foram: consolidar a compreensão da criança como sujeito dotado de direitos, apresentar os direitos garantidos em diferentes marcos legais, alertar para assuntos invisibilizados na formação dos/as graduandos/as, a exemplo da discriminação racial, violência sexual e casamento infantil, expor o papel do Conselho Tutelar, a Agenda 2030 da ONU e seus 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e também apresentar estratégias de prevenção às violências contra crianças.

Criamos dois canais de comunicação com a turma: um grupo de WhatsApp e um *e-mail*. Enviamos artigos, vídeos e documentos, tais como relatórios e legislações, e elaboramos um modelo de ficha de leitura, sugerindo o registro dos seguintes elementos: tipo de documento, referência, objetivos e conteúdo central, estrutura do documento, principais ideias e argumentos do/a autor/a, destaques e dúvidas.

Cada aula teve duração de duas horas, sendo destinados em média 40 minutos para a exposição do assunto, tempo durante o qual alguns convidados apresentaram *slides* e vídeos. O tempo restante foi dedicado para debate, levantamento de dúvidas, esclarecimentos e comentários gerais. A metodologia surtiu bons resultados,

principalmente porque os participantes já se aproximavam do tema a partir do material enviado antes dos encontros. A cada final de aula, as bolsistas encaminhavam para o grupo um formulário de avaliação para conhecer a opinião de cada um/a sobre o desenvolvimento da aula e levantar sugestões. Também aproveitavam para registrar as presenças.

A fim de avaliar a formação, solicitamos que produzissem vídeos individuais, uma estratégia para aproximar mais algumas pessoas que nem sempre deixavam as câmeras ligadas durante as aulas. Também deixamos aberta a possibilidade de registrar por escrito sua avaliação, para aqueles que assim preferirem. Realizamos um encontro específico da turma para a avaliação final do processo. Preparamos *slides* com a síntese dos conteúdos da avaliação dos participantes e apresentamos no encontro. A formação foi bem avaliada. Os participantes ressaltaram a visibilidade dada para temas relevantes, mas que são pouco abordados na academia e nos ambientes de trabalho, e registraram que os materiais socializados eram de excelente qualidade. Os/as professores/as foram elogiados/as pelo domínio da temática abordada. Além disso, identificaram que a formação “contribuiu para evidenciar o enfrentamento às violações de direitos no contexto da pandemia e para visibilizar os desmontes das políticas públicas voltadas ao público infanto-juvenil” (UFPE, 2020b). Alguns depoimentos:

O curso contribuiu bastante na minha prática profissional, já apresentei alguns temas a colegas de trabalho e apliquei alguns aprendizados sobre autoproteção com algumas crianças.

A formação contribuiu totalmente para mim enquanto ser humano e futura assistente social. Muitas aulas tiveram abordagens ricas e inéditas para mim, como, por exemplo, a do casamento infantil.

Encontrei na área, por meio do curso, um forte interesse em realizar pesquisas nesse campo e, além disso, obtive a oportunidade de desenvolver um artigo sobre o tema (UFPE, 2020b).

O momento final do encontro avaliativo foi destinado para se ouvir a opinião dos/as participantes sobre o que poderia ser melhorado. Os principais comentários foram sobre o tempo. Sugeriram mais horas-aulas. Também apontaram que o fato de terem sido promovidos encontros virtuais fez com que algumas pessoas não participassem (falassem), como acontece nos encontros presenciais. Alguns/as participantes reconhecem que exercitam mais a escuta, que não existe comparação possível entre aula presencial e o ambiente virtual, mas foi justamente por estarmos em contexto de pandemia que muitos/as afirmaram que a formação foi importante em suas vidas.

2.4 Prevenção às violências e autoproteção de crianças no Projeto Político-Pedagógico (PPP) do CMEI Professor Paulo Rosas

O objetivo de inserir no Projeto Político-Pedagógico do CMEI a prevenção à violência por meio de metodologias de autoproteção de crianças foi sendo desenhado desde o projeto de extensão de 2019, que aproximou a equipe do CMEI do tema da autoproteção de crianças pequenas e das metodologias para garantir essa estratégia de prevenção.

O projeto de extensão, executado no contexto da pandemia, estimulou a equipe do CMEI Professor Paulo Rosas a rever o seu PPP. O atual projeto do CMEI está estruturado em sete partes, que incluem: a) Introdução; b) Base Legal; c) Caracterização da Unidade Educativa; d) Princípios Educativos Orientadores da Prática Pedagógica; e) Reuniões de Avaliação; f) Planejamento Geral; e g) Referências Bibliográficas (RECIFE, 2019).

Produzimos um documento denominado Subsídios Técnicos para Revisão do Projeto Político-Pedagógico do CMEI Professor Paulo Rosas. Tais subsídios incidiram nos seguintes aspectos do PPP: sua base legal; os princípios educativos; as reuniões de avaliação e planejamento; e as referências. Os subsídios também incluem estratégias para a consolidação do processo de revisão do PPP do CMEI.

O documento inicia com os dados do contexto em relação às violências contra as crianças e depois apresenta,

no item da Base Legal, o estudo que realizamos em oito documentos (marco legal), que estabelecem interface com a primeira infância e seus direitos, sendo eles: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU; Estatuto da Criança e do Adolescente; Marco Nacional da Primeira Infância; Plano Nacional da Primeira Infância; Marco da Primeira Infância do Recife; Plano da Primeira Infância do Recife e a Política de Ensino da Rede Municipal do Recife; e as competências gerais da BNCC. São destacados os artigos e partes dos documentos que possuem relação direta com o tema da prevenção às violências e autoproteção de crianças com a sugestão para serem incorporadas ao PPP do CMEI, ampliando significativamente sua base legal.

O atual PPP do CMEI apresenta os Princípios Educativos Orientadores da Prática Pedagógica da unidade de ensino. Sugerimos para o CMEI incorporar a seu princípio mais amplo e aos princípios norteadores do seu PPP, além dos que já constam no documento (participação, solidariedade, justiça social, igualdade e respeito às diferenças), o princípio da proteção das crianças contra todas as formas de violência.

Observamos que o PPP destacava dois elementos essenciais quando tratamos da prevenção às violências cometidas contra as crianças: o cuidar e a escuta. Cuidar também significa orientar a criança pelo caminho da autoproteção, entendendo que existe uma possibilidade real de que, em algum momento de sua vida, ela possa enfrentar uma situação de ameaça ou mesmo de violência. O cuidar implica preparar a criança para identificar essas situações e procurar ajuda de uma pessoa da sua confiança. Da mesma forma, todos/as precisam exercer a escuta da criança. Especialmente os/as adultos/as precisam acreditar na fala da criança, valorizar o que ela lhes conta e estar sempre prontos/as para o apoio, a compreensão e a ajuda que ela merece e para os quais tem direito. Por isso, sugerimos a inclusão de mais um princípio, que também é considerado essencial para o desenvolvimento do trabalho pedagógico vivenciado no CMEI Professor Paulo Rosas: prevenir as violências contra a criança, desenvolvendo um trabalho que vise a sua autoproteção e sensibilização de funcionários/as do CMEI e das famílias para o tema.

A dinâmica de avaliação das ações previstas no PPP do CMEI inclui a participação de todos os profissionais, em pequenos grupos, discutindo temáticas consideradas fundamentais para o trabalho pedagógico. “A função de cada um dos grupos de discussão é identificar dentro de cada tema o que está funcionando e o que precisa melhorar, apresentando sugestões nessa direção” (RECLIFE, 2019, p. 22). Em plenária, cada grupo apresenta suas discussões e é realizado um debate com todos os presentes. O resultado desse trabalho indicará as ações para o ano seguinte.

No ano de 2019, o CMEI trabalhou com oito Grupos de Trabalho (GTs): GT 1 – Cuidados com a saúde; GT2 – Rotina de Horários; GT3 – Limites; GT4 – Organização do Ambiente; GT5 – Família no Ambiente Escolar; GT6 – Planejamento de Atividades; GT7 – Avaliação das Crianças, das Práticas, da Instituição e da Documentação; e GT 8 – Atitudes Inclusivas Junto às Crianças com Dificuldades Específicas mais Acentuadas.

A equipe da extensão considerou estratégico indicar a abertura de um novo GT específico para o assunto Autoproteção, com o objetivo de promover mais visibilidade para o tema e orientar melhor as ações que precisam ser desenvolvidas para que de fato a prevenção e autoproteção contra as violências possam ser assumidas na dinâmica de planejamento e avaliação do CMEI. Nesse sentido, propomos a criação do GT 2 – Prevenção e Autoproteção de Crianças contra as Violências, cujas ações pudessem ser planejadas para o ano de 2021.

Sugerimos também que o tema fosse incluído nas ações definidas para o atual GT5 – Família no Ambiente Escolar, considerando ser impossível alcançarmos a prevenção às violências contra as crianças sem o envolvimento direto das famílias.

Na parte das referências do PPP, elencamos outras 16 fontes que estabelecem relação com o tema da prevenção às violências e autoproteção de crianças e que podem contribuir com o conteúdo e o texto do PPP revisado. Concluímos os subsídios técnicos com a indicação de estratégias para consolidar as alterações necessárias no PPP.

3. Considerações finais

O contexto da pandemia e seus impactos sobre as crianças foi a motivação principal para o desenvolvimento do projeto de extensão. A experiência demonstrou que, em situações de emergência, o cuidado com a criança deve ser ampliado, tanto por parte da sua família quanto pelos/as profissionais que executam política pública para o segmento da população infantojuvenil.

A ação extensionista criou as seguintes estratégias para enfrentar o cenário da pandemia: 1) tratar do problema das violências cometidas contra as crianças; 2) difundir a ideia da autoproteção de crianças enquanto metodologia de prevenção às violências; e 3) influenciar o Projeto Político-Pedagógico do Centro Municipal. Tais estratégias estavam articuladas durante todo o período de execução do projeto, dialogando entre si. Identificamos, como primeira estratégia, aquela dirigida à sensibilização das famílias das crianças do CMEI Professor Paulo Rosas para o tema da prevenção às violências. As informações fornecidas no Caderno 2 do Centro Municipal e no pôlder produzido alcançaram um público maior do que o planejado no início do projeto. A publicação do pôlder alcançou diretamente todas as unidades da educação infantil. Os dados do ano de 2018 revelam que foram matriculados em Recife, na educação infantil pública, 51.282 crianças. Os materiais circularam em diferentes redes sociais, alcançando outros públicos, além das famílias do CMEI e seus profissionais. Os conteúdos são esclarecedores e estimularam o interesse pelo tema, como ficou demonstrado pelos retornos que a equipe obteve através de contatos informais. O resultado nos leva a defender a produção de materiais educativos com o tema das violências contra crianças para a população em geral e para os/as profissionais das políticas públicas, em especial os/as que atuam na educação infantil.

Na estratégia voltada às famílias do CMEI Professor Paulo Rosas, incluímos ainda a elaboração do instrumental do seu perfil socioeconômico. O sucesso dessa ação inicia com a oportunidade oferecida às bolsistas do projeto, graduandas em Serviço Social, de participar

do processo de construção de um instrumental técnico estratégico para os/as assistentes sociais na sua atuação profissional. Conhecer a realidade socioeconômica das pessoas e das suas comunidades é essencial para encontrar os melhores encaminhamentos e soluções para as demandas da população atendida.

Os integrantes da equipe do CMEI demonstraram entusiasmo e interesse em relação ao perfil das famílias para o melhor planejamento de suas próprias ações voltadas a esse público. Reconhecem a lacuna que a educação tem por não possuir, ainda, em sua equipe, um/a profissional do Serviço Social². Sabiamente, a equipe do CMEI reconhece a relação da sua ação pedagógica com o campo de conhecimento do Serviço Social. A aplicação do instrumental, no contexto de controle da pandemia ou na pós-pandemia, será uma experiência que deverá alcançar outras unidades da educação infantil que conhecem as famílias das crianças de forma superficial. A própria equipe do CMEI Professor Paulo Rosas deseja acessar, futuramente, a sistematização desse perfil, porque empiricamente já reconhece que vêm ocorrendo mudanças significativas nas características das famílias, principalmente na sua condição socioeconômica.

A formação para disseminar conteúdos sobre autoproteção de crianças no contexto da pandemia foi a segunda estratégia definida. Conseguimos contar com professores/as e especialistas nas temáticas abordadas, que ministraram as aulas e envolveram positivamente os/as participantes nos diálogos que foram travados. Os resultados são surpreendentes, a exemplo de uma aluna que, durante a formação, resolveu escrever um artigo relacionado a um dos temas das aulas para uma disciplina do semestre remoto 2020.3 da UFPE. Também chamou nossa atenção, como resultado positivo, a sensibilização de uma assistente social participante que passou a refletir a sua prática profissional articulada ao tema do casamento infantil e resolveu participar da seleção do Mestrado em Serviço Social, abordando o tema na ela-

2 Lei Nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica.

boração do seu pré-projeto. Depois de cumprir todas as fases do processo de seleção, ela foi aprovada.

Não foram apenas relatos de aprendizagens com a formação, mas de mudanças de atitudes frente às crianças, desde aqueles meninos e meninas do ambiente familiar de quem participou da formação, como também atendidos nas instituições nas quais os/as profissionais atuam. A sensibilização e formação das pessoas para os temas e a relação deles com o contexto da pandemia permanecem sendo fundamentais para prevenir e denunciar casos de violências contra crianças. Isso porque muitos/as dos/as participantes não conheciam o fluxo e as instituições envolvidas na denúncia de violências e muitos/as não estabeleciam relação entre os temas e o contexto da pandemia, como o aumento de casos de violência sexual nesse contexto e o aumento dos casos de casamento infantil. Na verdade, sobre o casamento infantil, quase todos os participantes desconheciam que o fenômeno está presente no Brasil e que a pandemia pode potencializar negativamente suas expressões relacionadas ao aumento do empobrecimento das famílias. Outro tema que podemos considerar como novo para os/as participantes é a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da ONU e seus 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. A aula foi ministrada por uma ativista do Pará, que participa de experiências de monitoramento da Agenda, representando a sociedade civil.

A prevenção às violências contra meninos e meninas e o fomento da autoproteção de crianças no Projeto Político-Pedagógico (PPP) do CMEI Professor Paulo Rosas foram a última estratégia adotada pelo projeto de extensão. Para tanto, foi exigida muita dedicação, estudo, pesquisa e aproximação com conhecimentos que não são necessariamente do campo de estudos da equipe de execução do projeto, a exemplo do tema projeto político-pedagógico das unidades de educação. A sistematização produzida, denominada de Subsídios Técnicos para revisão do Projeto Político-Pedagógico do CMEI Professor Paulo Rosas, foi apresentada e discutida com a equipe do CMEI. Os subsídios foram recebidos com

muito entusiasmo pelos profissionais, que os avaliaram como enriquecedores para o processo futuro de revisão do PPP.

Destacamos que, desde 2019, o Gecria buscava a aproximação com os/as estudantes do curso de Pedagogia. Por isso, foram priorizadas as vagas para formação de alunos/as do curso. O diálogo estabelecido com os/as estudantes foi fortalecido em 2020, quando conseguimos incorporar ao próprio grupo de pesquisa alunas da Pedagogia. Em 2021, recebemos uma aluna de Pedagogia, bolsista do Programa de Bolsas de Incentivo Acadêmico (BIA), da Proexc UFPE, que também comporá a equipe de execução do projeto de extensão em sua versão 2021. Os/as pedagogos/as são essenciais para introduzir, nas ações pedagógicas das unidades da educação infantil, os princípios da prevenção às violências contra as crianças e as metodologias de autoproteção de meninos e meninas. O estreitamento da relação do Serviço Social com o campo da Pedagogia não seria possível sem a vivência da extensão universitária, revelando, mais uma vez, o seu potencial e contribuição para a interdisciplinaridade entre diferentes campos de conhecimento para construção de respostas às demandas da sociedade e mais particularmente da classe trabalhadora.

A produção do documento Subsídios Técnicos aponta para continuidade do projeto e para a sua contribuição com todo o processo de revisão do PPP do CMEI. O projeto de extensão referencia o Gecria e o LAACC no objetivo maior de influenciar a política municipal de educação infantil do Recife, para que todas as crianças da educação infantil da cidade possam contar com profissionais preocupados e qualificados na prevenção de violências contra elas. A experiência do projeto de extensão de 2019 e de 2020 (mesmo no contexto pandêmico) produziu conhecimentos preciosos que fortalecem nosso interesse e o diálogo da academia com o campo da sociedade e das políticas públicas e vislumbram o potencial da extensão universitária para impactar positivamente a qualidade de vidas das crianças, colocando-as a salvo de qualquer tipo de violência.

Referências

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. *Disque Direitos Humanos: Relatório 2019*. Brasília, DF: Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/acesso-a-informacao/ouvidoria/Relatorio_Disque_100_2019_.pdf. Acesso em: 28 dez. 2020.

BRASIL. *Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, seção 1, Brasília, DF, 27 set. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 21 dez. 2020.

BRASIL. *Lei n. 13.935, de 11 de dezembro de 2019*. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Diário Oficial da União, seção 1, Brasília, DF, 11 dez. 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm. Acesso em: 21 dez. 2020.

FÓRUM MINEIRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL (FMEI). *Carta às meninas e aos meninos em tempos de Covid-19*. Belo Horizonte: FMEI, 2020. Disponível em: https://issuu.com/eduinfantilleituraescrita/docs/fmei_carta_final. Acesso em: 21 jan. 2021.


RECIFE. Prefeitura da Cidade. *Projeto Político-Pedagógico do Centro Municipal de Educação Infantil Professor Paulo Rosas*. Recife: Secretaria de Educação do Recife, 2019.

RECIFE. Prefeitura da Cidade. *Quem são vocês? Paulo Rosas outra vez! Alegria, alegria, hei, hei. Interações e brincadeiras entre crianças, família e escola*. Recife: Secretaria de Educação do Recife, 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE). *Pandemia e violência contra a criança*. Recife: Gecria, Proexc UFPE, 2020a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE). *Relatório do projeto de extensão Autoproteção de Crianças no Contexto da Pandemia*. Recife: Gecria, LAACC, UFPE, 2020b.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE). *Subsídios técnicos para revisão do Projeto Político Pedagógico do CMEI Professor Paulo Rosas*. Recife: Gecria, LAACC, UFPE, 2020c.



APÊNDICE A – Relação de *sites* e *links* relacionados à ação para sensibilizar famílias para a prevenção às violências contra crianças no contexto da pandemia

CRIANÇA SEGURA BRASIL. *Publicações*: Mantenha-se atualizado e baixe alguns materiais. Disponível em: <https://criancasegura.org.br/publicacoes/>. Acesso em: 5 mar. 2021.

FÓRUM MINEIRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL (FMEI). *Carta às meninas e aos meninos em tempos de Covid-19*. Belo Horizonte: FMEI, 2020. Disponível em: http://www.mieib.org.br/wp-content/uploads/2020/04/FMEI_carta_final.pdf. Acesso em: 5 mar. 2021.

RECIFE. Prefeitura da Cidade. *Portal da Educação do Recife*. Disponível em: <http://www.portaldaeducacao.recife.pe.gov.br/>. Acesso em: 5 mar. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE). Assessoria de Comunicação (Ascom). *CMEI Professor Paulo Rosas recebe ação de conscientização sobre violência contra a criança no contexto da pandemia*. Recife, Notícias Ascom, 26 ago. 2020. Disponível em: https://www.ufpe.br/observatorio-covid-19/comunicacao/noticias-ascom/-/asset_publisher/hdBGtsdgb5Ee/content/cmei-professor-paulo-rosas-recebe-acao-de-conscientizacao-sobre-violencia-contra-a-crianca-no-contexto-da-pandemia/40615. Acesso em: 5 mar. 2021.

VIOLÊNCIA sexual contra crianças/adolescentes: prevenção e denúncia. Prof^a Valéria Nepomuceno (UFPE), 2020. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Serviço de Psicologia Aplicada - SPA UFPE. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hZ8mBsp6PyE&feature=youtu.be&ab_channel=Servi%C3%A7odePsicologiaAplicada-SPAUFPE. Acesso em: 5 mar. 2021.

VIOLÊNCIA contra a criança em meio à pandemia da Covid-19. *Diário de Pernambuco*, Recife, 26 ago. 2020. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/08/violencia-contr-a-crianca-em-meio-a-pandemia-da-covid-19.html>. Acesso em: 5 mar. 2021.

APÊNDICE B – Aulas e principais referências

AULAS	REFERÊNCIAS
30 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente: avanços, desafios e tendências para sua implementação	BRASIL. <i>Lei n. 8.069/1990 de 13 de julho de 1990</i> . Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário da União, seção 1, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm . Acesso em: 5 mar. 2021.
Educação em tempos de pandemia: impactos para as crianças	MELLO, Ana Maria; NEGREIROS, Fauston; ANJOS, Cleriston Izidro. <i>Retorno à creche e à escola: direitos das crianças, suas famílias e suas/seus educadoras/es - gestoras/es, professoras/es e funcionárias/os</i> . Teresina: EDUFPI, 2020. 34 p. FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. <i>Estudos e Pesquisas em Psicologia</i> , Rio de Janeiro. v. 7, n. 1, p. 147-160, 2007.
Educação antirracista para crianças	RACHID, Laura. Entenda o que é uma educação antirracista e como construí-la. <i>Revista Educação</i> , Pinheiros, 23 jun. 2020. Disponível em: https://revistaeducacao.com.br/2020/06/23/educacao-antirracista/ . Acesso em: 5 mar. 2021. SANTIAGO, Flávio. Creche e racismo. <i>Revista Eletrônica de Educação</i> , São Paulo, v. 9, n. 2, p. 441-460, 2015. SANTIAGO, Flávio. Educação das relações étnico-raciais na creche. <i>Olh@res</i> , Guarulhos, v. 4, n. 1, p. 254-268, 2016.

Maus-tratos contra crianças no contexto da pandemia

BARROS, Amailson Sandro de; FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: consequências e estratégias de prevenção com pais agressores. *Pensando Família*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 102-114, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200009. Acesso em: 5 mar. 2021.

BRASIL. *Lei n. 8.069/1990 de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário da União, seção 1, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 5 mar. 2021. Artigos: 18-A, 18-B, 70-A e 13.

BRASIL. *Lei n. 13.010/2014 de 26 de junho de 2014*. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para estabelecer o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante, e altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário da União, seção 1, Brasília, DF, 24 jun. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13010.htm. Acesso em: 5 mar. 2021.

OLIVEIRA, Márcia (org.). *Pelo fim dos castigos corporais e do tratamento cruel e degradante: manual de sensibilização para conselheiros tutelares, conselheiros de direitos e profissionais do sistema de garantia de direitos*. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2013. Disponível em: http://naobataeduque.org.br/site2017/wp-content/uploads/2017/11/Manual-Pelo-fim-dos-castigos-corporais-e-tratamento-degradante_RNBE.pdf. Acesso em: 5 mar. 2021.

<p>Violência sexual e autoproteção de crianças no contexto da pandemia</p>	<p>ARCARI, Caroline. <i>Pipo e Fifi: Ensinando proteção contra violência sexual</i>. Ilustrações de Isabela Santos. 5. ed. Curitiba: Caqui, 2018.</p> <p>ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE PERNAMBUCO (Alepe). <i>Análise da situação dos direitos da primeira infância de Pernambuco</i>. Recife: Alepe, 2020. 116 p.</p> <p>CENTRO DE DEFESA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. (Cedeca). <i>Autoproteção de Crianças: guia para pais e educadores</i>. Natal: Cedeca, 2012.</p> <p>ESCARTIN, Maggie. <i>Manual de desenvolvimento de condutas de autoproteção</i>. Reino Unido: Save the Children, 2004.</p> <p>LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra; FRANCISCO, Marcos Vinicius. Proposta de formação continuada na área da prevenção ao abuso sexual de crianças: o desenvolvimento de condutas de autoproteção. <i>In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 2012, Campinas. Anais [...]</i>. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2020.</p> <p>MENDONÇA, Marcelo Teles de. A violência sexual contra crianças e adolescentes e a legislação pertinente. <i>In: SILVA, Aristóteles Veloso da; OLIVEIRA, Paula Vanusa de Santana Tavares; GONÇALVES, Rosineide Maria (org.). Programa CapacitaSUAS no estado de Pernambuco: experiências temáticas dos cursos de ensino a distância</i>. Caruaru: Editora Asces, 2018.</p> <p>PEDROSA, Aparecida <i>et al.</i> <i>A família esperta: como reconhecer os sinais de violência sexual em crianças e adolescentes</i>. Recife: Cendhec, 2007.</p>
<p>Os riscos do aumento dos casos de casamento infantil no contexto da pandemia e pós-pandemia</p>	<p>PLAN INTERNATIONAL BRASIL. <i>Tirando o véu: estudo sobre casamento infantil no Brasil</i>. São Paulo: Plan Internacional Brasil, 2019.</p> <p>SANTIAGO, Viviana. Casamento infantil: as meninas não podem ser deixadas para trás. <i>Le Monde Diplomatique Brasil</i>, São Paulo, 21 ago. 2020.</p>

<p>As crianças e adolescentes em situação de rua e os riscos no contexto da pandemia</p>	<p>ESPÍRITO SANTO JÚNIOR, João Batista do; LIMA, Itamar Sousa de. População em situação de rua e o sistema único de assistência social. <i>In: SILVA, Aristóteles Veloso da; OLIVEIRA, Paula Vanusa de Santana Tavares de; GONÇALVES, Rosineide Maria (org.). Programa CapacitaSUAS no estado de Pernambuco: experiências temáticas dos cursos de ensino a distância.</i> Caruaru: Editora Asces, 2018.</p> <p>RECIFE. Conselho Municipal de Defesa e Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente (Comdica). <i>Plano municipal de enfrentamento à situação de rua de crianças e adolescentes</i>, 18 abr. 2018.</p>
<p>Os fluxos da notificação das violências contra crianças</p>	<p>OLIVEIRA, Ademir Soares de. <i>Violência sexual intrafamiliar e atitude da genitora da vítima: uma análise a partir dos vínculos familiares e da Economia Familiar.</i> 2016. Dissertação (Mestrado em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social) – Departamento de Ciências Domésticas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2016.</p>
<p>O papel do Conselho Tutelar na defesa dos direitos das crianças</p>	<p>NÓBREGA, Geraldo. Conselho Tutelar: um braço forte da sociedade. <i>In: SILVA, Fernando. GUIMARÃES, Beatriz (org.). Nas Trilhas da Proteção Integral: 25 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente.</i> Recife: Instituto Brasileiro Pró-Cidadania, 2015.</p>
<p>A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da ONU e seus 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável</p>	<p>NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Casa ONU Brasil, Brasília, 2021. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs. Acesso em: 5 mar. 2021.</p> <p>ESTRATÉGIA ODS. <i>O que são os ODS?</i> [S. l.: s. n.]. Disponível em: https://estrategiaods.org.br/o-que-sao-os-ods/. Acesso em: 5 mar. 2021.</p> <p>FUNDAÇÃO ABRINQ. <i>A Criança e o Adolescente nos ODS.</i> 1. ed. São Paulo: Fundação Abrinq, 2020.</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.



BEM-ESTAR E SAÚDE MENTAL NA QUARENTENA: uma programação pedagógico- cultural realizada virtualmente

WELFARE AND MENTAL HEALTH
IN QUARANTINE: a pedagogical-
cultural program held virtually

Viviane dos Santos Louro

(Doutora em Neurociências, Professora do
Departamento de Música, CAC/UFPE)

Sabrina Gomes Venâncio

(Graduanda em Pedagogia, CE/UFPE)

Anieli Gomes do Nascimento

(Graduanda em Música, CAC/UFPE)

Késsia Alexandre Correia

(Graduanda em Música, CAC/UFPE)

Lívia Leandro Freire da Silva

(Graduanda em Música, CAC/UFPE)

Este texto relata a experiência do “Probem do CAC - programa para o bem-estar e saúde mental da comunidade do Centro de Artes e Comunicação da UFPE”, registrado por meio do Edital 2020-01 – de Credenciamento de Programas e Projetos de Extensão. Coordenação: Profa. Viviane dos Santos Louro. Docentes: Prof. Artur Duvivier Ortenblad; Prof. Carlos Sandroni; Prof. Guilherme Lima Moura; Prof. Ney Brito Dantas; Prof. Pedro Augusto Huff. Servidores técnico-administrativos: Alery Felinto Santana; Cynthia Maria Rodrigues Lins Ribeiro; Joene Maria Crespo Costa. Estudantes: Amanda Tamiris da Silva Morais; Ana Suellen Luna dos Passos; Anieli Gomes do Nascimento; Felipe Burkhardt Costa; José Paulo do Nascimento Junior; Livia Leandro Freire da Silva. Outros membros: Bruna Beatriz Guimaraes da Silva; Gustavo Andrade Maciel; João Paulo Barbosa de Albertim; Plínio Gladstone Duarte.

Resumo:

Este relato expõe as ações realizadas pelo “Probem do CAC – programa para o bem-estar e saúde mental da comunidade do Centro de Artes e Comunicação da UFPE” no decorrer de 2020, durante a quarentena e o isolamento social devidos à pandemia do novo coronavírus. O “Probem do CAC” visa acolher e encaminhar os alunos em sofrimento psíquico, bem como promover ações para melhoria do bem-estar e da qualidade de vida da comunidade do CAC. Durante a suspensão das atividades presenciais da UFPE por conta da Covid-19, a iniciativa ofereceu uma programação virtual distribuída em *lives*, entrevistas, aulas abertas, grupos de estudos, rodas de conversas e apresentações artísticas. Os temas abordados foram variados e atingiram um público de aproximadamente dez mil pessoas. Mesmo com a volta presencial das atividades, o “Probem” pretende dar continuidade às ações virtuais, dado o alcance e o benefício dessa experiência em 2020.

Palavras-chave: Acolhimento. Bem-estar. Quarentena. Campanha. Isolamento.

Abstract:

This report present the activities made by “Probem do CAC – programa para o bem-estar e saúde mental da comunidade do Centro de Artes e Comunicação da UFPE” in 2020, during quarantine and social isolation due to New Coronavirus pandemic. “Probem do CAC” aims at welcoming and guiding students suffering from psychological distress, as well as promoting actions to improve the well-being and the CAC community quality of life. During the suspension of UFPE’s face-to-face activities because of COVID-19, the program offered a series of virtual activities, including live interviews, open classes, study groups, conversation circles and artistic presentations. The topics covered varied and reached an audience of approximately ten thousand people. Even after the return of face-to-face activities, “Probem” intends to continue the virtual actions, given the scope and benefits of this experience in 2020.

Keywords: Reception. Welfare. Quarantine. Campaign. Isolation.

1. O "Probem do CAC"

Os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) mostram que 5,8% (11.548.577) da população brasileira tem depressão e 9,3% (18.657.943) possui ansiedade, sendo o nosso país considerado o mais ansioso do mundo (OMS, 2017). De acordo com Fernandes *et al.* (2018, p. 2345), esses dados são reflexos da “dinâmica da sociedade moderna, que contribui para o surgimento de transtornos mentais e comportamentais, sobretudo a ansiedade, o estresse e a depressão, que se tornaram doenças muito comuns nos consultórios médicos”.

Foi pensando na importância de acolher e tentar minimizar o adoecimento emocional que assola as pessoas atualmente que foi criado, em 2018, por docentes e discentes do Departamento de Música da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o “Probem do CAC - programa para o bem-estar e saúde mental da comunidade do Centro de Artes e Comunicação da UFPE”. Essa iniciativa visa promover ações sobre saúde mental, bem-estar e qualidade de vida, bem como acolher os estudantes e funcionários do CAC a partir de uma escuta empática e direcionar os que apresentam sintomas de adoecimento mental ou risco de suicídio para serem acompanhados terapêuticamente (pelos órgãos com-

petentes da UFPE ou por redes de apoio parceiras fora da universidade).

O "Probem do CAC", até o começo de 2020, ofereceu gratuitamente à comunidade interna e externa da UFPE palestras sobre temas como suicídio, depressão, dependência química, dentre outras temáticas; produziu, também, rodas de conversas sobre saúde mental na rotina do estudante, além de oficinas de resiliência e meditação¹. Em 2019, o "Probem" promoveu um mapeamento para verificar possíveis vulnerabilidades na saúde mental dos estudantes do Departamento de Música, com o intuito de melhorar a permanência desses no ambiente acadêmico². Além disso, nas redes sociais do programa³, há divulgação de materiais informativos sobre saúde mental, autocuidado e temas afins no formato de artigos científicos, vídeos e *posts*, além da divulgação de eventos internos e externos à UFPE sobre saúde mental, como também informações de redes de apoio (de dentro e de fora da universidade) para aqueles que desejam buscar terapia. O programa também já rendeu apresentações e premiações de trabalhos em congressos⁴, artigos em revistas acadêmicas e trabalhos de conclusão de cursos de graduação da UFPE.

Em 2020, uma pandemia global assolou a humanidade. Um "simples" vírus levou milhares de vidas e deixou pessoas aterrorizadas, obrigando-as ao isolamento social. Isso desencadeou sérias consequências à vida prática, financeira e à saúde física/mental das pessoas. Para Chiquetti (2020), o distanciamento social vem despertando muitos medos de variados tipos, dentre eles: das mudanças; do futuro; do imprevisível; do desconhecido;

1 Todos que frequentaram as atividades receberam declarações de participação para Atividades Curriculares Complementares (ACC), exigidas nos cursos de graduação.

2 No total, participaram 170 estudantes dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Música, de todos os períodos. O mapeamento apontou que mais de 44% dos estudantes apresentam sintomas de adoecimento emocional, em grau moderado a grave.

3 Para saber mais: www.probemdocac.wordpress.com; Instagram: @probemdocac.

4 LOURO, V.; BRITTO, P.; DUARTE, P. A abordagem da neurociência sobre o impacto do estresse na saúde emocional de estudantes de música: uma pesquisa de campo na universidade federal de Pernambuco (artigo premiado no I Congresso de Neurociências e Música da UFPE – 2019).

de perder algo ou alguém e da morte. Segundo Noal e Damásio (2020, p. 1), “estima-se que entre um terço e metade da população exposta a uma epidemia pode vir a sofrer alguma manifestação psicopatológica, caso não seja feita nenhuma intervenção de cuidado específico para as reações e sintomas manifestados”. Sendo assim, mais do que nunca, ações para amparo emocional e melhoria da saúde mental têm sido cada vez mais urgentes em todos os segmentos sociais, principalmente nas instâncias que lidam com uma grande quantidade de seres humanos, como é o caso das escolas e universidades.

Quando a pandemia de 2020 foi deflagrada e a suspensão das atividades da UFPE foi instaurada, o "Problema do CAC" entrou em um dilema e levantou algumas questões, como as que se seguem: “Valeria a pena e seria viável permanecer com as atividades do projeto de forma virtual?”; “Será que, em formato remoto, o projeto poderia contribuir para o acolhimento emocional e bem-estar das pessoas, a fim de que os estudantes e professores mantenham o vínculo ou a fim de que passem pelo isolamento de forma mais produtiva?”; “Será que, diante da situação tensa pela qual estamos passando, os estudantes e professores do Departamento de Música da UFPE se interessariam em fazer parte do projeto e promover algum tipo de ação, ou isso seria mais uma preocupação ou fator de estresse na rotina de todos?”; dentre outras questões. Muitas perguntas surgiram e tínhamos poucas respostas, mas, como diz o ditado popular, “quem não arrisca, não petisca”, e, por esse motivo, resolvemos arriscar e criar uma campanha de quarentena com uma vasta programação totalmente virtual e gratuita.

2. Programação virtual “Fique em casa mas não fique sozinho, é Problema de todos”

“Fique em casa mas não fique sozinho, é Problema de todos” foi o título geral da ação proposta pelo "Problema do CAC", logo que o isolamento social iniciou. Resolvemos fazer uma “campanha” justamente para incentivar

as pessoas a cumprirem o isolamento. A ideia geral foi criar uma programação virtual, totalmente gratuita, que acontecesse todos os dias (cada dia com uma ou mais propostas em horários diferentes) e que contemplasse *lives*, aulas abertas, entrevistas, rodas de conversas, programação artística e divulgação de cursos e atividades culturais (virtuais, de fora da UFPE).

Para tanto, a coordenadora do "Probem", em meados de março, enviou um *e-mail* para docentes e discentes indagando quem teria interesse em propor alguma ação voluntária e totalmente virtual. Além disso, a coordenadora convidou alguns profissionais de fora da instituição para algumas ações. Algumas pessoas de dentro e fora da universidade se interessaram em contribuir, todos voluntariamente. Com isso, em março de 2020, a programação foi montada e divulgada nas redes sociais e no *site* do "Probem", tendo as atividades sido iniciadas em abril de 2020. O quadro 1 expõe a programação geral e o quadro 2 explica brevemente cada tipo de ação.

Quadro 1 – Programação da campanha virtual “Fique em casa mas não fique sozinho, é Probem de todos”⁵

Título da ação	Tipo	Período ⁶	Dia/hora	Mês início/fim	Mediação ⁷	Vínculo com a UFPE
Música, desenvolvimento e aprendizagem	aulas abertas	quinzenal	segundas 13h-14h	abr./out.	Junior Cadima	Convidado externo
Mulheres que escrevem	roda de conversa	quinzenal	segundas 14h-15h	abr./maio	Fabiana Louro	Convidada externa
Lendo Probem	roda de conversa	semanal	terças 12h-13h	abr./jul.	Ana Luna	Discente UFPE (Letras)
A rotina do músico e os desafios atuais	roda de conversa	semanal	terças 13h-14h30	abr./maio	Sérgio Godoy	Docente UFPE (Música)

5 Por uma questão de limite de páginas, não é possível explicar mais profundamente os conteúdos abordados em cada uma das atividades da programação ou promover uma discussão ao final sobre cada item da programação.

6 Periodicidade.

7 Mediador: pessoa que ficou responsável por oferecer a ação. Vínculo: docente, discente, ex-aluno da UFPE ou convidado externo à UFPE.

Tópicos em inclusão e acessibilidade	<i>lives</i>	semanal	terças 17h-18h	abr./dez.	*Amanda Moraes e **Sabrina Venâncio	Discente UFPE (*Música, **Pedagogia)
Tome nota: conversas musicais	<i>lives</i>	quinzenal	quartas 10h-11h	abr./jul.	Jorge Simas e João Paulo Albertim	Discentes UFPE (Música)
Show de calouros	programação cultural	semanal	quartas 11h-12h	abr./jul.	*Beatriz Guimarães e **Sabrina Lapa	Discentes UFPE (* Biblioteconomia **Terapia ocupacional)
Tirando dúvidas sobre harmonia popular	aulas abertas	quinzenal	quartas 15h-16h	abr./jul.	Gustavo Andrade Maciel	Discente UFPE (Música)
Mente aberta	<i>lives</i>	semanal	quartas 20h-21h	abr./dez.	Paulo Junior	Discente UFPE (Medicina)
Papo cabeça: conversas sobre neurociências e educação	aulas abertas	semanal	quintas 10h-12h	abr./ dez.	Viviane Louro	Docente UFPE (Música)
Debates sobre etnomusicologia e músicas do nordeste	roda de conversa	semanal	quintas 15h-16h30	abr./ago.	Carlos Sandroni	Docente UFPE (Música)
O Ukulelê e suas possibilidades	<i>lives</i>	semanal	quintas 19h-20h	abr./ nov.	José Augusto Santos	Ex-aluno UFPE (Música)
Música ao vivo	programação cultural	semanal	quintas 21h-22h	abr./jun.	Pedro Huff	Docente UFPE (Música)
Musicac na rádio para sua quarentena e Musicac convida ⁸	programa de rádio e <i>lives</i>	semanal	sextas 13h-14h	maio/dez.	*Artur Ortenblad e **José Guilherme	* Docente UFPE (Música); ** Técnico UFPE (Música)

8 O "Musicac" é um programa de extensão que difunde as produções musicais do Departamento de Música. Dentro dessa proposta, no decorrer da quarentena, além das apresentações artísticas *on-line*, realizaram uma série de entrevistas com músicos diversos. O "Probem" inseriu em sua programação essa série de entrevistas do Musicac, contribuindo na divulgação. Instagram: <https://www.instagram.com/musicac.ufpe/>.

Conversando sobre autismo	<i>lives</i>	semanal	sextas 10h-20h	mai./out.	Luana Kalinka	Aluna UFPE (Mestrado Música)
Se vira nos 60	programação cultural	semanal	sextas 14h	abr./jul.	*Beatriz Guimarães e **Sabrina Lapa	Discentes UFPE (* Biblioteconomia ** Terapia ocupacional)
Música em Destaque	<i>lives</i>	semanal	sextas 20h-21h	jul./dez.	Aleff Oliveira, Anieli Gomes e Gustavo Maciel	Discentes UFPE (Música)
Confeção de instrumentos pedagógicos-musicais	aulas abertas	semanal	sábados 15h-16h	abr./ set.	Juracy Pereira	Aluno UFPE (Especial. Música)
Entretenimento Probem	divulgação cultural	semanal	segundas e sextas 13h	abr./dez.	*Livia Freire e **Sabrina Lapa	Discentes UFPE (*Música; ** Terapia ocupacional)
Laboratório de felicidade genuína	roda de conversa	semanal	todos os dias	abr./dez.	Guilherme Moura	Docente UFPE (CCSA)

Fonte: “Probem do CAC - programa para o bem-estar e saúde mental da comunidade do Centro de Artes e Comunicação da UFPE”, 2020.

Quadro 2 – Definições de cada tipo de ação da programação virtual

Tipo de ação	Definição	Plataforma usada
<i>Lives</i>	Entrevistas informais com convidados de diversas áreas, realizadas nas redes sociais do projeto e abertas ao público em geral.	Instagram (@probemdovac)
Rodas de conversas	Debates abertos sobre temas específicos com um grupo pequeno de pessoas, tendo um mediador.	Google Meet e Zoom

Aulas abertas	Encontros regulares de caráter acadêmico, onde o mediador assumia a função de um professor e abordava um assunto com profundidade no decorrer das aulas com um grupo pequeno e fixo de pessoas.	Google Meet e Zoom
Programação cultural	Apresentações artísticas de professores, alunos e ex-alunos do Departamento de Música da UFPE (<i>on-line</i> ou gravadas), com o objetivo de divulgar os artistas locais e entreter o público.	Instagram (@probemdocac)
Divulgação cultural	Divulgação de cursos virtuais gratuitos e eventos culturais fora da UFPE.	Instagram (@probemdocac)

Fonte: "Probem do CAC - programa para o bem-estar e saúde mental da comunidade do Centro de Artes e Comunicação da UFPE", 2020.

Duas constantes preocupações do "Probem" são a inclusão e a acessibilidade de pessoas com deficiências e transtornos, uma vez que o Departamento de Música conta com alunos e professores nessas condições. Sendo assim, a campanha se preocupou em abordar, de forma intensa, temáticas relativas à inclusão, acessibilidade e diversidade e fez questão de ter alunos da UFPE com deficiências e transtornos no quadro de monitores, mediadores e equipe técnica. Sendo assim, participaram ativamente, como parte da equipe de produção estudantes com quadro de adoecimento psíquico, em processo de diagnóstico de possível autismo, com dislexia e com deficiência visual (todos do curso de música) e com deficiência múltipla, isto é, visual/física (todos do curso de pedagogia), além de estudantes sem deficiências/transtornos. Além disso, foram convidadas muitas pessoas com deficiências ou que trabalham com diversidade para serem entrevistadas nas *lives*.

Da mesma forma, considerando a importância da acessibilidade, todos os cartazes produzidos para a divulgação das ações da campanha, a exemplo do cartaz da figura 1 abaixo, foram divulgados nos grupos de WhatsApp e nas redes sociais do "Probem", com descrição da imagem.


Figura 1 – Exemplo de cartaz com descrição da imagem usado na divulgação da campanha de quarentena do "Probem do CAC" – 2020



Descrição da imagem: * Card: MÚSICA EM DESTAQUE. 'Música Popular. Annelirio entrevista Augusto Santos, Educador musical, músico instrumentista e idealizador do projeto Ukulele Recife. 04/12, às 20h. Live no Instagram: @lirioanne, @augustomusico.

Card com o fundo branco, letras em cor vermelha com as informações: Música em destaque, Música Popular. Do lado esquerdo: as demais informações citadas a cima. Do lado direito: a foto do convidado - homem negro, cabelos pretos e curtos, com rosto ovalado nariz pequeno, segura um Ukulele. No rodapé, as logomarcas: "PROBEM do CAC", da UFPE e do CAC - Departamento de Música.

Fonte: "Probem do CAC - programa para o bem-estar e saúde mental da comunidade do Centro de Artes e Comunicação da UFPE", 2020.



Além de toda a programação da campanha de quarentena, o "Probem" também contribuiu para a divulgação do *Fundo de solidariedade do Departamento de Música*, uma iniciativa de professores do curso de música da UFPE para arrecadar fundos para os estudantes que estavam passando necessidades⁹.

Por último, outra ação realizada pelo projeto, no decorrer da quarentena, foi o acolhimento de estudantes que se encontravam adoecidos emocionalmente. Com a vinda da pandemia, muitos discentes desenvolveram sérios quadros de ansiedade/depressão; sendo assim, a coordenadora do projeto permaneceu virtualmente com a "escuta empática" (que já fazia presencialmente, antes da quarentena), ouvindo as demandas dos que a procuravam e encaminhando os alunos adoecidos para os atendimentos terapêuticos dos órgãos responsáveis na UFPE e, em alguns casos, para as redes de apoio externas à universidade.

3. Resultados da campanha de quarentena

Em dezembro de 2020, a fim de verificar o alcance e a importância da campanha, a coordenação do "Probem do CAC" aplicou um questionário de avaliação aos envolvidos diretamente com a ação no decorrer de 2020, incluindo a coordenadora, a equipe de produção, os mediadores das ações, os convidados das *lives* e o público direto das aulas abertas oferecidas pelo projeto. De forma sumarizada, as questões do questionário encontram-se no quadro 3.

⁹ Muitos alunos do curso de música trabalham com atividades culturais. Com o isolamento social obrigatório, tais atividades foram suspensas, deixando a grande maioria dos alunos sem nenhuma fonte de renda. Por isso, os professores do Departamento de Música e o Diretório Acadêmico montaram um fundo de solidariedade e um Bazar Solidário. O "Probem" contribuiu com a divulgação do fundo e do bazar tanto em suas redes sociais quanto no decorrer da programação *on-line* da campanha aqui exposta.

Quadro 3 – Questões abordadas na avaliação sobre a campanha do "Probem do CAC"

Dados pessoais	Se teve alguma dificuldade para execução da função no projeto no decorrer da campanha.
Vínculo com a UFPE	Opinião se a programação virtual deveria dar continuidade em 2021.
Se possui deficiência ou transtorno	Opinião do quanto foi importante promovermos essa campanha na época do isolamento social.
Tipo de função exercida no projeto em 2020	Espaço livre para depoimento sobre a experiência de participar do projeto ou outras observações.
Como se sentiu participando da campanha de quarentena	Solicitação de autorização dos dados coletados no questionário para publicação em reuniões, palestras e artigos.
Se teria interesse em propor alguma ação no "Probem" em 2021	

Fonte: "Probem do CAC - programa para o bem-estar e saúde mental da comunidade do Centro de Artes e Comunicação da UFPE", 2020.

No total, 40 pessoas preencheram a avaliação (o preenchimento do questionário não foi obrigatório). Sumarizando os resultados desse questionário, 18 pessoas responderam ter ficado muito felizes em participar da campanha; 11 relataram que foi uma possibilidade de manter-se ativo e estudando na época da pandemia; 19 consideraram um grande aprendizado; 15 indivíduos disseram que participar da programação fez sentirem-se úteis e 7 disseram que foi essencial para passar a época de isolamento com mais leveza¹⁰. 59% (23 indivíduos) responderam ter acreditado que, para as pessoas em geral, essa iniciativa foi "muitíssimo importante" no decorrer da quarentena, e 98% (38 pessoas) assinalaram

¹⁰ Por uma questão de limite de páginas, não foi possível colocar as alternativas possíveis de serem preenchidas em cada questão. Colocamos somente o conteúdo abordado em cada pergunta. As pessoas podiam marcar mais de uma opção e, por isso, a somatória das respostas excedeu 40 indivíduos.

que a programação *on-line* deve dar continuidade após o término da pandemia. No que tange ao público alcançado, o quadro 4 expõe a quantidade de pessoas que se beneficiaram da programação.

Quadro 4 – Alcance de público da programação da campanha

Ação/tipo	Mediador	Público beneficiado¹¹
Música, desenvolvimento e aprendizagem (<i>Aulas abertas</i>)	Junior Cadima	17*
Mulheres que escrevem (<i>Roda de conversa</i>)	Fabiana Louro	5*
Lendo Prohem (<i>Roda de conversa</i>)	Ana Luna	20*
Tópicos em inclusão e acessibilidade (<i>Lives</i>)	Amanda Moraes e Sabrina Venâncio	1.515 (espectadores) 18 (entrevistados)
Tome nota: conversas musicais (<i>Lives</i>)	Jorge Simas e João Paulo Albertim	707
Tirando dúvidas sobre harmonia popular (<i>Aulas abertas</i>)	Gustavo Andrade Maciel	5*
Mente Aberta (<i>Lives</i>)	Paulo Junior	826 (espectadores) 8 (entrevistados)
Papo cabeça: conversas sobre neurociências e educação (<i>Aulas abertas</i>)	Viviane Louro	21* (estudantes) 4 (professores convidados)
Debates sobre etnomusicologia e músicas do nordeste (<i>Roda de conversa</i>)	Carlos Sandroni	15*
O Ukulele e suas possibilidades (<i>Lives</i>)	José Augusto Santos	780
Musicac convida (<i>Lives</i>)	Artur Ortenblad e José Guilherme	2.500 (espectadores) 22 (entrevistados)
Conversando sobre autismo (<i>Lives</i>)	Luana Kalinka	320
Música em destaque (<i>Lives</i>)	Aleff Oliveira, Anieli Gomes e Gustavo Andrade Maciel	2.780 (espectadores) 14 (entrevistados)

11 Os números representam a quantidade de pessoas que participaram das atividades. Lembrando que as *lives* têm um caráter mais aberto e os encontros ficavam gravados, podendo ser vistos depois; por isso os números de pessoas são altos. O asterisco único (*) representa grupos fechados, fixos, pois se tratavam de aulas abertas, por isso número restrito. Os asteriscos duplos (**) representam um público rotativo, mas somando os participantes deu em torno de 40 pessoas. Neste quadro, não se encontra a programação cultural por não ser possível contabilizar o público.

Confeção de instrumentos pedagógicos-musicais (Aulas abertas)	Juracy Pereira	12*
Laboratório de felicidade genuína (Roda de conversa)	Guilherme Moura	40**
A rotina do músico e os desafios atuais (Roda de conversa)	Sergio Godoy	5*
<i>Alcance (abr. a dez. de 2020)</i>		
9.568 – espectadores das <i>lives</i> , rodas de conversas e aulas abertas; 26 mediadores/equipe de produção; 66 entrevistados;		
<i>Total:</i> 9.660 pessoas (sem contar os espectadores das programações culturais)		

Fonte: “Problemas do CAC - programa para o bem-estar e saúde mental da comunidade do Centro de Artes e Comunicação da UFPE”, 2020.

Na questão 10 do questionário de avaliação (quadro 3), as pessoas deixaram depoimentos relatando como foi, para elas, ter participado da programação. O quadro 5 expõe algumas dessas opiniões. É válido lembrar que todos deram a devida autorização para a publicação de seus nomes.

Quadro 5 – Depoimentos de alguns participantes da programação

Depoimento	Responsável
Para mim foi uma iniciação ao universo das "aulas remotas síncronas". E também tinha o diferencial de que eram aulas que não valiam nota nem faziam qualquer exigência que não fosse o interesse dos participantes. Por tudo isso, foi muito legal para mim.	Carlos Sandroni <i>Mediador da roda de conversa: Debates sobre etnomusicologia e músicas do nordeste</i>
Para mim, poder ter participado como mediadora durante a quarentena foi um desafio e, ao mesmo tempo, um estímulo. Foi uma oportunidade de amadurecimento profissional e pessoal também. Aprendi muito com meus colegas, com cada convidado e principalmente com a coordenadora desse projeto lindo!	Amanda Moraes <i>Mediadora das lives: Tópicos em inclusão e acessibilidade</i>

<p>Pra mim foi essencial para resguardar a sanidade mental. Além da pandemia, perdi meu filho e manter a mente ativa me salvou.</p>	<p>Luana Kalinka <i>Mediadora das lives: Conversando sobre autismo</i></p>
<p>Foi uma honra poder participar e interagir através de oficinas para realizar a troca de experiências no contexto pedagógico musical. Uma oportunidade ímpar mostrar um pouco do meu trabalho para um público diverso.</p>	<p>Juracy Pereira <i>Mediador das aulas abertas: Confecção de instrumentos musicais-pedagógicos</i></p>
<p>Foi de grande importância <i>pra</i> minha formação pessoal e profissional ter participado das aulas <i>on-line</i>. Saí dessa pandemia melhor preparado para atuar profissionalmente.</p>	<p>Marcos Reis <i>Estudante das aulas abertas: Papo cabeça – conversas sobre neurociências e educação</i></p>
<p>O "Probem" tem sido fundamental para meu desenvolvimento acadêmico, me ajudou a solucionar várias questões que estavam/estão sempre me atrapalhando. Quando a pandemia começou, que fiquei sem as aulas e o trabalho parou, a questão de ter que pesquisar para o "Probem" foi me mantendo ativa e fazendo com que não me sentisse tão ansiosa.</p>	<p>Lívia Leandro Freitas <i>Equipe de produção da campanha de quarentena</i></p>
<p>Pude me introduzir no campo da neurociência em música, bem como, aprofundar, expandir e compartilhar experiências, conhecimentos e vivências musicais na área da Educação Musical Especial.</p>	<p>Leonan Braga <i>Estudante das aulas abertas: Papo cabeça – conversas sobre neurociências e educação</i></p>
<p>Foi muito gratificante ter participado do "Probem" como palestrante e ter acompanhado o trabalho das meninas, do grupo todo e assistir lives maravilhosas.</p>	<p>Ana Rosa Aroucha <i>Convidada para ser entrevistada na live Tópicos em Inclusão e Acessibilidade</i></p>
<p>Sou da graduação em pedagogia e, quando fui convidada para fazer parte da equipe, fiquei muito animada. Já fazia cerca de um mês do lockdown e com a universidade fechada, a incerteza quanto ao retorno das atividades acadêmicas e toda minha rotina monótona, foi uma oportunidade imperdível. Me realizou muito enquanto pedagoga em formação e pessoa.</p>	<p>Sabrina Venâncio <i>Equipe de produção da campanha de quarentena</i></p>
<p>Bastante gratificante, porque estou tendo a oportunidade de aprender e conhecer muitas coisas. Tudo o que venho fazendo e aprendendo tem sido uma experiência maravilhosa.</p>	<p>Kessia Correia <i>Equipe de produção da campanha de quarentena</i></p>

<p>Achei maravilhoso poder conhecer o trabalho do "Probem" e principalmente conhecer as pessoas envolvidas. Com esta "onda" de trabalhos <i>on-line</i>, temos uma oportunidade de unirmos profissionais qualificados que estão espalhados pelo mundo, o que nos permite amadurecer mais rápido e trocar mais informações atualizadas.</p>	<p>Daniel Inamorato</p> <p><i>Convidado entrevistado em duas lives da campanha de quarentena</i></p>
<p>Eu me senti uma missionária de verdade. Eu tenho a inclusão e acessibilidade como uma bandeira, propósito de vida, missão de alma. Pra mim, esse tempo que passei lá foi grandioso. Agora, estou tendo a oportunidade de descobrir um lado apresentadora que, sinceramente, eu achava que não tinha.</p>	<p>Anieli Gomes</p> <p><i>Mediadora das lives: Música em destaque</i></p>
<p>As <i>lives</i> alcançaram boa parte das pessoas e isto me deixa feliz, pois elas precisam ver que há outras pessoas felizes para que esta felicidade contage e ninguém se entregue à tristeza, à solidão e ao sofrimento da pandemia.</p>	<p>Aleff Oliveira</p> <p><i>Mediador das lives: Música em destaque</i></p>

Fonte: "Probem do CAC - programa para o bem-estar e saúde mental da comunidade do Centro de Artes e Comunicação da UFPE", 2020.

4. Breve discussão

A campanha "Fique em casa mas não fique sozinho, é Probem de todos" durou nove meses e teve um resultado muito melhor do que o esperado, respondendo de forma positiva a nossa pergunta inicial: "Seria possível e de utilidade social manter alguma ação virtual durante o isolamento social?". Aproximadamente 10 mil pessoas usufruíram das ações propostas pela programação em um momento tão delicado de nossa realidade, o isolamento social. Devido a esse alcance, pretendemos manter a programação virtual em forma de fluxo contínuo, mesmo quando as atividades presenciais voltarem ao normal, uma vez que percebemos que o alcance do projeto pode ser muito maior nesse formato.

Quando o "Probem do CAC" foi elaborado, o objetivo idealizado foi o de promover ações para incentivar o cuidado coletivo, a empatia, o bem-estar e a humanização no ambiente acadêmico, além de acolher estudantes adoecidos emocionalmente e encaminhá-los para acompanhamentos terapêuticos. Nunca foi objetivo do projeto promover aulas abertas, apresentações artísticas ou

lives, mas a campanha lançada pelo projeto no decorrer da quarentena nos ensinou que o bem-estar, o cuidado, a empatia e a saúde mental passam também por questões pedagógicas e culturais, uma vez que aulas, grupos de estudos e apresentações artísticas contribuem para que pessoas interajam, discutam e usufruam de temáticas que as agradam e isso promove o bem-estar.

A OMS define “saúde” não apenas como a ausência de doença, mas como a situação de bem-estar físico, mental e social (JUNIOR; MIRANDA, 2004). O interessante dessa visão de saúde é que considera o bem-estar como central no conceito de saúde e esse bem-estar precisa estar presente em diversas dimensões da vida do indivíduo. Nesse sentido, aprendizado, participação em coletivos e momentos culturais e de entretenimento se encaixam perfeitamente na questão do bem-estar social, indicado pela OMS. Isso significa que as ações do "Probem" contribuíram para a saúde dos participantes na quarentena, uma vez que auxiliou na promoção da sensação de pertencimento de grupo, permitiu que as pessoas fizessem novos contatos/amizades e ajudou o fortalecimento de laços afetivos que foram distanciados pelo isolamento, além de ter possibilitado novos aprendizados e acesso a alguns entretenimentos que promoveram momentos de leveza e distração diante da tensão instalada pela pandemia. Por esses motivos, manteremos a programação *on-line*, mesmo depois que a pandemia já estiver sob controle, pois a entendemos, hoje, como promotora do bem-estar e, por consequência, da saúde.

O foco em acessibilidade e inclusão foi outro ponto forte da programação, pois abriu espaço para pessoas de contextos diversificados (locais, formações e condições sem e com deficiência/transtornos) exporem suas realidades e trocaram experiências. Essa ampla possibilidade de apresentar as questões de inclusão e acessibilidade de forma intencionalmente pedagógica pode contribuir, também, com aqueles que têm interesse em melhorar suas práticas profissionais. Apesar de ser promovida por uma instituição renomada e formal, a programação da campanha do "Probem" fomentou aspectos de uma educação não formal, colocando todos os mediadores e convidados de forma igualitária, sem hierarquia quanto

à formação acadêmica ou ao reconhecimento profissional, endossando a ideia de uma universidade inclusiva (SASSAKI, 2009).

Pelos dados e depoimentos retirados do questionário avaliativo (quadro 3 e 4), percebemos que a proposta da campanha lançada pelo "Probem" foi de grande valia, uma vez que proporcionou momentos de leveza, troca e aprendizado, mesmo a distância. Além disso, a proposta promoveu que os docentes e discentes do curso de música da UFPE, de alguma forma, ficassem em contato (através das *lives* ou aulas abertas), contribuindo para que o vínculo afetivo da comunidade do Departamento de Música fosse mantido, ainda que de forma remota. Além disso, os estudantes, ex-alunos e docentes se sentiram valorizados por serem convidados a falar e transmitir suas visões de mundo e conhecimentos técnico/teóricos. Igualmente importante é que todas as *lives*, que foram gravadas, serão postadas em um canal do YouTube, o qual será lançado em 2021 como continuidade da programação *on-line*. Com isso, além de garantir o acesso a todo conhecimento fomentado no decorrer de 2020, uma vez que poderá ser assistido por novos públicos, a divulgação das *lives* será também uma forma de divulgar tanto os profissionais que participaram quanto o próprio "Probem do CAC" e o Departamento de Música da UFPE.

5. Palavras finais

Diz o ditado popular: "se a vida te der um limão, faça uma limonada". Sendo assim, foi isso que tentamos fazer com as ações de quarentena do "Probem do CAC". Embora a pandemia esteja sendo uma grande tragédia e provação emocional, de resistência e de resiliência, tentamos utilizar esse tempo de isolamento para produzir conteúdos importantes e ajudar a manter as pessoas ativas e em contato, criando, com isso, uma grande rede de apoio, de conhecimento, de troca de experiência e de incentivo para o exercício da solidariedade, uma vez que todos que estiveram envolvidos com a programação fo-

ram voluntários e cumpriram os compromissos com nossa campanha, mesmo diante de dificuldades pessoais. Por esse motivo, esperamos expandir essas ações virtuais para alcançarmos cada vez mais pessoas de dentro e de fora da comunidade acadêmica da UFPE.

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”, registrou Paulo Freire (1987, p. 78) e, em outra obra, complementa:

Não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes (FREIRE, 2000, p. 33).

Pelos motivos colocados pelo grande agente de transformação, Paulo Freire (2000; 1987), entendemos que precisamos continuar fazendo coletivamente o que acreditamos, mesmo que, aparentemente, seja pouco, e independentemente dos percalços que apareçam pelo caminho. Por isso, tentamos transformar a pandemia em aprendizado e buscamos ajudar, de alguma forma, a transformar o mundo num lugar mais acolhedor, amoroso e menos adoecedor. Esse é o lema do "Probem do CAC".

CHIQUETTI, T. Distanciamento social: da ansiedade ao amadurecimento emocional. *In: ARANTES, M. (org). Pandemia e Pandemônio: reflexões sobre educação emocional em tempos de coronavírus.* Recife: Editora UFPE, 2020. p. 33-37.

FERNANDES, M. A. *et al.* Prevalência de transtornos de ansiedade como causa de afastamento de trabalhadores. *Revista Brasileira de Enfermagem.* Brasília, v. 71, Sup. 5, p. 2344-2351, 2018.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.* São Paulo: Editora UNESP, 2000.

JUNIOR, L. S. M. S.; DE MIRANDA, L. S. Desconstruindo a definição de saúde, *Jornal do Conselho Federal de Medicina (CFM)*, Brasília, p. 15-16, 2004.

NOAL, D.; DAMÁSIO, F. (coord.). *Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19.* Ministério da Saúde: FIOCRUZ, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates.* Genebra: World Health Organization, 2017.

SASSAKI, R. K. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. *Revista Nacional de Reabilitação (Reação)*, São Paulo, p. 10-16, mar./abr., 2009.



CATALOGANDO IDEIAS: experiências para brincar e enfrentar os tempos pandêmicos

CATALOGING IDEAS: experiences
to play and face pandemic times

Ana Beatriz Gomes Guerra

(Graduanda em Pedagogia, CE/UFPE)

Ana Paula Fernandes da Silveira Mota

(Doutora em Educação, Professora do Departamento
de Métodos e Técnicas de Ensino, CE/UFPE)

Caroline Evaristo Paraiso da Silva

(Graduanda em Pedagogia, CE/UFPE)

Catarina Carneiro Gonçalves

(Doutora em Educação, Professora do Departamento
de Métodos e Técnicas de Ensino, CE/UFPE)

Viviane de Bona

(Doutora em Educação, Professora do Departamento de
Fundamentos Sócio-Filosóficos da Educação do CE/UFPE)

Relato vinculado ao projeto de extensão "Catalogando ideias", desenvolvido no ano de 2020, sob coordenação da Profa. Catarina Carneiro Gonçalves, do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino do Centro de Educação (DMTE/CE), e da Profa. Viviane de Bona, do Departamento de Fundamentos Sócio-Filosóficos da Educação (DFSFE/CE). O projeto foi submetido e aprovado pelo Edital 2020-01 - de Credenciamento de Programas e Projetos de Extensão, tendo seu registro no SIGProj sob o nº 357047.1919.338842.2107202. A equipe da ação é composta pelas seguintes estudantes: do curso de Pedagogia, Ana Beatriz Gomes Guerra, Caroline Evaristo Paraiso da Silva, Ellen Damonys Pereira da Silva, Jéssica Vitória da Conceição Justino, Maria Luiza Peixoto Barros, Vitória Cristina da Silva; e do curso de Letras, Victória Guilherme Pereira Silveira. Integram a equipe, ainda, a docente Ana Paula Fernandes da Silveira Mota, do DMTE/CE, e Katia Maria Tavares da Silva, servidora técnico-administrativa do CE/UFPE.

Resumo

A pandemia causada pelo novo coronavírus trouxe uma série de impactos às relações sociais, exigindo um necessário distanciamento social que muito comprometeu a socialização e a saúde mental das pessoas. Neste contexto pandêmico, as crianças foram bastante afetadas no desenvolvimento relacional, uma vez que foram impedidas de transitar livremente e, ainda, de frequentar as escolas. Tiveram, portanto, suas experiências lúdicas, necessárias durante a infância, prejudicadas e/ou reduzidas. Reconhecendo tal cenário, docentes, discentes e servidores técnico-administrativos(as) do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (CE/UFPE), via extensão universitária, produziram um material digital intitulado “Catalogando ideias”. Nele, foram compartilhadas experiências lúdicas que puderam ser vivenciadas em família, apesar do isolamento social. Ao todo, foram seis catálogos, que, além de explorar variadas experiências brincantes, orientando pais, mães e outros adultos cuidadores sobre a importância do brincar, também sugeriram propostas de brincadeiras. O material foi amplamente divulgado, alcançando famílias que puderam cuidar das necessidades das crianças a partir das brincadeiras.

Palavras-chave: Pandemia. Distanciamento Social. Infância. Ludicidade. Brincadeiras.

Abstract

The pandemic caused by the new coronavirus brought a number of impacts on social relationships, demanding a necessary social distancing which compromised people's socialization and mental health. In this context, children were extremely affected in terms of relational development since they were prevented from moving freely, attending school and, hence, they had their ludic experiences, necessary for childhood, impaired and/or reduced. Facing this scenario, professors, students and administrative technicians from Universidade Federal de Pernambuco's Centro de Educação (CE/UFPE), through university extension, produced a digital material named “Catalogando ideias”. In this material, ludic experiences were shared so that they could be lived by families, despite social isolation. There were six catalogs that further explored several play experiences, guiding fathers, mothers and other caregivers about the

relevance of playing, as well as suggesting playing proposals. The material was largely disseminated, reaching out families that could take care of children's needs through playing.

Keywords: Pandemic. Social distancing. Childhood. Ludicity. Playing.

1. Introdução

Em março de 2020, a pandemia do novo coronavírus modificou as formas de se relacionar na sociedade brasileira. Os protocolos sanitários de contenção da pandemia que, logo nos primeiros meses daquele ano, chegaram ao nosso país, trouxeram o distanciamento social como uma necessidade urgente. Foram, então, determinadas muitas restrições sociais aos brasileiros e às brasileiras, tais como a impossibilidade de aproximação, a suspensão das aulas presenciais – com fechamento inicial de 100% das escolas –, o impedimento da realização de festas e demais formas de aglomeração, entre tantas outras medidas.

Esse necessário distanciamento social, que certamente contribuiu para a contenção desenfreada da doença, trouxe também implicações negativas para os sujeitos, especialmente para o desenvolvimento emocional das pessoas. Isso aconteceu devido aos riscos eminentes da doença atrelados à distância social das pessoas com quem comumente se convivia. Por isso, a situação terminou por gerar um estresse tóxico nas famílias, cujos impactos atingiram, sobretudo, as crianças.

Muito precocemente, estes efeitos foram percebidos por estudiosos(as) que se debruçaram sobre o tema. Crepaldi *et al.* (2020) destacam que:

Ainda que crianças e adolescentes tenham uma taxa de mortalidade mais baixa por Covid-19 em comparação às pessoas com mais idade, eles permanecem vulneráveis às implicações psicossociais da pandemia sobre seu desenvolvimento e suas relações familiares e comunitárias (CREPALDI *et al.*, 2020, p. 5).

Com a restrição de acesso à escola – espaço privilegiado de convivência –, o distanciamento social favorece a vitimização infantil pela violência doméstica e coloca as crianças em demasiada exposição tecnológica, o que impacta negativamente seu desenvolvimento pleno¹. Tudo isso potencializa a manifestação de importantes sintomas psicológicos que afetam a saúde mental, como a ansiedade, a irritabilidade, as alterações em padrões alimentares, fobias etc (SCHMIDT, 2020).

Diante do reconhecimento de que o contexto pandêmico é prejudicial ao desenvolvimento infantil, entendemos que os espaços familiares – únicos permitidos em contextos de isolamento social – deveriam ser pensados e orientados no sentido de garantir melhores condições de convivência social, oferecendo, especialmente para as crianças, experiências coletivas que as ajudassem na manutenção da saúde mental.

Compreendendo que as crianças estão sempre sob o cuidado de adultos com quem interagem e aprendem, focamos o desenvolvimento de uma ação/projeto de extensão intitulada “Catalogando ideias”, com a intenção de construir propostas lúdicas que pudessem ser experimentadas em família, por meio da mediação de adultos que cuidem dos pequenos e das pequenas. Escolhemos inserir os adultos por concordarmos com Rodrigues e Lins (2020), que destacam que a atuação dos pais e de outros familiares no desenvolvimento da saúde mental infantil, sobretudo nestes tempos pandêmicos, é fundamental e praticamente exclusiva. Ademais, são os adultos que constituem o ambiente sociomoral no qual as crianças estão imersas, demarcando o clima que predomina nas interações (DE VRIES; ZAN, 1998). Assim, interpreta-

¹ A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda, por exemplo, que, nos dois primeiros anos de vida, a utilização de aparelhos tecnológicos por crianças seja zero, evidenciando que o contato prematuro com a tecnologia pode ocasionar diversos tipos de atraso no desenvolvimento.

mos como necessário propor ações de fortalecimento de vínculos entre as famílias e de redes de apoio aos pais e a outros cuidadores, em razão do cenário assustador em que se encontra todo o mundo no momento.

Optamos, nesse contexto, por priorizar o lúdico, acreditando que, como destaca Oliveira (2000), as crianças vão experimentando diferentes formas de brincar ao longo da vida, utilizando-se do faz de conta e de outras propostas brincantes para se introduzir no mundo mais amplo de que os adultos fazem parte. Dessa maneira, associamos ao lúdico as experiências de partilhas feitas em família pelas crianças e pelos adultos, pelo fato de que, no isolamento social, os parceiros no mundo do brincar das crianças ficaram fisicamente limitados aos familiares que constituem seu lar.

Contudo, apesar da pandemia, destacamos que o sentido das brincadeiras no cotidiano da vida infantil ainda deve ter espaço e que, em função das características dos tempos pandêmicos, as experiências lúdicas na morada das crianças, independentemente do número de entes familiares e do espaço físico da residência, precisam ser garantidas. Isso porque o desenvolvimento pleno das crianças acontece mediante a qualidade das experiências que elas vivenciam. Portanto, em tempos de isolamento social, seria fundamental garantir que, nos lares, fossem oportunizadas brincadeiras através das quais as crianças pudessem explorar o potencial criativo, desenvolvendo a afetividade, experimentando diferentes emoções e construindo significados para estabelecer relações saudáveis.

A ideia central do projeto “Catalogando ideias” não era transformar pais e mães em professores(as) de seus filhos(as), mas sim propor situações lúdicas por meio das quais fosse garantido o direito das crianças de vivenciar suas infâncias (GONÇALVES *et al.*, 2020a). Fizemos tal escolha por acreditarmos que, mediante esse movimento de valorização da ludicidade na infância, contribuiríamos para a construção de um clima menos tenso, favorecendo a melhoria da qualidade da relação adulto-criança e, conseqüentemente, do cuidado à saúde mental de todos(as) da família.

Assim, mensalmente, ao longo de seis meses, publicamos catálogos que continham propostas lúdicas e que

traziam orientações para realização de brincadeiras, com os recursos necessários, explicitando a indicação etária das propostas. Propusemo-nos, ainda nesse material, criar contextos de sensibilização que pudessem engajar as famílias em torno da ludicidade necessária às crianças, convidando pais, mães e outros cuidadores a refletirem a respeito das brincadeiras e de sua importância para o desenvolvimento infantil. Nesse sentido, nos materiais, inserimos ideias múltiplas, levando em consideração as especificidades das diferentes faixas etárias, desde bebês a crianças maiores, bem como oportunizando aos adultos uma aproximação para, minimamente, resgatar e garantir as necessidades das infâncias.

A seguir, apresentaremos como o projeto se desdobrou, trazendo, além disso, alguns referenciais sobre o brincar que orientaram a produção desenvolvida. Na sequência, exibimos a composição de cada volume que foi publicado e os objetivos que perpassam cada edição. Convidamos você, leitor(a), não só para acompanhar como foi o desenvolvimento deste projeto por meio do relato aqui anunciado, mas também para vivenciar e compartilhar as propostas brincantes, que foram disponibilizadas pelos *links* de acesso ao material e através dos *Qr Codes*² que compõem as figuras deste texto.

2. Resgatando o processo vivido: a composição do projeto de extensão universitária e a fundamentação que orientou as produções

2.1 Sobre o projeto de extensão “Catalogando ideias”

No cenário de isolamento social anteriormente exposto, o Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) uniu esforços para desenvolver atividades envolvendo toda a sua comunidade acadêmica

2 *QR Code* é um tipo de código de barras em 2D que possibilita acesso à conteúdo codificado. Por meio desse código pode-se obter diferentes arquivos. Para isso, deve-se abrir o aplicativo do celular e direcionar a câmera para o *QR Code* desejado.

a partir de projetos, ações e suas ramificações, a fim de possibilitar a experiência do distanciamento social com menos impacto negativo à vida humana. Nessa perspectiva, a proposta do “Catalogando ideias” se juntou a outras ações reunidas em um programa de extensão intitulado “#Fica a Dica do CE”, que mobilizaram o coletivo de estudantes, docentes e servidores técnico-administrativos(as) do CE durante o momento mais intenso da pandemia de Covid-19, oferecendo à sua comunidade formas distintas de contribuição social.

O projeto “Catalogando ideias”, em especial, visou a contribuir com o desenvolvimento das crianças em situação de confinamento social, propiciando, via ludicidade, experiências que potencializem o desenvolvimento infantil e a relação parental saudável. Para tanto, a ação teve como objetivo construir propostas lúdicas para serem socializadas e vivenciadas no âmbito familiar em tempos de isolamento social, auxiliando o desenvolvimento infantil em suas dimensões cognitiva, afetiva, relacional e moral. Estas propostas foram organizadas por discentes — dos cursos de Pedagogia e Letras —, docentes e servidores técnico-administrativos(as) do CE, que, por meio de um arquivo digital, compilaram, mensalmente, as proposições e as socializaram com a comunidade interna e externa da UFPE. Além disso, as propostas foram autorais e/ou retiradas de outras fontes devidamente referenciadas. Os meios de socialização foram o *website* do programa de extensão³ do qual o projeto fez parte e outras plataformas digitais institucionais.

No decorrer da elaboração dos diferentes volumes do catálogo, foram realizadas chamadas públicas para que a comunidade pudesse também participar, de modo a enviar propostas que dialogassem com as temáticas específicas de cada edição. As ideias enviadas foram inseridas no conjunto do material, com a devida menção da autoria. Dessa forma, houve uma variação de autoria na composição dos volumes de acordo com as participações em cada um deles.

Outro ponto que merece destaque é que cada volume recebeu ilustrações personalizadas e originais, dese-

nhadas manualmente por uma das estudantes que integram a equipe. Ressaltamos que a equipe diretamente ligada ao projeto elaborou propostas, realizou pesquisas em torno dessas propostas e estudou sobre os efeitos da ludicidade no desenvolvimento infantil e sobre as infâncias. Trazemos, brevemente, a seguir, alguns aspectos teóricos que fundamentaram nossas produções, endossando a contribuição fundante que as famílias têm para garantir o que estruturam na formação das crianças, tornando as infâncias, as brincadeiras e as interações significativas.

2.2 Sobre o brincar e a família

Todas as experiências que as crianças vivenciam nos primeiros anos de sua vida impactam diretamente na aprendizagem, assim como em seu comportamento (BRITTES, 2020). O que poderíamos considerar, então, sobre o impacto dos vários meses de confinamento, de trocas relacionais limitadas, da brusca mudança da rotina na vida de uma criança? Certamente, as vicissitudes na sociedade que chegaram com as experiências de privação por causa da pandemia atingiram a organização das práticas de aprendizagem e o comportamento das crianças.

O isolamento social privou a criança da relação privilegiada com o tempo de brincar, com a plenitude de viver o instante ao seu modo de ser-criança, como afirma Koninck (2007), “saboreando-o inteiramente”. A criança que, diferentemente do adulto, não se assusta com a efemeridade do tempo, experimenta uma espécie de dissabor ao relacionar-se com ele: “Quando posso voltar à escola?”, “Quando poderei correr no parque?”, “Quando vou brincar com meus amigos?”, “Quando o coronavírus vai embora?”. Estas são perguntas de um tempo de incertezas e de respostas inconclusas. Embora algumas atividades da vida em sociedade tenham sofrido interrupções abruptas, o tratamento para com as necessidades das crianças não deve, sob qualquer tipo de situação adversa, funcionar da mesma forma. Desse modo, reconhecer e validar as necessidades das crianças, reinventando e ajustando a nova rotina para garantir o direito de crescer plenamente, vivendo o seu tempo de infância, indepen-

dentemente dos tempos, tornou-se um dos grandes desafios das famílias diante do isolamento social.

Nesse sentido, priorizamos, neste projeto, o olhar cuidadoso às crianças e ao direito de brincar, de forma que este seja valorizado pelas famílias, ainda que as crianças o tenham apenas no momento pandêmico, no espaço de seu lar. Assim, o escopo do projeto considera a brincadeira uma ferramenta que deve ser levada muito a sério na rotina da criança, não apenas como um passatempo, uma vez que, por meio dela, as crianças experimentam e constroem significados sobre o mundo.

O brincar, um dos eixos estruturantes do desenvolvimento e da aprendizagem da criança, é reconhecido por pesquisadores da educação, a exemplo de Kishimoto (2010), como atividade principal da rotina infantil. Tal importância é incontestável em razão das várias experiências e oportunidades que a brincadeira oferece. Brincando, a criança expressa sua particularidade, descobre ações prazerosas, compartilha e interage, sente e expressa valores e emoções, constrói sua identidade, explora diferentes linguagens e faz uso do corpo e da imaginação, pondo-se, inteiramente, em plena atividade.

Diante do que foi destacado, o brincar é considerado um direito das crianças, estando, inclusive, previsto em documentos legais brasileiros que dispõem políticas públicas, como a Constituição Federal (BRASIL, 1988), o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) e, mais recentemente, o Marco Legal da Primeira Infância (BRASIL, 2016).

Existem diferentes maneiras de possibilitar a garantia desse direito, seja pelas brincadeiras, seja pelas atividades lúdicas direcionadas às crianças. Concordamos que o brincar é tido como uma atividade dotada de significação social. Na ação livre do brincar, há uma mobilização de significados que se relacionam diretamente com a cultura da infância. Desse modo, brincando, a criança aprende, se desenvolve de maneira integral e cresce humanamente — ao seu modo, no seu ritmo e tempo e conforme sua particularidade como sujeito.

Reafirmamos, ainda, a concepção epistemológica de criança recomendada pelo parecer CNE/CEB nº 20/09 (BRASIL, 2009), cujo texto afirma que os pequenos e as

pequenas são sujeitos históricos e de direitos, que se desenvolvem nas interações, relações e práticas cotidianas a eles(as) disponibilizadas e estabelecidas com adultos e com crianças.

Mediante o jogo simbólico e o faz de conta próprios do brincar, as crianças potencializam a capacidade de construir leituras não-convencionais sobre o mundo, ampliando o repertório cultural da infância. Os elementos do jogo simbólico e do faz de conta funcionam como uma espécie de chave que abre o caminho para a autonomia, a descoberta de significados e a percepção de sentidos, atualizando o potencial criativo da criança. Tal exercício da função imaginativa depende de como as experiências do brincar chegam às crianças. Por isso, é fundamental o olhar do adulto (mãe, pai e/ou responsáveis) e o modo como ele participa na organização dos ambientes e na apresentação direta e indireta das tradições culturais, ou seja, é importante pensar sobre as intervenções que ele realiza.

O ambiente familiar é um seio de trocas intersubjetivas que favorece o desenvolvimento das crianças a partir da afetividade imprescindível à condição de ser criança e do caráter particular de ser um amplo contexto de desenvolvimento humano (BROFENBREMER, 2011), um local que transmite uma herança cultural e que deve cultivar relações saudáveis ao preparo da vida da criança.

Em especial no período em que as crianças estiveram dentro de seus lares, em um tempo de permanência ampliado junto com a família, enxergamos, nessa experiência, uma oportunidade para que os familiares pudessem potencializar o brincar de maneira simples e possível, considerando o espaço, o tempo, os objetos disponíveis e as condições reais.

Uma vez mais próxima das crianças, a família é capaz de contribuir para uma maior qualidade do tempo de brincar, intensificando as experiências infantis ao lidar com o mundo simbólico, inclusive para enfrentar, na perspectiva de menores danos possíveis, os desafios pandêmicos, estando atenta e cuidando das dimensões sociais, emocionais e também intelectuais, tendo em vista que não cabe exclusivamente aos espaços escolares o

cuidado às mencionadas dimensões. Certamente, quando os adultos responsáveis pelas crianças compreendem isso, transformam sua percepção e passam a apreciar e a dar valor ao tempo em que as crianças brincam.

3. Nossos catálogos: apresentando os volumes que compuseram a coleção

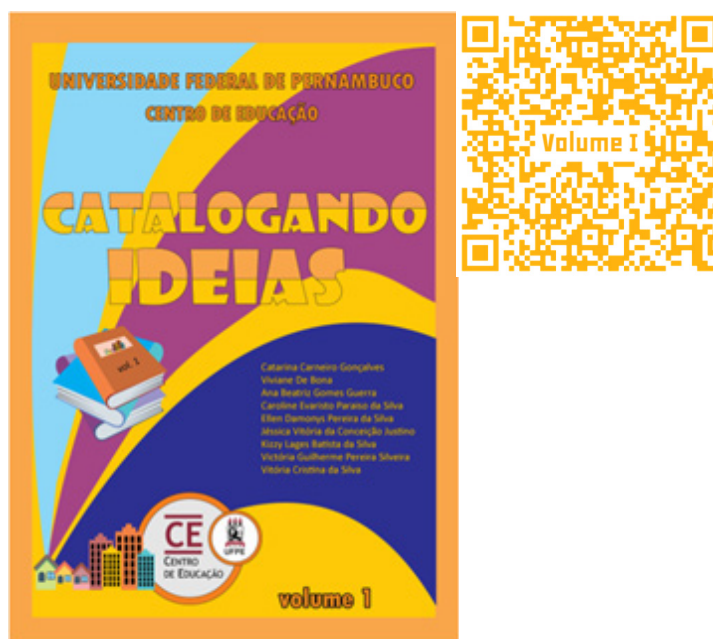
Os catálogos foram organizados de acordo com as temáticas das brincadeiras, através de propostas variadas, tais como brincadeiras populares, brincadeiras nos diversos espaços da casa, brincadeiras folclóricas, exploração da arte e propostas lúdicas através da literatura infantil. Tais brincadeiras possibilitaram a garantia dos direitos das crianças à ludicidade e, ainda, dos direitos delas de aprendizagens defendidos pela Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2017), documento através do qual é destacado que as crianças de até cinco anos de idade precisam conviver, participar, brincar, explorar, expressar e conhecer-se. Nesse documento, também se afirma que, para as crianças a partir de seis anos, os jogos e as brincadeiras devem ser utilizados como pilares de um currículo lúdico e integrado.

Assim, embora defendamos que os pais e mães não devem ser considerados os/as docentes das crianças, criamos alternativas para que, mesmo em casa, os direitos das crianças, tanto humanos como de aprendizagem, fossem garantidos. Nesta seção, apresentaremos o viés que direcionou a produção de cada volume, disponibilizando o *link* de acesso ao material.

Para o primeiro volume (GONÇALVES *et al.*, 2020a, v. 1), conforme Figura 1, nos debruçamos em três eixos norteadores que buscaram garantir a construção de situações lúdicas atrativas e estimulantes. Para isso, exploramos o tema “Brincadeiras com o corpo, com as emoções e sobre o mundo”. No eixo “Brincadeiras e o corpo” foram propostas experiências brincantes através das quais as crianças puderam diversificar e ampliar as possibilidades de acesso às produções culturais, estimulando

o desenvolvimento de suas experiências corporais, sensoriais, expressivas e relacionais. Já no eixo “Brincadeiras e as emoções”, enfocamos os sentimentos infantis, abordando propostas que buscam levar as crianças a se conhecerem ao mesmo tempo em que elas constroem suas identidades pessoais a partir de imagens positivas de si e de experiências de autocuidado. No terceiro eixo, “Brincadeiras e o mundo”, as experiências foram centradas na exploração do mundo físico e sensorial por meio de situações lúdicas que objetivaram ampliar as percepções infantis a respeito dos sons, das formas, das texturas, das histórias do mundo, dos elementos da natureza. Assim, seria possível aproximar a infância da cultura, das artes e das variadas ciências.

Figura 1 – “Catalogando ideias” – volume 1



Fonte: Imagem da capa do volume 1 de Gonçalves *et al.* (2020a).

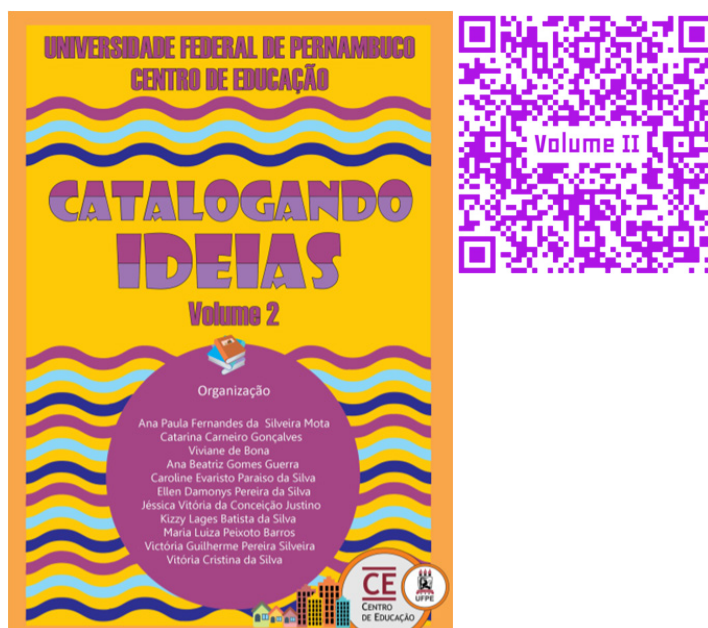
Com o objetivo de resgatar as experiências brincantes das nossas infâncias e todos os afetos que a elas estão relacionados, pensamos no segundo volume do “Catalogando ideias”. Esse volume (MOTA *et al.*, 2020, v. 2) buscou favorecer o encontro entre as crianças de ontem e as crianças de hoje, mediante o resgate de memórias afetivas dos adultos. Para isso, pedimos que pessoas da

comunidade do CE enviassem propostas brincantes que já haviam vivenciado nas suas infâncias. A socialização de relatos foi bastante sensível e permitiu o compartilhamento cultural das brincadeiras de outras épocas com as crianças na contemporaneidade.

Ao se conectarem com as experiências das infâncias do passado, percebendo o valor afetivo presente no brincar dos adultos que guardam em si o sentimento de ser criança, meninos e meninas podem ter a oportunidade de se situar no mundo, de construir sua identidade pessoal e social, de se apropriar dos traços regionais, como hábitos e características peculiares. Além disso, podem ressignificar manifestações populares, reconhecendo os valores culturais pertencentes às tradições nas brincadeiras que passam de geração em geração e ampliando o repertório das vivências da cultura infantil (MOTA *et al.*, 2020, v. 2).

Para além das brincadeiras, no volume 2 (Figura 2) fizemos outros resgates, como textos literários, receitas e parlendas, que puderam ajudar na construção de interações lúdicas entre a família.

Figura 2 – “Catalogando ideias” – volume 2



Fonte: Imagem da capa do volume 2 de Mota *et al.* (2020).

A fim de dar continuidade ao “explorar o mundo em volta” e torná-lo possível de ser reinventado, reinvestido e reaproveitado, foi lançado o terceiro volume do “Catalogando ideias”, que priorizou experiências brincantes nos espaços físicos das residências. Considerando que esse era, no contexto pandêmico, o único ambiente razoavelmente seguro, propusemos uma exploração da casa de forma lúdica e interativa.

Com a edição “As Brincadeiras do mundo nos quatro cantos de nossa casa” (GONÇALVES *et al.*, 2020b, v. 3), foi possível demonstrar que as ações do cotidiano poderiam assumir diferentes funções lúdicas nas relações entre as crianças e os adultos. A ideia foi a de que cada canto da casa pudesse dar origem à construção de múltiplas possibilidades lúdicas, reinventando os espaços e os objetos através das brincadeiras.

Assim, o material propiciou a reorganização do banheiro da casa, transformando-o, simbolicamente, numa praia, fazendo do lençol da cama uma segura cabana e, ainda, reconfigurando as panelas da cozinha numa potente bateria. No volume 3 (Figura 3) exploramos, por meio do faz de conta e da brincadeira, a possibilidade de a criança assimilar a realidade externa a ela, incorporando-a em seu repertório interno de forma mais positiva.

Figura 3 – “Catalogando ideias” – volume 3



Considerando que o lançamento do quarto volume do “Catalogando ideias” ocorreu no mês do Folclore, valorizamos, neste caderno (GONÇALVES *et al.*, 2020c, v. 4), os costumes, as lendas, os provérbios e as manifestações artísticas em geral, construindo, a partir delas, objetos brincantes com a capacidade de unir gerações e de partilhar a imensa sabedoria popular.

Portanto, as páginas do quarto volume do projeto (Figura 4) concederam a possibilidade de brincar com a cultura popular, de modo a resgatar e a valorizar o conhecimento passado de geração em geração. A principal ideia, com essa valorização, era a de que as crianças pudessem brincar com o conhecimento que integra o repertório de grande parte dos adultos: lendas e outros textos populares, personagens fantásticos, jogos populares e diversas manifestações folclóricas. A partir disso, é possível refletir sobre o lúdico presente no folclore rico e diversificado do nosso país.

Figura 4 – “Catalogando ideias” – volume 4



Fonte: Imagem da capa do volume 4 de Gonçalves *et al.* (2020c).

Compreendendo que, após seis meses de uma pandemia, a saúde mental já começava a ficar comprometida, buscamos, no quinto volume (Figura 5), propostas que cuidassem da estabilidade físico-mental dos peque-

nos e das pequenas. Assim, no quinto volume (BONA *et al.*, 2020, v. 5), propusemos a meditação como meio de aproximar a criança de suas próprias emoções, promovendo experiências de autocuidado. Além disso, foram sugeridas brincadeiras que favorecessem a expressão de sentimentos através da arte, com a exploração da ludicidade em diversas linguagens artísticas, tais como o teatro, a dança e a música.

Figura 5 – “Catalogando ideias” – volume 5



Fonte: Imagem da capa do volume 5 de Bona *et al.* (2020).

O último volume do “Catalogando ideias” (GONÇALVES *et al.*, 2020d, v. 6) – cuja capa pode ser vista na Figura 6 – trouxe experiências literárias brincantes que podem ser vivenciadas com bebês e crianças pequenas, já que, desde cedo, os pequenos e as pequenas revelam grande interesse em brincar com palavras, imagens, texturas, livros, sons e sentidos, explorando a imaginação.

Também propusemos dicas para transformar a contação de histórias em brincadeiras e para selecionar livros literários interessantes. Além disso, realizamos uma curadoria de textos literários, com indicação de livros de literatura infantil, de *podcasts* que se utilizam das contações de histórias, de canais do YouTube, de CDs literários e de curta-metragens.

Figura 6 – “Catalogando ideias” – volume 6



Fonte: Imagem da capa do volume 6 de Gonçalves *et al.* (2020d).

As sugestões que estiveram presentes nos seis volumes apresentados trouxeram uma perspectiva que respeita, acima de tudo, as diferentes infâncias que estão atravessando este difícil momento pandêmico que exigiu o isolamento social. Podemos considerar esses catálogos como uma ferramenta que colocou as famílias em interação na medida em que subsidiaram a vivência de experiências saudáveis em um momento tão atípico na vida das crianças.

4. Considerações finais

Contribuir para a melhoria da qualidade do clima relacional das famílias é uma importante tarefa da universidade em todos os tempos, principalmente em um momento pandêmico. O projeto “Catalogando ideias” se constituiu como uma extensão universitária que buscou colaborar com o desenvolvimento de infâncias saudáveis através da ludicidade, instrumentalizando as famílias para que pudessem construir, em seus lares, espaços potentes de interação a partir das brincadeiras.

Considerando que a maior parte das estudantes que compuseram a equipe é pertencente do curso de Pedagogia e que este curso corresponde ao trabalho educacional com forte ênfase nas crianças, compreendemos que as experiências do “Catalogando ideias” foram fundamentais na formação pedagógica dessas estudantes, que puderam aprofundar seus estudos teóricos acerca do tema da ludicidade e, ainda, dedicar esforços à melhoria da qualidade relacional das pessoas neste período de pandemia.

Isso se torna ainda mais evidente quando se percebe que, para a elaboração dos seis volumes deste catálogo, as discentes recorreram aos estudos de diversas disciplinas do currículo de Pedagogia, refletindo desde uma perspectiva psicológica do desenvolvimento infantil até questões em torno da Sociologia da Infância e da Antropologia da Criança.

Ademais, consideramos que a produção do material contribuiu, também, para melhoria da relação da universidade com a comunidade interna e externa à UFPE, visto que foram utilizados, para isso, variados canais de comunicação virtual, através dos quais as famílias puderam tanto sugerir atividades como também se apropriar das propostas construídas pela comunidade interna ao CE da UFPE.

O “Catalogando ideias” pôde ser divulgado, também, por meio de um jornal televisivo local com ampla audiência, que mostrou algumas brincadeiras propostas no material; fez parte da “Semana Mundial do Brincar” *on-line*, evento nacional de ampla divulgação, e foi divulgado no “Catálogo Virtual de Fontes de Informação sobre Saúde Mental e Intervenções Psicológicas na Pandemia de Covid-19” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, 2020)⁴.

Concluimos, com isso, acreditando que o “Catalogando ideias” trouxe contribuições para o enfrentamento da pandemia na medida em que, cuidando da saúde mental, social e relacional das famílias, criou condições emo-

4 Para acesso ao catálogo, o seguinte endereço pode ser consultado: [https://ppgpsicologia.furg.br/images/Catlogo - Fontes de Informao sobre Sade Mental e Intervenoes Psicologicas na Pandemia COVID-19 PPG-Psi_FURG - 261120.pdf](https://ppgpsicologia.furg.br/images/Catlogo_-_Fontes_de_Informao_sobre_Sade_Mental_e_Intervenoes_Psicologicas_na_Pandemia_COVID-19_PPG-Psi_FURG_-_261120.pdf).

cionais para que esse momento tão desafiador pudesse ser enfrentado. Mediante essa ação, docentes, servidores técnico-administrativos(as) e estudantes dos cursos de licenciatura do CE da UFPE propuseram ideias para que diversas pessoas pudessem realizar novas experiências em suas casas. Assim, possibilitamos, via ludicidade, condições para que as crianças tivessem um crescimento mais saudável, apesar das circunstâncias ocasionadas pelo distanciamento social em função da pandemia de Covid-19.

BONA, V. *et al.* (org.) *Catalogando ideias*. Recife: Centro de Educação da UFPE, 2020. v. 5. Disponível em: <https://ficadicadoce.wordpress.com/2020/10/02/quinto-volume-do-catalogando-ideias/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*: disposições constitucionais pertinentes. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. 6 ed. Brasília: Subsecretaria de Edições Técnicas, 2005.

BRASIL. *Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016*. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), o Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, a Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008, e a Lei nº 12.662, de 5 de junho de 2012. Brasília, DF, 8 mar. 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2016/lei/L13257.htm. Acesso em: 29 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CEB nº 20/2009*. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb020_09.pdf. Acesso em: 20 abr. 2020.

BRITES, L. *Brincar é fundamental*: como entender o neurodesenvolvimento e resgatar a importância do brincar durante a primeira infância. São Paulo: Editora Gente, 2020.

BROFENBREMER, U. *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CREPALDI, M. A. *et al.* Terminalidade, morte e luto na pandemia de Covid-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Revista Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 1, n. 37, p. 1-12, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100508. Acesso em: 22 jan. 2021.

DE VRIES, R.; ZAN, B. *A ética na educação infantil: o ambiente sócio-moral na escola*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GONÇALVES, C. C. *et al.* *Catalogando ideias*. Recife: Centro de Educação da UFPE, 2020a. v. 1. Disponível em: <https://ficadicadoce.wordpress.com/2020/05/12/primeiro-volume-do-catalogando-ideias/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

GONÇALVES, C. C. *et al.* (org.) *Catalogando ideias*. Recife: Centro de Educação da UFPE, 2020b. v. 3. Disponível em: <https://ficadicadoce.wordpress.com/2020/07/31/terceiro-volume-do-catalogando-ideias/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

GONÇALVES, C. C. *et al.* (org.) *Catalogando ideias*. Recife: Centro de Educação da UFPE, 2020c. v. 4. Disponível em: <https://ficadicadoce.wordpress.com/2020/08/22/quarto-volume-do-catalogando-ideias-folclore/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

GONÇALVES, C. C. *et al.* (org.) *Catalogando ideias*. Recife: Centro de Educação da UFPE, 2020d. v. 6. Disponível em: <https://ficadicadoce.wordpress.com/2020/12/11/sextovolume-do-catalogando-ideias/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

KISHIMOTO, T. M. Brinquedos e brincadeiras na Educação Infantil. *In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO - PERSPECTIVAS ATUAIS*, 2010, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizukomorchida/file>. Acesso em: 27 jan. 2021.

KONINCK, T. *Filosofia da Educação: ensaio sobre o devir humano*. São Paulo: Paulus, 2007.

MOTA, A. P. F. S. *et al.* (org.) *Catalogando ideias*. Recife: Centro de Educação da UFPE, 2020. v. 2. Disponível em: <https://ficadicaoce.wordpress.com/2020/06/08/segundo-volume-do-catalogando-ideias/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

OLIVEIRA, V. (org.). *O brincar e a criança do nascimento aos seis anos*. Petrópolis: Vozes, 2000.

RODRIGUES, J.; LINS, A. C. Possíveis impactos causados pela pandemia da COVID-19 na saúde mental de crianças e o papel dos pais neste cenário. *Research, Society and Development*, São Paulo, v. 9, n. 8, p. e793986533, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/6533/5244>. Acesso em: 24 jan. 2021.

SCHIMDT, B. *et al.* Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (Covid-19). *Revista Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 1, n. 37, p. 1-26, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100501. Acesso em: 24 jan. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. Instituto de Ciências Humanas e da Informação. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. *Catálogo virtual de fontes de informação sobre saúde mental e intervenções psicológicas na pandemia de Covid-19*. Disponível em: [https://ppgpsicologia.furg.br/images/Catlogo - Fontes de Informao sobre Sade Mental e Intervenoes Psicologicas na Pandemia COVID-19 PPG-Psi FURG - 261120.pdf](https://ppgpsicologia.furg.br/images/Catlogo_-_Fontes_de_Informao_sobre_Sade_Mental_e_Intervenoes_Psicologicas_na_Pandemia_COVID-19_PPG-Psi_FURG_-_261120.pdf). Acesso em: 27 jan. 2021.



CENA UNIVERSIDADE e-DANÇA 2020: redimensionando a prática da dança na pandemia

“CENA UNIVERSIDADE e-DANÇA 2020”:
reshaping dance practice in the pandemic

Arnaldo José de Siqueira Junior

(Doutor em Artes da Cena, Professor do
Departamento de Artes, CAC/UFPE)

Adriano André Rosa da Silva

(Mestre em Artes Cênicas, Departamento de Artes, UFRN)

Maria Júlia Gusmão Costa Pereira

(Graduanda em Dança, CAC/UFPE)

Jonas Alves da Silva Júnior

(Graduando em Dança, CAC/UFPE)

O "Cena universidade e-Dança 2020" foi o nome dado ao projeto após seu reajuste às condições de execução virtual. Originalmente, na condição de execução presencial, o projeto foi aprovado com o nome de "Concerto coreográfico", no Edital UFPE 10/2019 de Apoio à Pesquisa em Criação Artística, sob a coordenação dos professores Dr. Arnaldo José de Siqueira Júnior (coordenador) e Dr. Cláudio Marcelo Carneiro Leão Lacerda (vice-coordenador), do Departamento de Artes do Centro de Artes e Comunicação (CAC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Resumo

Este texto traz uma reflexão sobre os efeitos da pandemia causada pela Covid-19 na área da Dança e seus enfrentamentos à luz de uma experiência de processos individuais de criação artística com discentes, voltada para o desenvolvimento de videodanças. Em uma lógica de interações, a ação propõe uma articulação de saberes, por meio dos quais os *softwares* de edição de imagens viram salas de aula e de ensaio. As gravações tornam-se o método, as câmeras a didática e as telas os palcos. Para tal, mobiliza conceitos como o de artista discente e o de coreoedição como ação técnico-expressiva e cinestésica de editar e coreografar ao mesmo tempo. Além disso, o projeto desenvolve atividades como o *workshop* “Coreoedição: fluxo criativo na videodança” e traz, como resultado, uma mostra coletiva intitulada de “e-Dança”, no canal CenaCumplicidades, do YouTube.

Palavras-chave: Dança. Videodança. Coreoedição. Cena Universidade.

Abstract

This text reflects on the pandemic effects caused by COVID-19 in the dance area. Reflects also, on this pandemic confrontation in the light of an experience from individual artistic creation processes with students and it focuses on the screendances' development. In a logic of interactions, this project proposes an articulation of knowledges, in which the image editing software turns into classrooms and rehearsal rooms. The recordings become the method, the cameras turn into didactic and the screens are now stages. To this end, it mobilizes concepts such as the student artist and the *choreoedition* as a technical-expressive and kinesthetic action to edit and choreograph at the same time. Further, the project develops activities as the workshop “Coreoedição: fluxo criativo na videodança” and it brings as a result, a group show entitled “e-Dança” on the YouTube channel by CenaCumplicidades.

Keywords: Dance. Screendance. *Choreoedition*. University Scene.

1. Introdução

O presente trabalho constitui uma sistematização de uma experiência de adaptação de um projeto de extensão na área da dança, de caráter presencial, aprovado com o nome de Concerto Coreográfico por meio do Edital UFPE 10/2019 de Apoio à Pesquisa em Criação Artística, para um outro projeto denominado “Cena universidade e-Dança”. O escopo dessa modificação estava em readequar um objeto de pesquisa em criação artística na dança, de viés essencialmente presencial, para um formato virtual, mantendo intactas as linhas de força do projeto original.

O objetivo dessa sistematização passou a ser (re)construir – a partir dessa experiência institucional – uma opção viável de trabalho pedagógico de criação artística em dança que pudesse responder aos novos desafios da atuação em dança, frente aos efeitos da pandemia causada pela Covid-19.

Para tanto, considerou a experiência com o segmento da videodança na relação do movimento e imagem como fluxo criativo e artístico em interface com o audiovisual, desenvolvida no projeto “Cena universidade e-Dança” no ano de 2020.

A sistematização levou em conta alguns aspectos, tais como a precariedade da área da dança resultante da

pandemia, assim como seus impactos em micro e macro contextos, além da reconsideração de conceitos, conteúdos e procedimentos de ensino e aprendizagem para processos de criação de obras cênicas para o ambiente virtual.

Neste artigo, os relatos dos discentes mostram que essa adequação não foi fácil. Assim, percebe-se que o trabalho de atuação em dança, como criação artística e ensino no âmbito virtual em resposta ao cenário da pandemia, resulta em considerar uma outra lógica tanto para a pedagogia como para a estética, envolvendo a articulação de saberes conexos.

2. O projeto original: “Concerto coreográfico”

Um curso de Dança tem uma natureza notadamente *sui generis* no ensino superior. Seu processo de ensino-aprendizagem caracteriza-se por uma conjunção de saberes que estão nos âmbitos da teoria e da prática, em grande parte procurando dissolver essa separação e envolvendo saberes corporais, não verbais e verbais. Em razão dessa natureza particular, a realização de suas atividades relacionadas a técnicas de danças, criação coreográfica, pesquisa prático-teórica e teórica, ensino e metodologias (práticas) de ensino-aprendizagem, estudos do corpo e do movimento e experimentações de criação artística, constituem, em muitos casos, um campo muito produtivo dentro da universidade.

Essa produção, advinda do desenvolvimento de atividades curriculares de graduação, muitas delas oriundas de processos criativos de disciplinas e/ou projetos de extensão e pesquisa, ainda que tenham potencial de geração de produtos, estão fadadas à indiferença e ao esquecimento logo após atingirem seu propósito de existência: o cumprimento da tarefa pedagógica para a qual se destinaram. Nesse circuito, dilui-se, semestralmente, oportunidades de potencialização pedagógica, institucional e de visibilidade do curso e de seus agentes.

Por outro lado, há que se considerar que, devido às demandas específicas e estruturais no âmbito das atividades curriculares dos cursos de graduação, nem sempre é possível a composição de trabalhos artísticos extensos, uma vez que, comumente, eles ocorrem em momentos pontuais, geralmente por ocasião de processos avaliativos (para e quando a maioria deles é desenvolvida), o que agrega restrições no tempo de apresentação desses trabalhos. Em decorrência disso, obras mais elaboradas e com tempo de duração mais dilatado nem sempre são viáveis no âmbito da sala de aula, embora, em vários casos, seja justamente nesse ambiente onde o potencial dos artistas discentes se manifesta e pode ser explorado com maior implicação.

Mesmo compreendendo os limites de tempo e a autonomia organizacional de disciplinas e de seus professores, mas objetivando sobretudo agregar à produtividade do trabalho criativo da graduação e seus projetos, a oportunidade de eles se estenderem no tempo e até se desenvolverem em produções artísticas de maior envergadura (posteriores ao ciclo semestral e ao universo da sala de aula) foi que constituiu a linha de força da proposta original do projeto de extensão.

Assim, entre a produção artística de natureza pedagógica e o desperdício dela por falta de fomento é que foi proposto ao Edital de Apoio à Pesquisa em Criação Artística, da Proexc-UFPE¹ 10/2019, o projeto “Concerto coreográfico”, voltado tanto para a criação de coreografias inéditas quanto para o acolhimento de trabalhos dos estudantes (preferencialmente advindos de disciplinas de cursos de graduação) que estivessem em processo de criação ou mesmo finalizados, com o propósito de montar um concerto coreográfico e realizar apresentações em teatros e outros *campi*, a exemplo do Centro Acadêmico do Agreste (CAA), do Centro Acadêmico de Vitória (CAV) (situados nas cidades de Caruaru e Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, respectivamente) e do Centro Cultural Benfica, em Recife-PE. Desse modo, o projeto visava também a difusão e o reconhecimento do trabalho extensionista da instituição e do artista discente, inclu-

¹ Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

sive na obtenção de registro profissional (Sated²), bem como a sustentabilidade das próprias criações.

Inspirado em autores como Carlos Nuñez (1984), que escreveu *Educar para Transformar e Transformar para Educar*, e Oscar Jara (1987), com seu livro *Aprender desde la Práctica*, e parafrazeando, ainda, Isabel Marques (2014) e seu conceito de artista/docente, caracterizamos o artista discente no âmbito do projeto não apenas como um estudante de dança que mantém uma carreira artística paralela às suas atividades discentes. O artista discente seria aquele que, numa mesma proposta e simultaneamente, dança para aprender e aprende para melhor dançar, ou seja, criando e atuando, dança e aprende, pois, aprende dançando e dança aprendendo, plenamente integrado na fusão das duas ações.

Visivelmente, o projeto mirava horizontes extramuros universitários, apresentando, potencialmente, uma nova geração da dança e divulgando o trabalho de pedagogia e fomento da instituição com vista na inserção dos artistas discentes em mercados, festivais, equipamentos culturais etc. Porém, com o advento da emergência sanitária por conta da pandemia de Covid-19, que em 2020 sacudiu de maneira irreversível as atividades produtivas para o setor da dança na região e no mundo, tornou-se impossível realizar o projeto em razão da condição presencial de seu escopo, além de haver o risco implicado na circulação do seu produto, que feriria os protocolos de biossegurança.

2 Sated-PE, Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão no Estado de Pernambuco. Atua em defesa e representação legal da categoria profissional dos Artistas e Técnicos em Artes Cênicas, Moda, Audiovisuais e de Radiodifusão, com base territorial no estado de Pernambuco e duração por tempo indeterminado. A representação da categoria profissional compreende os Trabalhadores Artistas e Técnicos regulamentados pela Lei nº 6.533 de 24/05/78, cujas funções estão descritas no quadro constante do Decreto nº 82.350 de 05/10/78 e ainda outras funções que vierem a ser incorporadas por disposição legal no referido quadro de funções. Mais informações em: <https://satedpe.com.br/>.

3. O cenário da dança na pandemia: o macro contexto e suas implicações no projeto

As medidas de isolamento social e desaceleração da atividade produtiva provocaram um freio na vida social e cultural presencial, na mobilidade de pessoas e bens culturais e nos espaços de encontro comunitários onde a dança exercia a maior parte de suas atividades. Essas mudanças significaram uma ruptura radical da atividade econômica do setor da dança e um desnudamento da informalidade, da intermitência e da precariedade do campo da dança, tanto no que diz respeito à produção quanto às políticas para o setor. Tornou-se importante compreender, então, a curto, médio e longo prazo, quais propostas artístico-culturais poderiam se sustentar e até se desenvolver a partir dessa mudança, assim como qual papel teria o poder público nesse processo e quais seriam os aportes que a dança teria para oferecer à sociedade mediante seu potencial de ação.

Levando em conta o atual cenário da pandemia com suas respectivas consequências econômicas, sociais, culturais e para o meio ambiente, observou-se que o contexto pandêmico escancarou o conjunto de precariedades do Brasil no seu enfrentamento e promoveu uma radiografia do campo da dança. Ainda que iniciativas anteriores plasmadas em mapeamentos e banco de dados, cadastramentos e pesquisas de variados temas, documentação e redes tivessem dado sua contribuição para a organização da dança enquanto campo de atividade, a pandemia mostrou que boa parte desse conjunto de ferramentas, uma vez dissociada de uma política do setor (haja vista que oriundos de iniciativas e projetos isolados e, por vezes, individuais), não possibilitava uma diagnose da situação nem um inventário do setor produtivo da dança para que uma resposta emergencial pudesse ser dada.

A gestão da informação, com foco na identificação e caracterização do setor com diagnósticos, avaliações e indicadores e na distribuição da informação gerada a partir desses levantamentos, teria mudado a feição ineficiente dessa conjuntura, promovendo medidas efi-

cazes. Mas, sem a identificação das condições socioeconômicas e de trabalho dos agentes envolvidos na cadeia produtiva da dança no país, percebeu-se que seria difícil o acionamento urgente e eficiente de quaisquer ações públicas que pudessem amenizar os danos gerados pela crise do novo coronavírus, pois qualquer iniciativa pública nesse sentido carecia de parâmetros adequados dos diversos setores produtivos da dança em níveis local, regional e nacional.

Ficou evidente, então, a falta de compilação criteriosa de dados, levantamentos e relatórios reais sobre tais setores, bem possível por meio de fontes como os projetos oriundos das leis de incentivos estaduais e municipais. Além disso, a falta de leitura desses dados, em um horizonte ampliado de região e cidade, não permitiu que o acesso a importantes canais de informação pudesse subsidiar e sustentar ações em curso ou mesmo criar mecanismos que mitigassem os estragos no setor.

Talvez seja importante registrar que tais questões permearam o encontro da Plataforma Iberoamericana de Danza-PID, realizado no período de 11 a 14 de novembro de 2020, assim como os encontros preliminares promovidos pela Coordenação de Dança da Fundação Nacional de Artes (Funarte), para os quais o professor e produtor Arnaldo Siqueira foi convidado como analista. No evento, denominado *Conexiones*³, foram enfocados três aspectos basilares considerados prioritários para a organização da infraestrutura do campo da dança. O primeiro deles foi a gestão do conhecimento do setor, apontando o valor da identificação e, principalmente, da atualização de dados e de indicadores para a alimentação de projetos e de programas da área. O segundo abordou as políticas públicas, com foco em marcos legais voltados para os direitos trabalhistas de artistas e da formalização do trabalho e ofícios conexos. Também voltado para as políticas públicas, o terceiro apontou para a importância do desenvolvimento do setor produtivo, abordando modelos e ecossistemas econômicos possíveis para a pluralidade do campo e seus impactos nos diversos modos de produção. Nesse encontro, observou-se que os ecossis-

temas da dança no país e no mundo, ainda que diversos e multicausais, apresentavam realidades adversas para a sustentabilidade de suas iniciativas criativas, para a mobilidade de seus bens e serviços e para a garantia de funcionamento de suas estruturas.

Sendo assim, qualquer iniciativa de ajuste do projeto à nova realidade teria que considerar urgentemente novas variáveis e ainda levar em consideração o envolvimento de outras competências, como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Estas dizem respeito a formas tecnológicas distintas de comunicar e informar por meio das funções de *hardware*, *software* e telecomunicações, que podem contribuir para a readequação do projeto para o formato remoto em atendimento às mudanças compulsórias das ações de extensão da UFPE decorrentes do contexto de isolamento social.

No entanto, em se tratando da transposição para a tela fria do computador de todo o esforço de entendimento e reflexão dos impactos da pandemia na área da dança, com vistas ao atendimento das necessidades institucionais, evidenciou-se a importância de dar relevância à memória de uma série significativa de acontecimentos, situações e relacionamentos envolvendo os alunos componentes do projeto, pois a consideração de tais elementos poderiam também nortear os caminhos a serem percorridos. Algumas dessas condições serão detalhadas a seguir, a partir de depoimentos dos estudantes.

4. O cenário da dança na pandemia: microcontexto

Na sua primeira versão, o projeto começou em março, com atividades práticas de trabalho corporal. Porém, o processo foi interrompido, sendo retomado após sete meses e, em resposta à maneira como alguns de seus componentes foram afetados, é válido apresentar os seguintes depoimentos:

Afetou da forma mais negativa possível. Desenvolvi ansiedade. Tive e ainda tenho crises, o que me levou a fa-

zer uso de remédios e tratamento psicológico até hoje. Ter que ficar em casa, usar máscara (nesse momento é um tormento pra mim), sem lazer, sem poder estar com meus amigos e parentes, sem estar no meu normal, dificultou muito criar, colocar a criatividade para trabalhar, me levando a um bloqueio terrível dando uma sensação de 'vazio'. Minha vida pessoal e profissional ficou parada. Impediu, pelo menos por um período, planos e realizações de projetos que me fizeram repensar e reorganizar tudo para poder continuar, pois parar seria pior. Eu não iria produzir e tão pouco aprender coisas novas [...]. Eu me adaptei usando o que tinha ao meu alcance, o que eu tinha em casa mesmo, inclusive, o espaço disponível.⁴

Como fica evidente no final da citação, a ansiedade vinha acompanhada de outros problemas, como os espaciais. Rebeca Lima, outra aluna do curso de Licenciatura em Dança da UFPE, disse: “a dificuldade foi me adaptar a fazer tudo em casa e fiquei bastante ansiosa, com muita crise de ansiedade, achando que não iria dar certo [...]”⁵. Para outros estudantes, essa questão de espaço foi menos problemática; contudo, cobrou adaptações no âmbito da dimensão virtual:

Precisei compactar minha arte para dentro da minha casa. Troquei as salas de aulas e de ensaios pelo quarto, sala de casa ou cozinha. Precisei desenvolver intimidade com o celular e o computador. Gravar e editar vídeos viraram mais que parte da rotina, passou a ser parte de minhas obrigações como professora/artista. O palco passou a ser as redes sociais e o que era troca de calor, contatos físicos e abraços, virou uma tela eletrônica.⁶

4 Depoimento extraído do relatório de Íris Cláudia Anjos, estudante do curso de Licenciatura em Dança-UFPE e participante do *workshop* Coreoedição: fluxo criativo na videodança, ministrado em 2020 pelo projeto de extensão “Cena universidade”, 2020, na UFPE.

5 Depoimento extraído do relatório de Marília Rebeca Lima de Souza, estudante do curso de Licenciatura em Dança-UFPE e participante do *workshop* Coreoedição: fluxo criativo na videodança, ministrado em 2020 pelo projeto de extensão “Cena universidade”, 2020, na UFPE.

6 Depoimento extraído do relatório de Julia Vazques, participante do *workshop* Coreoedição: fluxo criativo na videodança, ministrado em 2020 pelo projeto de extensão “Cena universidade”, 2020, na UFPE.

Igualmente para Júlia Gusmão, também aluna do curso de Dança, as dificuldades foram “disponibilidade de espaço, falhas de conexão, horários disponíveis e até verba em alguns casos”. No entanto, e de maneira geral, a situação particular de cada um, mesmo que voltada para a superação das consequências do confinamento, também era afetada por toda a dimensão da pandemia, como se evidencia nesta declaração de Irla Sab.:

No começo da pandemia, não vou mentir que estava sem estímulo para criar e me movimentar pela situação do mundo ser chocante e estarmos em um período de readaptação, pois o novo sempre iremos achar estranho até nos acostumarmos, mas aos poucos fui investindo no treinamento de danças, além de criar coreografias em casa⁷.

O acompanhamento da adequação dos estudantes às condições de comunicação, estudo e interação por meio de mecanismos virtuais, assim como as adaptações promovidas por eles para a realização de atividades práticas, ajustadas às condições espaciais de onde estavam vivendo no período do isolamento social imposto pela pandemia, praticamente determinaram que o projeto “Concerto coreográfico” não teria como ser realizado nas condições inicialmente propostas.

5. Projeto repaginado: “Cena universidade e-Dança”

Foi preciso repensar o projeto e as estratégias possíveis de sustentabilidade a partir de uma outra maneira de executar a proposta sem alterar o seu conteúdo original, pois não interessava abrir mão das inquietações que ensejaram o projeto, ou seja, o desenvolvimento processual de criações artísticas em dança com estudantes de

⁷ Depoimento extraído do relatório de Irla Sab (Irla Silva Avelino de Bezerra), estudante do curso de Licenciatura em Dança-UFPE e participante do *workshop* Coreoedição: fluxo criativo na videodança, ministrado em 2020 pelo projeto de extensão “Cena universidade”, 2020, na UFPE.

graduação (podendo ou não advirem de saberes disciplinares ou existenciais) e sua difusão extramuros.

Para tal, foi necessário atentar para as dinâmicas de mercado e de demais projetos criativos que eram desenvolvidos, além de considerar a potência da cooperação para o enfrentamento do atual desafio. Também foi feita uma reflexão sobre modelos, rumos e desafios para uma agenda de fortalecimento da dimensão artística da dança e, por fim, a consideração de novas variáveis, tendo em conta o envolvimento de áreas como as TICs no reajuste da proposta. Sendo assim, três patamares se fizeram presentes na ação.

Em primeiro lugar, foi levado em consideração um processo de trabalho pedagógico e artístico baseado no compartilhamento de experiências em desenvolvimento. Nesse sentido, observou-se a atração de estudantes e artistas pelo uso de tecnologias avançadas e dinâmicas, ocasionando uma “inundação” na internet de vídeos de toda sorte de danças e atividades conexas. Em segundo lugar, houve o entendimento de que a associatividade a campos do conhecimento e áreas de atuação profissional não só era possível como desejável para a implementação e sucesso desse processo metodológico de compartilhamento. Por fim, veio a experiência que o professor Arnaldo Siqueira teve como membro da comissão de seleção do Prêmio Funarte RespirArte, cujo edital, no seu primeiro artigo, transcrito em parte logo abaixo, preconizava:

1.1 O presente edital destina-se a premiar produções artísticas inéditas, em vídeo finalizado, para difusão em plataformas digitais de hospedagem aberta, realizadas por pessoas físicas ou jurídicas conforme item 2.1.2. Constitui objeto deste edital a premiação de 1.600 (mil e seiscentas) produções artísticas inéditas, em vídeo, voltadas para as áreas artísticas: Artes Visuais, Dança, Teatro, Circo, Música e Artes Integradas. 1.3 Para efeito deste edital adota-se a seguinte definição: 1.3.1 Produção artística inédita: registro de produção artística, em vídeo finalizado, que não tenha sido exibido previamente, desenvolvido para ser veiculado em plataformas digitais com destinação pública (BRASIL, 2020, p. 84).

Para a área da Dança, foram destinados 270 prêmios. Durante o processo de seleção, o professor avaliou aproximadamente 450 vídeos de trabalhos nos diversos segmentos dessa linguagem, como estava previsto no Edital. Nessa ocasião, observava-se, no contexto nacional, que a internet tinha se tornado o principal canal de escoamento da produção da dança, tanto de companhias profissionais como de estudantes (e até de amadores que se entretinham postando suas imagens), pois, conforme o Brasil entrava em quarentena, multiplicavam-se as publicações nas mídias sociais com recomendações de trabalhos artísticos para esses momentos de isolamento: filmes imperdíveis, *lives*, livros que as pessoas “não têm mais desculpa para não ler”, cursos *online* de desenho, de dança, de pintura, de fotografia, de teatro... a lista é infindável. Por outro lado, esse *boom* evidenciava que a maioria desses produtos apresentava inconsistências no âmbito da linguagem do audiovisual, campo no qual os vídeos estão inseridos.

Uma vez que a dança usualmente não utiliza falas e considerando que a linguagem verbal não é uma barreira na apreciação de seus trabalhos, a tela do computador e do celular tornaram-se o lugar ideal para a difusão dos produtos da dança em período de *lockdown*, proporcionando que eles pudessem ser acessados via internet em qualquer parte do mundo. Esse aspecto de potência na difusão se coaduna com as linhas de força do projeto original, uma vez que a meta sempre foi desenvolver processos de pesquisa em criação artística e difundir seus resultados. Essa foi uma das razões de o projeto ter se configurado como “Cena universidade”.

Por outro lado, havia o fato de que, em sua maioria, os artistas da dança não tinham mostrado domínio da linguagem do audiovisual. Porém, tal fato, ao invés de se apresentar como um problema, foi visto pela coordenação do projeto como a solução na readequação da proposta para a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco (Proexc/UFPE). Como os artistas discentes não apresentavam pleno domínio da linguagem do audiovisual, o que consistiria no ajustamento do projeto seria exatamente a capacitação em relação a esse conteúdo.

A ideia de dança para a tela, *screendance*, termo cunhado pelo professor de Arte e Chefe do Departamento de Arte da University de Wisconsin-Madison (EUA) Douglas Rosenberg, não era nenhuma novidade para a área⁸. O conceito, segundo ele, “refere-se a qualquer dança gravada em qualquer tecnologia de imagem em movimento e sublinha a forma que o produto final circula, ou seja, em qualquer tela” (CERBINO; BRUM, 2016, p. 105).

A partir desse espectro de possibilidades, e já na interação com os alunos em processo de orientação, optou-se pela videodança, que, na concepção do professor Alexandre Veras, da Escola de Audiovisual de Fortaleza e diretor do Alpendre – Casa de Arte, Pesquisa e Produção,

[...] não é uma linguagem específica e nem um novo gênero. Trata-se, sim, da invenção de um espaço de pesquisa que explora diversas relações possíveis entre a coreografia, como um pensamento dos corpos no espaço, e o audiovisual, como um dispositivo de modulação das variações espaço-temporais. Nesse sentido, uma videodança não difere em natureza de outros trabalhos audiovisuais; sua diferença afirma-se na centralidade que a relação do corpo com o movimento no espaço-tempo ganha na concepção do trabalho. Quando falamos de corpos estamos falando num sentido amplo e não reduzindo esse corpo ao corpo de um bailarino (CALDAS *et al.*, 2007, p. 15).

A dança e a tecnologia do vídeo no Brasil ganharam força na década de 70, com a pesquisadora e bailarina Ana Livia Cordeiro, a primeira artista da dança a trabalhar com videodança como um produto de arte no Brasil (SPANGHERO, 2003). Em 2003, a videodança ampliou sua perspectiva no Festival Dança em Foco⁹, com direção de

8 Seu livro mais recente, *The Oxford Handbook of Screendance Studies* (2016), foi publicado pela Oxford University Press. Rosenberg também é autor do livro *Screendance: Inscribing the Ephemeral Image* (2012), publicado pela Oxford Press. É editor e fundador do *The International Journal of Screendance* e seu trabalho para tela vem sendo exibido internacionalmente há mais de 25 anos. (CERBINO; BRUM, 2016, p. 105).

9 Mais informações podem ser conferidas em: <http://dancaemfoco.com.br/edicao-2003/>.

Paulo Caldas¹⁰, Leonel Brum¹¹, Eduardo Bonito e Regina Levy. Com o advento da quarentena de 2020 devido à Covid-19, a relação da dança com o audiovisual ganhou uma força nunca antes alcançada. Vários festivais optaram pela videodança, cinema, *workshops*, oficinas etc., além de editais de apoio emergencial e leis de incentivo voltadas exclusivamente para criação de novas imagens digitais. Em decorrência de tudo isso, praticamente todos os artistas passaram a reconhecer na tela um espaço para a criação e composição em dança.

Seguindo esse fluxo, o projeto tomou as feições definitivas do “Cena universidade e-Dança”, um conjunto de atividades síncronas e assíncronas (*workshop*, orientação, experimentos e desenvolvimento de produtos) de caráter virtual que foi idealizado com o objetivo de qualificar os processos individuais de criações coreográficas em tela digital. Em síntese, trata-se da dança para a internet. O projeto é uma iniciativa destinada preferencialmente aos artistas discentes da UFPE, mas também é aberto a interessados em receber orientação e formação na linguagem da dança em interface com o audiovisual para a postagem de seus trabalhos na rede.

Para muitos participantes, foi possível tirar da gaveta e pôr em prática algumas ideias e projetos que não poderiam ser feitos em um ano “normal”, com o diferencial de que, desta vez, os trabalhos não iriam para os palcos, mas para as telas digitais. Logo, surgiu a questão: como pensar o espaço da tela para dança?

Em relato, um dos alunos fala sobre este processo:

Trazer um trabalho/projeto que já era desenvolvido para a estrutura de caixa cênica e colocá-lo nas telas foi

10 Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Paulo Caldas tem sua produção artística marcada pela aproximação entre dança e audiovisual. Desde os anos 1990, sua produção coreográfica tem merecido diversos prêmios e distinções nacionais e internacionais. É professor dos cursos de Dança da UFC desde sua criação, em 2011.

11 É doutor em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e diretor artístico do Festival Dança em Foco. Também atua como membro do Conselho Consultivo da Rede Ibero-americana de Videodança para produção da Bienal Corpo, Imagem e Movimento, Madri/Espanha (2019). Atuou também como bailarino, coreógrafo e ator profissional. Tem livros e artigos publicados sobre dança, videodança, história da dança e produção cultural nas artes.

desafiador, tive muitas crises para entender esse lugar do que seja a dança contemporânea e a videodança como linguagem tão singular. Durante esse período *quarentênico* entrei num estudo bem mais denso com minha arte. Olhei para dentro de mim verdadeiramente, e me entreguei, me arrisquei e pude contar com conceitos como: corpo cidade, corpo *beat*, corpo estrutura, que alimentaram e deram mais coerência ao contexto da minha videodança.¹²

Quando se pensa na criação de imagem em dança dialogando com audiovisual, a videodança é uma das linguagens mais solicitadas pelos artistas, porém, ainda hostilizada, a videodança parece ser uma técnica difícil de aplicar na criação artística, pois comumente são procuradas definições, manuais ou formas prontas para sua efetivação. Acredita-se que isso se dá por meio das mídias digitais que padronizam as imagens e os fazeres estéticos da dança no meio digital. Por outro lado, de acordo com Leonel Brum (2014), é exatamente essa falta de definição que é libertadora para a criação artística na videodança.

Essa linguagem híbrida, que é a videodança, vem se transformando em meio à sua prática, sendo essa uma transformação em fluxo que dialoga com múltiplas possibilidades advindas da dança e do audiovisual, potencializando novos fazeres e atraindo diferentes públicos em seu processo, sejam esses artistas da dança ou de outras áreas do conhecimento. Um aluno comentou, a partir das suas vivências e fazeres com a videodança: "Uma coisa que mudou bastante meu olhar foi entender a videodança enquanto linguagem artística. Me abriu outros caminhos para pensar esse processo imagético e de suas facetas"¹³. Segundo Paulo Caldas (2009, p. 253), a videodança atualmente "complexifica questões da própria dança contemporânea", sendo um espaço de encontros

12 Depoimento extraído do relatório de Jonas Alves da Silva Júnior, estudante do curso de Licenciatura em Dança-UFPE e participante do *workshop* coreoedição: fluxo criativo na videodança, ministrado em 2020 pelo projeto de extensão "Cena universidade", 2020, na UFPE.

13 Depoimento extraído de relatório de J. C. Júnior, participante do *workshop* Coreoedição: fluxo criativo na videodança ministrado em 2020 pelo "Cena universidade", 2020, na UFPE.

e criação de novas experiências estéticas e uma prática política e artística.

Será que percepções como as de corpo no vídeo, da dança na imagem e da poética do movimento no tempo-espaço audiovisual vêm sendo pensadas no fazer artístico durante a pandemia? Quando nos tornamos coreógrafos, intérpretes, *filmmakers* e editores, o corpo na videodança percebe seu ritmo? Será que esse corpo reconhece a imagem da sua dança durante a criação de um vídeo?

Esses questionamentos nortearam os dois meses da oficina Coreoedição: fluxo criativo na videodança, realizada no ano de 2020. Nessa oficina, procuramos refletir sobre os múltiplos processos técnicos do audiovisual, dando ênfase aos processos de edição por meio da utilização de programas e aplicativos para computadores e celulares e dialogando com obras já existentes do cenário da videodança brasileira e internacional. Além disso, foi considerada a percepção das qualidades poéticas e cinestésicas para o processo de composição em dança para a tela, deixando em aberto a criação dos aprendizes por meio de suas experiências.

Trabalhou-se com o entendimento da videodança como uma possibilidade poética não no gênero da poesia escrita, mas na percepção de quem contempla a criação de uma obra, ou seja, do ponto de vista do sujeito. A existência de um excesso de materiais sem uma percepção associativa da imagem poética criada durante a quarentena resultou em imagens vazias¹⁴. A referência ao que aqui se denomina “imagens vazias” advém da percepção de que nesses trabalhos há uma falta de relação com o espaço-tempo do corpo, da câmera e da percepção rítmica da edição. Por isso, acredita-se que seja importante, por menor duração que tenha uma videodança, olhar para essa criação como uma extensão coreográfica entre esses elementos. O relato a seguir, da aluna Maria Júlia Gusmão Costa Pereira, ilustra bem

14 Para Tarkovski (1998), a associação poética está ligada à sensibilidade das nossas emoções e como projetamos nossos sentimentos para criação de ritmo nas imagens. Acredito que essa falta de associação das imagens pode nos transformar em artistas que criam e experimentam sem consciência no tempo e espaço na imagem digital.

tal reflexão de percepção de sentido na construção da videodança:

Para desenvolver a videodança, eu primeiro pesquisei tudo que eu achava que tinha a ver e que poderia talvez fazer sentido. A partir das referências que tinha e dos espaços disponíveis, roteirizei cenas partidas sem necessariamente ordená-las, mas avaliando as possibilidades criativas delas. Escolhi trabalhar com coreoedição (usar ângulos diferentes para uma mesma sequência coreográfica) em dois momentos e em outros, fui explorando o momento/espço. Gravei quase tudo em 24h (exceto um *take* do vestido no vento que decidi incorporar posteriormente). Porém, como não havia roteirizado a sequência das cenas, e como eu queria organizá-las para passar as emoções que eu sentia, demorei bastante para começar a editar o vídeo em si. [...] Foi uma edição bastante processual/perfomática e provavelmente sairia bem diferente se eu tivesse decidido fazê-la em outro momento.¹⁵

Durante o *workshop*, foi perceptível a dificuldade dos alunos em dialogar com o ritmo do corpo e da edição no processo de criação de um vídeo. Acredita-se que o que dificulta a relação, ao desenvolver uma imagem, é a falta de percepção durante a criação dos vídeos. A edição é sempre apontada como sistema de finalização para ser elaborada no vídeo e isso é um discurso que prejudica os processos entre dança e vídeo. O fato de se pensar em uma dramaturgia para o espaço da tela exige olhar para a forma que se elabora e se organiza a dança no espaço da câmera ou nas relações construídas com os elementos fora do seu quadro visual. Isso implica olhar para a edição como um processo que não deve estar no final, meio ou início, mas que deve permanecer em todo processo, fora e dentro do campo virtual.

Na tela, o corpo pode ter suas dimensões alteradas: a imagem do corpo distante informa, sobretudo, sua com-

15 Depoimento extraído do relatório de Maria Júlia Gusmão Costa Pereira, estudante do curso de Licenciatura em Dança-UFPE e participante do *workshop* Coreoedição: fluxo criativo na videodança, ministrado em 2020 pelo projeto de extensão “Cena universidade”, 2020, na UFPE.

posição com o espaço, e as linhas de força que compõem a arquitetura da imagem e se prolongam para além dela. A ideia de um extracampo insiste na imagem de uma maneira quase impensável no palco. Nele, a moldura é experimentada como limite do acontecimento. Para além daquilo que se vê, não há nenhuma cena a ser vista. A imagem na tela, ao contrário, tende a insinuar um transbordamento em que aquilo que se vê se liga virtualmente àquilo que não se vê (CALDAS, 2009, p. 247).

Nessa perspectiva, segundo Pearlman, a edição é um pulso que dá movimento ao corpo e a imagem

O pulso é a menor, mais constante e talvez mais inefável unidade de ritmo nos filmes. Está sempre presente, da mesma forma que nos corpos; e não é notado, exatamente como em nosso corpo. O pulso nos filmes possui muitas outras características em comum com o corpo: tende a permanecer dentro de certa velocidade, organiza a percepção do rápido e do lento e mantém o filme vivo. Do mesmo modo que no corpo, se o pulso de um filme para, diminui ou acelera demais, o resultado pode ser desastroso para o ritmo, a história ou a experiência desse filme (PEARLMAN, 2009, p. 224).

A edição é um pulso coreográfico, pois, quando se edita, também se dança com os quadros das imagens. Tal fundamento foi largamente trabalhado por André Rosa¹⁶ durante o *workshop* ainda que alguns alunos encontrassem dificuldade nesse tema, pois achavam que não eram capazes de sentir tal conexão já que não conheciam essa forma de coreografia como dança ou tinham medo de expressar seu movimento através da imagem. Ainda que superada, essa apreensão ficou registrada no seguinte relato de uma das alunas:

16 Adriano André Rosa da Silva foi um dos especialistas que colaboraram com o projeto. Suas credenciais são: coreoeditor na produção de videodança. Artista-pesquisador na área de Artes da Cena, com ênfase em Dança. Mestre em Artes Cênicas (PPGARc), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Membro do projeto de extensão ContemDança Z da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Diretor Artístico do Chinese Dança Contemporânea, grupo de extensão da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Atualmente, é bailarino da Companhia de Dança do Teatro Alberto Maranhão - CDTAM Natal / RN.

Uma das coisas que achei lindo foi ele elogiar meus processos criativos que muitas vezes eu acabava procrastinando e não querendo colocar no drive por achar que estava errado e por ver que outras pessoas já entendiam de edição e eu não, então ele conseguiu fazer com que eu pudesse acreditar em mim mesma e que posso saber e aprender as edições para a videodança e uma coisa que acho engraçado que quando pedia para nós mostrarmos os processos que foram mandados, ele começava pelos meus e com muita vergonha comentava com a turma. Me inscrevi no projeto querendo aprender a editar e literalmente consegui, sou orgulhosa da videodança que pude fazer e agora estou tentando produzir uma videodança ou videoarte relacionada a um orixá [...].¹⁷

O depoimento mostra que é possível aprender a coreografar de forma digital e fazer das imagens uma extensão da nossa corporalidade. Ao relacionar a coreografia à edição, Gretchen Schiller (2003) se propõe a pensar nessa articulação, que ela vai chamar de coreoedição, um processo singular em composição entre ritmo, espaço virtual e o corpo cinestésico. Segundo Schiller (2003, p. 67), “[...] coreoeditar é uma experiência tátil”, o corpo é aberto para uma troca de informação entre tecnologia, pele e funções neurológicas que acionam a empatia cinestésica, que acontece a partir dos estímulos e cuja função é enviar sinais eletroquímicos até a parte do córtex cerebral correspondente à área sensorio-motora, nos fazendo ter percepção do nosso ritmo.

Segundo Pearlman (2009), o que um editor pode estar fazendo ao criar ritmo em imagens é envolver sua memória corporal e/ou espelhar neurologicamente partes do que ele vê e ouve. Durante o processo de edição, a pessoa passa a habitar as imagens não pelos objetos que estão no quadro do vídeo, mas pelo movimento e composição do que está inserido de forma rítmica na sua percepção, estabelecendo assim uma criação dinâmica e poética na imagem movida por seu conhecimento corporal.

¹⁷ Depoimento extraído do relatório de Julia Vazques, participante do *workshop* Coreoedição: fluxo criativo na videodança ministrado em 2020 pelo projeto de extensão “Cena universidade”, 2020, na UFPE.

O ritmo é a escolha de movimento e poética de energia de um editor, por meio do qual várias imagens e ideias perpassam a percepção que, de forma intuitiva, escolhe e fragmenta momentos. O processo de criação de imagens na videodança pode ser bem diversificado e estabelecido por um roteiro ou pelo desejo da movimentação e do experimento em múltiplos espaços do cotidiano. Isso inclusive foi algo que ficou plasmado na experiência criativa desta aluna: “Gosto de me basear em um ‘tema’, algo que eu queria comunicar, e desta vez esse ‘tema’ me demorou a chegar. [...] organizando uns vídeos antigos, vi um da gorila Koko¹⁸, [...]”¹⁹. Outra aluna também mencionou: “Como eu já tinha dançado em vários locais da minha casa durante a pandemia e teria que gravar em casa porque não estou saindo (todos da minha família são do grupo de risco a não ser eu), eu pensei no telhado”²⁰.

O entendimento e domínio de tais conteúdos se constituíram no escopo e no êxito do projeto, que resultaram em doze videodanças criadas a partir de processos individuais de criação com base nas referências e nos exercícios propostos, compartilhados coletivamente no âmbito das atividades desenvolvidas.

6. Considerações finais

Ao longo do tempo, a pandemia foi deixando inexoravelmente rastros do seu impacto não somente na área da saúde, mas também em esferas sociais, econômicas, políticas e culturais, assim como nas dimensões individual, local, nacional e internacional e no objetivo e subjetivo de cada um. Com *foros* de Armagedom, os impactos não podem ser entendidos apenas isoladamente, e sim em

18 O vídeo pode ser conferido em: <https://www.youtube.com/watch?v=xYDY0Im9gME>.

19 Depoimento extraído do relatório de Alba Vieira, participante do *workshop* Coreoedição: fluxo criativo na videodança ministrado em 2020 pelo projeto de extensão “Cena universidade”, 2020, na UFPE.

20 Depoimento extraído de relatório da aluna do *workshop* Coreoedição: fluxo criativo na videodança ministrado em 2020 pelo “Cena universidade”, 2020, na UFPE.

sua relação com o conjunto numa articulação interna de todas as suas múltiplas relações.

Inicialmente, todo o desenvolvimento do projeto, sob a perspectiva da pandemia, apresentou momentos bem diferenciados. Baseados no senso comum de que os alunos aproveitam qualquer motivo para não frequentar as aulas, pensou-se que poucos estudantes (ou nenhum) iriam se interessar pelo projeto e corresponder a ele e que usariam todo o contexto da pandemia para isso. Ainda que um ou outro aluno tenha procurado o projeto a título de averiguação, e que, logo em seguida, outros interesses e compromissos os tenham feito desistir, esse quantitativo foi bem pequeno. Considerando o número de vinte vagas, apenas três desistiram a partir do segundo encontro síncrono.

A adesão ao projeto repaginado, cuja execução se deu durante a pandemia, mostrou que há conteúdos e experiências no âmbito do ensino formal que realmente interessam aos estudantes. Isso contradiz a máxima de que os alunos não querem/gostam de aulas, ou usam quaisquer desculpas para não as ter. Observou-se que, em decorrência da pandemia, esse pretense comportamento foi reconsiderado, e a relação com as aulas e o ambiente escolar pôde ser revisto. Provavelmente, uma das razões foi o fato de algumas consequências da pandemia terem se prolongado por muito tempo, a exemplo do isolamento e distanciamento social. Isso deixou bastante claro que os impactos da pandemia, longe de serem passageiros, iriam, a exemplo de outras situações dramáticas – como guerras –, perdurar por muito mais tempo do que se imaginava a princípio. Esse tempo estendido de reclusão e distanciamento da escola e do aprendizado contribuiu para que os alunos, num processo de amadurecimento, passassem a reconsiderar o valor dado às aulas e ao aprendizado.

Algo semelhante pode certamente ter ocorrido no âmbito da dimensão artística, no que diz respeito ao uso que os artistas da dança davam ao espaço da tela. As atividades do projeto proporcionaram aos seus participantes uma revisão da utilização da internet como repositório da sua produção artística, bem como o investimento necessário em domínio de conteúdo para a elaboração e postagem dessa produção.

Tal reconsideração foi decorrente de um processo pedagógico e artístico, abordando a dança em interface com a videodança e com ênfase no aprendizado e no domínio de conteúdos estéticos e técnicos do produto audiovisual, cujo êxito também se deve à recente atitude dos alunos frente aos processos de ensino-aprendizagem e ao enfrentamento dos desafios da conjuntura resultante dos danos da pandemia. Ainda que não seja total, ou mesmo maioria, uma parte significativa de artistas discentes demonstraram compreender que sua formação e atuação artística no atual (e estendido) cenário de precariedade total, depende de seus próprios investimentos, e que, no caso da dança, o ambiente virtual passou a cumprir o papel que antes era do palco. Tratá-lo com responsabilidade e atenção são prerrogativas importantes.

A produção de doze videodanças demonstrou tal atitude responsável, pois, ainda que no decorrer do projeto houvesse abordagens a respeito de questões pulsantes da atualidade, as videodanças postadas colocaram a dança como protagonista de suas produções. Os exercícios foram estímulos que tinham como objetivo ampliar o conhecimento digital na dança e aproximar os participantes da linguagem da videodança e da coreoedição. Outra motivação foi a exibição dos seus trabalhos no dia 11/12/2020, na *Mostra Online e-Dança*²¹, no canal do YouTube *CenaCumplicidades*, por meio do qual o espectador pode acessar uma playlist com 12 obras de videodança. Os projetos foram pensados para dialogar nas redes por meio de divulgação e participação da universidade, sendo a internet uma ferramenta que possibilita que um maior número de pessoas possa contemplar e participar das obras.

É possível encontrar, nas videodanças, particularidades dos movimentos e das narrativas escolhidas de forma rítmica. As dramaturgias apresentadas por eles trazem questões religiosas (*Eparrey Oyá* - Irla Sab e *Sonho Nire* - Vivian Marvel), releitura de uma obra secular como a *Sagração da Primavera* (1910), com música de Stravinsky (*Sagração da Primavera* - Cosme Gregory), literatu-

21 A mostra pode ser consultada em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLb3LZdrQPO4yZqTO-OZ4OH-8SiFg4_vcG.

ra e poesia como estímulo criativo (*Terra Corpo* - Rebeca Lima e *Noturna* - Júlia Gusmão), questões sociais e políticas (*Eu sou natureza* - Júlia Vasques e *Vírus* - J. C. Júnior), estado de resiliência (*VTS* - Alba Viera e *Descobrir para Desconstruir, Entender para Superar* - Íris Claudia) e conceitos ressignificados através dos corpos (*Arisco* - Márcio Fellipe, *Cápsula XX* - Kenne Felipe e *uMBIT* - Jonas Alves).

Nessas obras, percebe-se a capacidade do indivíduo de lidar com problemas e adaptar-se às mudanças, abrindo sua percepção com o intuito de querer continuar expressando a sua arte e aprender novas formas de coreografar. O que no início mostrou ser falta de domínio na criação de imagem em diálogo com audiovisual, caracteriza-se agora como uma prática contínua desses intérpretes que vão continuar criando suas obras de forma consciente no ambiente virtual. A pesquisa desenvolvida não perdeu seu valor qualitativo, criativo e de formação pedagógica. Ela precisou ser alterada, mas a sua didática seguiu sua estrutura de formação para artistas e alunos da universidade.

Nesse contexto, os fluxos criativos desses intérpretes não foram limitados ao isolamento social e a tecnologia se tornou a única forma de continuar a trabalhar, estudar, criar e se relacionar, mesmo diante das dificuldades apresentadas, como queda de rede, interrupção externas e equipamentos eletrônicos precários. Foi preciso acompanhar as mudanças e ressignificar os espaços, fazendo da videodança nosso novo palco possível de habitar, imaginar, inventar e expressar nossas emoções, sem perder a pulsação da dança.

- BRASIL. Ministério do Turismo. Fundação Nacional de Artes. *Edital nº 1, de 15 de junho de 2020*. Diário Oficial da União: seção 3, Brasília, DF, p. 84, 16 jun. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/edital-n-1-de-15-de-junho-de-2020-261748391>. Acesso em: 31 mar. 2021.
- BRUM, L. *Movimento da videodança brasileira. Dança, história, ensino e pesquisa: Brasil - França, ida e volta*. Fortaleza: Indústria da Dança do Ceará, 2017. p. 136-143.
- CALDAS, P. *Poéticas do movimento: interfaces*. In: CALDAS, P. (org.) *et al. Dança em foco: ensaios contemporâneos de videodança*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012. p. 239-253.
- CERBINO, B.; BRUM, L. Videodança/Screendance. *Art Research Journal*, Uberlândia, v. 3, n. 2, p. 104-12, jul./dez. 2016.
- JARA, O. *Aprender desde la práctica*, Alforja: San José, 1987.
- MARQUES, I. O artista/docente: ou o que a arte pode aprender com a educação. *Revista Ouvirouver*, Uberlândia, v. 10, n. 2, p. 230-239, jul./dez., 2014.
- NUÑEZ, C. *Educar para transformar, transformar para educar*, Alforja: San José, 1984.
- PEARLMAN, K. *Cutting Rhythms, Shaping the Film Edit*. 1. ed. Nova Iorque/Londres: Focal Press, 2009.
- PEARLMAN, K. *A edição como coreografia*. In: CALDAS, P. (org.) *et al. Dança em foco: ensaios contemporâneos de videodança*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012. p. 217-223.
- SCHILLER, G. *The Kinesfield: a study of movement-based interactive and choreographic art*. Tese (Doutorado) – School of Computing, Faculty of Technology University of Plymouth, Plymouth, 2003.

SPANGHERO, M. *A dança dos encéfalos acesos*. São Paulo: Rumos Itaú Cultural Transmídia, 2003.

TARKOVSKI, A. *Esculpir o tempo*, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VERAS, A. *Kino-Coreografias: entre o vídeo e a dança*. In: CALDAS, P. *et al.* *Dança em Foco, videodança*. Rio de Janeiro: Oi Futuro, 2007.



**ENTRE TEMPOS PANDÊMICOS,
ALGUMAS HISTÓRIAS:
notas sobre cuidar, narrar e tecer
afetos numa prática extensionista**

BETWEEN PANDEMIC TIMES, SOME STORIES:
notes on caring, narrating and weaving
affections in an extension practice

Jaileila de Araújo Menezes

(Doutora em Psicologia, Professora do Departamento de
Psicologia e Orientação Educacional, CE/UFPE)

Renan Moura de Freitas

(Mestrando em História, UFRPE; Graduando em Pedagogia, CE/UFPE)

Emmanuel Itallo da Silva Santos

(Graduando em Psicologia, CFCH/UFPE)

Pollyana Perez Santiago

(Graduanda em Psicologia, CFCH/UFPE)

Larissa Paiva da Silva

(Graduanda em Psicologia, CFCH/UFPE)

O presente trabalho é fruto do projeto de extensão “Cada semana conta uma história”, que compõe o conjunto de ações do programa de extensão “Fica a dica do CE”. O projeto foi desenvolvido durante os meses de abril a dezembro de 2020 e contou com apoio do Edital 2020.1 - Credenciamento de Programas e Projetos de Extensão (Proexc/UFPE), envolvendo docentes, servidores técnico-administrativos e discentes da UFPE, UFRPE e UFAL. A equipe de execução contou com a coordenação da professora Jaileila Araújo de Menezes (Departamento de Psicologia e Orientação Educacional e Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPE); Sírnia Silva Botelho (servidora técnico-administrativa da UFPE, vinculada à Proaes); Roseane Amorim da Silva (docente da UFRPE-UAST); Antônio César Holanda Santos (docente da UFAL); Bruno Vieira (doutorando do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPE); Daniela Sales de Souza Leão (doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPE); Victória Canales (mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPE); Ítala Nathalia Ferreira da Silva (graduanda em Psicologia da UFPE); Helen Leonardo da Silva (graduando em Psicologia da UFPE); Emmanuel Ítalo da Silva Santos (graduando em Psicologia da UFPE, bolsista Proexc); Larissa Paiva da Silva (graduanda em Psicologia da UFPE); Maria Clara Viana Ventura (graduanda em Psicologia da UFPE); Pollyana Perez Santiago (bolsista Pibiti/CNPq/UFPE); Ana Carolina Malheiros (graduanda em Pedagogia da UFPE, bolsista Pibic/CNPq/UFPE); e Renan Moura de Freitas (graduando em Pedagogia da UFPE, bolsista Proexc).

Resumo

No presente relato de experiência, abordamos o processo de organização e execução do projeto de extensão “Cada semana conta uma história”. Em um contexto de isolamento social motivado por uma crise sanitária de grandes proporções, que operou mudanças radicais no cotidiano e na expectativa de vida da população, entendemos como fundamental produzir um espaço/tempo que nos possibilite inspiração para superar tamanha adversidade. A contação de histórias é uma prática enraizada na tradição oral, historicamente situada em contextos narrativos, nos quais as pessoas se dispõem em proximidade física para escutar e ver toda a performance do/a narrador/a. Problematizamos como o contar histórias em situação de isolamento social poderia sustentar o brilho de quem conta, o que conta e como sentimos a receptividade do público em meio aos encontros possíveis via telas de celulares e computadores. Narramos aqui as linhas de força *Acolher*, *Curar* e *Artistar*, que foram fundamentais ao desafio de contar histórias no Instagram, e os aprendizados colhidos ao longo de um processo que envolveu o desenvolvimento de metodologias de articulação entre contexto-afetos e textos. Em síntese, as contribuições demonstraram que narrar histórias incita uma perspectiva plural dos desafios de nosso tempo, ao tempo que nos ensina a esperar e tecer afetos em meio ao atual cenário político-sanitário.

Palavras-chave: Contação de histórias. Saúde mental. Covid-19. Pandemia.

Abstract

In this experience report we discuss the process of organizing and executing the extension project “Cada semana conta uma história”. In a social isolation context motivated by a major health crisis, which brought about radical changes in daily life and the population’s life expectancy. We believe that it is essential to produce a space/time that would provide inspiration to overcome such adversity for us. Storytelling is a practice rooted in oral tradition, historically situated in narrative contexts where people are physically close to listen and see the entire narrator’s performance. We problematize how storytelling in a social isolation situation could sustain the brilliance of those who tell, what tell and how we feel the public's recep-

tivity in the midst of possible meetings via cell phone screens and computers. Here are the lines of strength to “*Acolher, Curar e Artista*” (something as *Welcoming, Healing and Performing*), that were fundamental to the challenge of storytelling in Instagram, and the lessons learned along a process that involved the methodologies development for articulation between context-affects and texts. In summary, the contributions demonstrated that storytelling incites a plural perspective of our time challenges, while teaching us to “*esperançar*” and weave affections in the current political-health scenario.

Keywords: Storytelling. Mental health. COVID-19. Pandemic.

1. Introdução

A reflexão sobre a vida humana na relação com as demais, a noção de coletivo e as diversas vulnerabilidades que atravessam nossa existência sem dúvida é um dos legados da pandemia de Covid-19. Em meio ao complexo e intenso mal-estar trazido e traduzido por um vírus com propriedades orgânicas invisíveis – mas que ganha diariamente dimensões avassaladoras em um cenário de instabilidade sanitária, política e econômica –, o projeto de extensão “Cada semana conta uma história” buscou articular os campos da saúde mental e da literatura, abordando particularmente o recurso da contação de histórias em seus aspectos expressivos e semiótico-elaborativos.

Sonhar e contar mais uma história são algumas das ideias propostas por Ailton Krenak para adiar o fim do mundo (KRENAK, 2019). Nesse sentido, a literatura se apresenta como estratégia para promover espaços-tempos de ruptura, possibilitando a abertura de janelas para problematizar nosso tempo e esperar outros dias. Contar histórias é um caminho que consideramos potente para metamorfosear relações entre pessoas, entre seres, entre corpo e Terra, na busca por modos de vida pautados na justiça social.

A contação de histórias é uma prática enraizada na tradição oral, historicamente situada em contextos narrativos, nos quais as pessoas se dispõem em proximidade física para escutar e ver toda a performance do/a narrador/a. Problematizamos como contar histórias em situação de isolamento social poderia sustentar o brilho de quem conta, o que conta e como sentimos a receptividade do público em meio aos encontros possíveis via telas de celulares e computadores.

O Instagram foi a rede social escolhida como ambiente para veiculação das histórias e o registro de interações com os seguidores do projeto. Um endereçamento fundamental ao nosso público foi o envio de histórias orientadas no princípio do *bem viver*, que traduzimos como fonte de inspiração para nossa travessia deste momento de tantos desafios na História de diferentes povos. Optamos por tomar a noção de bem viver em uma perspectiva ancestral, considerando os sentidos atribuídos pelas comunidades indígenas latino-americanas que procuraram construir suas lutas para além do cientificismo próprio das teorias eurocêntricas (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017).

O bem viver é, sobretudo, um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a natureza – como os indígenas, que:

[...] Não são pré-modernos, nem atrasados. Seus valores, experiências e práticas sintetizam uma civilização viva, que demonstrou capacidade para enfrentar a Modernidade colonial. Com suas propostas, imaginam um futuro distinto que já alimenta os debates globais [...] O Bem Viver – ou melhor, os bons conviveres – é uma oportunidade para construir um mundo diferente, que não será alcançado apenas com discursos estridentes, incoerentes com a prática. Outro mundo será possível se for pensado e erguido democraticamente, com os pés fincados nos Direitos Humanos e nos Direitos da Natureza. (ACOSTA, 2015, p. 21).

A dimensão afetiva da literatura, e sua sensibilidade que transborda em símbolos e figuras de linguagem,

faz dela uma pertinente tecnologia no campo da saúde mental. Os saberes em saúde, bem como seus desdobramentos, são categorizados por Emerson Elias Merhy (1999) em três modalidades de tecnologias: as tecnologias duras, que envolvem equipamentos, máquinas, saberes materializados; as tecnologias leve-duras, que seriam as normas, os protocolos, o conhecimento clínico e epidemiológico; e as tecnologias leves, que compreendem relações interpessoais, produção de vínculo, acolhimento e que, portanto, prescindem de equipamentos ou protocolos de assistência (MERHY, 1999). Entendemos que a contação de histórias pode compor a caixa de ferramentas das tecnologias leves em saúde.

Lisboa; Santos; e Lima (2017) ressaltam que a tecnologia leve é uma ciência subjetiva que produz um compromisso permanente com a tarefa de acolher, responsabilizar, resolver e autonomizar o cuidado. Além disso, quando veiculada e armazenada em redes sociais digitais, ela se caracteriza como um importante recurso de comunicação e de memória coletiva sobre um determinado momento: uma forma de registro do que vivemos, como expressamos e elaboramos estratégias de enfrentamento das adversidades de uma época.

A sinergia entre literatura, histórias para o bem viver e saúde mental anuncia-se no compromisso com as dimensões dialógica, relacional e coletiva que fundamentam as diretrizes de saúde mental neste momento e que inspiraram todas as etapas do nosso projeto. No presente texto, relataremos nossa forma de organização como coletivo interdisciplinar, composto por saberes das áreas da Psicologia, Educação, História, Jornalismo e tantas outras que nos constituem como sujeitos ao longo de nossas existências. Essa diversidade colaborou para a produção de uma multivisão, ou seja, um modo de olhar ampliado à prática de cuidado individual/coletivo, social e histórico. Produzimos, vivenciamos, veiculamos e registramos as afetações da comunidade universitária e, para além dela, com a participação de docentes, servidores técnico-administrativos e discentes de três instituições públicas federais localizadas no nordeste do Brasil. Então, sinta que lá vem nossa história.

2. Compondo nosso campo de forças em três tempos

Neste tópico, contaremos o nosso processo de organização a partir dos tempos: *Acolher*, *Curar* e *Artistar*. Esse é apenas um caminho, talvez o mais curto, para contar sobre nosso jeito de fazer uma rota enquanto o barco já estava no mar. Estabelecemos grupos de trabalho (GT) para que nossa equipe pudesse se revezar no comando do barco, atentando para as especificidades de cada onda e vento.

A primeira marcação de nossa bússola indicou o acolhimento como a melhor direção. Compreendemos acolher como relação de cuidado com o outro, prática indissociável das ferramentas de trabalho e da produção de afetos (BATTISTELLI, 2017). O acolhimento acontece, então, no vínculo e nos encontros possibilitados pela escrita, pela troca, pelo contar, interpretar e ouvir histórias no espaço virtual produzido por nosso projeto.

Assim, o GT de Acolhimento teve a missão de receber as histórias videogravadas que chegavam no endereço de *e-mail* do projeto, acompanhadas de um formulário eletrônico desenvolvido no aplicativo Google Forms para a coleta de informações sobre a pessoa narradora: dados gerais, vínculo institucional, usuário de Instagram, permissão para publicação do vídeo e dados gerais com o compromisso de mantermos os dados restritos. Também havia espaço para informações sobre a história contada: autor, breve resumo do conteúdo e o arquivo de vídeo propriamente dito. No formulário, reforçamos as instruções de gravação do vídeo: entre 8 e 10 minutos, na posição horizontal. As inscrições foram abertas no início de cada ciclo e encerradas quando o número de histórias a serem publicadas era atingido, conforme planejamento da equipe.

Além de ser a porta de entrada do projeto, o GT também teve a tarefa de editar e arquivar formulários e vídeos. As histórias videogravadas eram analisadas em relação ao som, enquadramento de imagem e iluminação, e quando seguiam para a etapa de edição adicionavam-se a cortina de abertura e de fechamento, as informa-

ções sobre a contadora e sobre a história, bem como os logos vinculados ao projeto, com trilha sonora.

As mídias eram armazenadas no YouTube e o GT aguardava a indicação de qual história seria publicada na semana (sempre às sextas-feiras), para assim comunicar à contadora, através do *e-mail* ou WhatsApp, que a sua história seria postada na página do projeto no Instagram.

Durante as reuniões para ajuste de rota, a equipe decidiu elaborar um formulário de *feedback*, no qual as pessoas contadoras das histórias pudessem registrar sua experiência de contação, explicitar as possíveis dificuldades enfrentadas e os afetos que teriam atravessado a vivência. Esse diálogo acontecia preferencialmente via *e-mail*, mas também por WhatsApp em alguns momentos. A equipe de acolhimento também coletou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com o objetivo de utilizar os dados nas pesquisas em andamento e já registradas no Comitê de Ética da UFPE.

Ademais, no processo de acolher para além das funções de um GT, surge a janela de Libras. A tradução e interpretação das histórias contadas oralmente aconteceu em parceria com o Núcleo de Acessibilidade (Nace) e com intérpretes da instituição. A possibilidade de publicar as histórias em Libras permitiu ampliar a perspectiva de criar e estreitar os vínculos da relação entre equipe, participantes e público, bem como estender o acolhimento ao público surdo. Sobre isso, José Roniero¹ afirma, em sua resposta ao formulário de *feedback*, que “o projeto tem uma excelente iniciativa, pois, além de nos presentear com histórias tão condizentes com nosso dia a dia, vocês tiveram a sensibilidade de incluir o público surdo para apreciar esse trabalho. Obrigado”.

Por fim, o GT de Acolhimento fala sobre como ser parte da equipe do projeto se entrelaça com ora ser público e ora ser também participante. Esse movimento é feito por intermédio das histórias e dos afetos que as pessoas contadoras podem mobilizar. Assim como aponta Battistelli (2017), a ação de acolher passa por uma inserção significativa na experiência, a qual acontece quando se propõe um encontro verdadeiro que crie marcas em ambos

1 Pedagogo, servidor (tradutor e intérprete de Libras) da UFPE, e graduando em Letras Libras, também pela UFPE.

os lados. Essa questão pode ser percebida ao considerar a experiência de Larissa Paiva, que, ao assistir à contação da história “O dia em que a morte sambou”(ZAHRA, H.; SOTO, V. R., 2016), narrada por Karla Galvão (docente do curso de Psicologia da UFPE), conheceu o projeto e acendeu o desejo de se unir à equipe. Tal história, que fala do brincante Seu Biu e da sua dança com a morte, foi publicada no primeiro ciclo, antes de Larissa compor a equipe de acolhimento.

A força da história de seu Biu, contada por Karla, trouxe Larissa (graduanda em Psicologia da UFPE) para dançar com Bruno Vieira (doutorando no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPE) e Ítala Ferreira (graduanda em Psicologia da UFPE), constituindo uma bela sincronia dos passos necessários ao bem acolher.

O segundo tempo de nosso trabalho com o material surgiu a partir da demanda crescente de armazenamento, organização e preservação de um banco de dados sobre as histórias, e da necessidade de produzirmos um fio que as conectasse. Constituímos um grupo de trabalho para a curadoria, que produziu uma primeira escrita sobre as temáticas presentes em cada história e, assim, alimentou o terceiro tempo dedicado à produção artística. Como diz a etimologia da palavra, do latim *curare*, ter algo sob o seu cuidado, a equipe se dedicou a buscar e adaptar para o projeto um processo de curadoria digital – conceito vindo da área da Ciência da Informação, mas que, atualmente, alcança dimensão multidisciplinar, abrangendo uma curadoria de dados, preservação digital, registros eletrônicos e administração de ativos digitais (YAKEL, 2007).

A equipe construiu um método de análise e seleção das histórias que consistiu, num primeiro momento, em avaliar os vídeos armazenados na plataforma do Youtube pelo GT de Acolhimento. Posteriormente, os integrantes do GT Curadoria dividiram entre si as histórias a serem analisadas, encarregando-se da elaboração de uma primeira escrita voltada para a sua identificação e categorização. Para isso, foi criado e compartilhado um quadro organizador na plataforma Google Docs, primeiramente dividido em cinco colunas: *Identificação do vídeo*, onde era descrito o título da história, autor/autora e nome da

narradora-participante; *Comentários gerais*, espaço para primeiras impressões e questionamentos sobre a história; *Relação [temática] com os outros vídeos*; *Possível data para a postagem* e *Observações*. Assim, foi possível facilitar as discussões e o encadeamento entre temas trazidos pelas histórias ao longo das semanas.

Em seguida, juntamente às considerações feitas nas reuniões semanais entre todos os GTs e a coordenação do projeto, a equipe de curadoria se reunia para discutir a escolha da história da semana seguinte. Para tal, levava-se em consideração o encadeamento de temas das histórias anteriores e as afetações do público registradas na aba de comentários do Instagram, bem como o contexto *cronopolítico*. Essa nomenclatura chega ao projeto com a observação da necessidade das histórias veiculadas dialogarem com os fatos históricos mais significativos da semana. A *expertise* do historiador da equipe foi fundamental para o aperfeiçoamento da costura entre o macrocontexto e o texto das histórias.

Após a escolha da história, o GT Curadoria redigia três textos: *Texto de apresentação da história*, contendo, além disso, considerações construídas pela equipe, porém sempre visando convidar o público a experimentar e partilhar suas próprias impressões; *Texto para a provocação sobre a história*, dando continuidade a questionamentos e reflexões instigadas junto com outras formas de linguagem (visual e musical); e *Texto para a versão em Libras*, como uma nova versão do texto de apresentação da história. Por fim, todos esses textos ficavam localizados em uma segunda seção do quadro organizador no Google Docs e serviam como base para a redação final das postagens realizadas pelo GT Arte e Instagram.

Todo o processo descrito não tinha como intuito uma finalização interpretativa realizada pela equipe e meramente exposta ao público, mas a atuação como mediadores de uma experiência que se desdobra (MARTINS, 2006) a partir do contato com as histórias narradas, podendo assumir variadas formas durante o tempo. De modo semelhante com o que ocorre com museus que aderem ao ambiente digital, a curadoria realizada pelo “Cada semana conta uma história” enxergou, na ampliação dos meios de comunicação com o público, em es-

pecial em um contexto de crise, uma oportunidade de potencializar o “processo dialético de transformação de todos os agentes envolvidos” (DE FÁTIMA NUNES *et al.*, 2020, p. 199). Por isso, prezou-se pela preservação do banco de histórias como uma memória do que foi e de onde parte o que pode vir a ser.

Para além dos aspectos técnicos e descritivos realizados pelo GT Curadoria, o processo de cuidado e manuseio com as histórias amplificou a necessidade de inter-relacionar as narrativas com sua importância literária, bem como ao contexto político e aos desafios dos tempos pandêmicos. Durante a atuação do GT e toda a realização do projeto, a canalização desses elementos foi fundamental para constituir o *sentido* de narrar essas histórias no tempo presente, o que resultou em ampla participação do público nas redes sociais.

Uma das histórias mais repercutidas nesse processo foi o conto intitulado “Ayoluwa, a alegria do nosso povo”, de Conceição Evaristo. Narrado por uma estudante da UFPE, o material audiovisual exigiu do processo de curadoria uma abordagem plural, envolvendo a abordagem literária, a prática do autocuidado, a esperança e os suspiros possíveis diante de uma realidade social e política turbulentas. A história faz parte de um movimento que podemos chamar de contracorrente literária, uma vez que representa a emancipação de uma literatura constituída pela identidade negra em suas relações comunitárias, formando suas próprias histórias e desconstruindo os estereótipos presentes na literatura consagrada (NASCIMENTO, 2009). Escreve sobre esperança em meio à desesperança. Apresenta uma realidade imersa em problemas que se traduzem em tristeza e desânimo. A rotina de uma comunidade é banhada pelo choro de crianças e adultos diante da falta de uma nova vida. A esperança surge com o nascimento de Ayoluwa – uma vida que trouxe novas energias para todos.

Além do impacto literário que o conto de Conceição Evaristo provoca, o desencadear da sua narrativa nos leva a refletir sobre as diversas questões políticas de nosso tempo. Em diálogo com o dispositivo analítico da *cronopolítica*, “Ayoluwa, a alegria do nosso povo” esteve particularmente intercalada com os acontecimentos po-

líticos vivenciados na semana em que foi publicada no Instagram. Nos dias 15 e 29 de novembro de 2020, o Brasil vivenciou a realização de novas eleições municipais, momento que marcaria os novos rumos sociais e políticos das cidades. Em plena pandemia, o país empenhou esforços e planos estratégicos para que a votação acontecesse em consonância às novas normas sanitárias e de distanciamento social.

Mesmo com todas as dificuldades impostas pela pandemia, as eleições aconteceram e, com elas, a expectativa de dias melhores, principalmente em relação à atuação das políticas públicas no combate ao avanço da Covid-19. Os profundos problemas sociais e a precariedade com que a população mais vulnerável enfrenta o avanço do vírus fortalecem a ideia de que a crise sanitária não é o único desafio a ser resolvido. Mais do que isso, uma crise política mostra seu poder de morte quando é incapaz de barrar a tragédia anunciada, como no colapso do sistema de saúde na cidade de Manaus (AM).

Encadeando-se com as turbulências e expectativas do período eleitoral, no dia 20 de novembro de 2020, a história de Conceição Evaristo foi publicada. Contamos com cerca de 250 visualizações e registramos muitos comentários do público, os quais se dividiram entre elogios para a estudante que narrou e mensagens acolhedoras por parte dos seguidores. O pequeno vídeo de sete minutos, mesmo que por um curto período de tempo, esperançou de alguma forma aqueles que lhe assistiram. Seja com um suspiro, uma nova forma de sonhar o mundo, ou uma reflexão: naquele momento, nós e o público estávamos ali para ouvir, imaginar e compartilhar histórias que valorizam a vida.

O GT Curadoria deu tratamento a um total de 26 histórias, sendo 12 no primeiro, e 14 no segundo ciclo do projeto. Os trabalhos desse GT foram orquestrados pela psicóloga Síria Botelho (servidora técnico-administrativa vinculada à Proaes, UFPE), pela professora Roseane Amorim (UFRPE) e pelo professor Antônio César de Holanda (UFAL). A equipe também contou com os discentes Renan Moura (historiador e mestrando do Programa de Pós-graduação em História, UFRPE), Pollyana Perez (gra-

duanda em Psicologia, UFPE) e Ana Carolina Malheiros (graduanda em Pedagogia, UFPE).

A tarefa de *Artistar* no Instagram foi inicialmente conduzida por Helen Silva (graduanda em Psicologia, UFPE) e por Victória Canales (mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia, UFPE) que juntas produziam conteúdo a partir das impressões, impactos afetivos e pesquisas que realizavam sobre as histórias, entrelaçando os caminhos construídos nos tempos de acolher e curar.

A marca da escrita desse GT é uma explosão afetiva. A produção de conteúdo, intensa e visceral, posicionava a equipe como antena do projeto, guardiã de várias afetividades: da história, das pessoas do projeto, dos seguidores, da *cronopolítica* em articulação com as mais diversas linguagens artísticas que traduzissem em poesia e imagem a emoção do encontro entre personagens de vários tempos e espaços. A veiculação dos conteúdos produzidos tinha que atender à tarefa de provocar, que em sentido dicionarizado significa incitar, desafiar, estimular (BUENO, 2000). Para isso, a intertextualidade do material apresentado ao público visava que ele se lembrasse da história contada a partir de outros referentes semióticos, aguçando outros sentidos e acessando outras vias de conhecimento.

Outra importante tarefa desse GT foi garantir uma interação mais cotidiana com o público, o que nos rendeu uma valiosíssima discussão sobre as potencialidades da rede social na perspectiva de acolher e vincular. Afinal, como interagir no Instagram? Como sustentar a vinculação do público ao nosso projeto? O que e como responder aos comentários? Como acolher e entender a linguagem cifrada dessa rede social com *emoticons* que podem dizer mais que muitas palavras? No Instagram, fomos levadas a aprender novas modalidades de significação dos afetos e outros jeitos de nos fazer presentes com maior abertura para as diversas possibilidades comunicativas. Daniela Sales (doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia, UFPE) esteve à frente das interações com o público e pôde viver essa experiência de traduzir a atenção e cuidado da equipe à linguagem mais adaptada à rede social.

Com a chegada de Maria Clara (graduanda em Psicologia, UFPE) pudemos desenvolver uma interação mais dinâmica com o público via *stories*, mantendo-nos, assim, o mais presente possível e incitando a interação através de enquetes sobre as histórias já postadas, uma espécie de *revival*. Emmanuel Itallo (graduando em Psicologia, UFPE) assumiu a tarefa de produzir os textos de apresentação para as postagens da versão em Libras das histórias, o que ocorreu no início da semana.

Um aspecto bem interessante do Instagram, que ficou como legado metodológico para as pesquisas futuras de nosso projeto, foi o conhecimento sobre a gama de informações que ele fornece acerca do público que acessa a página: perfil de idade, gênero, localização geográfica e acessos da página durante o mês. Esses dados possibilitam uma análise quali-quantitativa fundamental, inclusive para ajustes de conteúdos a serem veiculados para um público específico.

Entendemos que a dimensão reflexiva de nossa intervenção no atual cenário por via deste projeto possibilitou a constituição de outros possíveis caminhos para nós mesmos enquanto coletivo de docentes, servidores técnico-administrativos e estudantes em contexto de instituições públicas de Ensino Superior. Saímos desta experiência mais fortalecidos enquanto equipe de trabalho e animados para continuarmos produzindo conhecimento em uma perspectiva de acolhimento e de cuidado, fundamental a qualquer prática extensionista comprometida com o *bem viver*.

3. Considerações finais

Neste ponto, precisamos contar sobre um momento quando nos foi primordial calar. De tão ensurdecedor, o silêncio falou mais alto, pois, como será relatado a seguir, não havia como dizer outra coisa, a não ser, não dizer.

Vinte e cinco de maio de 2020. George Floyd, um homem negro de 46 anos, foi morto asfixiado por um policial branco nos Estados Unidos, o que gerou uma série de protestos no mundo, pedindo a punição dos respon-

sáveis, o respeito e a valorização das pessoas negras. Nossa equipe esteve muito atenta aos acontecimentos políticos e sociais ao longo do ano e fizemos várias reflexões – não desacompanhadas de angústias e revoltas, como no caso de G. Floyd. Apenas poucos dias depois e um segundo evento arrebatou-nos. Foi aqui mesmo, em Recife, no dia 2 de junho, que Miguel Otávio Santana da Silva, um menino de cinco anos, foi assassinado. Não há palavra melhor para descrever a morte de Miguel do que “homicídio”: o garoto negro foi abandonado sozinho em um elevador de um prédio de luxo pela patroa (branca) da sua mãe (negra), que recebera a obrigação de passear com os cachorros da sinhá. Miguel caiu do nono andar e não sobreviveu.

Com o passar dos dias, víamos as notícias a respeito da morte do garoto e de como sua algoz, Sarí Corte Real, então primeira-dama de Tamandaré (PE), safara-se da prisão pagando uma fiança de 20 mil reais. Questionamo-nos: Por que Sari tinha esse dinheiro para fugir da sua responsabilização e não tinha para poder liberar Mirtes Renata, mãe de Miguel, de ter que trabalhar em meio à pandemia de Covid-19? Presenciamos ali a manifestação nua e crua do racismo estrutural: de uma patroa branca que manda a empregada negra passear com os cães e não tem a mínima empatia e sensibilidade de lidar com o filho da doméstica – resultando em sua morte.

Como conseguiríamos traduzir as nossas dores a respeito disso em uma história? Que história daria conta de tão grave evento? Foi a semana mais difícil do “Cada semana conta uma história”. Assistíamos às histórias e nos perguntávamos se havia alguma coisa que pudesse corresponder à gravidade do evento e dos nossos sentimentos. Estávamos, enquanto equipe, deveras consternados e envolvidos num misto de sofrimento e revolta. Falavam as palavras para expressar o que sentíamos. No nosso grupo de WhatsApp, integrantes da equipe colocaram reflexões, falaram de suas aflições naquele momento e, assim, vimos que não existia nenhuma história naquela semana para ser postada que pudesse dar conta dessa revolta, dessa dor. Decidimos então pelo silêncio, que falaria mais do que quaisquer palavras postadas. Não postamos histórias, mas uma frase de Jota Mombaça –

“Prefiro não escrever, mas insisto e escrevo”. Passaram-se meses do evento e, ainda assim, ele nos afeta. Até mesmo para escrevê-lo aqui a dor aparece, a revolta cresce, os olhos marejam.

Retornando àquela semana, recordamos que não postamos nenhuma história. Enquanto coletivo, realizando um projeto de extensão que tinha como objetivo a filosofia do bem viver, a preocupação com as problemáticas sociais e como essas poderiam atingir a comunidade universitária durante a pandemia, percebemos que não existia e não existe história para ser narrada que desse conta de explicar que o racismo mata, continua matando e matou uma criança de cinco anos. Como bem colocou Silvio Almeida (2019), o racismo é estrutural, está na base da sociedade, e é quem diz todos os dias quem vai viver e quem vai morrer, quem tem acesso a um trabalho digno, com segurança para si e sua família, quem tem acesso à saúde, ao lazer, à educação – e quem não tem.

Nenhuma história estava dando conta da nossa revolta e indignação diante do ocorrido. Ao mesmo tempo, precisávamos de alguma forma dizer o quanto não concordamos com o projeto capitalista, racista e genocida que matou Miguel, Floyd e tantas outras pessoas. E assim postamos um pequeno texto coletivo, com algumas das nossas indignações, escrito em um momento de dor, de inconformismo e desejo de justiça. Eis um trecho:

[...] A dor está pulsando forte em mim, mas não me disponho a expô-la como convite para que chore comigo. Mais me interessa cobrar posicionamento e ações de quem tanto se diz antirracista. Quero reunir forças para que a “raiva” se faça presente e se materialize em resistência e esperança. [...] O projeto de descarte e violência contra os nossos corpos nos desafia dentro e fora de casa, antes da pandemia e agora com ela. A dívida é herança de vocês – vocês nos devem! Eu tenho pressa e nós vamos cobrar. (Instagram do projeto “Cada semana conta uma história”, 2020).

Esse trecho diz um pouco do nosso posicionamento enquanto coletivo que constitui o “Cada semana conta uma história”. Buscamos estar atentas/os e convidamos

todos/as que participaram contando histórias, acessando e/ou comentando nas postagens, sem reproduzir narrativas colonizadoras. É preciso a construção de práticas do bem viver pelo acolhimento, cuidado em relação a si mesmo e em relação aos/às outros/as, o respeito às diferenças, a luta por equidade, resistência e o desejo de espalhar esperança. Esperança no sentido que propõe Paulo Freire: "Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída" (FREIRE, 2013, posição 131).

ACOSTA, A. *O Bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Teresina: Elefante, 2015.

ALCÂNTARA, L. C.; SAMPAIO, C. A. C. Bem Viver: uma perspectiva (des)colonial das comunidades indígenas. *Rev. Rupturas*, San Pedro de Montes de Oca, Costa Rica, v. 7, n. 2, p. 1-31, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22458/rr.v7i2.1831>. Acesso em: 19 fev. 2021.

ALMEIDA, S. L. *Racismo estrutural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BATTISTELLI, Bruna Moraes. *Carta-grafias: entre cuidado, pesquisa e acolhimento*. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BUENO, Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 2000.

DE FÁTIMA NUNES, M.; DA SILVA, A. C. P.; DA COSTA, L. F. Memória e curadoria digital de museu e patrimônio: Avaliação de usabilidade 360°. *Prisma.com*, Porto, Portugal, n. 41, p. 191-215, 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. (Livro eletrônico, e-book Kindle).

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LISBOA, N. A.; SANTOS, S. F.; LIMA, E. I. A importância das tecnologias leves no processo de cuidar na atenção primária em saúde. *Textura*, Governador Mangabeira, v. 10, n. 19, p. 164-171, 2017. Disponível em: <https://textura.emnuvens.com.br/textura/article/view/53>. Acesso em: 19 fev. 2021.

MARTINS, M. C. *et al.* Curadoria educativa: inventando conversas. *Reflexão e Ação* – Revista do Departamento de Educação/UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 1, p. 9-27, 2006.

MERHY, E. E. O ato de governar as tensões constitutivas do agir em saúde como desafio permanente de algumas estratégias gerenciais. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 305-314, 1999. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81231999000200006>. Acesso em: 19 fev. 2021.

NASCIMENTO, T. O conto “Ayoluwa, a alegria do nosso povo” enquanto representação da poética negra. *Estação Literária*, Londrina, v. 4, p. 86-93, 2009.

YAKEL, E. Digital curation. *OCLC Systems & Services: International digital library perspectives*, v. 23, n. 4, p. 335-340, 2007.

ZAHRA, H.; SOTO, V. R. O dia em que a morte sambou. São Paulo: Riccardo Zahra, 2016.



ESPAÇO DE ACOLHIMENTO DO CE/UFPE: Cultivando a ética do cuidado no período do isolamento social

“ESPAÇO DE ACOLHIMENTO DO CE/UFPE”:
cultivating care ethics in the social isolation period

Ana Márcia Luna Monteiro

(Doutora em Psicologia da Educação, Professora do Departamento
de Psicologia e Orientação Educacionais, CE/UFPE)

Ana Paula Fernandes da Silveira Mota

(Doutora em Educação e Professora do Departamento
de Métodos e Técnicas de Ensino, CE/UFPE)

Keyla Cristina Vieira Marques

(Doutora em Antropologia, Professora do Centro Acadêmico de Vitória, UFPE)

Sandra Patrícia Ataíde Ferreira

(Doutora em Psicologia Cognitiva, Professora do Departamento
de Psicologia e Orientação Educacionais, CE/UFPE)

Maria Alice Almeida Tavares

(Graduanda em Psicologia, CFCH/UFPE)

Relato vinculado ao projeto de extensão "Espaço de acolhimento do Centro de Educação no período do isolamento social", desenvolvido no ano de 2020, sob coordenação das professoras Ana Márcia Luna Monteiro (Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais, CE/UFPE) e Ana Paula Fernandes da Silveira Mota (Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, CE/UFPE). O projeto foi submetido e aprovado pelo Edital 2020-01 - de Credenciamento de Programas e Projetos de Extensão, tendo seu registro no SIGProj sob o N°: 356441.1919.109630.14072020. Além das coordenadoras, fazem parte da equipe os docentes do Centro de Educação: Ana Beatriz Gomes Pimenta de Carvalho, Candy Estelle Marques Laurendon, Catarina Carneiro Gonçalves, Lúcia Maria de Andrade da Silva Caraúbas, Maria Thereza Didier, Rafaella Asfora Siqueira Campos Lima, Sandra Patrícia Ataíde Ferreira, Severina Batista de Farias Klimsa, Sylvia Regina de Chiaro Ribeiro Rodrigues, Tatiana Cristina dos Santos de Araújo, Thelma Panerai Alves, Tícia Cassiany Ferro Cavalcante e Wilma Pastor de Andrade Sousa; os docentes do Centro Acadêmico de Vitória: Ernani Nunes Ribeiro e Keyla Cristina Vieira Marques; as servidoras técnico-administrativas: Maria Eloisa Martins Vieira e Nisrael de Oliveira Kaufman; e os graduandos: Aquila Alcantara de França, da graduação em Enfermagem do CAV/UFPE, Alessandra Maria Lima da Mota, da graduação em Pedagogia do CE/UFPE, e Maria Alice Almeida Tavares, da graduação em Psicologia do CFCH/UFPE.

Resumo

A declaração de pandemia e os dados de alta transmissibilidade e mortalidade do novo coronavírus (Covid-19), divulgados pela Organização Mundial de Saúde, em 2020, justificaram a adoção de medidas de isolamento social. Como resultado, atividades de diferentes setores foram paralisadas, assim como as das universidades. Com o convívio social alterado, as relações humanas, tanto do ponto de vista intrapessoal como interpessoal, foram afetadas. Nesse processo, a comunidade acadêmica da UFPE foi diretamente atingida. Diante de tal cenário, um grupo de professores, servidores técnico-administrativos e estudantes do Centro de Educação e do Centro Acadêmico de Vitória dessa universidade desenvolveram o projeto de extensão “Espaço de acolhimento do Centro de Educação no período do isolamento social”. A proposta desse “Espaço de acolhimento”, que já realizava ações presenciais antes da pandemia, se pauta no acolhimento dos sujeitos fundamentado na Ética do Cuidado. Neste contexto adverso, o projeto foi ressignificado com o objetivo de acolher a comunidade acadêmica através de ações e atividades diversificadas voltadas ao acolhimento, ao cultivo do bem-estar emocional, à promoção da saúde mental, à defesa e valorização da vida, ao fortalecimento de vínculos relacionais, através de ambientes virtuais pavimentados pelas plataformas digitais *blog*, Instagram e Google Meet. A mediatização das ações do “Espaço de acolhimento” pelas ferramentas digitais possibilitou, no período de abril a dezembro de 2020, a potencialização de experiências de cuidado e de autocuidado associadas à Ética do Cuidado, para acolher virtualmente a comunidade acadêmica e, de modo inesperado, um público externo à universidade e de outros estados brasileiros.

Palavras-chave: Ética do Cuidado. Espaço de acolhimento. Comunidade UFPE. Covid-19. Isolamento Social.

Abstract:

The pandemic declaration and the high transmissibility and mortality data from the new coronavirus (COVID-19), published by the World Health Organization (WHO), in 2020, justified the social isolation measures adoption. As a result, activities in different sectors have been halted, the same happened to universities. With social interaction altered, human

relations, from an intrapersonal to interpersonal point of view, were affected. In this process, the UFPE's academic community was directly affected. Facing such scenario, a group of professors, administrative technicians and students from the Centro de Educação (CE) and the Centro Acadêmico de Vitória (CAV) developed the extension project "Espaço de acolhimento do Centro de Educação no período do isolamento social". "Espaço de acolhimento's" proposal, which already carried out face-to-face actions before the pandemic, is placed on the subject's reception based on the Ethics of Care. In this adverse context, the project has been reframed. To welcome the academic community through diversified actions and activities aimed at embracing, cultivating emotional well-being, promoting mental health, defending and valuing life, strengthening relational bonds, virtual environments paved by digital platforms, such as blog, Instagram and Google Meet. The "Espaço de acolhimento's" actions mediation by digital tools enabled, in the period from April to December 2020, the potentization of care and self-care experiences associated with the Ethics of Care to welcome virtually the academic community and, unexpectedly, a public external to the university and other Brazilian states.

Keywords: Ethics of Care. Reception Space. UFPE Community. COVID-19. Social isolation.

1. Introdução

Era início de março de 2020 e as atividades de ensino na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) apenas começavam. Foi também nesse mês que a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou para o mundo a ocorrência da pandemia de Covid-19, uma infecção que tem como agente causador o novo coronavírus designado de SARS-Cov-2 (ESTEVÃO, 2020). Essa doença se manifesta de maneira semelhante a uma gripe comum, podendo evoluir, nos casos mais graves, para a dificuldade respiratória aguda e para insuficiência renal, havendo, atualmente, uma preocupação sobre as complicações cardíacas dela decorrentes (STRABELLI; UIP, 2020).

Naquele momento, ainda estávamos planejando a retomada das atividades de extensão no “Espaço de acolhimento” quando, no domingo, dia quinze de março, as universidades que compõem o Consórcio Pernambuco *Universitas* e os Institutos Federais do Estado de Pernambuco tomaram a decisão conjunta de suspenderem as atividades acadêmicas presenciais, a princípio, no período de 16 a 31 de março de 2020 e, depois, por tempo indeterminado.

Neste mesmo período, a primavera chegava na China, os casos de contaminação e óbitos em decorrência da

Covid-19 começavam a diminuir na província de Wuhan e as cerejeiras começavam a florescer, indicando a possibilidade de renascimento e o pulsar da vida.

No Brasil, na UFPE, estávamos iniciando a vivência do isolamento social. Com os múltiplos desafios que chegavam ao espaço acadêmico, o Centro de Educação (CE) reuniu-se com o coletivo de docentes, servidores técnico-administrativos e graduandos para discutir ações de enfrentamento à pandemia de Covid-19, em caráter emergencial, surgindo, assim, o programa de extensão “Fica a Dica do CE”¹.

O “Espaço de acolhimento do Centro de Educação (Eace/UFPE)”, registrado como ação extensionista desde 2017, foi integrado ao Programa de Extensão deste Centro Acadêmico com o objetivo de oferecer atividades de acolhimento e de formação acessível aos estudantes e à comunidade do CE e da UFPE, utilizando plataformas *online* (*blog*, Instagram, Google Meet) durante o período de isolamento social. Dessa maneira, a equipe foi instigada a mobilizar outros modos de existência e convivência no espaço universitário da UFPE, intensificando uma formação acadêmica comprometida com a associação entre ética e cuidado a partir de um horizonte de sentidos que enfatiza e preserva a noção da formação integral do ser humano.

Etimologicamente, “ética” vem do grego *ethos* e a palavra é utilizada, aqui, pensando o “Espaço de acolhimento”, para significar “morada”, “abrigo”, uma casa que acolhe, que oferece conforto, segurança e que permite ao sujeito o sentimento de ser “parte de”; pertencente. Vale ressaltar, contudo, que esta morada “[...] não é, de antemão, dada pela natureza, mas tem que ser construída pela atividade humana. Eis a obra da cultura. A morada deve ser cuidada e continuamente retrabalhada, enfeitada, melhorada” (BOFF, 2009, p. 30). Desse modo, a chave para a questão ética se encontra em uma profunda de-

1 O programa "Fica a Dica do CE" foi desenvolvido no ano de 2020, sob coordenação da professora Viviane de Bona, do Departamento de Fundamentos Sócio-Filosóficos da Educação/CE, da professora Ana Lúcia Félix dos Santos, do Departamento de Psicologia e Orientação Educacional/CE, e da servidora técnico-administrativa do Centro de Educação Raab Albuquerque dos Santos Gomes. O projeto foi submetido e aprovado pelo Edital 2020-01, tendo seu registro no SIGProj sob o N°: 354693.1919.184922.20052020.

pendência da contribuição de um sujeito à plena realização dos seres que lhe rodeiam, um sujeito que cuida de outro(s) sujeito(s). E, como Röhr (2004) reitera, o imperativo ético subjacente a essa afirmação é que direciona o agir para o aperfeiçoamento, para a plenitude dos seres que convivem com o sujeito humano no dia a dia.

Desse modo, os sentidos e usos da ética do cuidado de si em Michel Foucault inspirou a produção dos conteúdos para as ações virtuais do Eace/UFPE, operados a partir de três referências e dimensões pedagógicas da ética do cuidado: História da sexualidade: o cuidado de si (1985), A ética do cuidado de si como prática de liberdade (2004) e A hermenêutica do sujeito (2006), todas elas correspondendo às reflexões sobre a centralidade do cuidado de si nos processos e modos de subjetivação presentes na relação entre sujeito e jogos de verdade envolvidos na sua constituição. No pensamento tardio de Foucault, a atitude pedagógica corresponde ao *ethos*, isto é, ao modo de ser, de pensar e de agir do sujeito, de um trabalho, de um exercício de si sobre si mesmo, que o autor conceituou como práticas de si, contrapondo-as ao sentido das práticas coercitivas desenvolvido por ele em estudos anteriores acerca da constituição do sujeito nas sociedades disciplinares. As práticas de liberdade, compreendidas como condição da ética, e que não se inscrevem na ordem dos discursos que problematizam à liberação, implicam conhecimento de si e significam criar e experienciar possibilidades de reflexão, de controle do sujeito, de cuidado de si frente às relações de poder, das regras e jogos de verdade que são prescritos e que, continuamente, surgem como conhecimento verdadeiro no e para o mundo social. Pensar é resistir. Daí resulta a noção de ética por dentro do tema do cuidado de si: ética do cuidado é um modo de ser que emerge de um esforço de si sobre si, de uma ascese, do ocupar-se consigo, uma vez que “a relação consigo mesmo é ontologicamente primária” (FOUCAULT, 2004, p. 5).

Então, aos docentes e aos servidores técnico-administrativos que compõem a equipe do projeto “Espaço de acolhimento do Centro de Educação”, UFPE, considerando o comprometimento para com a ética do cuidado que perfaz suas ações, foi apresentado um grande desa-

fo: como ressignificar e reorientar nossas ações extensionistas, anteriormente presenciais, e repensar os novos horizontes e rumos desse projeto e da continuidade das atividades de acolhimento e formação na modalidade remota emergencial? Como fazer bom uso das tecnologias e das suas ferramentas digitais para defender, valorizar e proteger a vida, cultivar o bem-estar emocional e promover a saúde mental para os estudantes, na perspectiva da ética do cuidado de si? Como fazer isto com implicações para experiência democrática, promoção e constituição do sujeito integral?

Em um cenário de pandemia e do consequente isolamento social, foi premente repensar a tarefa formativa e de cuidados por meio de uma base que fosse capaz de permitir ressignificar e recriar as ações e as atividades do Eace em ambientes virtuais que trouxessem consigo um sentido profundo de acolhimento, de modo a enfrentar a crise sanitária e social e, sobretudo, o agravamento do sofrimento psíquico, resultante de fatores estressores intensificados pelo isolamento social, os quais afloram, aprofundam e evidenciam vulnerabilidades humanas, fragilidades dos vínculos afetivos e as vicissitudes econômicas, mentais, emocionais, cognitivas, físicas, educativas, entre outras condições e pré-disposições humanas, na conjuntura da pandemia.

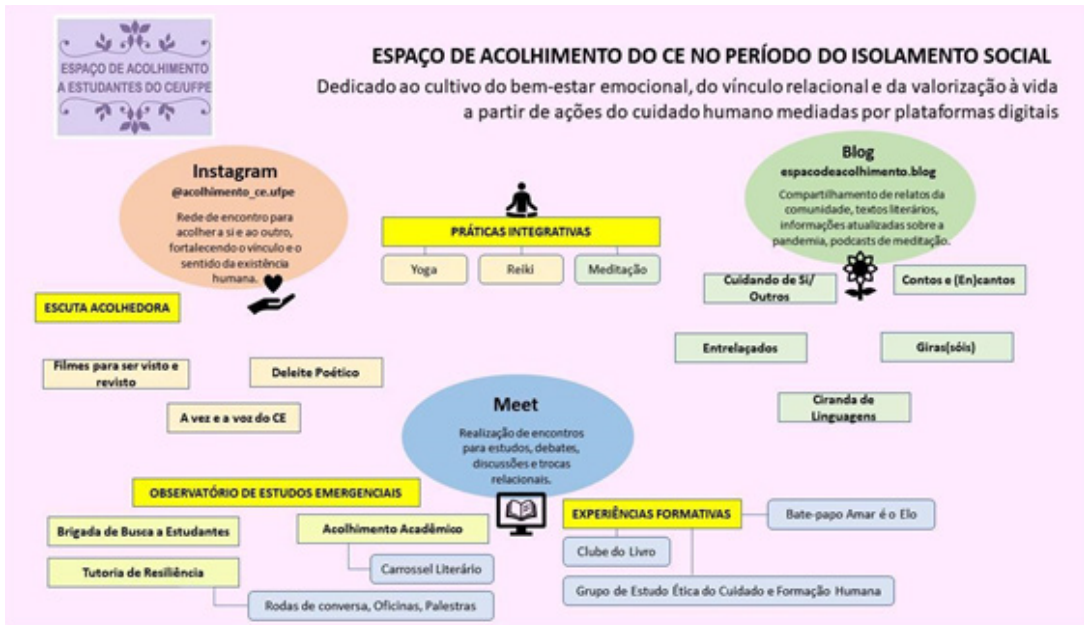
O acolhimento é uma ação ética que se realiza nos microespaços, nas relações individuais e/ou coletivas. Não se limita a um lugar espacial predefinido ou a um profissional específico. É transversal aos saberes-fazeres dos profissionais e dos espaços institucionais. O acolhimento pode favorecer os processos dialógicos e práticos de formação humana, facilitando, no encontro, o vislumbrar de possibilidades e a construção de saídas para dificuldades vividas pelos estudantes.

A equipe do Eace/UFPE começou a se reunir, quinzenalmente, para ressignificar e recriar as ações existentes, oferecendo esse acolhimento de modo virtual. Um dos principais eixos norteadores assumidos pela equipe foi o cultivo da saúde emocional, considerando a atenção plena às emoções, aos sentimentos, às percepções e aos pensamentos, tanto dos componentes da equipe quanto do público a ser atendido, como forma abrangente e

regular de promoção da saúde mental. O ser humano que busca estar plenamente atento ao sentir, pensar e agir, amplia a capacidade de aceitação de si mesmo, a abertura às experiências de cuidado de si e dos outros e a resiliência para enfrentar o inesperado (WALLACE, 2015, p. 122).

O Eace/UFPE tomou como pilares de suas ações de acolhimento, de cuidado e autocuidado, de formação acadêmica e de promoção da saúde mental o diálogo e a articulação de saberes com a comunidade sob mediação de plataformas virtuais, como *blog*, Instagram e ambiente virtual do Google Meet. Essas ações foram elaboradas e executadas no período de abril a dezembro de 2020. Na Figura 1, podemos visualizar o panorama das ações que foram realizadas pelo projeto a partir das plataformas mencionadas.

Figura 1 – Infográfico das ações do “Espaço de acolhimento do Centro de Educação no período do isolamento social”



Fonte: Mota (2020).

Diante das experiências desenvolvidas ao longo do projeto, a seguir relatamos as experiências da criação, manutenção e atualização semanal da página no *blog* e no perfil do Instagram do “Espaço de acolhimento do

CE/UFPE” e discutimos a realização de um dos encontros formativos, de cunho acadêmico, e a sistematização do grupo de estudo Ética do Cuidado e Formação Humana na plataforma Google Meet.

2. O *blog* do “Espaço de acolhimento”: ética do cuidado no entrelaçamento da educação e da promoção da saúde mental

O *blog* do “Espaço de acolhimento” - Eace/UFPE surgiu a partir das inquietações que levaram a equipe a ressignificar e recriar suas ações presenciais de acolhimento durante o período de isolamento social (FERREIRA; FERREIRA, 2020). Um dos desafios foi pensar e operar uma ferramenta tecnológica que pudesse assegurar, num sentido, a continuidade das ações de acolhimento do Eace no isolamento social, e a diversidade de meios e de modos outros de comunicação e de circulação das práticas e experiências de meditação, de cuidado e de autocuidado em outro sentido, que fossem acessíveis e que ampliassem a oferta de diferentes canais de informação. Nesse sentido, para dar corpo e vida às ações e às atividades virtuais do *blog*, as professoras Sandra Ataíde e Keyla Ferreira começaram os diálogos para a sua elaboração, produção e materialização, arregimentados na Ética do Cuidado e em suas múltiplas interfaces com a educação e a promoção da saúde mental.

Fundamentadas na centralidade da Ética do Cuidado, as referências e os eixos condutores teórico-metodológicos de produção dos conteúdos para a ação extensionista do *blog* foram os seguintes:

- i) multidimensionalidade do pedagógico e da formação do educador, desenvolvida por Ferdinand Röhr (RÖHR, 2013), professor emérito da UFPE e um dos docentes fundadores do Eace/UFPE, que se aplica na percepção e na compreensão estruturada da realidade social na qual estamos inseridos e na concepção integral do ser humano e da educação;

- ii) afetividade, função social e educativa dos afetos na relação consigo, com o outro e com o mundo (WALLON, 2007);
- iii) promoção da saúde (PNPS, 2014), práticas integrativas (BRASIL, 2017) e promoção da saúde mental (OPAS, 2016), com uma concepção mais ampliada, interdisciplinar, multidisciplinar, multiprofissional, intersetorial e da saúde que não significa apenas ausência de doenças, compreendendo a promoção global, continuada e contextualizada do cuidado humano. A ênfase da promoção da saúde mental é no protagonismo, capacitação e autonomização das pessoas enquanto ferramentas teóricas e práticas das experiências de cuidado e de autocuidado, de treinamento e de autorregulação do corpo, mente e emoções, frente fatores percebidos como estressores e advindos do contexto familiar, social, escolar, formação acadêmica ou da inserção e atuação profissional, reduzindo assim seus impactos;
- iv) fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (1998) e sua noção de constituição do sujeito enquanto ser-no-mundo, que não é apenas biológico, não compreende o sujeito epistêmico como central na efetuação de sínteses e, portanto, não é reducionista, operando em sinergia com a realidade tal como vivenciamos na carne;
- v) práticas de meditação centradas no fortalecimento do estado espiritual, físico, emocional, cognitivo, social e mental, conectando e expandindo o eu interior, a consciência, através de exercícios de concentração mental no movimento respiratório, observação e controle do fluxo exagerados de pensamentos e de padrão de comportamentos (CARRINGTON, 1987; GURUMAYI, 2007; MUKTANANDA, 1998).

Assim, o *blog* foi organizado de modo a atender a diferentes dimensões que compõem o acolhimento na interface entre educação e saúde integral. A educação é aqui concebida enquanto salvaguarda pedagógica dos princípios e valores éticos, afetivos e multidimensionais da formação e promoção humana. A saúde, por sua vez,

não é vista como ausência de doenças, mas concebida de forma ampliada, compreendendo o bem-estar, o acesso à informação, paz, renda, saúde mental, moradia, saneamento etc.

Além disso, sabíamos que eram necessários espaços no *blog* para demarcar a sua identidade, para apresentar o grupo de docentes e técnicos que integram o “Espaço de acolhimento do CE/UFPE” e para favorecer a comunicação entre os visitantes e o nosso projeto. Sendo assim, foram criadas, inicialmente, seis seções, a saber:

- Quem somos: com o objetivo de apresentar a concepção do “Espaço de acolhimento”, bem como o grupo de professores e servidores técnico-administrativos da UFPE que nele atuam;
- Cuidando de si e do outro: objetivando oferecer práticas semanais de meditação, produzimos e postamos áudios com a chamada Quartas com Meditação, contemplando os seguintes passos: (i) posturas de meditação ou *ásanas*; (ii) respiração, também conhecida como *pranayama* ou a ciência da respiração; (iii) musicoterapia; (iv) concentração mental, também nomeada de *dharana*; (v) corpo sutil e seus principais canais de circulação da força vital ou *prana*; (vi) os sete principais *chakras* ou centros energéticos; e (vii) vivências de relaxamento corporal e mental, visando trazer paz à mente, relaxamento, bem-estar físico, mental, emocional no panorama social pandêmico;
- Contos e EnCantos: com o propósito de favorecer a possibilidade de se encantar e contar outros contos dos dramas humanos e inumanos da existência, em especial para se conversar sobre a experiência da finitude e do renascimento em tempos de Covid-19;
- Entrelaçados: visando ao compartilhamento das experiências pessoais de encontro consigo mesmo e com o outro no momento de isolamento social;
- Girassóis: com o fim de favorecer o acesso à informação por meio de um giro semanal acerca das principais

notícias sobre os acontecimentos sociais, políticos, educacionais e econômicos que cercam a pandemia e a experiência de distanciamento social;

- Contato: objetivando favorecer ao público um espaço para tirar dúvidas e oferecer sugestões.

Além dessas seções, o *blog* é composto pela seção *Home* (Figura 2), que tem como centro a imagem de cerejeiras floridas em alusão ao renascimento, ao reflorescimento e ao recomeço que almejamos como ressignificação da pandemia do novo coronavírus, assim como aconteceu na primavera de Wuhan, em março de 2020, como expressão de vida.

Figura 2 - Seção *Home* do *blog* “Espaço de acolhimento do CE/UFPE”



Fonte: Projeto “Espaço de acolhimento do Centro de Educação no período do isolamento social”, 2020.

Ao longo dessa experiência, o *blog*, com a participação das docentes da área de Educação Inclusiva (Severina Klimsa e Wilma Pastor), tornou-se mais acessível às pessoas surdas, com os textos da introdução de cada seção interpretados em Libras, como ilustra a Figura 3. No entanto, este é apenas o primeiro passo do projeto

de acessibilidade das ferramentas digitais que integram o “Espaço de acolhimento do CE/UFPE”, pois a ideia é que toda a publicação seja interpretada em Libras e as imagens possam ser audiodescritas em uma proposta de desenho universal que busca beneficiar todas as pessoas com ou sem deficiência (SASSAKI, 2009).

Figura 3 – Parte inicial da seção *EntreLaÇados*, com conteúdo interpretado em Libras



Fonte: Imagem da seção *EntreLAÇADOS*, do blog “Espaço de acolhimento do CE/UFPE”, Proexc/UFPE, 2020.

Em consonância com os princípios da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, o *blog* foi uma ferramenta importante durante o semestre de Ensino Remoto Emergencial 2020.3, quando da vivência da disciplina *Diversidades em Docência: enfrentamentos ao distanciamento social*, já que operou também como um espaço de expressão dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem em contexto de pandemia. Tal disciplina foi ofertada pelo curso de pedagogia do CE/UFPE, com a participação de 10 professoras de dois diferentes departamentos desse centro e com a participação de uma professora convidada, lotada no CAV/UFPE. Também fez parte desse grupo de mulheres uma monitora voluntária.

O componente curricular foi ofertado nos três turnos de funcionamento do CE e teve como princípios nortea-

dores a integração entre ensino, pesquisa e extensão, a interdisciplinaridade e a relação teoria-prática. Diante dessa experiência, foi criada outra seção para o blog denominada *Ciranda de Linguagens*, com o objetivo de integrar diferentes vozes que emanam dos estudantes do CE que vivenciam, atravessados pela pandemia da Covid-19, o ensino remoto.

Por fim, em dezembro de 2020, foi acrescentada mais uma seção intitulada *Projeto Minuto-Amor*, para abrigar o Projeto *Por um minuto capaz de abrigar a palavra amor*, idealizado e coordenado por Ana Márcia Luna, Ana Paula Mota, Ester Rosa, Teca Didier e Thelma Panerai, professoras do CE/UFPE.

3. O Instagram como rede de escuta, encontro e potência de vida

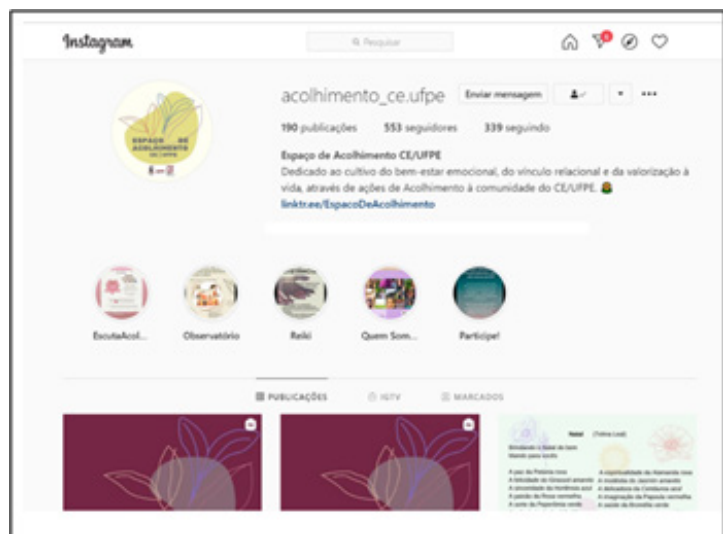
Desde sua origem, o projeto do “Espaço de acolhimento do CE/UFPE” apresenta ações tendo como base precípua a ética do cuidado e o respeito às relações intra e interpessoais. Uma das principais intencionalidades da equipe diante do cenário da pandemia e dos desdobramentos dela foi dar atenção especial à saúde integral dos estudantes da comunidade da UFPE, sobretudo pelos fatores oriundos do isolamento social que tendem a acarretar um nível de sofrimento psíquico, muitas vezes menosprezado ou desconhecido, seja pelas pessoas mais próximas, seja pela sociedade em geral, seja pela própria instituição. Desse modo, tínhamos que continuar garantindo a ação da Escuta Acolhedora, mesmo diante da impossibilidade de estarmos presencialmente realizando o encontro com o outro para oferecer o acolhimento cuidadoso que nosso espaço disponibiliza aos que nos procuram.

Nosso eixo articulador que fundamenta o sentido sobre escutar e acolher parte da compreensão de que, eminentemente, todas as pessoas têm uma orientação positiva e, embora a ação da Escuta Acolhedora, em nosso projeto, não seja de caráter psicoterapêutico, a disposição genuína da equipe para o desvelamento da

abertura sincera, da compreensão empática e da aceitação incondicional do outro (ROGERS, 2009, p. 38) são atitudes cultivadas. De acordo com o que nos orienta enquanto equipe que acolhe, tais atitudes são premissas para existir uma relação de afeição e segurança no cuidado aos estudantes, que chegam desejando acolhimento imediato para encontrar ajuda diante de angústias, de conflitos e de outras perturbações que causam algum tipo de sofrimento psíquico.

O grupo da Escuta Acolhedora, então, entendendo que o Instagram é uma das mídias sociais mais utilizadas na atualidade, cuja finalidade é aproximar as pessoas através de publicações de fotos e vídeos e de conversas via *chat* ou chamadas, pensou que tal dispositivo seria um caminho favorável para realizar, virtualmente, os encontros de escuta. Foi a partir dessa motivação que desenvolvemos no Instagram o perfil @acolhimento_ce.ufpe (MOTA; MONTEIRO; ARAÚJO, 2020) do “Espaço de acolhimento do CE/UFPE” (Figura 4).

Figura 4 – Perfil no Instagram do “Espaço de acolhimento do CE/UFPE”



Fonte: Imagem da entrada do perfil do Instagram do “Espaço de acolhimento do CE/UFPE”, Proexc/UFPE, 2020.

Motivada pela promoção do cuidado humano no enfrentamento da pandemia da Covid-19, a equipe também encontrou, no Instagram, um meio para manter as práti-

cas integrativas que aconteciam presencialmente, como meditação e *yoga*, e acrescentou *reiki*. Compreendemos tais práticas, reconhecidas pela OMS (2017), como uma via de promover a saúde integral a partir do cuidado às dimensões da consciência, do corpo e das emoções. No Brasil, inclusive, o Sistema Único de Saúde (SUS) oferece Práticas Integrativas e Complementares (PICS) gratuitamente, valorizando conhecimentos de tradições milenares com evidência científica de que contribuem no tratamento integrado à medicina convencional.

Com os ajustes à interface *on-line*, as ações de Escuta Acolhedora e Práticas Integrativas (Figuras 5 e 6, respectivamente) ficaram organizadas da seguinte forma:

- Escuta Acolhedora: ação de atendimento sigiloso, particular e individualizado, oferecida via agendamento pelo *direct* (recurso de mensagem privada) do Instagram, de segunda a sexta-feira. A realização da escuta aconteceu por meio de chamada de vídeo, no perfil vinculado ao “Espaço de acolhimento” (@escuta.acolhedora.ce), acessado por uma professora integrante da equipe de “acolhedores”, para o perfil do estudante solicitante do agendamento. A ação contou com acessibilidade para pessoas surdas;
- Práticas Integrativas: ações de meditação (às quartas-feiras divulgação dos *podcasts* publicados no *blog*, sob coordenação da professora Keyla Ferreira); de *yoga* (*lives* realizadas nas terças e quintas-feiras pelo perfil @yoga_ufpe, vinculado ao perfil do “Espaço de acolhimento”, sob coordenação da professora Ana Beatriz Barros); e de *reiki* (oferecido na modalidade à distância, às terças-feiras, sob coordenação da professora Ana Paula Mota).

Figura 5 – Divulgação da Escuta Acolhedora no Instagram



Fonte: Card postado no feed do perfil do Instagram do “Espaço de acolhimento do CE/UFPE”, Proexc/UFPE, 2020.

Figura 6 – Divulgação do reiki, meditação e yoga no Instagram



Fonte: Card postado no feed do perfil do Instagram do “Espaço de acolhimento do CE/UFPE”, Proexc/UFPE, 2020.

Pelas trocas interativas que a ferramenta permite, outras ações vinculadas ao Instagram foram desenvolvidas com a finalidade de cultivar o bem-estar pessoal e cole-

tivo, o vínculo afetivo entre os docentes, técnicos e estudantes que fazem parte do CE, sobretudo por estarmos fisicamente distantes diante do isolamento social. Além disso, o perfil do Instagram, assim como o *blog*, poderia alcançar a comunidade externa à UFPE. Sob a coordenação da professora Thelma Panerai e com a participação dos estudantes extensionistas, a equipe, composta por vários professores, elaborou uma programação semanal de publicações para promover as trocas relacionais da comunidade do CE, dinamizadas por publicações diárias. Essas ações foram sistematizadas da seguinte forma:

- Segunda-feira: publicação da *Mensagem Poética*, abertura da semana com um trecho poético, selecionado e organizado em um card personalizado;
- Terça-feira: postagem de *card* personalizado no *feed* e no *stories*, convidando a comunidade interna e externa à UFPE para participar do *reiki* à distância;
- Quarta-feira: postagem de *card* personalizado no *feed* e no *stories*, divulgando o *podcast* de meditação; e postagem do *A vez e a voz do CE*, com vídeos e/ou fotos com conteúdo e produção de materiais da comunidade acadêmica, expressando o potencial criativo/artístico que lhes pertence;
- Quinta-feira: postagem de fotos e/ou vídeos da *Lembrança do Espaço de Acolhimento do CE/UFPE*, resgatando e comunicando à comunidade, alguma ação realizada nos eixos de pesquisa, ensino e extensão;
- Sexta-feira: postagem de *card* personalizado, com divulgação das seções do *blog*, com o fito de promover acesso aos conteúdos textuais atualizados, disponíveis nessa ferramenta.

No perfil do Instagram também há o recurso *Destques*, espaço que disponibilizamos o *Quem Somos*, uma espécie de ficha técnica da equipe do projeto, notas de convites à participação da comunidade na produção de conteúdo específico para o Instagram e para o *blog*,

orientações para agendamento da Escuta Acolhedora e sobre participação nas práticas integrativas. Outras ações que surgiram posteriormente foram vinculadas ao Instagram para comunicar e convidar a comunidade acadêmica, tais como: *Filme para ser visto e revisto*, que passou a ocupar as sextas-feiras; divulgações de atividades acadêmicas como o grupo de estudo *Ética do Cuidado e Formação Humana*, as rodas de diálogo, oficinas e palestras da *Tutoria à Resiliência*, conteúdos do *Falando Abertamente sobre Suicídio* e o bate-papo *Amar é o Elo*, o *Clube do Livro*, e a ação *Minuto-Amor*.

4. Grupo de estudo “Ética do Cuidado e Formação Humana”: um caminho de ressignificação de sentido formativo através do Google Meet

Como parte das intencionalidades do projeto “Espaço de acolhimento do Centro de Educação no período do isolamento social”, foi vislumbrada, para o segundo semestre de 2020, a criação de grupos de estudo direcionados ao público discente, com temáticas que aprofundassem estudos relacionados à humanização, à espiritualidade e ao bem-estar. A ideia esteve calcada na oferta de estudos baseados em concepções teórico-práticas, norteadoras das pesquisas de alguns professores que compõem o projeto, com o intuito de os estudantes acesarem conhecimentos por meio de uma experiência de ensino via Google Meet, que funcionasse como atividade complementar à sua formação acadêmica. A realização de grupos de estudos com tais temáticas foi idealizada como possibilidade de aproximar os estudantes no caminho do autoconhecimento. Desse modo, surgiu o grupo de estudo *Ética do Cuidado e Formação Humana*, sob a coordenação da professora Ana Paula Mota e a monitoria da estudante extensionista Maria Alice Almeida. A divulgação das vagas abertas para composição do grupo foi realizada via Instagram, com inscrição através do preenchimento de um formulário elaborado no Google Forms.

O grupo *Ética do Cuidado e Formação Humana* objetivou promover reflexões a partir de alguns conceitos do pensamento do filósofo Martin Buber (1878-1965), do psicólogo humanista Carl Rogers (1902-1987) e do professor Ferdinand Röhr (1951), relacionados à ética do cuidado e à formação humana, pertinentes ao campo da educação. Especificamente, os encontros foram desenvolvidos a fim de que os estudantes pudessem: a) compreender, minimamente, a relação entre formação e educação à luz da concepção de integralidade do ser humano (RÖHR, 2010); b) relacionar a ética do cuidado aos princípios do “caminho do homem”, conforme a discussão buberiana (BUBER, 2011; 2014); e c) identificar, à luz da Abordagem Centrada na Pessoa, aspectos que podem contribuir ao processo direcional-formativo na vida (ROGERS, 1983).

Nos meses de outubro e novembro de 2020, o grupo de estudo realizou encontros síncronos semanais na plataforma digital do Google Meet, às terças-feiras das 9h às 11h, com orientações de atividades assíncronas para serem realizadas ao longo da semana. A carga horária totalizou 18 horas e os encontros foram organizados pelas seguintes unidades temáticas:

- Introdução à formação humana;
- Ética pedagógica do cuidado;
- O caminho do homem;
- A facilitação do crescimento formativo;
- Ética do cuidado x Formação humana x Educação.

O grupo adotou uma metodologia que buscou, a partir do debate de textos e da exploração de conceitos nas rodas de diálogos, estabelecer um espaço de troca de conhecimentos e experiências a fim de ampliar a formação acadêmica, com temas sobre a natureza humana. Os estudantes que desejaram participar deste espaço puderam compartilhar suas experiências, associando-as às discussões teóricas promovidas mediante a leitura dos textos selecionados, promovendo, dessa forma, trocas uns com os outros, respeitando o espaço como um lugar dialógico. Participaram do grupo sete estudantes dos cursos de Licenciatura em Pedagogia e Geografia.

Torna-se importante refletir como a quantidade reduzida de participantes provocou uma maior abertura de diálogo nos encontros e, rapidamente, a instalação de certo grau de confiança e compartilhamento de experiências, posto que as temáticas abordadas envolveram questões de cunho pessoal que convidavam indiretamente os estudantes a refletirem sobre sua própria condição humana. Conforme Pichon-Rivière (1998) enfatiza na sua pesquisa sobre processo grupal, os indicadores de pertença, comunicação, cooperação, aprendizagem e pertinência foram identificados na realização dos encontros síncronos do grupo de estudo *Ética do Cuidado e Formação Humana*.

Com caráter distinto do que os estudantes estavam vivenciando no mesmo período, nas aulas do semestre suplementar 2020.3, a prática de ensino-aprendizagem mediada pelo grupo de estudo, através de uma experiência nova de encontro no Google Meet, provocou neles o sentimento de pertencimento a um grupo, como relatou por escrito, ao final do curto processo, uma estudante participante: “Durante os encontros, tive vontade de sempre deixar a câmera aberta. Para mim, funcionou mais como um grupo terapêutico do que de estudo” (trecho do depoimento escrito pela estudante A, da graduação em Pedagogia).

Sentindo-se parte de um lugar, os estudantes, além de discutir as leituras realizadas, se sentiram à vontade para comunicar com liberdade os pensamentos e sentimentos que estavam vivenciando durante o isolamento social e a experiência do semestre suplementar.

Quanto ao impacto do grupo de estudo à formação acadêmica, outra estudante expressou o seguinte:

“A leitura dos autores abordados redimensiona o 'sentido' das relações humanas e, portanto, da prática docente. É impossível ficar imune às complexidades do encontro humano, se almejamos ser educadores [...]. Através desses autores, entendemos que a responsabilidade docente é maior do que imaginávamos porque contribuí para o caminho de cada um. Mas só podemos ofertar uma genuína contribuição ao educando se estivermos trilhando o nosso caminho focalizando a au-

tocontemplação, a determinação e outras complexas demandas [...]. A angústia sentida muitas vezes a partir da leitura dos textos evidencia a necessidade de mudanças atitudinais seja como docente ou como pessoa.” (Trecho do depoimento escrito pela estudante C, da graduação em Pedagogia)

Além do impacto à formação dos estudantes que frequentaram o grupo de estudo, é relevante destacar, também, a participação da estudante extensionista como monitora do processo. Sua atuação seguiu de forma horizontal na relação com os participantes e, por ser graduanda do curso de Psicologia, contribuiu com as discussões relacionadas à Abordagem Centrada na Pessoa, ao passo que também pôde elucidar e esclarecer dúvidas sobre outros temas não discutidos até então.

Diante de tal experiência formativa *on-line*, o grupo manifestou uma abertura para as reflexões sobre ética do cuidado e da formação humana, com um aporte teórico que provocou nos participantes – estudantes, monitora e professora – uma espécie de autorreflexão, de forma crítica e dialógica, fornecendo possibilidades de pensar e efetivar ações humanas responsáveis para consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

5. Considerações finais

Como agentes cuidadores responsáveis pela condução de um processo formativo baseado na ética do cuidado, fomos desafiados a desenvolver capacidades cuidadoras utilizando ferramentas digitais para atender, a princípio, às necessidades dos estudantes do CE. O trabalho reflexivo, realizado na elaboração e execução das ações propostas por nosso projeto de extensão, apostou em uma visão mais complexa da formação e do desenvolvimento do ser humano.

No processo de ressignificação das ações do “Espaço de acolhimento do CE/UFPE”, para acolher virtualmente a comunidade da UFPE em um contexto de pandemia e de isolamento social nunca antes vivenciado pelas

diferentes gerações que compõem essa instituição de ensino, nós, que estivemos particularmente à frente das ações do *blog*, do Instagram e da mediação do grupo de estudo pelo Google Meet, também fomos ressignificadas pela nossa própria ação de linguagem, mas, sobretudo, pela ação de linguagem dos estudantes, servidores técnico-administrativos e docentes que tornaram essa ação extensionista uma atuação de vida, de cuidado, de reflexão e de mudança constante.

Considerando que o uso das plataformas digitais, como dispositivos de socialização, foi ampliado durante o contexto da pandemia, encontramos no *blog* e no Instagram caminhos para disponibilizar práticas de cuidado, entrelaçando educação, ética e saúde integral, tecendo uma rede de escuta, encontro e potência de vida. Sobre isso, houve uma significativa procura em tais plataformas, o que nos fez considerar as experiências de cuidado e acolhimento exitosas nos ambientes virtuais. No caso do *blog*, as visitas às diferentes seções foram monitoradas pela estatística realizada pela própria ferramenta, que gera dados por dia, semana e mês. Essa estatística indicou que houve mais visitas às seções do *blog* nos meses de maio (196 visitas) e de julho (176 visitas), com uma busca mais frequente nesses meses à atividade de meditação, na seção cuidado de si e do outro, com 157 e 117 visitas, respectivamente. Quanto ao Instagram (@acolhimento_ce.ufpe), alcançamos, desde abril até o final do ano, o número de 535 seguidores. Por dia, uma média de 53 pessoas foi alcançada por nossas publicações nessa plataforma digital. Os vídeos do projeto denominado Minuto-Amor atingiram, apenas nos primeiros dias do mês de dezembro, 228 visualizações.

Surpreendentemente, os ambientes virtuais (*blog* e Instagram) atraíram pessoas externas à comunidade acadêmica da UFPE, inclusive de outros estados brasileiros, como por exemplo Brasília e São Paulo, estudantes e profissionais que buscaram no “Espaço de acolhimento do CE/UFPE” um amparo para lidar com as fragilidades emocionais pessoais que foram intensificadas no período crítico da pandemia, especialmente, a procura pela Escuta Acolhedora e pelas práticas de *reiki*, meditação e *yoga*. Para a Escuta Acolhedora, foi limitado o atendi-

mento aos estudantes da UFPE; entretanto, foram oferecidos contatos de instituições nas quais são realizadas ações similares, de modo gratuito, e que nos autorizaram a encaminhar pessoas que não pudessem ser atendidas por nossa equipe. O mesmo aconteceu para alguns casos específicos que necessitaram de acompanhamento psicoterapêutico. Nesse caso, o “Espaço de acolhimento do CE/UFPE” contou com a parceria do Serviço de Psicologia Aplicada da UFPE e de outros profissionais que contribuíram oferecendo, gratuitamente, seus serviços de psicoterapia. Já as práticas integrativas foram acessíveis, também, para o público externo, havendo algumas experiências que se destacaram quanto à participação de pessoas sem vínculo com a UFPE, como ocorreu com o *reiki*.

Sobre a realização do grupo de estudo *Ética do Cuidado e Formação Humana*, consideramos que foi alcançado o estabelecimento de um vínculo de confiança e abertura entre os participantes com a realização de encontros síncronos, via Google Meet, e de atividades assíncronas. Para os estudantes participantes, mesmo sendo de curta duração, o grupo funcionou como um ponto de encontro não só para estudar sobre temas relacionados à humanização, mas para vivenciar uma experiência relacional com trocas genuínas e passíveis de crescimento humano.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Portaria n. 849, de 27 de março de 2017*. Dispõe sobre a inclusão de Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Portal do Ministério da Saúde, Brasília, DF, 27 mar. 2017. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849_28_03_2017.html. Acesso em: 19 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Portaria n.º. 2.446 em 11 de novembro de 2014*. Dispõe sobre a redefinição da Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS). Portal do Ministério da Saúde, Brasília, DF, 11 nov. 2014. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt2446_11_11_2014.html#:~:text=Considerando%20a%20necessidade%20de%20atualizar,Promo%C3%A7%C3%A3o%20da%20Sa%C3%BAde%20\(PNPS\)](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt2446_11_11_2014.html#:~:text=Considerando%20a%20necessidade%20de%20atualizar,Promo%C3%A7%C3%A3o%20da%20Sa%C3%BAde%20(PNPS)). Acesso em: 19 set. 2019.

BOFF, L. *Ethos Mundial: Um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BUBER, M. *O Caminho do Homem: segundo o ensinamento chassídico*. Tradução: Cláudia Abeling. São Paulo: É Realizações, 2011.

CARRINGTON, H. *A filosofia yogui da vida*. São Paulo: Editora Tecnoprint S.A., 1987.

CHIDVILASANANDA, G. *Sadhana do coração*. Rio de Janeiro: Siddha Yoga Dham Brasil, 2007.

ESTEVÃO, A. Artigo de Opinião. *Acta Radiológica*, [s.l.], v. 32, n. 1. p. 5-6, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/actaradiologica/issue/view/1026>. Acesso em: 28 fev. 2021.

FERREIRA, K.; FERREIRA, S. P. A. *blog Espaço de Acolhimento do CE/UFPE*. Projeto de Extensão. Centro de Educação, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2020. Disponível em: <https://espacodeacolhimento.blog/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: o cuidado de si*. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. *A ética do cuidado de si como prática da liberdade*. In: FOUCAULT, M. *Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. Curso dado no Collège de France (1981-1982). 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

MOTA, A. P. F. S. *Infográfico das ações do Espaço de Acolhimento do CE no período do isolamento social*. Recife: [s. n.], 2020. 1 imagem digital, formato JPEG.

MOTA, A. P. F. S.; MONTEIRO, A. M. L.; ARAÚJO, T. C. S. *Perfil do Instagram do Espaço de Acolhimento do CE/UFPE*. Projeto de Extensão. Centro de Educação, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/acolhimento_ce.ufpe/. Acesso em: 30 jan. 2021.

MUKTANANDA, Swami. *Mistério da mente*. Rio de Janeiro: Siddha Yoga Dham Brasil, 1998.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. *OPAS/OMAS apoia governos no objetivo de fortalecer e promover a saúde mental da população*. Brasil, out. 2016. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5263:opas-oms-apoia-governos-no-objetivo-de-fortalecer-e-promover-a-saude-mental-da-populacao&Itemid=839. Acesso em: 21 jan. 2021.

PROGRAMA DE EXTENSÃO #FICA A DICA DO CE. #Ficaa-Dica Centro de Educação. Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2020. Disponível em: Acesso em: 27 jan. 2021.

ROGERS, C. R. *Um jeito de Ser*. Tradução: Maria Cristina Machado Kupfer. São Paulo: EPU, 1983.

ROGERS, C. *Tornar-se Pessoa*. Tradução: Manoel José do Carmo Ferreira e Alvamar Lamparelli. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

RÖHR, F. *A Multidimensionalidade na Formação Humana do Educador: a contribuição da terapia floral para a saúde emocional do professor*. Programa Valorização da Extensão. Recife: Proexc, UFPE, 2013.

RÖHR, F. Espiritualidade e Educação. In: RÖHR, F. (org.). *Diálogos em Educação e Espiritualidade*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

RÖHR, F. Ética Pedagógica na Educação Espiritual: um estudo comparativo. *Caderno de Filosofia*, Recife, v. 4, p. 5-45, 2004.

SASSAKI, R. K. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. *Revista Nacional de Reabilitação (Reação)*, v. 12, p. 10-16, mar./abr., 2009.

STRABELLI, T. M. V.; UIP, D. E. Covid-19 e o Coração. *Arq. Brasileiro de Cardiologia*, São Paulo, v. 114, n. 4, p. 598-600, abr. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066782X2020000400598&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 fev. 2021.

WALLACE, B. A. *Felicidade Genuína: meditação como caminho para a realização*. Tradução: Jeanne Pili. Teresópolis: Lúcida Letra, 2015.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WESTPHAL, M. F. Promoção da saúde e prevenção de doenças. In: CAMPOS G. W. S. et al. (org.). *Tratado de saúde coletiva*, São Paulo: Hucitec, 2006. p. 635-667.



EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: potência em formação e cuidado à saúde

UNIVERSITY EXTENSION:
potency in training and health care

Delaine Cavalcanti Santana de Melo

(Doutora em Serviço Social, Professora do
Departamento de Serviço Social, CCSA/UFPE)

Márcia Maria Dantas Cabral de Melo

(Doutora em Odontologia e em Saúde Pública,
Professora do Departamento de Odontologia, CCS/UFPE)

Leopoldina Augusta Souza Sequeira de Andrade

(Doutora em Nutrição, Professora do
Departamento de Nutrição, CCS/UFPE)

Yasmin Batista dos Santos

(Graduanda em Serviço Social, CCSA/UFPE)

Vanessa de Lima Silva

(Doutora em Saúde Pública, Professora do
Departamento de Fonoaudiologia, CCS/UFPE)

O texto resulta de vivências possibilitadas pela execução do projeto de extensão “Enfrentamento à Covid-19: produzir saúde e defender a vida”, coordenado pela Profa. Dra. Delaine Cavalcanti Santana de Melo (Coordenadora. Departamento de Serviço Social) e pela Profa. Dra. Márcia Maria Dantas Cabral de Melo (Vice-Cordenadora. Departamento de Odontologia), submetido ao Edital 2020-03 – de Registro das Ações de Extensão com Movimentação Financeira. A equipe executora foi composta pelas Profas. Dras. Cinthia Kalyne de Almeida (Departamento de Terapia Ocupacional), Fábila Pottes (Departamento de Enfermagem), Leopoldina Andrade (Departamento de Nutrição), Vanessa Lima (Departamento de Fonoaudiologia); pelos residentes do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família/CCS-UFPE: Cléverton da Silva Santos (dentista), Jessyca Vanessa dos Santos Barbosa (fonoaudióloga), Lidiane Assis (fonoaudióloga), Milena Cristina da Silva (farmacêutica), Rafael Lima Fernandes (psicólogo), Túlio Guilherme Martins Guimarães (educador físico); e pelos estudantes de graduação: André Cavalcanti de Lima (Fonoaudiologia), Ângela Ferreira da Silva (Enfermagem), Eduardo Cavalcanti Pimentel (Nutrição), Gersiane dos Santos Benigno (Nutrição), Gleiciane Teodoro da Silva (Serviço Social), Huanne Soel Feitosa Rolim (Odontologia), Isabelly Rayanne Ramos Torres (Serviço Social), Larissa Sercundes Farias dos Anjos (Odontologia), Milena Kelly Silva do Carmo (Serviço Social), Milena Ratacasso Coimbra (Enfermagem), Mylena Rayane da Silva Aguiar (Fonoaudiologia), Sabrina Pinheiro Bezerra (Fonoaudiologia), Vanessa Lopes do Nascimento (Odontologia), Yasmin Batista dos Santos (Serviço Social).

Resumo

O projeto de extensão teve como objetivo geral potencializar ações promocionais, preventivas e assistenciais com reforço ao acompanhamento longitudinal familiar e comunitário da população coberta pela Estratégia de Saúde da Família das unidades referenciadas. Participaram 22 graduandos, 26 docentes, 26 residentes da UFPE e 18 profissionais de saúde, num percurso baseado nos pilares da pesquisa-ação: apreensão e produção de conhecimento, participação e ação-intervenção. Foram definidos 4 eixos de intervenção: 1) Comunicação e educação em saúde – levantamento de informações e produções sobre Covid-19; produção de 72 materiais socioeducativos e veiculação nas redes sociais da comunidade, replicados em muitos perfis pessoais e institucionais, bem como nos serviços em ações cotidianas de prevenção junto à população; 2) Cuidado em saúde – protagonizado por residentes e profissionais preceptores/as em atuação direta junto à população. Favoreceu a continuidade da assistência, incluindo reorientação e replanejamento de ações e processos de trabalho com novas práticas, sem excluir ações presenciais com uso de materiais produzidos no projeto; 3) Apoio à organização comunitária e acesso a direitos – ocupou-se da confecção e distribuição de 2.000 máscaras de tecido como barreira protetiva à disseminação do coronavírus; e 4) Acolhimento à população usuária e às equipes/Cuidado ao Cuidador – ante o impacto subjetivo da pandemia. O Distrito Sanitário IV desenvolveu encontros de acolhimento e o Núcleo de Psicologia ofertou rodas de Terapia Comunitária como espaço de fala-escuta e apoio especializado. Entende-se que o projeto, como indutor e sistematizador, contribuiu para continuidade do cuidado e para a diversificação de ações junto à população.

Palavras-Chave: Atenção Primária à Saúde. Covid-19. Formação profissional.

Abstract

The extension project enhanced promotional, preventive and assistance actions, as general objective, with family and community reinforcement and population's longitudinal monitoring covered by the Family Health Strategy of the referenced Units. There were UFPE's 22 undergraduate students, 26 professors, 26 residents and 18 health professionals, who partic-

ipated in a course based on the pillars of action research: apprehension and production of knowledge, participation and action-intervention. Four intervention axes were defined: 1) Communication and Health Education - information and production about COVID-19; production of 72 socio-educational materials and placement on the community's social networks, replicated in many personal and institutional profiles, as well as in the services in daily prevention actions with the population; 2) Health Care - led by residents and professional preceptors in direct action with the population. It favored the continuity of assistance, including reorientation and re-planning of actions and work processes with new practices, without excluding face-to-face actions using materials produced in the project; 3) Support for community organization and access to rights - took care of making and distributing 2,000 tissue masks as a protective barrier to the coronavirus' spread; and 4) Welcoming the user population and the teams/caregiver- in view of the subjective pandemic impact. The Sanitary District IV developed welcoming meetings and the Psychology Nucleus offered community therapy as a space for speech-listening and specialized support. It is understood that the project as an inducer and systematizer, contributed to the continuity of care and the diversification of actions with the population.

Keywords: Primary Health Care. COVID-19. Professional qualification.

1. Introdução

O contexto de pandemia provocada pelo novo coronavírus (Covid-19) afeta de variadas formas toda a sociedade e tem sido enfrentado por meio dos órgãos de saúde em escala mundial. No Brasil, o enfrentamento se dá no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), que se pauta na compreensão da saúde enquanto direito de todos e dever do Estado. No entanto, esse sistema, desde o seu surgimento, confronta-se com medidas neoliberais que provocam seu sucateamento nas esferas federal, estadual e municipal.

Todas as áreas da vida precisaram se adaptar a esse cenário pandêmico. Ao setor da saúde, coube focar suas ações para reestruturar os serviços, adotar novas formas de trabalho, organizar as operações de vigilância epidemiológica e planejar a distribuição e remanejamento de profissionais, especialmente para atendimento dos casos moderados e graves de Covid-19 (DAUMAS *et al.*, 2020; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020). Aos profissionais de saúde, incluindo residentes de programas de residência uni e multiprofissionais em saúde, significou focar suas ações para prestar atenção oportuna de acordo com o estado clínico das pessoas acometidas com o intuito de salvar vidas e reduzir a contaminação e disseminação do novo coronavírus.

Conforme observado globalmente, a pandemia de Covid-19 desvela os efeitos da desigualdade estrutural e de determinado padrão de resposta dos estados-nação a essa grave emergência sanitária, especialmente em nações governadas por líderes obscurantistas que implementam agendas ultraliberais e enfraquecem a capacidade da própria sociedade em dar respostas aos seus problemas complexos. Em determinadas análises, diz-se que o coronavírus é “democrático” em seu alcance; porém, como conhecedores/as das determinações sociais da saúde, é possível afirmar que segmentos mais pauperizados são muito mais amplamente afetados, daí a importância de realização de cuidados em saúde direcionados e celeremente implementados.

O contexto em que ocorre a pandemia corresponde à atual fase do capitalismo, marcado pela financeirização da economia, flexibilização do trabalho e, conseqüentemente, pela desvalorização da vida e restrito atendimento às necessidades humanas. Sob a ótica da determinação social nos padrões de adoecimento e morte, nesse momento pandêmico é demonstrado que os grupos populacionais mais pauperizados são os mais atingidos e concentram as maiores taxas de óbito (DEMENECH *et al.*, 2020).

Na contemporaneidade brasileira, a pandemia se instala em um cenário político e social conturbado e de guinada ideológica à extrema direita, no qual as forças políticas alinhadas ao projeto do atual governo avançam no desfinanciamento das políticas sociais, negociam o patrimônio coletivo e operam políticas de desmonte do sistema de seguridade social. Com isso, ampliam-se riscos, vulnerabilidades e danos profundos à classe trabalhadora (SANTOS, 2020). É nítido, portanto, o devir proposto pela direção neoliberal assumida: subtração de direitos, mercantilização da vida e, no que se refere à saúde, a desconstrução do Sistema Único de Saúde (SUS) público e universal.

O SUS, desde a sua gênese, se desenvolve subfinanciado e sob ataque das forças privatizantes que disputam a hegemonia do gasto público do setor. Esse grave momento sanitário encontra o sistema com sua capacidade de resposta reduzida devido ao acúmulo de “negli-

gências intencionais” e o impacto da redução de financiamento, promovida e acentuada a partir de 2019 com a aprovação da Emenda Constitucional 95, que limitou o teto dos gastos públicos na saúde e educação e em outras áreas sociais (VIEIRA; BENEVIDES, 2016). Ante sistemáticos ataques, desmontes, ausência de comando e postura do Governo Federal, que é por si negacionista a evidências científicas, a Pasta da Saúde segue sem planejamento para o enfrentamento articulado da emergência sanitária.

A instabilidade no Ministério da Saúde, exemplificada pela troca sucessiva de ministros, resultou em desarticulação e descoordenação técnica, evidenciada na ausência de condução nacional e de ordenamento de ações conjuntas com as autoridades estaduais e municipais. Considera-se que as operações sanitárias que poderiam ter sido realizadas, incluindo o processo de imunização, dependiam (e dependem) dessa articulação entre os entes federativos e seria fundamental na mitigação e controle da epidemia no território nacional (RODRIGUES; AZEVEDO, 2020).

A primeira resposta governamental foi o isolamento social, recomendando medidas de distanciamento conjugadas à ampliação da rede hospitalar existente com aumento da oferta de leitos de unidade de terapia intensiva para os casos graves e estruturação de rede hospitalar provisória exclusiva para Covid-19 (DAUMAS *et al.*, 2020).

Essa opção, reativa e hospitalocêntrica, foi criticada amplamente por especialistas, segmentos do controle social do SUS e entidades de saúde coletiva/pública. Entende-se que não falta ao Brasil aparato técnico especializado e apoio de instituições públicas de saúde, as quais resistem e tensionam pela adoção de medidas técnico-científicas recomendadas internacionalmente para frear a velocidade da transmissão e reduzir o crescente número de óbitos (SOUTO; TRAVASSOS, 2020). Além disso, denuncia-se a falta de elaboração de plano nacional de enfrentamento à pandemia com visão sistêmica que explicitasse as funções e a articulação de toda a rede de atenção à saúde no enfrentamento à Covid-19, tendo-se a Atenção Primária à Saúde (APS) como nível de atenção

essencial e considerando-se a capilaridade e a experiência no combate a epidemias, como as da Febre Amarela, da Dengue, da Chikungunya e da Zika (TURCI; HOLLIDAY; OLIVEIRA, 2020). Apesar disso, implementou-se um modelo de cuidado direcionado à urgência e emergência de casos moderados a graves e atendimento focado em queixa-conduta. Algumas unidades de saúde da família foram transformadas em centros de referência para atendimento à Covid-19, ficando as ações de promoção e prevenção em segundo plano.

A decisão pelo direcionamento de investimentos aos níveis secundários e terciários da atenção à saúde, embora tenha sido medida indispensável, não levou em consideração que, em torno de 80% das vezes, os casos assumem formas leves e são sensíveis a medidas de APS, além de que um percentual significativo dos casos moderados buscam a rede básica como primeiro acesso (SARTI *et al.*, 2020). Mais tardiamente foram implementadas medidas e investimentos direcionados à organização de toda a rede de atenção à saúde, incluindo a atenção básica, a despeito de seu papel central no planejamento e na resposta a situações de emergência sanitária (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2018). Movimentos e respostas municipais buscaram recolocar a APS na centralidade do combate à epidemia e em sua função de coordenação e ordenamento do cuidado a partir dos territórios, tanto para contenção da pandemia quanto para o não agravamento das pessoas diagnosticadas com a Covid-19.

Para interromper a transmissão do vírus e reduzir o risco de expansão da epidemia, a APS poderia ativar ações de vigilância sanitária direcionadas à educação em saúde, centradas em medidas de proteção, identificação e isolamento dos casos, rastreamento dos comunicantes com adoção da quarentena, notificação, acompanhamento dos casos em cuidado domiciliar, monitoramento clínico dos casos e referenciamento dos casos mais graves que demandam ações de outros níveis de atenção (TEIXEIRA *et al.*, 2020).

Não cabem, portanto, dissensos sobre a essencialidade da resposta sistêmica, com centralidade na APS, a ser adotada para controle da epidemia. Por isso também não caberia, por sua vinculação com a APS do Recife, ou-

tra resposta do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família da UFPE nesse contexto crítico, a não ser para cumprir sua função – formativa para com os/as residentes e contributiva à população –, mantendo-se presente junto às equipes dos serviços de saúde de modo a formular e propor, coletivamente, ações indutoras articuladas e conformadas num projeto de extensão que agregou diversos sujeitos na intencionalidade de produzir saúde e defender a vida.

2. O Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família enquanto potência de resposta

Os programas de residência multiprofissionais incorporaram-se ao SUS em 2005 e, desde então, têm potencializado práticas inovadoras e aprendizagens relevantes para profissionais preceptores/as e para os/as residentes, formatados na lógica da integração ensino-serviço. Tais programas caracterizam-se pela formação em serviço e o investimento de recursos públicos nessa formação pela via do pagamento de bolsas mensais, durante o processo formativo, a profissionais aprovados/as nos concursos públicos realizados em todo o país.

O Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família da Universidade Federal de Pernambuco (PRMSF/UFPE) foi criado em 2010, em parceria com a Secretaria de Saúde do Recife, visando o desenvolvimento e a consolidação do SUS. O contexto da sua criação ocorre em uma conjuntura de indução e fortalecimento das políticas de integração ensino-serviço para fortalecimento da APS, assumindo o propósito de implementar uma formação diferenciada de quadros para o SUS e o atendimento das necessidades de saúde da população.

Portanto, esse Programa de Residência tem caráter estratégico, tanto no sentido de fomentar a consolidação dos princípios da APS para a população, como por representar uma oportunidade de formação interprofissional para as diversas profissões da área de saúde. As-

sim, o programa intenta formas de intervenção implicadas, com intercessões entre profissionais, seus pares e a população usuária dos serviços por meio do desenvolvimento de práticas profissionais colaborativas com reconhecimento e valorização das competências comuns e específicas dos profissionais da equipe.

O programa forma atualmente 26 profissionais residentes – supervisionados por profissionais de saúde dos serviços, por docentes da UFPE – representantes dos núcleos profissionais de Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição, Odontologia, Psicologia, Saúde Coletiva, Serviço Social e Terapia Ocupacional. A inserção e atuação dos/as residentes ao longo dos dois anos de especialização e do investimento de 5.760 horas de carga horária direcionada à realização de atividades práticas, teórico-práticas e teóricas contribui significativamente na assistência à saúde da população, *pari passu* ao alcance de repertório rico e amplo de vivências, *ensinagens* e aprendizagens advindas da vinculação com os territórios e com os sujeitos presentes nos cenários pelos quais transitam.

Residências são processos formativos diferenciados, conhecidos como “padrão ouro” pela possibilidade de permanência supervisionada cotidiana dos/as residentes em unidades de saúde. No caso dos programas multiprofissionais em saúde da família, são múltiplas as vivências na APS, nível de atenção à saúde de base territorial e comunitária, integrados/as e supervisionados/as por profissionais das Equipes de Saúde da Família (eSF) e dos Núcleos de Apoio à Saúde da Família e Atenção Básica (Nasf-AB).

Buscando-se a coerência entre a intencionalidade formativa e o uso de estratégias metodológicas correspondentes, o Projeto Pedagógico do PRMSF/UFPE apresenta direção social clara e elege, igualmente, um direcionamento pedagógico dialógico, inclusivo e participativo, imbricando uma dada noção de educação em saúde que fomente consciência crítica da população. O projeto critica, ao mesmo tempo, a pedagogia que serve à manutenção do *status quo* e apresenta suas diretrizes pedagógicas com o reconhecimento do potencial educativo da situação de trabalho em que a captura da realidade é

interpretada e analisada no seu contexto intrínseco, valorizando-se o significado da ação e o papel dos sujeitos na construção social da realidade. O *locus* e o momento de formação passam a ser a realidade sanitária e a comunidade onde as equipes da ESF atuam na produção do fazer clínico ampliado numa perspectiva de rede.

Nesse sentido, destaca-se o papel protagonista das residências em saúde na promoção de processos de mudança no cotidiano dos serviços de saúde, em especial mudanças relacionadas aos processos de trabalho. Tal papel passou por uma importante prova no surgimento da pandemia de Covid-19 quando se observou considerável retração das atividades assistenciais da atenção básica, exigência de replanejamento e elaboração de protocolos de intervenção compatíveis com o momento de emergência sanitária.

O coletivo de docentes passou, então, a problematizar e pensar estratégias de cumprir os propósitos pedagógico-formativos e assistenciais imbricados na residência. Encontros e diálogos sucessivos ocorreram tão logo, em decorrência da pandemia de Covid-19, as atividades presenciais da universidade foram suspensas. Todo o debate indicava que, embora o contexto da APS se complexificara, caberia ressaltar a potência daquele *locus* em que se encontravam inseridos/as os/as residentes do PRMSF/UFPE, trabalhando em regime de Dedicção Exclusiva, remunerados com bolsas financiadas com recursos públicos, habilitados/as a produzir e divulgar informações especializadas à população e fortalecendo o trabalho das equipes como parte de seu compromisso ético e político.

No momento atual de pandemia, o aumento abrupto no acesso de usuários/as à rede de atendimento poderia impactar e até colapsar (infelizmente, como temos testemunhado) o Sistema de Saúde, sendo ainda mais premente a necessidade de ações de prevenção, comunicação e orientação, especificidades da Estratégia de Saúde da Família com apoio dos Nasf-AB. A aproximação com a realidade e vivências com a população, profissionais preceptores/as e docentes marcam indelevelmente a formação dos/as residentes. Com vistas a manter essa intencionalidade formativa e assistencial, o projeto de

extensão apresentou-se como contribuição diferenciada ao enfrentamento à Covid-19 no âmbito da APS e, indicando o envolvimento direto dos/as residentes do PR-MSF/UFPE, propôs-se a potencializar ações de educação, promoção e continuidade do cuidado integral à saúde nos territórios de abrangência das USFs nas quais atuam. Tal iniciativa agregou os/as 26 residentes, 26 docentes (vinculados a onze departamentos da UFPE) e 22 estudantes de sete cursos de graduação dessa universidade.

3. Projeto de extensão “Enfrentamento à Covid-19: produzir saúde e defender a vida”: intencionalidade, percurso, alcance

A ação extensionista inseriu-se no contexto da pandemia de Covid-19, que configurou-se como um momento crítico para a humanidade e exigente de respostas e ações globais, bem como dos países e de seus governos na proposição e execução de planos capazes de preservar a vida da população. Como já mencionado, observou-se uma considerável retração das atividades assistenciais da atenção básica, exatamente quando o trato da saúde da população, em tempos de disseminação da pandemia, se tornou mais requerido.

Nossa observação empírica foi de instabilidade inicial das equipes quanto à continuidade da assistência à população; aos poucos se desenrolou o replanejamento das ações e adaptações no processo de trabalho, incluindo a publicação, pela Secretaria de Saúde do Recife, de notas técnicas e de protocolos de assistência e manejo clínico do novo coronavírus na APS. Ciente do impacto dessa contratação sobre a residência, a coordenação do programa promoveu diálogos e debates internos sobre o caráter complexo do momento e sobre a importância de induzir ações qualificadas de enfrentamento à pandemia, reiterando o compromisso do programa da residência em atuar na prevenção e combate à disseminação do vírus, bem como em fortalecer ações das unidades de

saúde nas quais os/as residentes encontravam-se inseridos/as. Nesse cenário, portanto, decidimos pela elaboração do projeto aqui apresentado.

Alinhada à histórica função social assumida e cumprida pela UFPE, entendemos ser nossa responsabilidade demarcar a contribuição do programa no que concerne à formação em saúde materializada no cuidado à população. O projeto alargou o alcance do nosso ofício educacional, pois, para além do coletivo de residentes, reuniu 22 graduandos/as dos cursos de Enfermagem, Farmácia, Fonoaudiologia, Nutrição, Odontologia, Terapia Ocupacional e Serviço Social como membros da Comissão Executora ou participantes, aproximando-os/as de residentes, profissionais e docentes e possibilitando vivências relevantes, com possibilidade de novos itinerários formativos.

No cenário pandêmico, os compromissos do programa de residência mantiveram-se ainda mais vivos sob o entendimento de que, em tempo crítico e de necessidades adensadas, cabe atuar conforme o posicionamento ético-político que nos mobiliza a prover, mediados por processos formativos, uma assistência adequada à população atendida, fomentando seu protagonismo tanto quanto possível.

O projeto de extensão definiu como objetivo geral potencializar ações promocionais, preventivas e assistenciais com reforço ao acompanhamento longitudinal familiar e comunitário da população coberta pela Estratégia de Saúde da Família das unidades referenciadas. Como objetivos específicos, elencamos apoiar a organização coletiva e comunitária a partir da educação popular em saúde e dos direitos humanos; socializar informações de cuidado e prevenção à Covid-19 com uso de recursos tecnológicos para educação em saúde; favorecer a produção de máscaras de tecido a serem distribuídas na comunidade, estimulando a participação comunitária no processo produtivo e pedagógico; oportunizar espaço especializado de escuta e orientação à população; ofertar apoio e acolhimento a profissionais das equipes de saúde; e fomentar a produção de conhecimento a partir das vivências de residentes e estudantes de graduação nesse momento de emergência sanitária.

Guiados/as pela orientação teórico-metodológica da pesquisa-ação “realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual pesquisadores/as e participantes [...] estão envolvidos de modo cooperativo e participativo” (THIOLLENT, 1985, p. 14), disparamos um percurso baseado nos três pilares da pesquisa-ação: apreensão e produção de conhecimento, participação e ação-intervenção (BALDISSERA, 2001), com vistas à consecução dos objetivos.

Com a clareza de que nos manteríamos em contínuo processo de reflexão-discussão-proposição, passamos a estudar incessantemente e nos reunir frequentemente para, por aproximações sucessivas, apreendermos o real que se punha diante de nós: o real da pandemia. Um primeiro direcionamento foi a realização de pesquisas bibliográfica e documental, atividade de levantamento em que os/as graduandos/as desempenharam papel fundamental. As publicações e documentos – leis, decretos, normativas e resoluções – fomentaram discussões e nos conduziram ao planejamento de ações prioritárias dentro de cada eixo de intervenção, incluindo a produção diversificada de materiais socioeducativos por demanda dos/as residentes e das equipes a serem utilizados com a população usuária dos serviços.

Quanto à participação, segundo pilar da pesquisa-ação, esta foi assimilada como condutora dos processos vivenciados desde a elaboração até a execução de todas as atividades propostas. Desde o início da implementação, encontros semanais/quinzenais de monitoramento, além de paradas avaliativas estratégicas, foram vivenciados e contaram com a presença dos diversos segmentos envolvidos no projeto: residentes, profissionais preceptores, docentes e graduandos/as, reconhecendo que as pessoas envolvidas “contribuem no conhecer e no transformar a realidade em que estão inseridos” (BALDISSERA, 2001, p. 8).

Em relação à ação-intervenção ante o estabelecimento do trabalho e de atividades pedagógicas na modalidade remota pela universidade, apesar de o planejamento, o monitoramento e a avaliação contarem com a participação do coletivo mediada por tecnologias comunicacionais, a ação-intervenção direta foi protagonizada por

residentes e profissionais preceptores/as, que se mantiveram presencialmente nas unidades de saúde. Indiretamente, todo o coletivo se fez presente, pois graduandos/as e docentes participaram da elaboração de materiais de sua divulgação e do acompanhamento de sua incorporação no processo de trabalho. Mulheres da comunidade e outras integrantes do coletivo participaram ativamente da confecção de máscaras caseiras que foram distribuídas à população.

Foram definidos os seguintes eixos de intervenção para implementação da ação extensionista: 1) Comunicação e educação em saúde; 2) Cuidado em saúde; 3) Apoio à organização comunitária e acesso a direitos; e 4) Acolhimento à população usuária e às equipes/Cuidado ao Cuidador. Esses eixos foram coletivamente definidos e entendíamos que favoreceriam o desenho de ações cotidianas de atenção à população.

No eixo “Comunicação e educação em saúde”, as primeiras atividades foram o levantamento de informações e produções sobre o tema da Covid-19 para formação de banco de dados, mapeamento de redes sociais comunitárias da população atendida pelas equipes dos serviços, de redes sanitária e socioassistencial e de benefícios governamentais disponíveis à população no contexto da pandemia.

Após essa etapa, sempre a partir de temas demandados pelos/as residentes e equipes, iniciamos a produção de materiais socioeducativos e sua veiculação nas redes sociais da comunidade, o que possibilitou um alto número de replicações em muitos perfis pessoais e institucionais. Esses materiais também foram amplamente utilizados nos serviços em ações cotidianas de prevenção junto à população, em particular as de orientação para a não disseminação do coronavírus.

A produção total foi de 72 materiais; entre eles, há temas abordados por um só núcleo profissional e os outros são produções interdisciplinares. Todos os materiais foram produzidos com a participação de residentes, profissionais preceptores/as, graduandos/as e docentes de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição, Odontologia, Psicologia, Serviço Social e Terapia Ocupacional. A formatação foi diversificada e incluiu

posts, podcasts, cartazes, folders, vídeos etc.; a veiculação nas redes sociais foi realizada semanalmente via grupos de WhatsApp, grupos de Facebook, páginas de Instagram das comunidades atendidas e dos serviços de saúde. Grupos, página e perfis de residentes, profissionais, docentes e graduandos/as também foram utilizadas para divulgação dos materiais produzidos, denotando a importância de formar parcerias pessoais e locais para a propagação das informações e orientações e de dialogar com a população sobre sua participação ativa no autocuidado e cuidado interpessoal.

Os temas abordados estavam diretamente ligados à prevenção e promoção de saúde em geral e proteção à Covid-19, conforme segue: coronavírus – informações, cuidados, prevenção e tratamento; uso e higienização de máscaras de tecido; lavagem das mãos; protocolo de entrada em casa; nutriendo vidas: importância da amamentação; alimentação e imunidade; classificação dos alimentos; riscos da automedicação; medicamentos x alimentos; cuidados da boca e prevenção à Covid-19; urgência odontológica nos distritos sanitários IV e V; orientações para cuidadores de idosos; cuidados com idosos acamados; prevenção de quedas em idosos; hábitos saudáveis para idosos; hábitos saudáveis na quarentena; atividades de lazer na quarentena; atividades básicas da vida diária; hábitos saudáveis na infância; desenvolvimento infantil; estimulação da linguagem infantil durante o isolamento social; crianças, alimentação e isolamento social; defesa e acesso a direitos; auxílio emergencial; segmentos vulneráveis a violências e agravos – direitos de crianças e adolescentes, das mulheres, dos idosos, das pessoas com deficiência; sistemas de garantia de direitos; e comunicação não violenta.

O eixo “Cuidado em saúde” foi protagonizado por residentes e profissionais preceptores/as, dada sua atuação direta e cotidiana junto à população. O projeto colocou-se como indutor e sistematizador de ações de cuidado e assistência, incluindo o diálogo sobre o uso dos recursos tecnológicos na saúde. A reorganização das equipes e o restabelecimento da ‘porta aberta’, característica da APS, garantindo-se as medidas de distanciamento preconizadas, possibilitaram a continuidade da assistência, inclu-

do reorientação e replanejamento de ações e processos de trabalho com novas práticas, como o teleatendimento e o telemonitoramento, sem excluir acompanhamentos e ações presenciais por meio das quais se deu o uso de materiais produzidos pelos/as participantes do projeto.

O eixo “Apoio à organização comunitária e acesso a direitos” ocupou-se, ainda, de uma ação de fundamental importância pautada no projeto, por meio da qual viabilizou insumos adquiridos pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc), que foi a confecção e distribuição de 2.000 máscaras de tecido como barreira protetiva, de evidência comprovada, à disseminação do coronavírus.

Muitas mulheres se voluntariaram para essa tarefa: moradoras da comunidade, familiares, amigas, residentes, profissionais dos serviços e docentes. Durante esse processo, foi aberta campanha informativa e de comunicação à população sobre o cenário pandêmico e a prevenção primordial. Além disso, o Núcleo de Serviço Social do Distrito Sanitário IV, as assistentes sociais da Equipe Nasf-AB e a assistente social residente protagonizaram ações de fomento à participação comunitária e exercício da cidadania utilizando estratégias de divulgação e orientação sobre direitos e benefícios socioassistenciais, realizando encaminhamentos e, ainda, articulações intersetoriais cabíveis diante de situação de violação de direitos.

O quarto e último eixo, “Acolhimento à população usuária e às equipes/Cuidado ao Cuidador”, foi concebido a partir do reconhecimento dos impactos subjetivos e objetivos da pandemia, com repercussões na saúde mental da população e, em particular, na sobrecarga, também geradora de processos de adoecimento e afastamento do trabalho, que tal cenário tem imposto a profissionais e trabalhadores de Saúde. Nessa perspectiva, foi realizada uma roda de diálogo aberta a todos os segmentos do coletivo para debate do tema com um especialista. Outras duas ações que vinculamos a esse eixo foram uma iniciativa do Distrito Sanitário IV, promovendo encontros mediados por uma metodologia de acolhimento e uma do núcleo de Psicologia – psicóloga preceptora e psicólogo residente – com oferta de rodas de terapia comunitária para as equipes dos serviços por meio de espaço de fala-escuta e apoio especializado.

A formulação e sistematização de proposições coletivas confirmadas no projeto de extensão agregou diversos sujeitos na intencionalidade de produzir saúde e defender a vida.

4. Considerações Finais

É comum, ao fazermos uma recuperação de processos vividos, ressaltarmos aspectos exitosos. No que toca ao projeto, esses foram muitos e, entre tantos, apresentaremos a seguir aqueles de maior repercussão evidenciados a partir da implementação da ação extensionista.

A capacidade do PRMSF/UFPE em apreender a realidade adversa que se pronunciava ante à pandemia de Covid-19 e empreender resposta pedagógica e socialmente referenciada com a intencionalidade indutora da continuidade da experiência assistencial na APS pareceu-nos indispensável.

Provocados/as pela interpelação do real, passamos a dialogar e construir estratégias sistematizadas no projeto de extensão, sublinhando a proposição indutora da continuidade do cuidado na APS pela via da adoção de práticas de prevenção e promoção de saúde. Encontros com as equipes dos serviços em que atuam os/as residentes do programa, no âmbito dos distritos sanitários IV e V da Secretaria Municipal de Saúde do Recife, sucederam-se para apresentação da proposta; apenas as equipes das unidades de saúde Skylab e Vila União, do Distrito Sanitário IV, aderiram e fizeram essa jornada conosco. Ainda assim, viabilizada pelo vínculo de residentes com uma liderança comunitária do território do Distrito Sanitário V, foi realizada ação na comunidade, no bairro de Jardim São Paulo, com a presença de residentes e docentes num encontro potente e direto com o chão do território, onde aconteceu a distribuição de máscaras de tecido articulada a uma atividade socioeducativa de prevenção à Covid-19.

O processo de definição de eixos interventivos, como espectros de agrupamento de ações diversificadas, à guisa de consecução dos objetivos, propulsionou a capa-

cidade interventiva e criativa do coletivo. Exemplificada nos 72 materiais socioeducativos elaborados, divulgados e utilizados com a população, as ações possibilitaram, ainda, a confecção voluntária e a distribuição das duas mil máscaras de tecido, bem como garantiu a continuidade do cuidado na APS, com participação direta dos/as residentes do PRMSF/UFPE, e o investimento em ações de cuidado às equipes de saúde do Distrito Sanitário IV, conforme mencionado ao longo do texto.

Outros elementos que colocamos em relevo foram os sistemáticos momentos de atualização de informações, monitoramento, avaliação, os processos de discussão para ajustar e redefinir o curso da ação e a dinâmica de gestão colegiada e participativa – aberta ao diálogo e, ao mesmo tempo, tensionada pela complexidade da realidade posta, bem como pelas relações interpessoais atravessadas por ruídos de comunicação, pelo estresse e sofrimento imposto pelos medos e incertezas do contexto pandêmico, vivências de adoecimentos e perdas que não deixaram incólumes os/as participantes.

A seleção e incorporação de estudantes de graduação foi outra etapa potente, pois, ao lado da presença já estabelecida de residentes, profissionais preceptores/as e docentes dos núcleos profissionais de Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fonoaudiologia, Fisioterapia, Nutrição, Odontologia, Psicologia, Saúde Coletiva, Serviço Social e Terapia Ocupacional, um grupo de graduandos/as passou a compor o coletivo no processo de elaboração e implementação do projeto. A presença desses estudantes possibilitou experiências valiosas como contributo à sua formação acadêmica, pessoalmente relatadas, e impulsionou a realização de atividades específicas para atender a essa intencionalidade formativa específica. Realizamos três rodas de diálogo por meio das quais residentes e profissionais preceptores/as lhes apresentaram sua prática profissional, logros e desafios da atuação interdisciplinar, processo de trabalho no enfrentamento à Covid-19. Além dessas rodas, realizamos três encontros com docentes convidados para um debate teórico sobre temas que perpassavam a formação em saúde, a política de saúde e a ação do Estado frente à pandemia de Covid-19.

Cabe mencionar que houve, também, momentos densos de silêncio, exaustão, lágrimas; em todos, porém, decidimos tratar honestamente, ainda que nos limites dos encontros em plataformas tecnológicas, e prosseguir para o alvo que nos mobilizara desde o início. O projeto de extensão propiciou a sistematização e planificação de ações com os/as residentes enquanto profissionais de saúde presentes na situação de emergência sanitária, reiterando o compromisso coletivo frente às necessidades humanas e o dever profissional de oferta do cuidado. Assim, sempre em movimento dialógico, conseguimos estabelecer uma profícua confluência de esforços dos segmentos participantes – residentes, profissionais preceptores/as, graduandos/as e docentes –, que resultou na produção e comunicação de informação especializada, no fortalecimento do trabalho das equipes e na potencialização de ações estratégicas dada a capilaridade da APS, o vínculo de cuidado e a possibilidade de articulação com organizações e coletivos da população local.

BALDISSERA, A. Pesquisa-ação: uma metodologia do 'conhecer' e do 'agir' coletivo. *Sociedade em Debate*, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 5-25, 2001.

DAUMAS, R. P. *et al.* O papel da atenção primária na rede de atenção à saúde no Brasil: limites e possibilidades no enfrentamento da Covid-19. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 6, p. e00104120, 2020.

DEMENECH, L. M. *et al.* Desigualdade econômica e risco de infecção e morte por COVID-19 no Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, Rio de Janeiro, v. 23, p. 1-12, 2020.

RODRIGUES, J.; AZEVEDO, D. A. D. Pandemia do Coronavírus e (des)coordenação federativa: evidências de um conflito político-territorial. *Espaço e Economia*, Goiânia, n. 18, p. 1-12, 23 abr. 2020.

SANTOS, M. E. P.; ROSSI, R. A. Pandemia e Política. *NAU Social*, Salvador, v. 11, n. 20, p. 71-79, 2020.

SARTI, T. D. *et al.* Qual o papel da Atenção Primária à Saúde diante da pandemia provocada pela Covid-19?. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 29, n. 2, p. e2020166, 27 abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000200024>. Acesso em: 14 jun. 2020.

SOUTO, L. R. F.; TRAVASSOS, C. Plano Nacional de Enfrentamento à Pandemia da Covid-19: construindo uma autoridade sanitária democrática. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 126, p. 587-589, 2020.

TEIXEIRA, M. G. *et al.* Reorganização da atenção primária à saúde para vigilância universal e contenção da Covid-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 29, n. 4, p. e2020494, 3 ago. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742020000400015>. Acesso em: 14 ago. 2020.

THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez, 1985.

TURCI, M. A.; HOLLIDAY, J. B.; OLIVEIRA, N. C. V. C. de. A vigilância epidemiológica diante do SARS-CoV-2: desafios para o SUS e a Atenção Primária à Saúde. *APS em Revista*, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 44-55, 2020.

VIEIRA, F. S.; BENEVIDES, R. P. S. O direito à saúde no Brasil em tempos de crise econômica, ajuste fiscal e reforma implícita do Estado. *Revista de Estudos e Pesquisa sobre as Américas*, Brasília, v. 10, n. 3, p. 1-28, 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Coronavirus disease (COVID-2019): situation report 72*. Genebra, 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/331685>. Acesso em: 14 jun. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Primary health care and health emergencies*. Genebra, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328560591_Primary_Health_Care_and_Emergencies_WHO_Technical_Series_on_Primary_Health_Care. Acesso em: 14 jun. 2020.



PROFISSIONAIS, DISCENTES E DOCENTES DE TERAPIA OCUPACIONAL JUNTOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

OCCUPATIONAL THERAPY PROFESSIONALS,
STUDENTS AND PROFESSORS TOGETHER
DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Marina Araújo Rosas

(Mestra em Saúde Coletiva, Professora do Departamento
de Terapia Ocupacional, CCS/UFPE)

Aneide Rocha de Marcos Rabelo

(Mestra em Saúde Materno Infantil, Professora do
Departamento de Terapia Ocupacional, CCS/UFPE)

Keise Bastos Gomes da Nóbrega

(Doutora em Saúde da Criança e do Adolescente, Professora
do Departamento de Terapia Ocupacional, CCS/UFPE)

Ivo de Andrade Lima Filho

(Doutor em Letras, Professor do Departamento
de Terapia Ocupacional, CCS/UFPE)

Anderson Gomes Alves da Silva

(Graduando em Terapia Ocupacional, CCS/UFPE)

Sistematização da experiência relatada a partir do projeto de extensão “Ações estratégicas junto aos discentes e profissionais da área de Terapia Ocupacional” durante a pandemia de Covid-19. Edital 2020-02 - de Registro de Cursos, Eventos e Serviços de Extensão. Equipe de execução: Marina Araújo Rosas (coordenadora, mestra em Saúde Coletiva, Departamento de Terapia Ocupacional, UFPE); Aneide Rocha de Marcos Rabelo (vice-coordenadora, mestra em Saúde Materno Infantil, Departamento de Terapia Ocupacional, UFPE); Charleny Mary Ferreira Santana (residência em Reabilitação multiprofissional em Reabilitação Física); Érica Verônica de Vasconcelos Lyra (doutora em Psicologia clínica, Departamento de Terapia Ocupacional, UFPE); Keise Bastos Gomes da Nóbrega (doutora em Saúde da Criança e do Adolescente, Departamento de Terapia Ocupacional, UFPE); Ivo de Andrade Lima Filho (doutor em Letras, Departamento de Terapia Ocupacional, UFPE); Mayara Vieira Damasceno (especialista em Residência Multiprofissional em Saúde Mental); Anderson Gomes Alves da Silva (graduando em Terapia Ocupacional, UFPE); Brenda Alves da Mata Ribeiro (graduanda em Terapia Ocupacional, UFPE); Bruna de Sousa Barbosa (graduanda em Terapia Ocupacional, UFPE); Caroline Cavalcante Vidal (graduanda em Terapia Ocupacional, UFPE); Laísa Maria Gomes Silva (graduanda em Terapia Ocupacional, UFPE); Manuela Martins (graduanda em Terapia Ocupacional, UFPE); Maria Gisele Cavalcanti de Oliveira (graduanda em Terapia Ocupacional, UFPE); Maria Luiza Góes Valença (graduanda em Terapia Ocupacional, UFPE); Rafaela Pacheco Laranjeira (graduanda em Terapia Ocupacional, UFPE); Vitória das Dores Galdino da Silva (graduanda em Terapia Ocupacional, UFPE); Marina Maria Teixeira da Silva (mestra em Direitos Humanos, servidora técnico-administrativa do Departamento de Terapia Ocupacional, UFPE).

Resumo

Este trabalho propõe apresentar a síntese das atividades realizadas pelo projeto de extensão universitária “Ações estratégicas junto aos discentes e profissionais da área de Terapia Ocupacional durante a pandemia de Covid-19”. O projeto surgiu como estratégia de continuidade do processo educativo e de cuidado no contexto da pandemia pelo novo coronavírus e foi mediado por alunos, uma servidora técnico-administrativa e professores do curso de Terapia Ocupacional. Diante dos efeitos prejudiciais provocados pela pandemia e pelo distanciamento social, buscou-se ações educativas de promoção da qualidade de vida através do empoderamento, do autocuidado e da participação social. As atividades ocorreram em formato virtual, possibilitando a participação de colaboradores com formações variadas e de outros estados, apesar das dificuldades relacionadas à internet e ao excesso de telas. Foram realizadas rodas de conversa, abordando-se temas variados para o público em geral, encontros programados com discentes de disciplinas em curso e intervenções individualizadas para aqueles em situação de sofrimento psíquico. As atividades foram avaliadas como positivas por facilitarem a interação, o compartilhamento de vivências, sentimentos e conhecimentos, além de aproximar pessoas em contexto de distanciamento social. Como desdobramentos, houve a elaboração de cartilhas sobre a organização da rotina, sono, repouso, autocuidado e ansiedade. Além disso, ocorreu a parceria e a difusão da proposta em outras instituições de ensino, proporcionando experiências interdisciplinares. Dessa forma, identificou-se que essa experiência revelou estratégias para a manutenção da formação e o engajamento numa rotina educativa significativa no contexto da pandemia de Covid-19, reiterando a função social da extensão universitária na integração e transformação social.

Palavras-chave: Covid-19. Educação em Saúde. Formação Profissional. Pandemia. Terapia Ocupacional.

Abstract

This work aims to present the synthesis of activities carried out by the extension project “Ações estratégicas junto aos discentes e profissionais da área de Terapia Ocupacional durante a pandemia de COVID-19”. The project emerged as a strategy to

continue the educational and care process in the new coronavirus pandemic context, mediated by students, an administrative technician and professors from Occupational Therapy course. In view of the harmful effects caused by pandemic and social detachment, educational actions aimed at promoting quality of life through empowerment, self-care and social participation were sought. The activities took place in a virtual format, allowing collaborators with varied backgrounds and from other states. Despite some difficulties related to the internet and the excess of screens, the conversations were held, covering various topics for the general public, scheduled meetings with students from ongoing disciplines and individualized interventions for those in psychological distress. The activities were evaluated as positive because they facilitate interaction, sharing of experiences, feelings and knowledge, as well as bringing people together in social distance. As a result, booklets were elaborated on the routine organization, sleep and rest, self-care and anxiety. In addition, there was the partnership and the proposal diffusion in other educational institutions, providing interdisciplinary experiences. Thus, it was identified that this experience revealed strategies for maintenance of training and engaging in a significant educational routine in the context of the COVID-19 pandemic, reiterating the social function of university extension in integration and social transformation.

Keywords: COVID-19. Health education. Professional training. Pandemic. Occupational Therapy.

1. Introdução

1.1 Motivação e história

O serviço de extensão “Ações estratégicas junto aos discentes e profissionais da área de Terapia Ocupacional durante a pandemia de Covid-19” foi pensado diante do contexto da pandemia causada pelo novo coronavírus (Covid-19) como uma estratégia de acolhimento e (re) aproximação dos discentes e docentes do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que vivenciavam, assim como a população mundial, o distanciamento social, buscando-se a continuidade do processo educativo e formativo na perspectiva dialógica, isto é, tendo os discentes como protagonistas.

Em meados de março de 2020, as instituições de ensino, incluindo a UFPE, suspenderam as atividades acadêmicas presenciais devido às medidas sanitárias de distanciamento social adotadas no país para conter a disseminação da Covid-19. A falta de perspectiva de um retorno presencial e as consequências da pandemia no cotidiano das pessoas demandaram reflexões e a adoção de estratégias no sentido de encontrar alternativas para a continuidade do processo de trabalho e de prestação de serviço à comunidade no âmbito da universidade. Neste sentido, docentes foram convocados a refletirem

sobre novas práticas de ensino-aprendizagem para além da oferta de disciplinas, passando a considerar, também, a participação social, tendo em vista que a universidade possui esse tipo de responsabilidade com o público.

Considerando os efeitos adversos do distanciamento social no estabelecimento de uma rotina saudável e na vida ocupacional dos indivíduos a curto, médio e longo prazo, vislumbrou-se uma ação extensionista direcionada aos discentes, os quais participaram no planejamento e execução das ações (desde a escolha de temáticas até as formas de divulgação e registro das experiências). Diante dessa problemática disparadora, surgiu o seguinte questionamento: seria possível uma atividade pedagógica em meio à pandemia, no formato virtual, em que docentes e discentes pudessem de alguma forma estar juntos, integrando saberes e partilhando estratégias para o bem-estar e a formação profissional? A partir dessa pergunta inicial, surgiu a ideia de uma ação extensionista com a finalidade de estimular a manutenção do contato docente-discente e ampliar o processo educacional com discussões relacionadas à prática profissional e ao protagonismo estudantil, além de promover um espaço de escuta e compartilhamento de experiências que facilite o bem-estar coletivo, comprometido pelo desgaste físico e emocional provocado pela pandemia de Covid-19.

A escolha da sistematização desse relato de experiência deu-se pela oportunidade de produção de conhecimento e reflexões sobre as possibilidades de ação e de cuidado do terapeuta ocupacional no contexto de pandemia em que as diversas áreas profissionais estão repensando suas práticas, inclusive no âmbito da educação. Além disso, por ter sido uma experiência exitosa em que houve a articulação multiprofissional, possibilitando trocas interprofissionais e entre discentes de diferentes cursos, a ação serviu como referência para outros projetos. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo apresentar as vivências da ação extensionista desenvolvida e seus desdobramentos. Trata-se de um relato de experiência das ações do serviço de extensão supracitado, realizado por docentes e discentes do Departamento de Terapia Ocupacional da UFPE, mediante edital 2020-02 - Edital de Registro de Cursos, Eventos e Serviços de Exten-

são. O eixo central da experiência sintetizada foi discutir sobre a realização de atividades educativas e de cuidado, voltadas para discentes do curso de Terapia Ocupacional no contexto da pandemia, tendo em vista a promoção de uma melhor qualidade de vida.

As ações ocorreram de forma virtual através de aplicativos para reuniões e conferências *on-line*, no período de 24/08/2020 a 31/12/2020, com média de aproximadamente 14 horas semanais, distribuídas nas seguintes ações estratégicas: rodas de conversa virtuais, encontros com os discentes das disciplinas, acolhimentos individuais a discentes e reuniões da equipe de colaboradores para o planejamento das ações. As informações sobre o processo de desenvolvimento do projeto foram colhidas a partir dos relatos dos participantes durante as ações, de registros e de avaliações realizadas pela equipe de execução em reuniões específicas e do relatório final do projeto de extensão.

1.2 Contexto teórico

A pandemia é a disseminação mundial de uma doença que se espalha rapidamente pelo seu alto poder de contágio, afetando diversos países e um grande número de pessoas de uma área geográfica, abrangendo até mesmo continentes (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2019). Dentre as medidas sanitárias adotadas para conter a propagação da doença, está o isolamento social, ou seja, a prática de manter o indivíduo afastado do convívio com outros ou com a sociedade. Essa estratégia, apesar de eficaz na prevenção da transmissão de doenças, modifica a rotina ocupacional dos indivíduos, podendo gerar pressão psicológica e estresse (BRASIL, 2020).

O contexto de pandemia de Covid-19 demandou diversas ações dos gestores, sobretudo no âmbito da educação, com a suspensão das aulas presenciais, que provocou mudanças na rotina e consequentes demandas psicoemocionais. Dessa forma, a comunidade acadêmica foi motivada a buscar ações estratégicas não apenas de ensino-aprendizagem, mas também de acolhimento, solidariedade, empatia e escuta frente às adversidades que a pandemia do novo coronavírus trouxe para todos

os cidadãos numa dimensão mundial (SILVA *et al.*, 2020; TEIXEIRA; DAHI, 2020).

A literatura aponta o desgaste emocional provocado pelo isolamento social, pelas incertezas quanto ao futuro, pelas mudanças existentes nas relações interpessoais, por alterações na rotina e na realização das ocupações cotidianas dos indivíduos. No que diz respeito à rotina, a principal queixa das pessoas, considerando o momento atual, foi a dificuldade de organização de suas rotinas. O isolamento social ampliou as atividades a serem desempenhadas dentro do domicílio, pois, além do aumento das demandas domésticas, o trabalho, o estudo e o lazer passaram a acontecer no mesmo espaço, modificando a rotina diária pessoal e familiar (CORRÊA; NASCIMENTO; OMURA, 2020).

Sobre a rotina do público jovem e adulto, as atividades educacionais e de trabalho se destacam pelo quantitativo elevado de horas dispensadas na vida diária. Somado a isso, há ainda o ambiente e contexto em que elas seriam realizadas, predominantemente em espaço externo ao domicílio. Contudo, na atualidade, os cenários precisaram ser modificados e adaptados devido ao isolamento social, causando impacto sobre a rotina e dinâmica familiar (MYNARD, 2020). Percebe-se, com isso, que gestores e docentes precisam considerar esse contexto de mudanças na rotina e vida diária dos educandos ao propor atividades pedagógicas durante esse momento de pandemia (TEIXEIRA; DAHI, 2020).

Define-se como rotina “padrões de comportamento que são observáveis, regulares e repetitivos e que fornecem a estrutura para a vida cotidiana” (AOTA, 2020, p. 41). Sabe-se, ainda, que a rotina estruturada é organizadora e promotora de saúde, considerando o tempo destinado às atividades diárias e o contexto sociocultural no qual está inserida. Nesta perspectiva, deve-se pensar na diversidade de ocupações que compõem a rotina. Esta segue uma sequência de etapas relacionadas às atividades de vida diária e instrumentais de vida diária, de gerenciamento de saúde, de descanso e sono, de educação, de trabalho, de brincar, de lazer e de participação social (AOTA, 2020).

Vale ressaltar que o terapeuta ocupacional é o profissional da saúde que trabalha com as ocupações humanas, estando apto para lidar com as questões relacionadas à

rotina e à sua organização (CORDEIRO, 2020). Diante das rupturas e mudanças no cotidiano das pessoas, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional, provocadas pela pandemia e pelo isolamento social, o terapeuta ocupacional pode contribuir no redimensionamento dos seus cotidianos, buscando estratégias de engajamento nas atividades do dia a dia. Além disso, é preciso destacar que esse momento exige um planejamento para que as pessoas possam se envolver em atividades significativas que estimulem saúde, bem-estar e qualidade de vida. Nesse sentido, o terapeuta ocupacional contribuirá para que as pessoas possam exercer sua autonomia e o autogerenciamento diante da atual conjuntura (CORRÊA; NASCIMENTO; OMURA, 2020).

Corroborando o que foi dito anteriormente, a Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais (WFOT) reconhece o impacto da pandemia nas ocupações das pessoas e destaca a importância dos profissionais terapeutas ocupacionais, além de participarem das medidas de prevenção e controle contra a disseminação da doença e contribuírem na manutenção da saúde, bem-estar e no engajamento nas atividades ocupacionais dos indivíduos (THE WORLD FEDERATION OF UNITED NATIONS ASSOCIATIONS, 2020).

Esse novo cenário mundial exige intervenções diferenciadas e as instituições de ensino têm um papel primordial nisso, uma vez que, mesmo tendo como foco a educação, há também a sua função social e a sua responsabilidade com a comunidade (BRASIL, 2014; SILVA *et al.*, 2020). Por meio das ações extensionistas, articulando ensino-pesquisa-extensão, a universidade pode oferecer um serviço de qualidade à comunidade acadêmica de acordo com a demanda social, favorecendo a construção de um saber pautado em trocas entre os diferentes segmentos (BRASIL, 2018).

2. Recuperação do processo vivido

A ação extensionista contou com uma equipe de execução composta por 18 pessoas, estando envolvidos 7

docentes, 1 servidora técnico-administrativa e 11 discentes, todos do Departamento de Terapia Ocupacional, além de 38 profissionais colaboradores (de diferentes serviços e estados) que discutiram diversas temáticas relacionadas ao autocuidado, rotina, formação profissional e saúde, com ênfase em saúde mental. Ressalta-se que as atividades foram pensadas, inicialmente, para abranger apenas o público da área da Terapia Ocupacional; contudo, diante de novas demandas por participação, identificou-se a necessidade de inclusão de novas categorias para fomentar o diálogo entre as diversas áreas que trabalham em equipe em prol do bem estar biopsicossocial.

Para caracterização do trabalho e divulgação das atividades a serem desenvolvidas, foi criada uma marca (Figura 1) por uma equipe de discentes, buscando associar a divulgação da ação do dia com o grupo responsável por ela. A imagem definida foi a tela de um celular, contendo um mapa de Pernambuco e várias pessoas à frente, com o título da ação extensionista e com a presença do nome *junTO*, com destaque para as letras "T" de Terapia e "O" de Ocupacional. O objetivo foi dar ênfase à atividade virtual, desenvolvida no estado de Pernambuco por terapeutas ocupacionais em um trabalho coletivo e integrado, respeitando a diversidade do público-alvo.

Figura 1 - Marca do projeto



Fonte: Projeto "Ações estratégicas junto aos discentes e profissionais da área de Terapia Ocupacional", 2020.

A proposta de trabalho incluiu 3 eixos de atuação. O primeiro contou com rodas de conversas, com temáticas diversificadas, para o público em geral. O segundo enfatizou encontros programados com alunos de disciplinas do Departamento de Terapia Ocupacional, cujo professor responsável estava envolvido diretamente na ação extensionista. O terceiro, por sua vez, propôs intervenções individualizadas para um suporte emocional mais imediato, sem caracterizar, contudo, um acompanhamento terapêutico sistemático.

Nas rodas de conversa foram realizados 42 encontros em formato virtual, possibilitando a discussão com o público interno e externo à UFPE. O público pôde participar das discussões através de um *link* disponibilizado em *cards* de divulgação publicados nas redes sociais contendo o nome dos convidados e tema do encontro, além da data e horário. A plataforma de acesso utilizada foi o Google Meet. Os temas dos encontros eram definidos em reunião entre os colaboradores do projeto, havendo subgrupos de trabalho para a captação dos palestrantes, desenvolvimento da arte do encontro, divulgação, mediação e relatoria das atividades. Participaram das discussões discentes de graduação, de residências e pós-graduação, além de docentes e profissionais de diversas áreas, de outros locais e de outros estados. O número de participantes foi variado, porém contou com uma média de 20 pessoas por encontro virtual realizado.

Compondo o segundo eixo, os docentes colaboradores também realizaram encontros semanais com os discentes matriculados nas disciplinas do curso de Terapia Ocupacional da UFPE, que estavam inicialmente com as aulas suspensas, a fim de manter o vínculo com a universidade, estimular a rotina ocupacional e o autocuidado, acolher seus anseios e identificar estratégias para a resolução de problemas e a promoção do bem-estar.

A média de participação foi de 5 a 10 pessoas por encontro. Nestes, os alunos apresentaram as estratégias que estavam utilizando para superarem a ansiedade e o estresse neste momento de pandemia, relataram sentimentos de tristeza e desestruturação familiar diante da perda de familiares e conhecidos e apresentaram as dificuldades para acessar a internet, de ter um espaço

tranquilo para participarem das atividades remotas e a necessidade do compartilhamento de equipamentos eletrônicos com outros familiares.

Com o início do semestre suplementar, esses encontros também foram palco de discussões mais técnicas e de conteúdos extracurriculares que serviram como suporte para as disciplinas em curso que estavam sendo oferecidas remotamente, buscando a transversalidade dos assuntos em pauta. Os tópicos abordados eram acordados previamente com os participantes, considerando as necessidades, os interesses e a mobilização dos envolvidos e salientando que sempre havia um espaço para uma fala mais individualizada sobre bons acontecimentos, realizações e dificuldades.

Outro eixo de intervenção foi o acolhimento individualizado aos discentes do curso de Terapia Ocupacional por meio da escuta das demandas de sofrimento dos mesmos. Essa atividade se deu em decorrência da constatação de alguns alunos apresentarem sinais de sofrimentos psíquicos devido ao contexto da pandemia no qual estavam submetidos. Os alunos foram informados dessa proposta e receberam um cronograma com a disponibilidade de horários e dias para agendarem a escuta com os professores responsáveis. Participaram dessa ação 3 docentes do curso de Terapia Ocupacional pertencentes à equipe, que realizaram 18 encontros e acolheram 6 estudantes. Foi informado aos discentes no primeiro encontro que eles teriam a oportunidade de conversar com professores durante três momentos e, caso precisassem da continuidade de um espaço de escuta com um profissional especializado, seriam encaminhados para a rede de cuidados em saúde mental.

Os sinais de sofrimentos psíquicos relatados e identificados entre os estudantes foram: quadros de ansiedades, tristezas, falta de esperança, dificuldades familiares e irritabilidade, além das dificuldades em se envolverem e organizarem uma rotina de atividades que pudessem contribuir para seu melhor bem-estar durante o período de isolamento social em decorrência da pandemia. Ao final do terceiro encontro, se realizou uma pequena avaliação/reflexão sobre os efeitos das conversas com cada discente e, segundo os mesmos, os resultados das

intervenções individuais foram classificados como positivos, contribuindo para o enfrentamento das situações vivenciadas.

2.1 Desdobramentos

Uma equipe de colaboradores também esteve envolvida na elaboração de materiais educativos, abordando temas relacionados com o novo contexto da pandemia a partir das inquietações e necessidades do grupo de participantes. Foram desenvolvidas quatro cartilhas, direcionadas para a organização da rotina, sono e repouso, autocuidado e ansiedade, fazendo uso de uma linguagem simples, direta e objetiva, pensando no estudante universitário, mas facilmente adaptada ao público em geral. Essa produção foi publicada na página do Departamento de Terapia Ocupacional da UFPE como parte das ações de enfrentamento à pandemia (RABELO; ROSSAS; MARTINS, 2020).

Os materiais educativos sobre a rotina e o autocuidado na pandemia foram apresentados na Rádio Universitária Paulo Freire/UFPE, no programa Saúde é o Tema: coronavírus¹. O material sobre autocuidado deu origem ainda a uma edição do programa Momento Saúde: autocuidado, da UFPE², de fácil acesso virtual. Além disso, o material sobre sono e repouso foi veiculado no formato reportagem, via áudio, no Momento Saúde, e produzido pela rádio Paulo Freire, em conjunto com a Universitária FM e apoio da Proexc (UFPE).

Outro desdobramento exitoso registrado foi a parceria com o Departamento de Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), que resultou na realização de uma ação extensionista semelhante com alunos do curso de Física de duas disciplinas da graduação e uma turma da pós-graduação já finalizada (Edital Sônus-2020/UFRPE). Houve, ainda, o envolvimento direto e ativo do Diretório Acadêmico do Curso de Física, direcionando as rodas de conversa para um trabalho de suporte ao retorno das atividades acadêmicas de forma remota.

1 Disponível em: <https://youtu.be/XWmD-J0Gmxg>. Acesso em: 5 mar. 2021.

2 Disponível em: https://youtu.be/rPP15qmK_hE. Acesso em: 5 mar. 2021.

Essa parceria possibilitou ainda uma roda de conversa coletiva, envolvendo as duas instituições de ensino superior e abordando a temática do suicídio. Observou-se que o trabalho interdisciplinar viabilizou uma visão diferenciada, potencializou a diversificação das temáticas abordadas e favoreceu a produção de mais três materiais educativos voltados para lazer, manutenção do foco, estudo e trabalho (RABELO; ROSAS; MARTINS, 2020).

2.2. Aspectos facilitadores e dificultadores

Na impossibilidade dos encontros presenciais devido à pandemia, as rodas de conversa tiveram que se ajustar ao formato virtual, tornando-se uma rica possibilidade de encontro e discussão. Na presente ação de extensão, essa estratégia foi avaliada como positiva, havendo manifestações públicas de satisfação dos participantes nos *chats* e expressões vistas por meio das câmeras durante os encontros. Outro benefício identificado nessa perspectiva virtual foi a possibilidade de participação de colaboradores convidados de outros estados, que puderam trazer suas experiências sem que houvesse um custo para isso. Somado a isso, houve o impulsionamento para uma maior apropriação de todos os participantes, alunos, professores e profissionais quanto à utilização das novas tecnologias digitais em seus cotidianos, o que de certa forma incentivou a vivência em uma nova realidade social.

Durante a realização do projeto, ocorreram algumas dificuldades na execução das atividades, como conciliar os horários dos encontros com a disponibilidade dos colaboradores e participantes, comprometendo a adesão do público-alvo. Também ocorreram outros entraves referentes a fatores externos, tais como dificuldades com a conexão de internet (baixa qualidade ou falta de acesso à internet) e a disponibilidade de dispositivos eletrônicos. O cansaço pelo uso das telas, a interação não presencial, a dinâmica familiar e a ansiedade pela indefinição do retorno à “normalidade” também foram identificados como barreiras durante a execução da ação extensionista.

Contudo, o projeto foi avaliado de forma positiva pelos participantes, atingindo seus objetivos propostos.

Isso indica a necessidade de continuidade do projeto, facilitando a integração entre os saberes e adequando-se tanto a um público alvo mais amplo quanto ao momento de retorno às atividades acadêmicas de forma remota ou híbrida, o que implica em outras demandas individuais e do coletivo.

2.3. Reflexões

A participação em um projeto de extensão pressupõe um trabalho coletivo e integrado entre componentes da esfera educacional (docentes, discentes, técnicos e profissionais) e da comunidade em prol de um bem comum que produz aprendizagens, empoderamento e transformação social. Segundo a Resolução nº 16/2019-CEPE/UFPE, Art. 1, p. 1:

A extensão é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2019).

O processo de criação da marca foi uma das primeiras atividades trabalhadas coletivamente, ponto essencial para se ter uma identidade visual do grupo e reforçar a sensação de pertencimento e a corresponsabilização no desenvolvimento das atividades futuras, já preestabelecidas. Isso foi crucial para a divulgação das atividades e a divisão de tarefas que funcionaram em forma de rodízio, permitindo o envolvimento e a capacitação de todos os membros e considerando as habilidades e limitações individuais, as condições de trabalho e o acesso a equipamentos.

Percebeu-se que a interação dialógica com a discussão de temas relacionados às práticas do terapeuta ocupacional, envolvendo discentes de graduação, pós-graduação, docentes e profissionais, permitiu a ampliação de conteúdos que servirão como base para a formação profissional dos participantes com vivências do cotidia-

no, enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem. O desenvolvimento da ação extensionista teve o intuito de fortalecer a prestação de um serviço voltado à comunidade universitária e contou com o envolvimento de profissionais externos à instituição, trazendo repercussões no desenvolvimento dos discentes/docentes e formando uma rede de suporte para os envolvidos.

Os participantes atuaram como agentes multiplicadores, adequando o conhecimento compartilhado ao seu dia a dia de forma contextualizada de acordo com a sua realidade e aplicando estratégias variadas para o enfrentamento do momento pandêmico. Observou-se que as mudanças no modo de agir dos participantes repercutiram diretamente no entorno, modificando positivamente a convivência familiar e o desempenho das suas atividades cotidianas.

Quanto à metodologia utilizada, tem-se que a roda de conversa é considerada como uma estratégia de formação ao possibilitar a troca de experiências, pressupondo um exercício de fala e escuta numa perspectiva dialógica. Trata-se, portanto, de um método de participação coletiva de debate que aborda incontáveis temáticas. Esse momento singular de partilha permite as trocas de saberes na perspectiva de construção e reconstrução de conhecimentos sobre a temática proposta. Ao conversarem, os sujeitos são convocados a refletirem, se expressarem e compartilharem informações sob pontos de vista diferentes, contribuindo para que possam compreender com mais profundidade o assunto em discussão (MOURA; LIMA, 2014).

A impossibilidade de encontros presenciais provocou a necessidade de planejar novos formatos das rodas de conversa para o ambiente virtual, considerando todos os seus benefícios e repercussões positivas na vida dos participantes. Essa estratégia foi eficaz na proposta em questão, facilitando a interação entre os envolvidos, o compartilhamento de vivências e de conhecimentos e respeitando a diversidade do público alvo.

Tem-se ainda que o uso das rodas de conversa nos encontros das disciplinas facilitou o vínculo entre discentes e docentes e a aproximação dos participantes de atividades relacionadas ao contexto educacional e domiciliar.

Da mesma forma, os encontros individuais, mesmo que virtuais, possibilitaram um espaço de suporte para as necessidades emergenciais do discente.

Vale ressaltar que a experiência de escuta e acolhimento das demandas dos alunos estão em consonância com as diretrizes do processo de ensino-aprendizagem nos tempos de pandemia, revelando uma preocupação que vai além da transmissão de conteúdo e abordando, também, o planejamento e a consideração das condições de estudantes e professores. Orienta-se, portanto, a identificação de problemas no contexto de vida dos envolvidos, que vão desde o acesso à internet às habilidades de manuseio de aplicativos, à disponibilidade de equipamentos eletrônicos e aos casos de adoecimento por Covid-19, bem como o estresse gerado em função do isolamento social e das demandas decorrentes das atividades domésticas e familiares (GUSSO *et al.*, 2020).

Considera-se, como outro aspecto positivo, a oportunidade de construção de materiais educativos e da sua divulgação no mundo virtual, que teve como repercussão a participação dos coordenadores em programas de rádio e a produção de vídeos institucionais, ampliando o acesso da população em geral e caracterizando o trabalho de educação em saúde. Isso demonstra o poder de alcance das redes sociais na divulgação de informações à comunidade, bem como o papel da universidade como facilitador do processo de comunicação nos diferentes cenários, possibilitando a troca de saberes. Tudo isso vai ao encontro das Diretrizes Nacionais da Extensão Universitária, que prioriza a produção do conhecimento a partir das demandas da comunidade (BRASIL, 2018).

A ação conjunta, envolvendo discentes e docentes de diferentes instituições do ensino superior, que foi realizada no mês de setembro amarelo, abordou uma temática em consonância com a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, instituída pela Lei nº 13.819/2019 (BRASIL, 2019). Trata-se de um dado significativo pois trabalha uma questão de saúde pública sendo os participantes convidados a refletir sobre o seu papel social, a sua responsabilidade, a sua conduta individual e o seu comprometimento no monitoramento das ações governamentais em prol do coletivo.

Assim, registra-se que o processo de ideação, planejamento, execução e avaliação foi enriquecido por meio do compartilhamento de múltiplos saberes e vivências, pela ação conjunta de docentes e discentes da graduação e da pós-graduação, proporcionando uma formação pessoal e profissional diferenciada, aspectos que são preconizados pelas Diretrizes Curriculares da Extensão que destacam a Interação Dialógica, Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade, Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, Impacto na Formação do Estudante e Impacto e a Transformação Social (BRASIL, 2018).

3. Considerações finais - ponto de chegada

A atividade extensionista apresentada possibilitou uma maior autonomia e o empoderamento dos estudantes diante do cenário de pandemia de Covid-19. Também trouxe como benefícios a manutenção e o fortalecimento do vínculo com a universidade e a interação social com outros alunos e profissionais, possibilitando um espaço de escuta, de interação dialógica e de troca de saberes para apresentação de alternativas frente à situação de pandemia.

Além disso, essa experiência revelou alternativas para a manutenção da produtividade e o estabelecimento de uma nova rotina educativa para os discentes através de atividades interativas e a discussão de temas atrelados a conteúdos que enriqueceram o conhecimento e possibilitaram o desenvolvimento de habilidades, trazendo impacto positivo na formação dos discentes, a sensibilização e a reflexão-ação na promoção do autocuidado e do altruísmo.

Por fim, ressalta-se que a ação extensionista gerou a produção de conhecimento e produtos, como materiais educativos de fácil acesso, de boa compreensão e contextualizados, uma vez que partiu das demandas do público alvo. Esses materiais serviram como base para várias discussões também em espaços externos à universidade, reforçando a função social da extensão na prestação de serviços à comunidade.

Referências

AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION. Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process. 4. ed. *American Journal of Occupational Therapy*, [s.l.], v. 74, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5014/ajot.2020.74S2001>. Acesso em: 25 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei n. 13.005 de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 25 jun. 2014. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html>. Acesso em: 26 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Conselho Nacional de Educação (CNE), Câmara de Educação Superior (CES). Resolução n. 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei n. 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024 e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, seção 1, Brasília, DF, 243. ed., p. 49, 19 dez. 2018. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808. Acesso em: 26 jan. 2021.

BRASIL. Lei n. 13.819, de 26 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, abr. 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Lei/L13819.htm. Acesso em: 29 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Coronavírus (Covid-19)*, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 26 jan. 2021.

CORDEIRO, J. R. A comunicação social dos terapeutas ocupacionais durante a pandemia da Covid-19. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 438-450, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34244>. Acesso em: 26 jan. 2021.

CORRÊA, V. A. C.; NASCIMENTO, C. A. V.; OMURA, K. M. Isolamento social e ocupações. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 351-369, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34486>. Acesso em: 28 jan. 2021.

GUSSO, H. L. *et al.* Ensinos superiores em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 41, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302020000100802&tlng=pt. Acesso em: 27 jan. 2021.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338>. Acesso em: 25 jan 2021.

MYNARD, L. Normal life has been disrupted: managing the disruption caused by Covid-19. *Occupational Therapy Australia*, 2020. Disponível em: <https://otaus.com.au/member-resources/covid-19>. Acesso em: 26 jan. 2021.

RABELO, A. R. M.; ROSAS, M. A.; MARTINS, M. *Ações de enfrentamento à pandemia de Covid-19 do Departamento de Terapia Ocupacional*, 2020. Disponível em: https://www.ufpe.br/dep-terapia-ocupacional/-/asset_publisher/sbWFK95I9Ixe/content/acoes-de-enfrentamento-a-pandemia-de-covid-19-do-departamento-de-terapia-ocupacional/1389617. Acesso em: 27 jan. 2021.

SILVA, C. R. *et al.* Terapia ocupacional na universidade pública e ações de enfrentamento à Covid-19: singularidades e/nas multiplicidades. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 351-370, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34463>. Acesso em: 28 jan. 2021.

TEIXEIRA, M. R.; DAHI, C. M. Recriando cotidianos possíveis: construção de estratégias de apoio entre docentes e estudantes de graduação em terapia ocupacional em tempos de pandemia. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 509-518, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34425>. Acesso em: 28 jan. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. *Resolução nº 16/2019, de 02 de outubro de 2019*. Dispõe sobre as atividades de extensão e dá outras providências. Recife: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2019. Disponível em: <http://www2.ebserh.gov.br/documents/210672/5314090/Resolu%C3%A7%C3%A3o+n+16+2019+do+Cepe+UFPE/dbf51e2a-152e-47f3-8ac0-f0aa8c611b32>. Acesso em: 28 jan. 2021.

WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPISTS. *Public Statement: Occupational Therapy response to the Covid-19 Pandemic*, 2020. Disponível em: <https://www.wfot.org/about/public-statement-occupational-therapy-response-to-the-covid-19-pandemic>. Acesso em: 26 jan. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Coronavírus disease (Covid-19) Pandemic*, 2019. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em: 26 jan. 2021.



UNIVERSIDADE E MOVIMENTOS SOCIAIS: a organização popular no enfrentamento à pandemia em Pernambuco

UNIVERSITY AND SOCIAL MOVEMENTS:
Popular Organization to confront
the pandemic in Pernambuco

Ana Wlândia Silva de Lima

(Doutora em Enfermagem, Professora do
Núcleo de Enfermagem, CAV/UFPE)

Evelyne Medeiros Pereira

(Doutora em Serviço Social, Professora do
Departamento de Serviço Social, CCSA/UFPE)

Lívia Milena Barbosa de Deus e Mello

(Doutoranda do Instituto Aggeu Magalhães/Fiocruz-PE,
Docente do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde/UFRB)

Rosa Karina Souza de Amorim

(Graduanda em Teatro, CAC/UFPE)

Victoria Guilherme Pereira Silveira

(Graduanda em Letras Português, CAC/UFPE)

Relato da experiência do programa de extensão “Mãos Solidárias na comunidade: a universidade na promoção de direitos no contexto da pandemia e pós pandemia”. Edital 2020-03 – de Registro das Ações de Extensão com Movimentação Financeira. Coordenação: Ana Wlândia Silva de Lima (CAV/UFPE); Evelyne Medeiros Pereira (DSS/CCSA/UFPE/Cress-PE). Docentes internos: Ana Cristina de Almeida Fernandes (Geografia/CFCH/UFPE); André Gustavo Ferreira da Silva (Pedagogia/CE/UFPE); Liana Cirne Lins (Direito/CCJ/UFPE); Nathália Paula de Souza (Nutrição/CAV/UFPE); Rita de Cássia Acioli Barbosa (Enfermagem/CCS/UFPE); Yvana Carla Fachine de Brito (Comunicação Social/CAC/UFPE). Participantes externos: Advane Silva Braga (Consulta Popular); Alessandra Maria da Conceição (MST); Alexsandra Rodrigues de Lima (MST); Elisa Maria Lucena Albuquerque (MMM); Isa Gabriela Sena Rodrigues (Levante Popular da Juventude); Itamar Lages (UPE); José Victor Figueiredo de Lucena (ABJD); Juciany Medeiros Araujo (Campanha Mãos Solidárias); Kathrein David Santana (MMM); Leta Vieira de Sousa (Campanha Mãos Solidárias); Livia Milena Barbosa de Deus e Mello (UFRB); Lorena Albuquerque de Melo (Escola de Saúde Pública de Pernambuco); Magdala Mirelle Pereira da Silva (Campanha Mãos Solidárias); Paulette Cavalcanti de Albuquerque (Fiocruz/UPE); Paulo Rogério Adamatti Mansan (MST); Rani de Mendonça Coutinho (Jornal Brasil de Fato); Rozeane Leal do Nascimento (MMM); Senhorinha Joana Alves da Silva (MTD). Discentes bolsistas e voluntários internos: Amanda Salvino Araújo (Ciência Política/CFCH); Américo Francisco Bento de Souza (Teatro/CAC); Ana Lúcia Barbosa de Moura (Odontologia/CCS); Antonio Augusto Soares do Nascimento (Engenharia Elétrica/CTG); Arlanne Maria Cavalcanti de Lima (Enfermagem/CAV); Caio José dos Santos Souza (Gestão da Informação/CAC); Carlos Eduardo Souza Madeira (Direito/CCJ); Caroline Evaristo Paraiso da Silva (Pedagogia/CE); Conceição Thaís Rufino de Santana (Serviço Social/CCSA); Cristiano Silva Assis Oliveira (Direito/CCJ); Daniel Rodrigues de Carvalho (Ciências Sociais/CFCH);

Ekilma Maria Trajano de Oliveira (Enfermagem/CAV); Elionay Gomes dos Santos Silva (Nutrição/CAV); Elizandra Araújo de Melo Pereira (Nutrição/CAV); Emmanuel Francis Correia da Silva (Rádio, TV e Internet/CAC); Erica Nadir da Silva (Enfermagem/CAV); Esdras Sérgio Sampaio Cordeiro (Direito/CCJ); Évelin da Silva Félix (Engenharia Elétrica/CTG); Ezequiel Moura dos Santos (Enfermagem/CAV); Gabrielly Gregório da Luz (Geografia/CFCH); Gabrielly Souza de França (Serviço Social/CCSA); Guilherme Francisco da Silva (Geografia/CFCH); Guilherme Ricardo Pereira Santos (Odontologia/CCS); Heloísa Macedo Lima (Biblioteconomia/CAC); Ivanildo Oliveira Barbosa Filho (Serviço Social/CCSA); João Vitor Barbosa da Silva (Direito/CCJ); Larissa Priscila Gomes Leão (Enfermagem/CCS); Layla Pena de Oliveira Rosário (Cinema e Audiovisual/CAC); Letícia Emanuely Barbosa de Abreu (Saúde Coletiva/CAV); Letícia Moreira Silva (Saúde Coletiva/CAV); Liliane Taveiros de Lima (Letras/CAC); Lucas Alves Bezerra (Educação Física/CAV); Manoa Meliza Pereira Vitorino Martins (Teatro/CAC); Marcella Matos Souza de Jesus (Psicologia/CFCH); Maria Carolina Cunha Carneiro (Medicina/CCM); Maria Helena Dorcelino da Silva (Geografia/CFCH); Maria Mylena Moraes Nascimento (Nutrição/CAV); Maryellen Letícia da Silva Rodrigues (Serviço Social/CCSA); Matheus Henrique de Paula Cabral (Engenharia da Computação/CIn); Monalisa Suellen da Silva (Odontologia/CCS); Mylena Thais de Amorim (Direito/CCJ); Nêmesis Lima Farias (Ciências Sociais/CFCH); Núbia Thaysa da Silva Araújo (Pedagogia/CE); Paloma Rafaelle de Lima Faustino (Serviço Social/CCSA); Priscila Santos Soares Nascimento (Direito/CCJ); Raíssa Eduarda de Souza Cândido (Ciências Biológicas/CCB); Rebeka Ferreira Coelho (Enfermagem/CCS); Rodrigo Tiete da Silva (Letras/CAC); Rosa Karina Souza de Amorim (Teatro/CAC); Sara Nicolay Ferreira Lins (Engenharia da Computação/CIn); Suellen Karolynne Soares Silva (Geografia/CFCH); Vanessa Costa da Silva (Direito/CCJ); Victória Guilherme Pereira Silveira (Letras/CAC); Victoria Helena da Silva Brito (Direito/CCJ); Vitória Regina Caetano da Silva (Geografia/CFCH); Viviane Gomes de Araújo (Serviço Social/CCSA); Wilton Marques da Silva (Enfermagem/CCS).

Resumo

Diante dos reflexos da pandemia do novo coronavírus, nas condições de vida e trabalho da população que vive nas periferias de Pernambuco, diversas organizações populares e movimentos sociais, em articulação com as universidades – particularmente, com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – desenvolveram estratégias voltadas à organização popular, que se apresentaram como fundamentais para mitigar os efeitos decorrentes dessa crise humanitária. Com uma proposta de cunho político-organizacional, pautada em ações de solidariedade ativa e educação popular em saúde, o programa de extensão “Mãos solidárias na comunidade: a universidade na promoção de direitos no contexto da pandemia e pós-pandemia” envolveu discentes e docentes das diversas graduações da UFPE e parceiros externos que se organizaram em equipes interprofissionais. Estas integraram-se às brigadas territoriais, fortalecendo as frentes de trabalho das campanhas “Periferia viva” e “Mãos solidárias” junto aos movimentos sociais em comunidades da periferia do Recife e Região Metropolitana e do interior de Pernambuco no segundo semestre de 2020. O foco principal foi a formação e organização dos Agentes Populares de Saúde (APS) para o desenvolvimento de iniciativas comunitárias de enfrentamento aos efeitos da pandemia na vida dos/as trabalhadores/as, tais como os bancos populares de alimentos, as hortas comunitárias, a assessoria jurídica para o acesso ao auxílio emergencial e demais serviços, além de iniciativas de comunicação popular que, junto às outras iniciativas, beneficiaram cerca de 80 mil pessoas. Além dos potenciais observados sobre o papel da universidade pública em tempos de pandemia para a formulação de políticas públicas, formação e qualificação profissional, a experiência extensionista revelou possibilidades, mesmo diante de tantos limites, de desenvolvimento de programas e projetos futuros que contemplem pautas e ações relevantes e de maior impacto social com efeitos imediatos, mas também permanentes, intermediadas pelo incentivo a uma educação e a uma organização popular que dialoguem e respondam aos anseios do nosso tempo histórico.

Palavras-chave: Movimentos sociais. Agente Popular de Saúde. Organização popular. Covid-19. Extensão universitária.

Abstract

Facing coronavirus pandemic consequences in the population's living and working conditions, who are living in the Pernambuco's outskirts, several popular organizations and social movements, in conjunction with universities, particularly, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), have developed strategies for popular organization that have proven to be fundamental to minimize the effects of this humanitarian crisis. With a proposal of a political-organizational nature, based on active solidarity actions and popular health education, the extension program "Mãos solidárias na comunidade: a universidade na promoção de direitos no contexto da pandemia e pós pandemia" involved professors and students, from various UFPE's degrees, and external partners who organized themselves into interprofessional teams. These teams were integrated into the territorial brigades, strengthening the work fronts of the "Periferia viva" and "Mãos solidárias" campaigns together with social movements in communities on the Recife's suburbs, Metropolitan Region (RMR) and Pernambuco countryside in the second half of 2020. The main focus was the Popular Health Agents (APS in Portuguese) training and organization for the development of community initiatives to confront the pandemic effects in the lives of workers, such as popular food banks, community vegetable gardens, popular communication initiatives and legal advice for access to legal support for emergency aid program and other services benefiting about 80 thousand people. Besides the potentials observed about the public university role in pandemic times for the public policies formulation, training and professional qualification; the extensionist experience has revealed possibilities, even in the face of so many limits, for the future programs and projects development which contemplate relevant agendas and actions of greater social impact with immediate effects, but also permanent, intermediated by encouraging education and popular organization that dialogue and respond to the longings of our historical time.

Keywords: Social movements. Popular Health Agent. Popular organization. COVID-19. University extension.

1. Introdução

A crise sanitária, que avançou de forma avassaladora em todo o Brasil desde o início de 2020, chegou rapidamente a ocupar os territórios periféricos que sofrem o maior impacto das desigualdades sociais, agravando a crise capitalista já em curso antes mesmo da mais significativa pandemia registrada até então (WHO, 2020). Em contrapartida, houve, embora não com a mesma velocidade, uma expressiva mobilização popular em defesa da vida, articulando inicialmente necessidades emergenciais, como alimentação e material de limpeza, mas também tencionando o poder público pela garantia de direitos sociais básicos e pela implementação de políticas e serviços públicos mais permanentes (PENNA, 2021). Nesse cenário de incerteza e crise, em que a desigualdade saltou aos olhos e houve ausência de proteção social por parte do Estado, evidenciou-se diversas formas de organização dos setores populares que somaram forças, recursos e iniciativas para enfrentar os efeitos drásticos desse contexto nas condições de vida e trabalho de milhões de trabalhadores/as. Tais efeitos, não é demais lembrar, são potencializados por um novo agente etiológico altamente favorecido pelas condições de vida que configuram padrões mar-

cados pelo baixo índice de desenvolvimento humano (BUSS, 2007).

Em meio à emergência de interesses de classes distintos no enfrentamento aos reflexos desse contexto na economia e na política nacional e regional, expressos nas diversas narrativas em torno da questão da solidariedade e de sua importância humanitária, movimentos sociais, profissionais da saúde, comunicadores/as e juristas populares, além de entidades sem fins lucrativos, sindicatos, organizações não governamentais e ainda referências comunitárias mobilizaram-se para enfrentar a pandemia e as suas consequências nos territórios onde atuam. Esse enfrentamento se deu por meio da "Campanha Nacional Periferia Viva", em articulação regional com outras iniciativas como a "Campanha Mãos Solidárias", em Pernambuco¹. Essas campanhas passam a reunir um conjunto de ações e iniciativas comunitárias, recuperando o sentido histórico das ações solidárias entre a própria classe trabalhadora, a exemplo da partilha do alimento saudável, vindo dos assentamentos e acampamentos da reforma agrária. Essa partilha também possui uma dimensão educativa voltada para a construção de relações mais igualitárias entre campo e cidade, comprometidas com um processo de democratização e ampliação do acesso a direitos básicos como a saúde, habitação, educação, comunicação, saneamento, segurança alimentar e as demais condições necessárias para uma vida digna em tempos de tantos retrocessos às conquistas democráticas ao longo da história.

Sabendo que tudo isso só é possível com a intermediação dos mais diferentes sujeitos coletivos, as campanhas em questão tiveram como grande desafio a articulação entre as atividades de produção, arrecadação e distribuição de alimentos e Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), assim como ações intermediadas pela Educação Popular em Saúde, que demandam, necessariamente, maior envolvimento, participação e organização popular e comunitária dos territórios envolvidos no enfrentamento aos efeitos sociais e econômicos da crise

1 Para maiores informações sobre as campanhas, indicamos os seguintes sites: <https://www.brasildefato.com.br/colunistas/periferia-viva> e <https://www.campanhamaossolidarias.org/quem-somos>.

em curso. Assim, a certeza sobre a importância de garantir o cumprimento das recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) caminhou junto com a constatação real de que a maior parte da população brasileira e, particularmente, nordestina, não possui condições sanitárias, econômicas e sociais básicas para tal garantia, considerando que essa demanda, em maior medida, é de responsabilidade do Estado.

É, portanto, mediante o envolvimento dos diferentes sujeitos da comunidade acadêmica, como servidores/as técnico-administrativos/as e estudantes de diversas instituições de ensino superior nessas campanhas, a exemplo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que surge a necessidade da construção de estratégias mais sistemáticas por parte da universidade, ampliando sua capacidade de resposta à pandemia do coronavírus que se alastra nos conglomerados urbanos com pouca infraestrutura desde o início. Dentre essas estratégias, situamos a importância da extensão universitária, articulada com a pesquisa, que viabilizou a realização do programa “Mãos solidárias na comunidade: a universidade na promoção de direitos no contexto da pandemia e pós pandemia”, contemplando no seu bojo dois projetos de extensão que serão apresentados nas próximas seções do presente relato de experiência.

2. O programa de extensão “Mãos solidárias na comunidade: a universidade na promoção de direitos no contexto da pandemia e pós pandemia”

O desafio em desenvolver, em meio à pandemia, atividades de natureza organizativa, formativa e informativa, intermediadas por ações diretas e pelos meios digitais junto à população, cresceu e demandou um envolvimento mais sistemático e institucional da universidade como um todo (servidores/as técnico-administrativos/as, estudantes e demais profissionais) nas mais diferentes áreas de formação, conhecimento e atuação que se articularam ao programa de extensão que aqui apresentamos.

A interdisciplinaridade e a interprofissionalidade passaram a ser diretrizes das ações desenvolvidas, contribuindo para o fortalecimento da função social das instituições de ensino superior (IES) e identificando intervenções nas necessidades sociais mais emergenciais no âmbito dos serviços e das políticas públicas. A extensão universitária assume, nesse contexto, um papel fundamental, especialmente quando as IES se deparam com a necessidade de repensar suas formas de funcionamento e articulação com o conjunto da sociedade, reforçando a indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão.

Tal como nos apresentou Florestan Fernandes (1975), diante dos dilemas postos à sociedade brasileira ainda durante a ditadura militar, o tempo presente nos convida e nos convoca a retomar e fortalecer a concepção de "universidade multidimensional", de uma universidade capaz de enfrentar a dependência; que reivindica a sua função na produção de conhecimento, sendo comprometida com os problemas nacionais e dos povos, além de profundamente conectada com processos de democratização, com o protagonismo estudantil e com relações horizontalizadas e dialógicas.

É sob tal orientação que situamos as iniciativas em torno do programa de extensão intitulado "Mãos solidárias na comunidade: a universidade na promoção de direitos no contexto da pandemia e pós pandemia", que se desenvolveram em parceria com outras IES, como a Universidade de Pernambuco (UPE), a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), a Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB) e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz-PE), representadas por seus/suas docentes que se integraram à equipe executora no desenvolvimento de ações de cunho político-pedagógico-assistencial de solidariedade ativa junto às populações periféricas do Recife, da Região Metropolitana (RMR) e do interior do estado.

Considerando as diferentes perspectivas que atravessam a concepção de solidariedade, inclusive no contexto da pandemia, em que este tema toma novo destaque, tomamos aqui como base as narrativas dos próprios sujeitos construtores das campanhas "Periferia viva" e "Mãos solidárias" para ilustrar o que estamos chamamos de "solidariedade ativa":

É a solidariedade que constrói os caminhos para se superar o capitalismo. O capitalismo não tem nenhuma perspectiva solidária. Ao contrário, ele promove a competição entre as pessoas, ele provoca a subjugação da classe trabalhadora e o benefício das elites. É a solidariedade que desfaz esses laços nefastos, maléficos do capitalismo. (Depoimento de Luiz Zareff, integrante do Movimento de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra - MST) (STROPASOLAS, 2020, n. p.).

Essa articulação aconteceu a partir da participação de docentes e estudantes nas campanhas “Periferia viva” e “Mãos solidárias”, a partir das quais a formulação de uma proposta institucional junto à UFPE, pela via da extensão universitária, se materializou. Assim, tanto o programa como os projetos de extensão que compuseram essa articulação foram devidamente registrados junto à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc), da UFPE, a partir dos editais de Credenciamento de Programas e Projetos de Extensão, de Apoio Financeiro a Programas e Projetos de extensão e/ou de pesquisa-ação e da Chamada Pública Emergencial Covid-19. Isso permitiu a inserção de 50 (cinquenta) estudantes bolsistas que passaram a contribuir sistematicamente com as ações educativas e organizativas das referidas campanhas junto aos territórios participantes, como parte também do Plano de Enfrentamento à Pandemia da Covid-19 traçado pela UFPE.

Dessa forma, atuaram no programa e nos projetos de extensão 54 estudantes, entre bolsistas e voluntários/as, sendo 46 do *campus* Recife e 8 do *campus* Vitória de Santo Antão. Segundo a área de formação, 33 eram da área das Humanidades, referentes aos cursos de Direito, Serviço Social, Letras, Pedagogia, História, Psicologia, Teatro, Ciências Sociais, Cinema, Rádio, Tv e Internet, Geografia e Biblioteconomia; 16, da área de Saúde, referentes aos cursos de Enfermagem, Odontologia, Medicina, Ciências Biológicas, Educação Física, Saúde Coletiva e Nutrição; e 5, da área de Exatas, referentes aos cursos de Gestão da Informação, Engenharia da Computação e Engenharia Elétrica.

Vale destacar que a seleção dos/as estudantes foi feita por meio de chamada pública e formulário virtual,

amplamente divulgados nas redes sociais (inclusive da UFPE), atentando para os critérios, as demandas e as requisições próprias da natureza das ações, da condição de bolsistas e do contexto de pandemia. Todos/as os/as estudantes que atenderam à chamada foram inseridos/as no programa, sendo os primeiros 50 (cinquenta) incluídos/as como bolsistas. Após essa seleção, foram realizadas reuniões de planejamento e formação, abrangendo conhecimentos gerais sobre educação popular em saúde e medidas de biossegurança para que os/as mesmos/as pudessem também atuar como facilitadores/as do curso de Agente Popular de Saúde (APS)², ao mesmo tempo em que deveriam preservar sua segurança e a dos/as demais envolvidos/as nas ações de extensão. Para isso, lançamos mão de mecanismos como videoconferências e plataformas digitais, estreitando a comunicação entre aqueles/as que estavam desenvolvendo os serviços essenciais de forma presencial e os/as que estavam em condições mais restritivas com trabalho e/ou estudo domiciliar.

Além dos/as estudantes, o programa contou com cerca de 10 docentes da UFPE e 30 participantes externos vinculados aos movimentos sociais, entidades e universidades que já integravam as campanhas e passaram a compor a equipe executora. Referimo-nos aos/às trabalhadores/as, profissionais e pesquisadores/as vinculados/as ao Movimento dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST), à Marcha Mundial das Mulheres (MMM), ao Levante Popular da Juventude, ao Centro Brasileiro de Estudos em Saúde (Cebes), ao Movimento dos Trabalhadores e das Trabalhadoras por Direitos (MTD), ao Jornal Brasil de Fato (BdF), ao Instituto Sabiá, à Turma do Flau, ao Centro Cultural Marco Axé, à Fiocruz-PE, à UPE, à UFRPE, à UFRB, à Associação Brasileira de Juristas pela Democracia (ABJD), à Rede Nacional de Médicos e Médicas Populares (RNMMP) e à Associação da Juventude Camponesa Nordestina (AJCN).

Sobre isso, destacamos que, diferente das “estratégias econômico-sociais” dos setores neoliberais de enfrentamento à crise mundial, aprofundada no Brasil a partir

2 Maiores informações sobre as/os Agentes Populares de Saúde (APS) podem ser encontradas em: <https://mst.org.br/2020/07/27/agentes-populares-de-saude-prevencao-da-covid-19-e-cuidados-com-a-populacao/>.

dos anos 1990, buscando a apropriação das estratégias participativas das classes subalternas, canalizando-as para uma espécie de “colaboracionismo e solidariedade entre sujeitos antagônicos no âmbito da produção e reprodução social”, a perspectiva que atravessou e orientou a experiência de extensão relatada no presente texto voltou-se para o desenvolvimento de atividades educativas, “formadoras da cultura, ou seja, atividades formadoras de um modo de pensar, sentir e agir, também entendido como sociabilidade” (ABREU; CARDOSO, 2009, p. 594). Tais atividades, não sendo isentas de intencionalidade política, propuseram-se a contribuir com uma organização popular comprometida com os interesses das próprias classes subalternas. Por isso, foram priorizados os movimentos sociais de trabalhadores/as – entendidos aqui enquanto formas históricas de reivindicação coletiva de segmentos e setores de classe – como mediações organizativas no desenvolvimento das ações de extensão. Vale destacar que tais movimentos, quando articulados com instrumentos políticos, são também capazes de articular as lutas de natureza econômico-corporativa aos projetos societários com dimensão ético-política, indo além de suas reivindicações imediatas (DURIGUETTO, 2014).

Nessa perspectiva, ao nosso ver, as campanhas de solidariedade em questão se diferenciaram especialmente ao fazerem frente e resistirem às iniciativas, também multiplicadas durante a pandemia, que, mesmo diante de um contexto de calamidade pública, continuaram privilegiando a mercantilização das políticas sociais e reafirmando a assistência social como “ajuda solidária”, em detrimento do atendimento às necessidades como um direito (ABREU; CARDOSO, 2009, p. 599).

A partir desse entendimento, as ações desenvolvidas no âmbito do programa de extensão partiram da inserção dos/as estudantes nas brigadas territoriais, já em desenvolvimento nos territórios. Segundo Mello (2020, p. 9), as brigadas territoriais de solidariedade são constituídas por um:

[...] Conjunto de voluntários e militantes dos movimentos populares e organizações comunitárias de cada

bairro que se dispõem a construir uma rede de solidariedade ativa em defesa da vida do povo. Elas se organizam em grupos de atuação territorial (bairro e comunidade), sendo a linha de frente composta por Agentes Populares de Saúde que monitoram suas ruas, casa a casa, buscando alcançar o maior número possível de famílias. Cabe às brigadas pensar e articular ações de solidariedade diversas que envolvem: o direito à moradia/abrigo, à alimentação, à água, a itens de higiene domiciliar e individual, à renda, aos serviços de saúde (presencial ou a distância) e a outras demandas que viabilizem o “ficar em casa” em contexto de pandemia.

Desse modo, coube à Brigada de Direitos organizar um conjunto de profissionais e militantes, especialmente da área do Direito e Serviço Social, dispostos a orientar e a socializar informações sobre o acesso ao auxílio emergencial, dentre outros serviços e direitos, a partir dos territórios envolvidos nas campanhas.

Os estudantes foram inseridos nas seguintes brigadas: (1) Organização de bancos populares de alimentos; (2) Organização e formação de agentes populares de saúde; (3) Organização e formação de juristas populares para facilitar acesso ao auxílio emergencial; (4) Construção de hortas comunitárias agroecológicas e farmácias vivas; (5) Organização de grupos de economia solidária como organização de costureiras para confecção de máscaras; (6) Desenvolvimento de estratégias de comunicação popular; e (7) Fortalecimento da luta por direitos à moradia digna, saneamento, água potável, gás de cozinha etc. Essas frentes de atuação foram elencadas junto às comunidades durante as reuniões de mobilizações, verificando o potencial de desenvolvimento das mesmas em cada comunidade por parte das equipes e dos APS (Figura 1). Além dessas, mais duas frentes foram formadas junto às brigadas territoriais: a de Gestão Acadêmica, com o objetivo de apoiar a coordenação do programa na sistematização das informações e na organização dos documentos, em especial aqueles necessários para a certificação dos APS; e a de Comunicação, voltada para elaborar estratégias de comunicação e produção de conteúdos junto às ações e aos sujeitos envolvidos nas comunidades.

A partir daí, os/as estudantes integraram as brigadas nos territórios e formaram equipes interprofissionais que permitiram a troca de saberes acadêmicos e populares e o desenvolvimento de competências colaborativas para o trabalho em equipe (BARR, 2013), tal como podemos observar nas imagens abaixo, concedidas pela coordenação da campanha.

Figura 1 – Brigadas Territoriais



Orientações de Saúde



Banco Popular de Alimentos



Hortas comunitárias



Bicicleta da Saúde



Assessoria Jurídica Popular



Geração de renda

Fonte: Imagens da *homepage* da campanha Mãos Solidárias, 2020.

Vale ainda destacar que a inserção dos/as estudantes nas brigadas territoriais e frentes de atuação foi realizada considerando o local de moradia, as condições de deslocamento e a incidência de algum fator de risco para a Covid-19, observando também o grupo familiar desses/as estudantes, bem como o acesso aos EPIs e o acompanhamento por parte das referências comunitárias em cada território. Priorizou-se as comunidades com histórico de organização e/ou presença dos movimentos sociais vinculados às campanhas, além de trabalhos e atividades desenvolvidas remotamente por intermédio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Tal realidade reforçou a importância de uma diversidade de sujeitos

participantes, nos desafiando a construir conexões, mesmo que virtuais, entre estudantes, professores/as, ativistas, militantes e trabalhadores/as em geral. Dentre os territórios, foram priorizados os seguintes bairros de Recife: Brasília Teimosa, Morro da Conceição, Ibura, Várzea e Torre. Já na Região Metropolitana foram incorporadas comunidades e bairros dos municípios de Jaboatão dos Guararapes, Camaragibe, Paulista e Olinda. No interior do estado, Vitória de Santo Antão e Caruaru foram os territórios também envolvidos nas ações (Figura 2).

Foi imprescindível que a coordenação do programa estivesse em constante comunicação e acompanhamento com as demais equipes e brigadas das campanhas. É importante ressaltar que, mesmo contando com ações presenciais em menor medida, houve baixa incidência de Covid-19 entre estudantes e brigadistas participantes do programa e dos projetos de extensão. Isso devido às orientações de medidas de proteção, ao uso de EPIs e à vigilância epidemiológica adotada e permanentemente disseminada entre os/as participantes das ações nos territórios.

Figura 2 – Estudantes em ação nas Brigadas Territoriais



Fonte: Relatório final do programa “Mãos Solidárias na comunidade: a universidade na promoção de direitos no contexto da pandemia e pós pandemia”, 2020.

Tal como já sinalizamos, o programa de extensão, contemplando as ações, as frentes e os territórios sumariamente apresentados neste relato, foi desenvolvido a partir de dois projetos de extensão principais que o compuseram. Tais projetos serão melhor detalhados nos itens a seguir.

2.1 Projeto de extensão “Mãos Solidárias e Periferia Viva – a Universidade no enfrentamento à Covid-19 e em defesa da vida do povo”

O primeiro projeto a ser incorporado ao programa de extensão foi desenvolvido entre maio e agosto de 2020 e acolheu iniciativas realizadas no início da pandemia por parte de alguns cursos (graduação e pós-graduação) da UFPE, em articulação com as ações mais embrionárias das campanhas de solidariedade. Desde então, o objetivo foi fortalecer, qualificar e contribuir com as ações desenvolvidas por essas campanhas, voltadas para o enfrentamento da crise sanitária, econômica e social. Nesse contexto, como já destacamos, exigiu-se a construção da estratégia, por parte dos setores populares, de organização de uma rede de solidariedade de trabalhadores/as do campo e da cidade, exigindo, por parte do Estado, serviços e direitos básicos para uma vida digna com segurança e soberania alimentar.

Assim, a realização de ações de extensão, conjugadas à pesquisa, potencializou as campanhas para além do seu efeito imediato, sabendo que os reflexos do atual contexto perdurarão mesmo após o período de pandemia. Foi mobilizado, então, um conjunto de ações e sujeitos no âmbito desse projeto para a realização de um levantamento do perfil, das demandas socioeconômicas e político-organizativas da população envolvida nas campanhas, bem como dos/as estudantes de alguns cursos de graduação da UFPE, com o intuito de desenvolver estratégias de comunicação e divulgação de informações de amplo alcance, inclusive junto aos/às estudantes. O projeto também contribuiu com a formação em educação popular e saúde dos diferentes sujeitos envolvidos, especialmente a partir do momento em que passa a se integrar ao programa de extensão. Isto já que este pro-

jeto teve início dois meses antes deste, passando a integrá-lo posteriormente com o adensamento das ações e ampliação dos sujeitos envolvidos também no âmbito da universidade.

Acreditamos que a natureza dessas atividades, desde o levantamento de informações da população e dos/as estudantes até a produção de material didático de ampla divulgação, bem como a diversidade de sujeitos que participaram, expressaram o potencial interdisciplinar. Isso, claro, considerando o envolvimento inicial de 4 docentes, 10 discentes e 8 membros externos à comunidade acadêmica, integrantes do Armazém do Campo de Recife, do MST, da MMM, do MTD, do Levante Popular da Juventude e demais organizações sociais.

A construção do perfil da população de trabalhadores/as envolvida e beneficiária das ações das campanhas através de um levantamento de informações que permitisse a formação de um banco de dados sobre a população atingida pelas referidas ações, bem como a realização de um levantamento entre os/as próprios/as estudantes da UFPE e suas condições socioeconômicas e político-organizativas nesse contexto, compôs a primeira etapa deste projeto. Além disso, atenta-se para o desenvolvimento de estratégias de comunicação e divulgação de informações de amplo alcance, inclusive junto aos/às graduandos/as e da contribuição com a Assessoria Sociojurídica e Popular da Brigada de Direitos³. Dentre os objetivos alcançados, destacamos também as ações no âmbito da produção de conteúdos e a colaboração na construção do *site* da campanha em Pernambuco⁴.

Além da inserção no programa de extensão, que, como já sinalizamos, passa a se desdobrar em ações também de formação em educação popular, identificamos algumas perspectivas de trabalhos e outros possíveis projetos a serem financiados e pesquisados a partir

3 Dentre as brigadas e frentes de atuação existentes nas campanhas, coube à Brigada de Direitos organizar um conjunto de profissionais e militantes, especialmente da área do Direito e Serviço Social, dispostos a orientar e socializar informações sobre o acesso ao auxílio emergencial, dentre outros serviços e direitos, a partir dos territórios envolvidos nas campanhas. Mais informações em: <https://www.campanhamaossolidarias.org/agentes>.

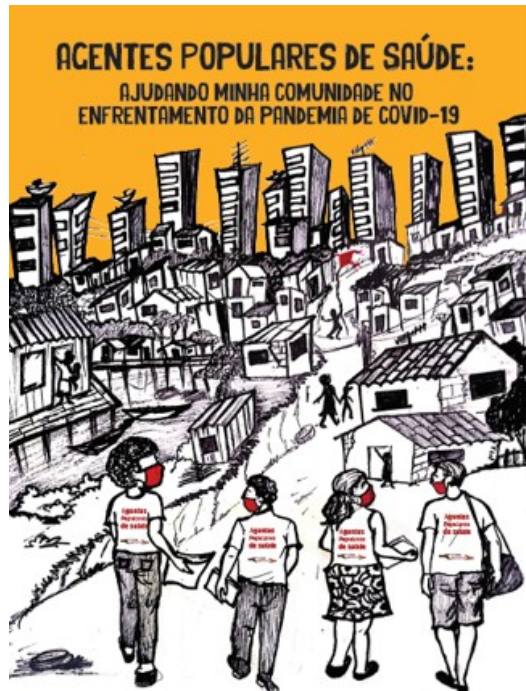
4 Mais informações em: <https://www.campanhamaossolidarias.org/>.

da construção e do fortalecimento de alguns eixos, tais como o da comunicação e assessoria popular. Quanto a isso, apontamos como possibilidade a construção da “Plataforma Digital Permanente Universidade em Movimento” com a memória das ações e os materiais de livre acesso desenvolvidos e produzidos junto aos movimentos sociais no contexto da pandemia, bem como as iniciativas que possam se configurar como permanentes em um momento pós-pandemia junto aos diferentes territórios.

2.2 Projeto de extensão “Curso de Formação de Agentes Populares de Saúde (APS): ajudando minha comunidade no enfrentamento da pandemia de Covid-19”

Agregado ao programa de extensão desde o seu início, desenvolveu-se um segundo projeto com o objetivo mais voltado para a formação de APS, com certificação garantida pela UFPE. O conteúdo do curso, construído em parceria com docentes da UPE, UFRB e da Fundação Oswaldo Cruz-PE, originou a “Cartilha de Formação do APS” (Figura 3), publicada com o selo da Fiocruz, disponibilizada no *site* da campanha, e utilizada amplamente em todo território nacional. Cada turma do curso desenvolveu-se com uma carga horária de 20 horas, distribuídas em três módulos: (1) Quem somos nós? O que conhecemos sobre o vírus?; (2) Como cuidar da minha comunidade?; e (3) Sem direitos não dá pra ficar em casa! O objetivo foi capacitar os/as moradores/as das periferias com conhecimentos básicos para que a prevenção fosse possibilitada, referenciando, assim, os cuidados necessários para minimizar os riscos de transmissão do vírus. A partir desse processo, foi possível promover discussões e reflexões sobre os direitos fundamentais para atender ao decreto de distanciamento social e à máxima “Fique em Casa”, considerando as desigualdades históricas e as precárias condições de vida nos territórios periféricos (MELLO, 2020).

Figura 3 – Cartilha Agentes Populares de Saúde



Fonte: Imagens da *homepage* da campanha Mãos Solidárias, 2020.

Dessa forma, de julho a novembro de 2020, 85 facilitadores/as, dentre estes/as docentes e estudantes da extensão, formaram 714 APS em 81 comunidades de 17 municípios do Recife, da RMR e do interior do estado de Pernambuco, chegando até o sertão da Mata Norte, do Moxotó, São Francisco, Pajeú e Araripina. Ao todo, as ações beneficiaram uma população estimada de 20 mil famílias e 80 mil pessoas residentes nessas comunidades.

Dentre os/as moradores/as dos territórios que se tornaram APS, a maioria foi composta por mulheres 582 (82%) que aceitaram o convite para implementar cuidados básicos de saúde em sua comunidade. Essas foram capacitadas para, de forma simples, direta e objetiva, tendo como diretrizes a defesa do SUS, a solidariedade ativa e a educação popular e a mobilização dos demais moradores de sua comunidade para que, em articulação com o serviço de saúde local em suas comunidades, pudessem enfrentar a chegada do coronavírus, sabendo lidar com a doença, orientando medidas de prevenção e higiene individual e coletivas, procurando os serviços

de saúde para comunicação e promovendo medidas de apoio às consequências provenientes do distanciamento social.⁵

Essas ações tomam maior relevância com a emergência dos desdobramentos decorrentes do período de isolamento em quarentena, decretado pelo Governo do Estado em maio de 2020. Isso gerou uma enorme instabilidade na população, que, sem trabalho e renda, não conseguia atender ao decreto de isolamento social, uma vez que, sem comida, moradia digna e saneamento básico, não possuíam as condições mínimas para o cumprimento adequado do referido decreto.

Nesse cenário, a APS, enquanto uma referência local, foi uma estratégia que possibilitou identificar, em tempo real, as necessidades das famílias por meio das visitas nos territórios, verificando suas necessidades e registrando-as no instrumental criado para tal finalidade: o “Caderno das Famílias da Minha Rua” (Figura 4). Com isso, foi possível, em muitas situações, mobilizar recursos e ações de cuidado e proteção nos momentos mais significativos de transmissão do coronavírus nesses territórios. As ações também permitiram o desenvolvimento de orientações educativas para prevenção ao coronavírus, bem como o incentivo e reforço da organização popular via movimentos sociais, implicando as ações de solidariedade em experiências organizativas com maior capacidade

5 É importante ressaltar que todo esse contexto tem atingido profundamente a vida das mulheres, particularmente negras, não apenas do ponto de vista da subjetividade, mas também nas suas condições de trabalho, já que se trata da maior parcela que compõe a classe trabalhadora brasileira. Afinal de contas, o patriarcado e o racismo não se constituíram apenas do ponto de vista dos costumes. A divisão social do trabalho – que é sexual e também racial – atravessa toda uma estrutura de exploração e opressão. Ressaltamos, ainda, a divulgação mais recente de pesquisas que comprovam a queda na participação das mulheres no mercado de trabalho, sendo a menor participação em 30 anos. Os dados demonstram e reafirmam que a violência contra a mulher e a divisão sexual do trabalho se intensificaram no contexto da pandemia. Afinal, além de as mulheres trabalharem nos setores mais afetados com a crise, elas são cada vez mais responsabilizadas pelo trabalho doméstico, pelos/as filhos/as e pela casa. Como resultado, foram as mulheres que tiveram que abrir mão, não apenas dos seus postos de trabalho, mas também dos estudos. O percentual de mulheres que estavam trabalhando ficou em 45,8% no terceiro trimestre de 2020, segundo os dados mais recentes do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) apresentados pelo Jornal Nacional (2020), nível mais baixo desde 1990, quando a taxa ficou em 44,2%.

de permanência nos territórios através da luta reivindicativa frente aos direitos sociais básicos historicamente negados a uma grande parcela da população. Um exemplo foi a multiplicação de núcleos do MTD no bairro de Peixinhos, município de Olinda, que passaram a dirigir coletivamente as frentes de trabalho e os processos de distribuição de alimentos.


Portanto, o trabalho da APS foi, substancialmente, educativo, socializando, de forma simples e com linguagem acessível, orientações de prevenção e promoção à saúde, como o uso correto de máscaras, a lavagem das mãos e os cuidados que se deve ter com o/a doente no domicílio. Além disso, o trabalho buscou identificar as necessidades de alimentação e produtos de higiene de cada família e a adequação dos espaços domiciliares para o isolamento de casos que testaram positivo. Contudo, o conjunto das organizações e dos movimentos sociais participantes das campanhas deu um direcionamento diferenciado para as ações, potencializando a solidariedade como meio, não como um fim, para o desenvolvimento de iniciativas mais permanentes nos territórios, a exemplo dos próprios movimentos sociais e das frentes comunitárias de trabalho – Bancos Populares de Alimentos, Hortas Comunitárias Agroecológicas, Farmácias Vivas, Grupos de produção de máscaras, Bicicletas da Saúde (MELLO, 2020).

Figura 4 – O APS em ação na sua comunidade



Fonte: Relatório final do programa “Mãos Solidárias na comunidade: a universidade na promoção de direitos no contexto da pandemia e pós pandemia”, 2020.

Desse modo, as brigadas em cada território foram sendo desenvolvidas de acordo com as potencialidades identificadas e conforme o engajamento dos/as moradores/as em responder e garantir as exigências demandadas para a manutenção de cada frente de trabalho e atuação. O Banco Popular de Alimentos, por exemplo, além de exigir uma permanente organização coletiva para sua manutenção, demanda um espaço comunitário ou, até mesmo, a residência de um/a morador/a, onde possam ser realizadas as coletas, quinzenalmente ou mensalmente, e onde possa ser feito um acompanhamento e levantamento permanente das famílias mais vulneráveis para a entrega das doações. Isso para citar um exemplo de como todas as ações dependiam (e ainda dependem) fundamentalmente do envolvimento e do engajamento dos/as trabalhadores/as organizados/as, desde o planejamento até a execução.



3. Apontamentos avaliativos: principais ações, limites e potencialidades do programa de extensão

Com base no planejamento e no desenvolvimento das ações do programa e dos projetos brevemente apresentados, a partir das reuniões avaliativas e da realização do Seminário de Avaliação do Programa, no final de outubro de 2020 (Figura 5), é possível tecer algumas sínteses e apontamentos em torno da experiência extensivista, fruto da reflexão coletiva e dos processos vividos por parte dos/as estudantes, professores/as e membros de movimentos sociais nos diversos territórios:

- a) Das principais atividades desenvolvidas, tivemos o incentivo, apoio e fomento às iniciativas como o Banco Popular de alimentos, Bibliotecas Comunitárias, Bicicleta da Saúde, Hortas Comunitárias, produção e distribuição de máscaras, produção de cartazes e materiais de ampla divulgação, pesquisa de notícias para organização do *site* da campanha e legendas para publicações nas redes sociais, reuniões de planejamento, organização de materiais das atividades realizadas, cursos de Agentes Populares de Saúde, socialização de informações sobre os serviços de saúde pública e assistência social, orientações prestadas pela Assessoria Jurídica e Popular, oficinas educativas de produção de sabão, bijouterias, vassouras ecológicas e outros temas. Além disso, foi elaborado um Caderno de Cadastro e Acompanhamento das Famílias para apoio às ações dos e das APS, com a contribuição de professores sanitaristas da UFPE, UPE e Fiocruz para o registro das informações e sua sistematização. A organização para tal acompanhamento deu-se considerando o apoio político-organizativo de cada brigada territorial.
- b) Dos principais limites e dificuldades observados, destacamos o próprio contexto pandêmico e suas exigências sanitárias numa realidade atravessada por uma profunda e violenta desigualdade social. Tal fato também dificultou a comunicação, locomoção e

disponibilidade de tempo presencial por parte das/os estudantes nas comunidades. Posteriormente, as demandas da vida objetiva e econômica das famílias que tiveram que se desdobrar para garantir meios e formas de sobrevivência, somada com a intensificação da violência doméstica e a reabertura dos setores comerciais e de serviços, em geral, recaíram sobre as atividades desenvolvidas no âmbito das campanhas. Isso também sob a interferência, especialmente nos últimos meses de vigência do programa de extensão, da política eleitoral.

- c) Sobre as potencialidades, foi ressaltada pelos/as estudantes a importante presença, em parte dos territórios, dos movimentos e entidades sociais, apresentando-se como um grande diferencial qualitativo no desdobramento, na duração e no alcance das ações nessas comunidades. Dentre essas, ressaltam-se especialmente aquelas que demandam uma permanente organização popular, inclusive para exigir, por parte do poder público e de seus representantes, direitos historicamente negados à população. Essas organizações, citadas no início do presente texto, contribuíram também para dar visibilidade às reivindicações históricas e extremamente atuais, tais como a defesa do Sistema Único de Saúde (SUS), a luta antimanicomial, o acesso ao saneamento básico, a luta por moradia e habitação e o direito à alimentação.

Vale destacar que os trabalhos contribuíram também para a identificação de potenciais para outros programas e projetos futuros que contemplem pautas, demandas e ações de maior permanência nos territórios, tais como a atuação, junto à comunidade pesqueira, nas comunidades próximas aos rios, mangues e/ou mar com o foco na questão ambiental; a educação popular na geração de renda e trabalho, a exemplo de Brasília Teimosa; as discussões sobre projetos urbanísticos que considerem e priorizem o direito à cidade, à regularização fundiária e às necessidades sociais e econômicas locais, a exemplo da Várzea e da comunidade 7 Mocambos; o desenvolvimento de iniciativas voltadas para a educação de jovens

e adultos, a exemplo do Morro da Conceição; a elaboração de mapas comunitários, cartografias sociais, vídeos e cadernos de memória que contribuam para a identificação e o conhecimento por parte dos próprios territórios de suas necessidades, lutas e história, no passado e no presente; e as demais ações que possam subsidiar a permanência de núcleos e células de movimentos sociais nos territórios, a exemplo do MTD em Peixinhos/Olinda e da MMM em Brasília Teimosa/Recife, bem como apoiar a continuidade de iniciativas como a biblioteca comunitária, o banco popular de alimentos e a luta pela garantia dos serviços de saúde, a exemplo de Comportas, em Jaboatão dos Guararapes, e Alto do Reservatório, em Vitória de Santo Antão.

Figura 5 – Seminário de avaliação do programa de extensão



Fonte: Relatório final do programa “Mãos Solidárias na comunidade: a universidade na promoção de direitos no contexto da pandemia e pós pandemia”, 2020.

Ainda sobre as potencialidades do programa e dos projetos de extensão vinculados, destacamos o próprio aprendizado viabilizado pelo processo de extensão universitária em meio ao contexto de pandemia. Sobre isso, destacamos dois trechos retirados dos “Relatórios de Experiência de Extensionista” (PROEXC, 2020, s.p.) elaborados pelas/os estudantes:

A possibilidade de desenvolver uma prática colaborativa multidisciplinar em parceria com a comunidade, unindo os saberes populares e acadêmicos, impactando positivamente no fortalecimento da solidariedade entre as pessoas é um sentido concreto da prática revolucionária (Relato da estudante 1).

Ao meu ver, a ciência tem o objetivo de entender algo e levar esse conhecimento para as pessoas. Nesse ponto de vista, o projeto, em meio a uma situação de pandemia, proporcionou conhecimento a partir do que estava sendo vivido, levando para o público-alvo dessa extensão: entendimento e resolutividade (Relato da estudante 2).

As impressões expressas nos trechos acima demonstram que os sujeitos participantes do processo de extensão também foram implicados do ponto de vista de suas formações profissionais e humanas, o que fez, por exemplo, com que alguns tenham despertado para o tema da educação popular em saúde, de relações sociais solidárias e do papel da universidade pública em tempos de pandemia. Tais questões sinalizam possibilidades de contribuição desses sujeitos com o desenvolvimento de pesquisas importantes sobre esse contexto e as experiências proporcionadas, mesmo diante de tantas reconfigurações e adversidades por parte da extensão universitária.

4. Considerações finais

As diversas iniciativas de organização da sociedade protagonizadas por setores das classes populares, em articulação com as entidades, os conselhos e demais instituições governamentais e não governamentais – dentre essas as universidades públicas – revelaram, especialmente no contexto de pandemia, um grande potencial para a construção de alternativas reais e viáveis no enfrentamento dos efeitos da crise humanitária na vida de milhões de trabalhadores/as. A experiência aqui

relatada nos oportunizou constatar que essa aliança e articulação com as diversas instâncias que representam os interesses populares, tão comumente ameaçada e rechaçada pelo negacionismo dos setores da extrema direita e mesmo neofascistas, não apenas potencializa a viabilidade de respostas emergenciais para contenção da contaminação de um vírus, mas possibilita a construção de estratégias mais permanentes e necessárias no período pós-pandemia. Não à toa outras iniciativas e campanhas têm emergido mais recentemente reivindicando a necessidade de respostas mais permanentes por parte do Estado, a exemplo do direito à renda básica.

A amplitude da experiência extensionista e seu potencial educativo, mesmo que intermediado por necessidades urgentes e imediatas e por um contexto tão adverso para o avanço dos processos democráticos, nos diz muito sobre a importância ainda viva e pulsante dos movimentos sociais e das organizações comunitárias na garantia da vida nas periferias do campo e da cidade e na construção de relações solidárias, resistindo, assim, ao aprofundamento das desigualdades. Tanto esse cenário quanto os desafios postos não apenas para as IES, mas para todos/as educadores/as empenhados/as num conjunto de iniciativas comuns aqui apresentadas, nos convidam a retomar os ensinamentos e o legado de referências como a de Paulo Freire, que, neste ano, completa seu centenário. Certamente, assim como ele, outros/as tantos/as muito têm a nos dizer, mesmo em uma realidade que nos parece ímpar e que, de fato, é.

Atualmente, além de sistematizar as experiências mais recentes de articulação de saberes e práticas interdisciplinares e interprofissionais, apontando caminhos para o próximo período, seja na proposição e reformulação das políticas públicas de saúde e formação profissional, seja no diálogo e na atuação das organizações populares frente ao novo, os esforços também estão voltados para: priorizar potenciais, consolidar informações, identificar possibilidades de acompanhamento e enraizamento de iniciativas de organização popular que representam um salto qualitativo em relação à natureza das próprias campanhas. Sabemos, contudo, que o limite primário, além do próprio fato das iniciativas desenvolvidas no âmbito

do programa terem tido um alcance temporal restrito, continua sendo a ausência de serviços, políticas e direitos sociais que amplia o fosso social em que vivemos. E é exatamente neste contexto em que a universidade deve se apresentar cada vez mais como uma necessidade social, não como um privilégio ou um dom intelectual, tal como nos ensinou Darcy Ribeiro (1969).

Por fim, ressaltamos que a sistematização das experiências vividas pode expressar um caminho possível para essa contribuição e para a memória coletiva das próprias comunidades envolvidas em suas demandas permanentes por melhoria no acesso aos serviços e políticas públicas e sociais voltadas para trabalhadores/as mais suscetíveis aos efeitos do momento pós-pandemia e das desigualdades sociais próprias de um sistema que preza, antes de tudo, pelo lucro.

ABREU, M. M.; CARDOSO, F. G. Mobilização social e práticas educativas. In: CFESS/ABEPSS. *Direitos Sociais e Competências Profissionais*. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

BARR, H.; LOW, H. *Introdução à educação interprofissional*. Fareham: CAIPE, 2013.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A Saúde e seus determinantes sociais. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-93, 2007.

DURIGUETTO, M. L. Movimentos sociais e Serviço Social no Brasil pós-anos 1990: desafios e perspectivas. In: ABRAMIDES, M. B.; DURIGUETTO, M. L. *Movimentos sociais e Serviço Social: uma relação necessária*. São Paulo: Cortez, 2014.

FERNANDES, F. *Universidade brasileira: reforma ou revolução?* São Paulo: Alfa e Ômega, 1975.

JORNAL NACIONAL. *Participação das mulheres no mercado de trabalho é a menor em 30 anos, diz Ipea*. G1, Rio de Janeiro, 7 set. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/09/07/participacao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho-e-a-menor-em-30-anos-diz-ipea.ghtml>. Acesso em: 28 fev. 2021.

MELLO, L.M.B.D.(org.). *Agentes populares de saúde: ajudando minha comunidade no enfrentamento da pandemia de Covid-19*. Recife: Fiocruz-PE, 2020. Disponível em: https://687ef280-e5a4-46c8-ba2ad77fbbe4588f.filesusr.com/ugd/96f383_a9904d59517f43a1b790c64328f763c8.pdf. Acesso em: 13 dez. 2020.

PENNA, C. *Ativismo e políticas públicas durante a pandemia*. Notícias, Rio Grande do Sul, [s. d.], 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/ativismo-e-politicas-publicas-durante-a-pandemia>. Acesso em: 10 mar. 2021.

RIBEIRO, D. *A universidade necessária*. São Paulo: Paz e Terra, 1969.

STROPASOLAS, P. Solidariedade do MST busca mostrar que o inimigo, além do vírus, é o capitalismo. *Brasil de Fato*, São Paulo, 9 abr. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/09/solidariedade-do-mst-busca-mostrar-que-o-inimigo-alem-do-virus-e-o-capitalismo>. Acesso em: 13 dez. 2020.

World Health Organization (WHO). *Home care for patients with suspected novel coronavirus (COVID-19) infection presenting with mild symptoms, and management of their contacts: interim guidance*, 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/331133>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Pareceristas *ad hoc*

Esta obra contou com a relevante colaboração de professoras e professores extensionistas de diversas áreas do conhecimento, de instituições de todo o país e do exterior, que atuaram como pareceristas *ad hoc*. Agradecemos a todas e todos que contribuíram para a qualidade técnica e textual dos quatro volumes que compõem a série de *e-books* “Enfrentamento à Covid-19 - Ações da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE”:

Adelice Minetto Sznitowski

Universidade do Estado de Mato Grosso

Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Alice Andrade Silva

Universidade Estadual de Campinas

Aline do Couto Muniz

Universidade Federal da Bahia

Álison Cleiton de Araújo

Universidade Federal de Goiás

Amanda Tristão Santini
Universidade Federal de Viçosa

Ana Caroline Dzulinski
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Rio Grande do Sul

André Fabiano de Moraes
Instituto Federal Catarinense

Beatrice Rossotti
Universidade Federal Fluminense

Bruno Eduardo Slongo Garcia
Universidade Federal do Paraná

Camila Venceslau Meira de Medeiros
Universidade Estadual Paulista

Candice Firmino de Azevedo
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tec-
nologia do Rio Grande do Norte

Carla Silvana Daniel Sartor
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Carolina Montebelo Barcelos
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Caroline Cunha do Espírito Santo
Universidade do Estado de Santa Catarina, Fa-
culdade Inspirar e Faculdade Anhanguera

Celiomar Porfírio Ramos
Universidade do Estado de Mato Grosso

Claudia Alessandra Fortes Aiub
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Consuelo de Los Angeles Vielma Sepúlveda
Universidade Federal de Ciên-
cias da Saúde de Porto Alegre

Dahyse de Oliveira e Oliveira
Universidade do Estado da Bahia

Danilo Rodrigues Bertucci
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Débora de Jesus Pires
Universidade Estadual de Goiás

Delio José Mora Amador Junior
Universidade Federal do Sul da Bahia

Elaine Leonezi Guimarães
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Elissandra Barros da Silva
Universidade Federal do Amapá

Elizabeth da Cunha Sússekind
Universidade Federal do Estado do Rio
de Janeiro e Museu da República

Erich Potrich
Universidade do Estado do Amapá

Fernando da Silva Fiorin
Instituto Internacional de Neuro-
ciências Edmond e Lily Safra

Fernando Ratuchne
Colégio Adventista Paranaguá e Colégio Nova Geração

Gesline Fernandes de Almeida
Universidade Estadual de Feira de Santana

Helena Ferraz Bühler
Universidade do Estado de Mato Grosso

Henrique Dias Sobral Silva
Universidade Federal de Minas Gerais

Ingrid de Assis Camilo Cabral
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Isadora Louise Alves da Costa Ribeiro Quintans
Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Iza Reis Gomes Ortiz
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

Jacqueline Araujo Corrêa Mendes
Universidade Estadual de Montes Claros

Jeane Cristina Fonseca Vieira
Universidade de São Paulo

Jesislei Bonolo do Amaral Rocha
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

João Henrique Picado Madalena Santos
Universidade de São Paulo

Jocenildes Zacarias Santos
Universidade do Estado da Bahia

José Eudes Gomes Pinheiro Júnior
Universidade Federal de Sergipe

Júlia Reis da Silva Mendonça
Faculdades Integradas Maria Thereza e Instituto São Zacharias de Estudos e Pesquisas (SEPAI), Universidade Cândido Mendes

Juliana Martins Pinto
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Júlio César Alcântara dos Santos Sanches de Sousa
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal da Bahia e Fiocruz

Júlio César Macário de Medeiros
Université de Montréal

Leidy Janeth Erazo Chavez
Universidade Federal de Mato Grosso

Leonardo de Atayde Pereira
Cruzeiro do Sul Educacional e Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

Lethicia Barreto Brandão
Universidade Federal do Amapá

Letícia Alves Gomes Albertti
Instituto Federal Catarinense

Lívia Hernandes Carvalho
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Lorena Maria Laskoski
Universidade Federal do Paraná

Luciana Moraes da Silva
Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Faculdade Unyleya

Lydia Vieira Freitas dos Santos
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

Magali Dias de Souza
Instituto Federal Catarinense

Manoel de Lima Acioli Neto
Universidade Federal da Bahia e Centro Universitário de Tecnologia e Ciências (UniFTC)

Marcos da Costa Silva
Universidade do Estado da Bahia

Maria Lúcia Porto Silva Nogueira
Universidade do Estado da Bahia

Marina Paiva Abuçafy
Universidade Estadual Paulista

Matheus Fernandes de Araújo Silva
Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Mayara Feliciano Gomes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Michele dos Santos Gomes da Rosa
Universidade de Lisboa

Nayara Paula Fernandes Martins Molina
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Nayda Katherine Patiño Wandurraga
Universidade Estadual de Campinas

Nilma Margarida de Castro Crusoé
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Pâmela Araújo Pinto
Universidade de Aveiro

Paulo Roberto Teixeira Junior
Universidade de Sorocaba

Rafael Marques Ferreira Barbosa Magalhães
Universidade Federal da Bahia

Regina Maria da Costa
Universidade do Estado de Mato Grosso

Reinaldo Oliveira Menezes
Universidade Federal do Amazonas

Renally Bezerra Wanderley e Lima
Faculdade Nova Esperança

Renieidy Flávia Clemente Dias
Universidade Federal de Uberlândia

Rosane Maria Andrade Vasconcelos
Universidade do Estado de Mato Grosso

Rovana Kinas Bueno
Universidade Federal do Pampa

Samira Michel Garcia Campos
Universidade do Estado de Mato Grosso

Sanderlir Silva Dias
Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Sérgio Roberto Montoro
Faculdade de Tecnologia de Pindamonhangaba

Tháise Alves Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba

Vera Lúcia Freitas
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Vitor Hugo de Oliveira
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Wagner Silveira Feloniuk
Universidade Federal do Rio Grande

Walter Günther Rodrigues Lippold
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Rio Grande do Sul

Wellington Teixeira Lisboa
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Willian Roger Dullius
Universidade de Passo Fundo



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

PROEXC
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO E CULTURA